



Festa de Nossa Senhora do Rosário, Padroeira dos Negros. Gravura de Johann Moritz Rugendas.



FESTAS E TRADIÇÕES
POPULARES DO BRASIL



Mesa Diretora

Biênio 2001/2002

Senador Ramez Tebet
Presidente

Senador Edison Lobão
1ª Vice-Presidente

Senador Antonio Carlos Valadares
2ª Vice-Presidente

Senador Carlos Wilson
1º Secretário

Senador Antero Paes de Barros
2º Secretário

Senador Ronaldo Cunha Lima
3º Secretário

Senador Mozeril do Cavalcanti
4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador Alberto Silva
Senadora Maria do Carmo Alves

Senadora Marluce Pinto
Senador Nilo Teixeira Campos

Conselho Editorial

Senador Lúcio Alcântara
Presidente

Joaquim Campelo Marques
Vice-Presidente

Conselheiros

Carlos Henrique Cardim

Carlyle Coutinho Madruga

Raimundo Pontes Cunha Neto

.....
Coleção Biblioteca Básica Brasileira

FESTAS E TRADIÇÕES POPULARES DO BRASIL

Melo Moraes Filho

Diretor-Arquivista da Municipalidade do Rio de Janeiro

Prefácio de *Sílvio Romero*

*Desenhos
de Flumen Junius*



Brasília – 2002

BIBLIOTECA BÁSICA BRASILEIRA

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscou editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexões sobre os destinos do país.

COLEÇÃO BIBLIOTECA BÁSICA BRASILEIRA

- A Quere-la do Estatismo*, de Antônio Paim
Minha Formação (2ª edição), de Joaquim Nabuco
A Política Exterior do Império (3 vols.), de J. Pandiá Calógeras
Capítulos de História Colonial, de Capistrano de Abreu
Instituições Políticas Brasileiras, de Oliveira Vianna
Deodoro: Subsídios para a História, de Ernesto Sena
Presidencialismo ou Parlamentarismo?, de Afonso Ari nos de Melo Franco e Raul Pila
Rui – o Estadista da República, de João Mangabeira
Eleição e Representação, de Gilberto Amado
Dicionário Bibliográfico de Autores Brasileiros, organizado pelo Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro
Observações sobre a Franqueza da Indústria, do Visconde de Cairu
A renúncia de Jânio, de Carlos Castelo Branco
Joaquim Nabuco: revolucionário conservador, de Vami reh Chacon
Oitos Anos de Parlamento, de Afonso Celso
Pensamento e Ação de Rui Barbosa, seleção de textos pela Fundação Casa de Rui Barbosa
História das Ideias Políticas no Brasil, de Nelson Nogueira Saldaña
A Evolução do Sistema Eleitoral Brasileiro, de Manuel Rodrigues Ferreira
Rodrigues Alves: Apogeu e Declínio do Presidencialismo (2 volumes), de Afonso Ari nos de Melo Franco
O Esta do Nacional, de Francis co Campos
O Brasil Social e outros Estudos Sociológicos, de Sílvio Romero

Projeto Gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2002

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes/nº – CEP 70165-900 – Brasília – DF

CEDIT@cegraf.senado.gov.br

<http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm>

.....

Moraes Filho, Mello, 1843-1919.

Festas e Tradições Populares do Brasil / Melo Moraes Filho; com um prefácio de Sílvio Romero; de senhos de Flumen Junius. – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

386 p.: il. -- (Coleção Biblioteca básica brasileira)

1. Festa popular, Brasil. 2. Festa religiosa, Brasil. 3. Folclore, Brasil. I. Título. II. Série.

CDD 394.20981

.....

Sumário

PREFÁCIO

pág. 15

FESTAS POPULARES

Casamento na roça

pág. 21

Ano-Bom

pág. 31

Carnaval

pág. 39

A Festa do Divino

pág. 53

A Noite de Natal

pág. 63

A Véspera de Reis

pág. 73

A Procissão de S. Benedito no Lagarto

pág. 87

A Véspera de S. João

pág. 97

O 2 de Julho

pág. 105

O Entrudo
pág. 115

O 7 de Setembro
pág. 123

A Festa da Penha
pág. 131

Os *Cucumbis*
pág. 141

A Festa do Divino
pág. 151

FESTAS RELIGIOSAS

As Santas Missões
pág. 167

S. Sebastião
pág. 175

A Festa da Glória
pág. 183

As Encomendações das Almas
pág. 191

Corpus Christi
pág. 199

Quinta-Feira Santa
pág. 207

Sexta-Feira da Paixão
pág. 213

Preces para Pedir Chuva
pág. 219

O Dia de Finados
pág. 225

TRADIÇÕES

A Festa da Moagem
pág. 233

Um Casamento de Ciganos em 1830
pág. 243

A Festa dos Mortos
pág. 253

Nosso-Pai
pág. 261

O Enforcado
pág. 269

A Coroação de um Rei Negro em 1748
pág. 279

Na Terra e no Mar
pág. 285

O Valongo
pág. 299

Um Funeral Moçambique em 1830
pág. 305

Lucas da Feira
pág. 311

O Navio Negreiro
pág. 317

TIPOS DA RUA

Capoeiragem e Capoeiras Célebres
pág. 325

O Capitão Nabuco
pág. 335

O Estrada de Ferro
pág. 345

O Filósofo do Cais
pág. 347

A Forte-Lida
pág. 351

O Miguelista
pág. 353

O Policarpo
pág. 355

O Bolenga
pág. 359

O Pica-Pau
pág. 363

O Padre Kelé
pág. 367

A Maria Doida
pág. 371

O Praia-Grande
pág. 373

Barreto Bastos
pág. 375

O Chico Cambraia
pág. 377

O “Não Há de Casar”
pág. 381

O Tomás Cachaço
pág. 383

À memória de meu pai
As bênçãos do povo brasileiro
por todos os séculos da História

Ao ilustre cidadão
Dr. Henrique Valadares
Homenagem respeitosa do autor

Aos doutores
Cândido Barata Ribeiro
e

Moura Brasil

Lembrança de particular estima e convencida admiração

MELO MORAIS FILHO

.....

Prefácio

Não se deve esperar de mim que venha, neste lugar, que me é cedido pela generosidade de Melo Moraes Filho, fazer ainda uma vez a característica deste escritor, a análise deste poeta.

O que tinha a dizer em tão elevado intuito já está escrito na História da Literatura Brasileira, e é conhecido pelo público.

Mas, de então para cá, de então até hoje, a situação do espírito do homem de letras, e as condições de nossa pátria não terão mudado?

Nada haverá a juntar ao que foi dito há cinco anos? Em uma e outra esfera, no espírito do escritor e na vida do país, operaram-se alterações, aqui profundas, ali bem significativas.

Não as descreverei neste momento e neste posto, que devo à amizade. Duas palavras de íntimo colóquio com o ilustre autor das Festas e Tradições Populares do Brasil, eis quanto venho depor de leve nestas páginas.

Em vinte e quatro anos de vida de publicidade, que tantos são os que me cabem até hoje nas lides literárias brasileiras, é bem de ver e admitir que tenha conhecido e praticado a mor parte dos escritores de meu país.

Inteligências elevadas, talentos cultos, caracteres seguros, individualidades singulares, modalidades diversas d'alma humana, feições distintas do gênio nacional, muitos passaram por mim e me deixaram a grata recordação de sua convivência amistosa. Descrevê-los, fazê-los agora nominativamente passar-me diante, notar as impressões produzidas, seria doce, seria agradável ao meu coração, já muito desiludido: mas exigiria tempo e espaço, de que não posso dispor. Baste-me neste momento destacar, pelas semelhanças e pelas antíteses que revelam, em apagadas linhas, em rápida silhouette, as fisionomias dos dois com quem mais convivi até hoje, os dois que mais estimei, que mais intimamente agasalhei na minha simpatia, pela franqueza de seu trato, bondade de seus sentimentos, atrações de seu espírito, integridade de seu caráter.

Completamente afastados os dois na direção da cultura e na índole das idéias; perfeitamente distanciados no modo de ver e apreciar mais de um fato, de pesar mais de um acontecimento da ordem mental, tinham ambos mais de um ponto de contacto, mais de um traço de semelhança nos recessos íntimos do gênio.

Naturezas sadias, fortes, nativamente voltadas à alegria, ao divertimento, à vida folgazã e despreocupada de nossas classes populares, naquilo que elas tinham de mais seletto, de mais original, de mais fundamentalmente puro, na província, há uns trinta ou quarenta anos atrás, os meus dois amigos conservam sempre a espontaneidade da conversação, a graciosidade da pilhéria, o bom humor do trato, o repente dos ditos, a ironia desprentensiosa da réplica, alguma coisa que se pudera chamar a poesia do caráter nas almas boas.

Filhos da província, de sua infância popular, religiosa, católica, não conseguiram jamais apagar as profundas impressões.

Amantes do Brasil em grau extremo e achando-o desviado daquilo que sonhavam em seu patriotismo, tornaram-se a nosso respeito verdadeiros pessimistas; um, porque a pátria não era ainda o que ele queria que ela fosse; outro, porque ela tinha deixado de ser o que ele queria que ela sempre ficasse sendo. Um atirou-se ao vórtice da ciência

moderna, ao torvelinho da filosofia, da crítica, e, no seu sonhar pelo porvir, quase desesperava da pátria, que não andava depressa; outro, concentrado na história, na tradição, quase também desespera de sua terra, que vai esquecendo o seu passado, perdendo o seu caráter nativo, olvidando as suas lendas, os seus costumes, as suas festas, mascarando a fisionomia, tão singela e prazenteira na sua originalidade, com os ouropéis de umas estrangeirices importunas.

Ambos, como poetas, são fundamentalmente crentes, elegíacos, românticos, uma revivescência, uma ressonância das velhas cordas maviosas do lirismo ingênito à nossa raça. Como críticos e analistas, diferenciam-se: um escreveu os Estudos Alemães, como que indicando ao Brasil o caminho do futuro, outro escreveu as Festas e Tradições Populares, como que nos apontando a trilha do passado.

E essas duas fisionomias em um ponto parecidas, e em outro tão dessemelhantes, são como dois sobreviventes que ficaram daquela grande geração, que fechou o ciclo do romantismo, ouvindo os últimos cantos de Varela e Castro Alves.

E eu os escutei, eu os amei; porque os compreendi na diversidade das índoles, na sinceridade das emoções, na profundidade dos afetos.

Um, não há muito, morreu; e o outro, vivo ainda, quer que o considerem o que sempre foi, o que sempre quis ser, um homem do passado, um homem para quem o Brasil só tem atrativos nos tempos que já se foram, em umas poucas de tradições que já morreram.

Compreendendo as duas posições, amando o passado, cuja história, cujas tradições também estudei e descrevi, e esperando do futuro, pelo qual também tenho procurado empenhar o meu desvaloroso esforço, não é sem melancolia, sem uma certa dose de desalento, que me recordo de haver visto, muitas vezes, desestimados, desconhecidos, pela ingratidão dos parvos, os labores desses dois operários conscienciosos e meritórios.

Do autor dos Dias e Noites, por mais que diferenciado do presente seja o nosso sentir vindouro, onde houver alguma alma amante

deste país gostará ela de recordar-lhe os cantos patrióticos; onde houver algum espírito sedento de saber, anelante de progresso, desesperado por sacudir a poeira das convenções que asfixiam, procurará ele nas críticas do morto ilustre os estímulos aviventadores da luta, germinativos da luz e do progresso.

Pelo que toca especialmente ao autor desta bela obra, posso dizer que, por mais que tenha de ser acidentado o caminho do Brasil através dos tempos, quaisquer que tenham de ser as decepções que os destinos históricos lhe reservem, a nossa raça há de sobreviver no futuro, e, lá bem longe, quando os sondadores do passado houverem de rastejar o fio de ouro de nossas tradições, quando houverem de estudar o povo, não no ruído das batalhas e nas chicanas da política, mas sim nas efusões da alma, nas energias do sentimento, os dois livros de Melo Morais Filho, onde seu coração palpita inteiro, suas poesias, que todas podem receber o nome único de Cantos do Equador, suas descrições de costumes, que todas podem ter o nome só de Festas e Tradições Populares do Brasil, não de ser chamados a depor, como documentos autênticos; porque neles vive a grande alma deste país; porque neles canta e folga, ou geme e chora este misto de entusiasmo e melancolia, de saudade e intrepidez, que é o gênio lusitano transfigurado na América.

Salve! poeta adorável, que desprezaste as lentejoulas da moda, para continuar a amar o sol de tua terra e enfeixar em tua palheta o brilho de seus raios! O teu amor te salvou!

SÍLVIO ROMERO

FESTAS POPULARES

.....

Casamento na Roça

(RIO DE JANEIRO)

Nos costumes nativos de nossas populações campesinas há uma face tão amena e pitoresca, que verdadeiramente delicia o artista que se ocupa desses assuntos.

É na intimidade desse povo inculto, na convivência direta com essa gente que conserva os seus usos adequados, que melhor se pode estudar a nossa índole, o nosso caráter nacional, deturpado nos grandes centros por uma pretendida e extemporânea civilização que tudo nos leva, desde as noites sem lágrimas até os dias sem combate.

E nem se diga que somos um povo que não tem passado e nem tradições; que não tivemos costumes próprios como qualquer outro, só porque o pedantismo medra nos centros mais populosos, à sombra da tolerância que tudo desvirtua e aniquila.

Em todos os atos de sua vida particular e pública, o Brasil possui o cabedal distinto de usanças, notas discordantes de costumes, pouco variáveis, alguns deles, no Sul e no Norte.

Daí a diferenciação que nos separa de povos estranhos, e o que dá a medida de nosso caráter, de harmonia com os nossos meios.

Errante de vila em vila, de cidade em cidade, de província em província, em busca de nossas tradições que se extinguem, sem um reflexo sequer na história nacional, os *casamentos na roça* ressaltam à descrição de nossa pena, tão originais nos parecem as suas peripécias e os seus detalhes, como quadros da vida brasileira no interior.

Na província do Rio de Janeiro, em lugares como Boa Esperança, Rio Bonito, etc., os casamentos em geral dividiam-se em três categorias.

A primeira compreendia o de pessoas da classe rica e elevada; a segunda, o de indivíduos da mediana local; a terceira, o da gente baixa, seguindo-se logo após o dos escravos de fazendas, de que mais tarde trataremos.

Embora esses atos religiosos, essas festas nupciais apresentassem entre si pontos de contacto, o tipo do segundo plano, isto é, os casamentos em que o noivo e a noiva saíam da camada intermediária, nos parecem definir melhor os costumes roceiros, por isso que exornavam com mais largueza o cenário daqueles noivados ruidosos, e imprimiam um cunho mais tradicional na constituição da família.

Depois das preliminares do namoro e do pedido em casamento, a boa nova não tardava a ser espalhada por toda a localidade, por toda a povoação, acompanhada habitualmente das participações e convites.

Desde logo, se o dia ficava determinado, os preparativos começavam, as encomendas do vestido da noiva, das luvas, da grinalda e do véu faziam-se com urgência e isso ao mesmo tempo que as primas, os vizinhos, as moças conhecidas mandavam comprar na cidade ou nas lojas próximas cortes de chita ou de cassa para vestidos, fitas em profusão, flores de pano e enfeites para a toaleta a capricho e de acordo com a moda.

A dona da casa e as escravas antecipavam-se na confecção dos doces saborosíssimos, na lufa-lufa dos arranjos domésticos, recomendando ao marido a provisão necessária de vinhos, queijos, lombo de porco, e mais extraordinários para o banquete.

A casa era varrida e vasculhada, as serpentinas e os castiçais ficavam gessados até a véspera, as mangas de vidro desempoeiradas e cobertas com ramos de flores artificiais; e as mucamas e os molequinhos, olhando para as suas roupas novas, espichavam o beíço, arregalavam as sobranceiras, murmurando ao passar: “Chi!... tão bonito!...”

A noiva, sempre desconfiada, assistia a tudo isso, suspirando a instantes pelo delicado noivo que, entregue a outros afazeres, bem como ao de entender-se com o alfaiate sobre a roupa do casório, convidar os amigos, prevenir os tocadores de rabeca e de flauta, emprazar para o dia os violeiros de fama, rareava as suas visitas, no que era desculpável.

Concluídos os aprestos, e depois que corriam os proclamas, na manhã de um sábado a porta da noiva já se achava guarnecida de povo e da magna comitiva, que acompanharia os noivos à matriz da vila, que às vezes demorava a longa distância.

Do interior da casa, repleta de gente e de algazarra, lá vinham as madrinhas e os padrinhos, as damas do séquito, a noiva, enfim, com véu e grinalda de flores de laranjeira, sustentando-lhe a comprida cauda do vestido branco dengosa mucama, penteada e risonha, trajada também de branco, permanecendo todos alguns instantes na saída, à espera dos velhos que grazinavam lá dentro.

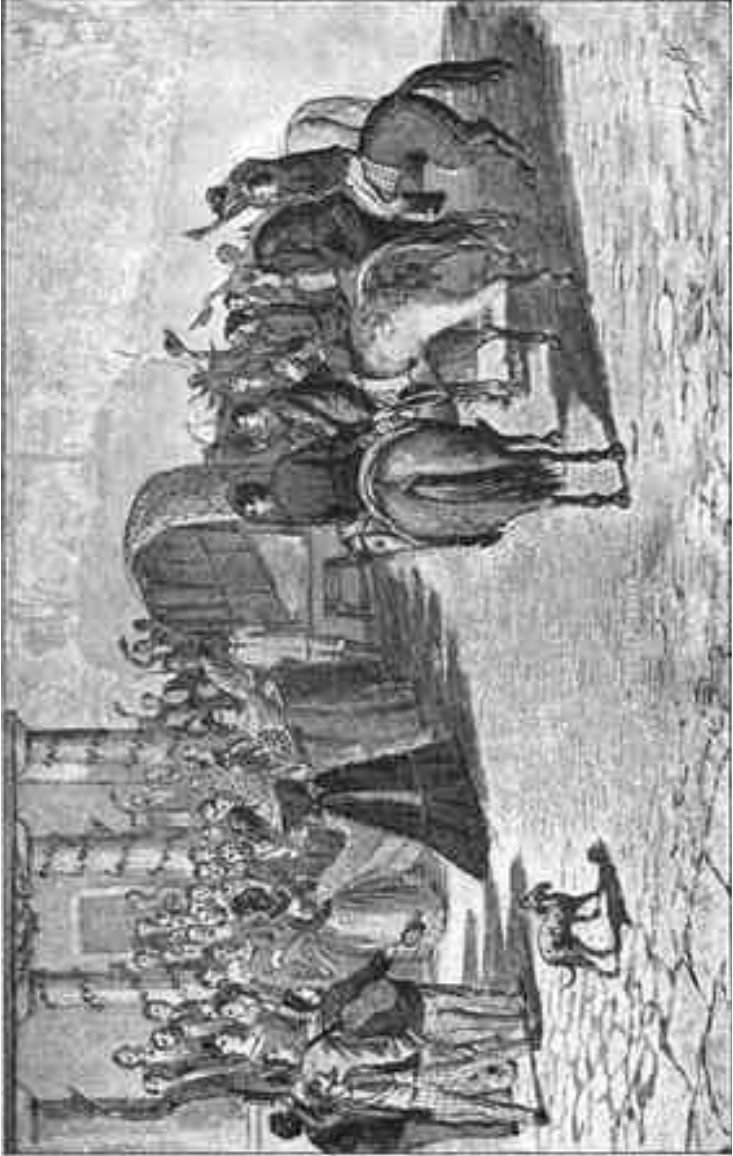
Nisso o noivo, a cavalo, os padrinhos e a comitiva de cavaleiros, que se achavam a seus postos, se aproximavam, dando sinal aquele a um carro de bois com toldo de esteira coberto de chita, que chegasse, para que embarcassem a noiva e as madrinhas, as primas e convidadas, evitando destarte a demora do padre na igreja, que os aguardava à hora certa.

– Eh! boi!...

E o carro, rangendo nos eixos, parava à porta; e quando a noiva subia em um banco para entrar, das janelas abertas entornavam-lhe sobre a fronte salvas de flores, ao que o noivo e os cavaleiros saudavam tirando o chapéu, empinando os cavalos e seguindo o carro.

O noivo, geralmente vexado, sacudindo o fraque bonito, alisava de quando em quando as crinas de seu ginete branco, sorrindo amarelo a alguma pilhéria importuna que lhe viesse roçar-lhe ao ouvido.

Durante o trânsito, as roceiras do carro e o séquito dos cavaleiros entretinham-se em conversas banais, em provocações maliciosas, sendo vulgar um ou outro dos acompanhadores levar algum tombo na estrada, o que despertava gargalhadas, correspondidas pela curiosidade das senhoras que botavam a cabeça de fora e aplaudiam por sua vez.



Casamento na roça

Chegado o casamento à matriz, o poveréu abria alas: os escravos que tinham partido adiante seguravam os cavalos, a noiva, as madrinhas e o mulhierio apeavam-se, formando o grupo da frente as madrinhas e a noiva, com a sua mucama, que lhe levantava a cauda do vestido, entrando na igreja.

A estas seguiam-se o noivo, os padrinhos e a turba de convidados, que iam assistir ao ato e compartilhar do regozijo da família.

Depois de casados, como é comum, a noiva ressabiada dava o braço ao noivo que a conduzia ao carro, e o préstito, na ordem estabelecida, regressava, chegando a casa ao escurecer.

Apenas vistos de longe, os pais – os sogros e sogras –, se não os acompanhavam, ficavam às janelas, para receber os recém-casados; os abençoavam e abraçavam, espargindo-lhes à entrada perfumosas flores, e aclamando-lhes a futura felicidade.

E um tocador de viola, sapateando na rua, retorcendo-se em momices, antepondo-se aos noivos acanhados, cantava:

Tirana, minhatirana,
Tira na de lá de baixo;
Você vai cortar banana nas,
Que irame trazer um cacho.

Tirana, minhatirana,
Ai! tira na de Ira já!
Aquilo que nós fala mos
Tomara que fosse já.

Imagine-se a fervura da casa, a recepção estrondosa do venturoso par na sala rescendente de flores do campo, de adornos silvestres.

A rabeca e a flauta tocavam, o reboliço era geral, notando-se instantes mais tarde a ausência da mãe da noiva, que desaparecera no tumulto.

E o quadrista inspirado não perdia o momento; e alteando a prima, tocando nos bordões, aproveitando o intervalo da música, lá ia:

Ó senhora mãe da noiva,
Saia fora da cozinha,
Venha ver a sua filha
Como está tão bonitinha.

E os “bravos” e as palmas coroavam o cantor, o violeiros do mato, nos seus repentos oportunos.

Nisso as mucamas acendiam os candelabros, as velas nas mangas de vidro, ouvindo-se de dentro o barulho dos pratos e as vozes dirigentes de pôr a mesa.

O pai da noiva, previdente em tudo, mandara cuidar da cavallhada, dos bois do carro, do pessoal escravo da comitiva, que mais livremente se entregaria à noite às comezainas e ao fado.

E no salão a flauta e a rabeça tocavam, dando sinal para a primeira quadrilha.

Nisso a dona da casa chegava radiante, cumprimentando novamente os seus convidados, imprimindo um beijo na fronte pura de sua filha, e pedindo a todos a fineza de a acompanharem para o jantar.

E entravam...

A lauta e extensa mesa apinhava-se de súbito, de senhoras e de homens, ficando a maior parte, entretanto, para as subseqüentes, tão numerosos eram os convivas.

Os principais da festa, ocupando as cabeceiras, em seus lugares especiais, as pessoas mais gradas e de distinção da localidade, o banquete iniciava-se, e depois de servida a sopa, um trinchador poeta, tomando de um trinchante, cantava:

Estes franguinhos assados
Foram bem recheadinhos,
São presentes para os noivos
Que fizeram os padrinhos.

E um conviva, erguendo um copo de vinho acima da cabeça:

Taplã... taplã...zabumba,
Bravo a vida militar;
Defender as moças belas
E de pois rir e folgar.

O sol da do, que é valen te,
Pas sa a vida a ba ta lhar;
O sol da do, que é mo fino,
Pas sa a vida a na mo rar.

Hip!... hip!... ur rah!...

E as saúdes aos noivos, aos pais do ditoso par, a todos e a cada um de per si estrondavam à porfia; e um outro convidado, puxando para perto um peru assado, desarticulava-o, entoando:

Este peru que aqui está,
Ontem morreu empapado;
Eu aviso ao se nhor no i vo
Que o coma com cuidado...

Um segundo repentista:

Da le i toa que aqui está,
Desconfiem, tenham medo,
O trin cha dor que a trin char
Olhe que lhe mor de o dedo.

E todos, erguendo-se e empunhando copos:

Azei to nas bem curtidas
Têm um sin gular sa bor,
Só me lem bro dos ami gos
Qu an do bebo este li cor.

Hip!... hip!... ur rah!...

Caloroso e animadíssimo corria o festim; o entusiasmo transbordava das expansões dos convivas como o vinho das taças cheias; a alegria e a felicidade transpareciam do sorriso dos noivos e das meiguices da família.

Mas o complicado jantar demorava o baile roceiro e as danças tradicionais.

Então o violeiro obscuro, transpondo a sala do banquete, pedia a palavra, empunhava a viola e improvisava gaiato:

Sinhá noiva e sinhô noivo,
Deus lhes dê um bom es ta do:
Que da qui a nove me ses
Haja um rico ba tiza do.

E dos circunstantes, que se levantavam em massa, bradava um: É a última saúde! A saúde de honra! É de virar! Vivam os noivos!...

Gato amarrado
Dá para miar,
A boa cham pa nha
Dá para dançar!
Este é o gato,
Que ma tou o rato
Que roeu a cor da
Que amar ra va a bota...
Bota vinho! Bota!
Vira, vira, vira!...
Hip!... hip!... ur rah!...

E aos sons da música, que preludiavam a quadrilha, contratavam-se os pares, o noivo e a noiva figuravam, as primas e os primos tomavam parte, cada qual com seu botão de flor de laranjeira como distintivo na abotoadura do paletó e no corpinho.

Findas as primeiras quadrilhas, as primeiras valsas, o elemento nacional e dominante – o chiba – campeava absoluto, lânguido, peneirado, buliçoso, como a volúpia das nossas noites mornas e estreladas.

E aos tinidos das violas, aos arpejos quentes dos menestréis pátrios, a trova deslizava sonora, a cantiga brotava plangente, encantando a noite do noivado e a sorte futura do nascente lar.

Então a noiva e o noivo, os padrinhos e madrinhas, os convidados em chusma, às toadas das violas, ao canto sonoro dos violeiros, caíam na chula, requebravam na fieira, aos epitalâmios dos trovadores em suas cantigas a esmo:

Sinhô noivo, dê-me um doce,
Sinhá noiva manda dá;
Pois pela noite adiante
Sinhá noiva pagará.

Dança o fado, minha gente,
Que uma noite não é nada;
Se eu não for dormir agora,
Dormirei de madrugada.

Ao passo que o *chiba* recrudescia bamboleado, macio, palmejado, sapateado, os que não dançavam conservavam-se de costas para as janelas, sentados nas cadeiras enfileiradas; e do belo sexo duas ou três representantes, levantando-se sorradeiras, entravam no quarto dos noivos, admirando o bom gosto, pegando nos cortinados, lavando as mãos no jarro, bisbilhotando adiantadas.

Antigamente era de costume botar-se espinhos de roseira debaixo dos lençóis, atar-se guizos e campainhas nas extremidades das colchas, esconder-se mesmo um indivíduo debaixo da cama, para latir, miar, cantar como galo, fazendo desapontar os noivos, que disparavam do quarto entre gargalhadas e alegre alarido dos que lhes armavam a peça.

E cansados os dançadores, ofegantes as bailarinas, descansavam um pouco, iam tomar café e refrescos, ficando a mesa posta e constantemente renovada para os que quisessem servir-se.

De repente a desafinada rabeca anunciava fanhosa outra valsa e o bródio prosseguia ainda.

No terreiro, os escravos batucavam, quebravam na chula e cantavam suas trovas.

E quando as danças estrangeiras paravam, o fado rompia nas violas, ponteadas pelos tocadores da roça, no salão que começava a aclarar-se das barras longínquas do amanhecer.

E os convidados, na maior parte, não resistindo à tentação que lhes bulia na alma, pulavam no meio, o noivo e a noiva despençavam-se no rodopio, e o cantador trigueiro *lavava* o peito dos circunstantes com suas cantigas variadas:

O fado veio no mundo
Para amparo da pobreza,
Quando me vejo num fado
Não me importo com a riqueza.

A vi o la pela pri ma,
A pri ma pelo bor dão,
O ho mem pela pa la vra
Leva a mu lher pela mão.

Um casamento na roça era, com poucas variantes, o que aí fica descrito; e essas festas, que entravam sempre pela noite adiante, duravam por dias, na plenitude da abundância e da felicidade.

.....

Ano-Bom

Entre todos os povos, do mais civilizado ao mais selvagem, as festas de primeiro do ano celebravam-se, passando apenas pelas modificações próprias ao desenvolvimento de cada culto e à índole de novas raças.

Tão alto quanto possam remontar os monumentos históricos, as encontramos, não sendo excluídos, como participantes desses regozijos religiosos e profanos, o negro d'África e o caboclo da América.

Dos romanos, que por sua vez já haviam recebido dos gregos a tradição, os primitivos cristãos perpetuaram o legado pagão das celebrações do Ano-Novo, colorindo-os dos reflexos místicos dos vidros pintados de suas catedrais.

Entre as civilizações mais apuradas e as mais bárbaras, como dissemos, essas festas encontram-se nas mitologias nacionais, tendo como objetivo as congratulações populares pela volta da primavera ou a glorificação da lavoura.

Os primeiros sintomas de assimilação nos tempos modernos registram-nos as calendas de janeiro, fulminadas por Santo Agostinho e S. João Crisóstomo, que se revoltaram contra as crenças romanas adotadas pelos cristãos, vindo logo após a festa dos Loucos e a dos Inocentes ludibriar do anátema dos santos-padres.

Durante as ruidosas festas da primavera, isto é, da abundância e da colheita, os presentes agrícolas trocavam-se, a família e depois as tribos reuniam-se, os sacrifícios, as danças, os festins, as cerimônias propiciatórias tinham lugar, provindo daí, para os povos modernos, os presentes de festas, as visitas, os folguedos, as abusões, as congratulações públicas do dia de Ano-Bom.

A Idade Média, porém, que tudo via através de suas preocupações ascéticas, desviou-lhes as correntes astroláticas, incluindo-as no calendário do Natal, com outras pompas e outros ideais.

Deste ou daquele modo, o que é certo é que as festas de Ano-Bom não pertencem a este ou àquele povo, mas à humanidade inteira.

Em todos os países da Europa, esses festejos intercalam-se aos do Natal e de Reis, formando um todo a que os ingleses chamam de *Christmas*.

Na Inglaterra ou na Alemanha, na França ou na Itália, o nacionalismo pátrio transluz nessas manifestações alentando velhos costumes, cujas fórmulas jamais se apagaram da lembrança popular.

E não há festas mais belas em qualquer desses países; não há horas mais alegres naqueles lares; não há orgulho mais legitimamente sentido por aquelas turbas, do que percebendo palpitar debaixo das formas da arte as suas antigas legendas e os seus contos, constituindo a base das representações teatrais do Natal.

Juntai a isso os presentes, as surpresas, as visitas, as felicitações, o conchego da família, o beijo improfanado sob a rama verde dos tetos, e tereis, com uma centena de cousas mais, as despedidas do ano velho e as entradas de Ano-Novo.



Presentes de Ano-Bom

Esses costumes seculares, de que damos testemunho, ainda perduram em toda a Europa.

Mas o Brasil é um país *adiantado*; acha ridículas as tradições e desfaz-se delas; absolvendo os demais povos dessas futilidades que *envergonham*, trata de encobri-las e mostra-se sério...

No outro tempo não era assim.

No Rio de Janeiro a folia toda começava de véspera. A cidade, mais animada exteriormente pelo concurso de famílias e de indivíduos ambulantes, revelava o júbilo público, que se ostentava sem reserva.

Em qualquer praça, em qualquer rua, quem olhasse para as janelas, notaria fisionomias estranhas, caras novas, que pela maneira de apresentar-se, pela compostura, tornavam-se distintas de muitas que lá estavam, apreciando o mesmo objeto, entretidas pelo mesmo assunto.

Nas intermináveis galerias de sacadas, janelas de peitoril e postigos, viam-se moças toucadas de flores naturais ao lado de algumas que não as tinham, homens vestidos de brim branco conversando com amigos trajados como para as recepções íntimas, velhas folgazãs e gritadeiras falando para as vizinhas de defronte, crianças traquinas e arrenegadas

trepando nas grades de ferro das sacadas, suspendendo dos espigões as maçanetas de chumbo das extremidades, que, às vezes, lhes escapando das mãos, machucavam-lhes os pés.

E o que queria isso dizer?

Eram as famílias que tinham chegado da roça para passar o Ano-Bom com os parentes, convidando-os para a véspera de S. João em seus sítios e fazendas...

Aquelas cujas relações não iam além da corte, reuniam-se igualmente, completando o aspecto pitoresco dessa cena, mais ou menos populosa, segundo os tempos em que esses costumes eram de rigor.

Com antecedência, já os presentes de festas principiavam a chegar, e a escrivatura a fazer-se interessada nas felicidades de seus senhores.

E as tradições consolidavam as bases da família, e o reinado das superstições iluminava-se da esperança.

O dia de Ano-Bom era a época em que os membros de uma mesma família congregavam-se. Vindo por vezes de grandes distâncias, passavam juntos, no meio do prazer e das felicitações, até depois de Reis.

Para ver amanhecer o Ano-Novo, ninguém dormia antes da meia-noite, pois era da crença popular, que quem se conservasse com os olhos abertos até depois daquela hora, veria romper a aurora de anos seguintes.

Então, concluídas as magníficas ceias, as cantorias ao Menino em seu presepe, no fim das pilhérias dos velhos matutos, de diálogos extravagantes, os inocentes namoros ferviam nas salas, ao diapasão do barulho dos pratos que se lavavam nas cozinhas, das rascadas das senhoras com as negras, do ressonar dos meninos estirados nos sofás e nas cadeiras da sala da frente, à espera do sinal do Ano-Novo.

Quando o relógio batia meia-noite, uma onda marulhosa de alegria espraiava-se pela assembléia, ao passo que as mucamas, os molecotes, as crias em fraldas de camisa, penduravam-se às sacadinhas da escada que deitava para o quintal, pasmadas de nada descobrir, mas com os olhares fitos nas trevas que amortalhavam o ano velho.

– Boas saídas e melhores entradas! diziam os pais aos filhos, as irmãs aos irmãos, os parentes e amigos entre si, abraçando-se, beijando-se, saltando de contentamento.

Nas casas em que havia bailes, o mesmo costume coroava a tradição, aos sons da música, ao brilho das serpentinas faiscantes, aos risos que corriam límpidos de uns lábios de rosa.

Isso, porém, que prolongava a festa, mudava completamente no dia primeiro. Da manhã à tarde, as visitas faziam-se, desfilavam numerosos os portadores de presentes, sendo de preferência contemporâneos, nas freguesias, o vigário, os médicos e o fiscal.

As bandas militares tocavam às portas e nos saguões das casas dos generais, dos ministros, das pessoas gradas, dando as boas festas; compensando-lhes a atenção alguma cédula avultada ou peças de dinheiro em ouro.

Enquanto nos armazéns de comestíveis o comércio encaixotava dúzias de garrafas de vinho, acondicionava queijos do reino, presuntos, caixas de figos e ameixas, diversos gêneros destinados aos fregueses do ano; enquanto do convento da Ajuda, riquíssimas bandejas de prata, com a firma do indivíduo presenteado, armadas de doces, saíam umas após outras; era curioso de ver-se o que passava nas ruas, entre-tendo os abelhudos que comentavam dos sobrados.

Por toda a parte encontravam-se negros do ganho, de camisa de algodão por fora da calça arregaçada, conduzindo em cestos um leitão de barriga para cima, amarrado de pés e mãos, com o focinho apertado com um barbante grosso, e guinchando, acercado de galinhas, patos e marrecos, com a cabeça pendente das beiradas do cesto e enfeitados nas asas com lacinhos de fita. Para contrapeso, o ganhador não deixava de levar um galo ou um peru na mão livre, também enfeitado de fitas estreitas verdes e azuis.

Ao presente era costume acompanhar um cartão de visita ou uma carta, concebida mais ou menos nestes termos:

“...Boas saídas e melhores entradas lhe desejo. *Incluso*, encontrará vossemecê um leitãozinho, umas galinhas e um peru para mais um prato de seu jantar...”

Aqui e além apareciam carregadores com caixões de vinho ou com caixas de açúcar, criados de libré precedendo escravos enviados com dádivas principescas, tais como colchas da Índia, aparelhos da China, baixelas de prata, cavalos de montaria, fazendo contraste com a crioula ou mulata de casa menos rica, que seguia com um pão-de-ló, um

bolo-inglês, um pastelão numa salva modesta, coberta com uma gaze cor-de-rosa, com um tope de flores artificiais no centro, atravessado por um cartão ou um escrito.

Na Bahia, além de todas essas ofertas, estava nos hábitos dar-se escravos no dia de Ano-Bom. Assim, com um molequinho, uma moleca, um casal de negros novos, obsequiavam-se as meninas, as moças ou os chefes de família.

Naquela província, onde as cadeirinhas estiveram constantemente em uso como meio de transporte, não causava espanto entrarem por uma casa dois negros de casaca de portinholas com vivos amarelos ou vermelhos, de chapéu de oleado com galão, calça curta e um pau no ombro, acompanhando o portador de uma carta na qual se lia: “...Como lembrança de Ano-Bom ofereço-lhe essa *parelha* de negros de cadeira, pedindo desculpa de não ser cousa suficiente...”



Negros de cadeira

A isso não se limitavam os presentes. Pessoas havia que ofertavam casas e palácios. O paço de S. Cristóvão foi um presente de Ano-Bom, feito pelo negociante Elias Antônio Lopes a D. João VI, que o vendeu ao Estado, quando se retirou para Portugal.

Considerava-se uma grande falta, um crime, a ausência dos parentes mais chegados no jantar da família. Ninguém relevava essa falta, pois acreditava o povo que o que se fazia no primeiro do ano, se faria o ano inteiro.

Daí se depreende que cada um queria estar neste dia com os seus, que todos vestiam roupa nova, que se brincava, tocava, cantava, a fim de que o conceito popular se realizasse em sua plenitude pressagiosa.

Os escravos, que nunca foram estranhos às alegrias ou desgraças do nosso lar, ganhavam festas, tinham folga, divertiam-se também.

Por ocasião dos banquetes fidalgos ou dos jantares menos opulentos, ao calor dos brindes, ao alarido da canção:

Como canta o papagaio,
Como canta o periquito...

os convivas entusiasmados proferiam longos discursos, os rapazes recitavam colcheias, as moças tímidas e vergonhosas abaixavam os olhos às palavras “amor”, “meu bem”, referendo a animação nas saúdes em honra aos mais velhos, à família reunida.

As visitas oficiais e as de amizade faziam-se imprescindíveis. Havia cortejo no paço, os presepes pernoitavam iluminados, e – boas entradas – boas festas – eram moeda corrente de civilidade entre a população.

Depois de certo período, quando o Brasil fez timbre em imitar o estrangeiro no que ele tem de pior, entendeu que, para parecer-lhe bem, cumpria desquitar-se das usanças tradicionais, quando eles as mantêm intactas.

Não compreendendo este país que ninguém pode ter sorrisos nas terras para onde vai em busca de fortuna, supôs que a cousa assim se passava lá por fora, e anda preocupado com um futuro que não lhe pertence.

Das nossas festas ninguém mais se lembra; os laços de família quase não existem; do dia de Ano-Bom, de grandioso e expansivo que era, nem nos restam vestígios!

E em troca de todo esse passado nos impinge a Europa cromos e *folhinhas*!

.....

Carnaval

(RIO DE JANEIRO)

Não é de hoje a história das vesânicas humanas.

O carnaval, que é uma frenopatia, filia-se às mais altas civilizações, exibindo-se rudimentário entre os povos selvagens. As senha dos Querubins egípcios, das Saturnais romanas, das Bacanais gregas, da festa dos Inocentes e dos Loucos, de que falam as crônicas da Idade Média, é a mesma do carnaval de Veneza, de Roma, de Paris, do Rio de Janeiro e das tribos amazônicas.

Entre todos os povos encontram-se as mascaradas – desde o Indo – que, como pensa Volney, desfigurava o céu, o metamorfoseava, até os nossos tucanos, que tomavam máscaras de folhas e de cascas de árvores, de terra e de cabeça de animais, para as festas do *Buianté*.

S. João Crisóstomo condenava os deboches e as mascaradas nas igrejas; e o Papa Inocêncio III as verberava por meio de uma decretal – “Dão-se algumas vezes nas igrejas espetáculos e divertimentos de teatro, e não somente introduzem nesses espetáculos e nesses divertimentos monstros mascarados, mas ainda em certas festas os diáconos, os padres e subdiáconos permitem-se a liberdade de fazer toda a casta de loucuras e palhaçadas...”

“Eu vos conjuro a exterminar este costume...”

O carnaval implica o uso da máscara e dos disfarces; e a máscara era usada pelos trágicos gregos e romanos.

Nas Bacanais e nos espetáculos havia máscaras que exprimiam o ódio, a lubricidade, a sátira...

Em França, desde o século XIV, diz o bibliófilo Jacó, as máscaras foram adotadas: Filipe o Belo tinha o carnaval como o folgado de sua predileção.

Segundo o redator do *Journal de Paris*, citado pelo romancista dos *Nouveaux romans de Paris*, “uma singular mascarada teve lugar no reinado de Carlos VI, no cemitério dos Inocentes. Em uma ação fantástica, chamada *Dança Macabra*, indivíduos de ambos os sexos, disfarçados em gente de todas as condições, desfilavam ante a Morte, que impassível lhes ouvia as queixas. Pediam-lhe a prolongação da vida; uns para realizarem projetos de ambição, outros para gozarem de sua nova fortuna, todos para alguma quimera. A Morte, depois de chasquear em verso com os suplicantes, descarregava-lhes a foice”.

A mascarada da *Dança Macabra* esteve muito em voga na Alemanha e na Suíça.

Henrique III dispensava calorosa animação a esse regozijo público. À semelhança dos validos do rei, os nobres e as senhoras do tom mascaravam-se.

Acrescenta o historiador Lestoile que aquele soberano gostava tanto de fantasiar-se, que deitava-se de máscara, interiormente untuosa e pintada.

No *Beppo* de Lorde Byron, o poeta encarece o carnaval de Veneza: Goethe no *Fausto* é menos entusiasta pelo carnaval de Roma.

No tempo de Luís XIV as cortesãs e as mulheres da moda tatuavam-se exageradamente, e usavam de *sinais* pretos no rosto para fazerem-se mais lindas; muitas havia que sobre a alvura da face assentavam estrelas e meias-luas de tafetá, que concorriam para transformá-las.

A revolução acabou com as mascaradas em França, reaparecendo elas mais tarde nas ruas e teatros.

Uma coincidência: o carnaval francês agonizava, quando nascia o carnaval brasileiro.

O carnaval do Rio de Janeiro começou após a proibição do jogo do entrudo pelo desembargador Siqueira, único dos nossos chefes de polícia de quem a tradição repete o nome com segurança e respeito.

Muito antes, inauguraram-se os bailes mascarados, devidos os primeiros à iniciativa da cantora Delmastro, que para aqui viera com a companhia lírica de Mme. Lagrange.

Estes bailes tiveram lugar onde é hoje o teatro da Fênix Dramática, que compreendia a grande chácara da Floresta.

Sucederam-se a estes os do Ângelo, na chácara da Rua do Conde, na Cidade Nova, e os do Nicola, no Largo do Rocio.

Ao crescente e inesperado favor do público corresponderam os teatros de S. Januário, Lírico Fluminense, S. Pedro e Ginásio, que para o mesmo fim abriram as suas portas, acompanhando-os o Clube Fluminense, que só admitia os sócios, e o Paraíso que aceitava a todos.

Em que consistia o nosso primitivo carnaval ao ar livre? É fácil de cogitar: em pequenos grupos de máscaras errantes, um *princez* desgarrado, e assim por diante.

Em 1854, já alguns carros com máscaras apareceram e das janelas atiraram-lhes flores. O *Jornal do Comércio*, noticiando o fato, aconselhou que para o ano futuro se reunissem, o que daria mais relevo ao festejo.

Até então a loucura descobria o prazer ao som da música escolhida, inundava-se da luz dos lustres e candelabros, mitigava a sede provocada pelas danças ardentes nas taças de champanha, e requintava de gozo naqueles abrigos resguardados e ideais como as cismas voluptuosas dos crentes de Maomé.

Era à noite que naquelas Lupercais esplêndidas as mulheres coroavam-se de fascinações, que os moços de qualificação distinta dissipavam-se atraídos.

No Clube, especialmente, quanta perdição no langor morno da beleza aristocrata, no roçar de um corpo de neve, num cismar vago, ao terraço ou à janela, tendo por testemunhas o olhar pestanejante das estrelas e o céu profundo e escuro como as marés incertas do destino!...

Mas a luz do dia tivera inveja da luz dos candelabros; a voz do jornalista é o *fiat* das sociedades; e a Loucura, no seu despertar de

sonâmbula, emboca as fanfarras no meio das praças, com o seu séquito de cem escravas e de milhares de cativos.

Em janeiro de 1855 já as folhas diárias anunciavam que o carnaval seria magnífico: as famílias mais consideradas, a mocidade mais dinheirosa e ilustre, associavam-se à empresa do dia.

Jurisconsultos, médicos, jornalistas, militares, altos funcionários públicos, negociantes, fazendeiros, tudo quanto a sociedade fluminense possuía de seleta absorvia-se numa só idéia, num só pensamento.

No Largo do Rocio e em muitíssimas ruas, as casas de vender e alugar vestimentas multiplicavam-se. Nas casas particulares viam-se o veludo e a seda, as espiguihas e os bordados a ouro; nos alfaiates, os costumes especiais; nos ourives, adereços finíssimos.

Decoravam-se suntuosamente os teatros. Nos cenários, subindo até as bambolinas, os espelhos cintilavam como vagas descendo de fantásticas muralhas: palmeiras à entrada de grutas, cascatas artificiais, flores e perfumes, faziam supor que naqueles salões enormes se iriam asilar as fadas dos contos das *Mil e Uma Noites*.

Cá fora o comércio abria pesada bolsa ao artista mais hábil no enfeite das ruas, ao jardineiro mais zeloso no cultivo das palmeiras e arbustos de ornamentação, a quem mais deslumbrantes erguesse as arcarias iluminadas, ao pintor de mais imaginação e espírito no acabado dos escudos implantados de troféus, onde se liam epigramas e quadras chistosas.

Nos coretos em profusão pregavam-se bancos para a música e colocavam-se figuras que simbolizavam personagens e acontecimentos ridículos.

Nos primitivos carnavais a influência era tamanha, que pode dizer-se que um terço da população mascarava-se.

E tanto é verdade, que os diretores de teatros advertiam ao público que seria vedado o ingresso nos bailes a quem não se apresentasse fantasiado.

Em 1855 fazia a sua primeira passeata o Congresso das Sumidades Carnavalescas.

Antes do dia 23 de fevereiro, em que caíra o Entrudo, uma comissão composta do Dr. Joaquim Francisco Alves Branco Muniz Barreto,

Coronel Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão e do Dr. José Martiniano de Alencar, dirigiu-se a S. Cristóvão, pedindo a S. M. o Imperador que viesse com as princesas ao paço da cidade honrar com a sua presença o carnaval do ano e assistir à passagem do Congresso.

Desta sociedade tiveram a iniciativa notáveis homens de letras e jovens escritores, cujo talento impunha-se pelo brilho progressivo.

Estes leais companheiros de tantas glórias, que resplandecem do passado, faziam parte da redação do *Correio Mercantil* e chamavam-se Henrique César Muzzio, Pinheiro Guimarães, Manuel Antônio de Almeida, J. de Alencar, Augusto de Castro, Ramon de Azevedo e outros, que saudavam o futuro entre um artigo de fundo, uma poesia, um folhetim, e o desabrochar das esperanças na alamedas sempre encantadoras da primeira mocidade.

Felizes tempos aqueles em que Alves Branco, F. Otaviano, Firmino Rodrigues Silva e Paranhos regiam os moços, porque eles viam a pena de ouro na mão do mestre e do amigo!

Afastados desse grupo, mas conhecidos de bonito nome, a eles reuniam-se Joaquim de Melo, Francisco Augusto de Sá, os dois Faros, Palhares, Cristiano Stockmeyer, Horácio Urpia e mais, que fortaleceram o empreendimento como forma e como idéia.

Nas tardes do domingo as bandas marciais tocavam; os *chicards*, os *titis*, os *flambarás*, os *pierrots*, os *débardeurs*, os *dominós*, os *zês-pereiras*, os *D. Nunos* e os cavaleiros de capa e espada percorriam a cidade. Os carros de mascarados não tinham conta. Dos sobrados desdobravam colchas de damasco e entornavam flores; os estalos fulminantes imitavam as crepitações das fogueiras e a multidão acudia a vários lugares, curiosa e festiva.

No ano a que nos referimos, os máscaras de espírito tornaram-se salientes. Um francês houve que, no Provisório, intrigou a toda a gente. Este máscara envergava um costume metade preto e metade branco.

Muitas pessoas ainda se recordam de um indivíduo que, trepado numa saia-balão de proporções colossais, distribuía pelas janelas poesias, trocando pilhérias.

Consecutivo este carnaval à iluminação a gás desta capital, junto a um mineiro que montava num boi, conquistou gostosas gargalhadas um sujeito enfezadinho, escanchado numa jumenta branca, tendo em toda a exótica vestimenta escadas e lampiões de pano, recortados e cosidos.

Pisava-se sobre folhas de canela e mangueira, sacudia-se do chapéu rosas e jasmims, corava-se à indiscrição de um máscara que segredava (em voz alta) o que vira e o que não vira.

Na Petalógica do Largo do Rocio, Paulo Brito, Teixeira e Sousa, Constantino Gomes de Sousa, Laurindo Rabelo, Zaluar, o bacharel Gonçalves, Castro Lopes, José Antônio, Bracarense e Machado de Assis, atropelavam os *princeses* que entravam e os desenxabidos que passavam.

Quanta lembrança original, quanto desapontamento engraçado, quanta corrida de vencido!

Uma vez Laurindo Rabelo estava na porta. Um mascarado, vestido de capim, aproxima-se. O poeta fá-lo parar e diz-lhe, torcendo o bigode:

– Meu amigo: o senhor, depois de divertir-se, come a roupa, não é assim?

Ao que o interlocutor nada respondeu, perturbado, por certo.

O imperador, a imperatriz, e as princesas observavam do pas-sadiço do palácio a animação dos festejos, esperando um pouco retirados pelas Sumidades, cuja tardança os impacientava.

Por volta das 5 horas da tarde, a turba tomava as saídas de onde o clangor dos clarins e o tropel dos cavalos avizinhavam-se.

O povo abria-se em fileiras defronte do paço; de envolta com a multidão os *velhos cabeçudos*, de cajado e luneta, suspendiam no ar as enormes máscaras de papelão, saracoteando; os *diabinhos* barbudos reviravam a máscara, enrolando à cinta a cauda vermelha... A expectativa era inexecedível!

E os sons se escutavam de perto, de muito perto...

A família imperial chegava às sacadas, e os vivas e urras, como uma pirâmide sonora, que enfiasse a grimpa na imensidade, tinham por base ondulante o pasmo de toda aquela população.

Logo após, transpunha o Largo do Paço a banda marcial do Congresso das Sumidades Carnavalescas, vestida com o pitoresco costume dos cossacos da Ucrânia.

Os clarins escoceses do regimento dos *highlanders* formavam-lhe a retaguarda, antecedendo ao carro de D. Quixote, o cavaleiro da Mancha, que fazia tremular, com a galhardia de um herói de Cervantes, o pendão admiravelmente trabalhado das Sumidades.

Todos os caleches – e deviam ser mais de doze – eram puxados a duas parelhas lindíssimas, ajazadas com grandeza. Sobre cada carro desenrolava-se rica colcha de damasco coberta de rendas alvíssimas; e, em cima das almofadas, ou aos pés dos personagens, cestas com pequenos buquês, caixinhas com estalos fulminantes, grãos-de-bico e feijões confeitados, que cada um atirava aos espectadores das janelas e à gente aglomerada nas ruas.

No meio de bravos e flores, o primeiro grupo de cavaleiros foi de um sucesso maravilhoso. Era um grupo histórico, reproduzido com tanta propriedade e luxo no trajar, que não há quem o tivesse visto que dele não se recorde deslumbrado. Esses cavaleiros eram Nicolau I, Imperador de todas as Rússias, Abdul-Metjid, o senhor de Istambul, um grego, o Almirante Duguay-Trouin, Marco Spada e um dragão prussiano da Morte.

Parando a instantes, refreando os ginetes ariscos, jogavam às senhoras, durante o trajeto, ramos de flores, dentro dos quais metiam um cartão de visita, que tinha por fim declarar o nome dos personagens que representavam. Por exemplo:

“Nicolau I cumprimenta a V. Ex^a, por quem morre de amores.”

Caleches com *bayaderas*, mandarins, nobres do Cáucaso, Benvenuto Cellini, Fernando o Católico, o Duque de Guise; grupos a cavalo, caracterizados como o Duque d’Alba, Carlos V, o Conde de Provença, Tadeu Kosciusco; faetones em que se repimpavam o Dr. Dulcamara, pregoeiros, etc., constituíam o pomposo préstito do Congresso que, em sua marcha triunfal por uma estrada de folhas verdes e aromáticas, ao dardejar das luzes que semelhavam abóbadas de fogo, às aclamações populares e às catadupas de flores e harmonias, entrava vitoriosamente no grande carnaval.

Impossível fora descrever o entusiasmo das multidões! Para caminhar no passado, só a imaginação esclarece a treva!

Na noite antecedente, o baile das Sumidades marcava notável acontecimento, por isso que, como baile à fantasia, ainda nenhum outro enlaçou com tanto brilho e formosura, a nobreza e o talento.

O Clube Fluminense, adornado com o maior esplendor, era o palácio das representações fidalgas. As moças mais belas, membros do Ministério, do Senado, do corpo diplomático, generais, poetas, literatos, jornalistas, funcionários públicos, etc., aí se achavam dando mais realce à grandiosa festa.

Sem roteiro determinado, a passeata daquele ano realizou-se ao acaso; e depois de percorrerem o Catete, voltaram à chácara da Floresta, de onde saíram, dispersando-se afinal.

Na terça-feira fizeram o enterramento do carnaval. As pompas funerárias do deus Momo não podiam ser mais solenes. O préstito seguiu a pé: carregado por *dominós*, o féretro simbólico foi deposto num catafalco erguido debaixo das arcarias iluminadas da Rua das Violas. A banda militar tocou a marcha fúnebre, um membro da comissão dos festejos recitou um discurso, terminado o quê, foi transportado o ataúde, escoltado pelo Congresso, ao teatro Provisório.

Durante o trajeto, as estrondosas demonstrações excediam do entusiasmo. Vivas, poesias, alocuções burlescas na Petalógica, iluminação das ruas e do edifício do clube, bandeiras e músicas, assinalavam-lhe ostriunfos.

À entrada do Lírico, as saudações da platéia e dos camarotes não foram menos significativas.

Quando o Congresso das Sumidades Carnavalescas banquetear-se nos salões, as polcas, os galopes, as quadrilhas e as valsas respiravam apenas, sufocados pelos sons dos guizos e das trompas, dos gritos estrídulos, da vozeria confusa e do bater dos pés de um louco em delírio – o Baile Mascarado!

Destarte inaugurada a festa, fora de balde querer detê-la nas suas celebrações anuais.

As Sumidades, erguendo arcos triunfais, preparavam o caminho até hoje trilhado pelo carnaval do Rio de Janeiro, em busca do templo do deus Momo, uma das mais palpitantes individualizações das bizarras do espírito humano.

E a União Veneziana, que aparecera mais tarde, chama o Congresso de irmão, e disputam-se a primazia. Ambos têm nas mãos a taça dos três dias, que ferve de risos e de esquecimento.

Com a fronte engrinaldada das rosas pálidas da folia, como as mulheres da Babilônia, o Congresso e a União antecipam-se no requinte do prazer.

A Euterpe Comercial, sociedade de música, transforma-se em Zuavos e, ano por ano, o carnaval adianta-se nas suas jornadas ruidosas.

Entretanto, o Congresso, durante o seu reinado, campeou absoluto. Os seus bailes e os seus préstitos ficaram únicos.

*

Até 1877, a fisionomia do carnaval era mais expansiva, mais popular. Todos os teatros davam bailes; as ruas e praças decoravam-se com amplitude e profusão; carros de máscaras percorriam as ruas; os grupos fantasiados eram inúmeros; e os máscaras isolados faziam rir pela originalidade das idéias, destacando-se pelo espírito.

Enquanto um préstito desfilava e um ou outro grupo mais avultado exhibia-se vistoso pela ruas principais, os máscaras de todas as categorias entretinham, em quantidade prodigiosa, todas as atenções.

Sentia-se que a cidade saía fora de sua vida habitual, e que seu aspecto exterior era um reflexo pálido da alegria pública.

Os teatros embandeirados, o comércio das vestimentas, coretos, músicas e rumores generalizados, constituíam o clima do domingo, que, desde as duas horas, transmitia o contágio da loucura à população inteira.

Durante os três dias havia o carnaval das ruas, dos teatros, do Clube, dos salões. Muitos grupos organizaram-se, cada qual com mais elegância e acentuada característica.

A Boêmia, precedendo os Cromáticos, apresentou-se nos teatros com estranho luzimento. O vestuário era o seguinte: blusa de seda, de mangas curtas, franjada de ouro, manoplas de verniz, calção de camurça

e justo, botas à Fernando, faixa de cores vivas, argolões de metal nas orelhas, cabeleira crespa, distinguindo-se pelos capacetes encimados por pássaros, lanternas, quimeras, etc., cujo efeito era admirável.

Recordamo-nos de um desses *chicards* que sobre o capacete de couraceiro prussiano ostentava um penacho escarlate e branco, de mais de um metro de altura.

Esses *boêmios* anunciavam-se pelo grito especial, de que fala Henri Murger.

O Clube X, do qual ainda se fala com saudades, compunha-se igualmente de riquíssimos e espirituosos *chicards*, iniciadores dos *carros de idéias*, que com tanta vantagem foram apropriados pelas sociedades ulteriores. As damas do Clube X fantasiavam-se com esmero e primavam pelo conjunto das formas. Da passeata que fez o clube, acompanhado de camelos, há muito quem se lembre.

O distintivo dos sócios era um C e um X no alto do capacete e nos escudos.

Não nos preocupando de grupos vulgares, falemos de uma antiga sociedade, que retirou-se das folias carnavalescas, porque já não tinha mais louros a colher – os Estudantes de Heidelberg.

E quem eram estes *estudantes*?

Na primitiva, rapazes do curso médico, alguns empregados públicos, e poucos, mas de boa colocação, do comércio.

Esta sociedade não fazia passeatas: dava seus bailes, ou concorria aos do Lírico, Ginásio e S. Pedro.

Pelo pessoal escolhido, percebe-se o sucesso de sua existência.

Quando os Estudantes de Heidelberg transpunham os salões, a fina crítica, a *intriga* espirituosa, a pilhéria inofensiva, entravam em contribuição. As famílias nos camarotes e os máscaras que flanavam nos intervalos da dança, punham-se em guarda para o riso e para o desapontamento.

O seu trajar era especial, segundo o estilo universitário. Eis o uniforme: sobrecasaca curta abotoada, calção-camurça, botas de montar, faixa, espada, boné sem aba, mas circulado por larga fita, em que realçavam as cores da bandeira do país ao qual cada um aparentava pertencer.

O rei destoava, porque substituía o boné pelo chapéu armado e vestia irrepreensível casaca.

Todos traziam porta-voz, com que atroavam céu e terra.

As mulheres que os seguiam, vestidas a capricho e interessantes, ajudavam-lhes a atravessar a noite, no meio das danças e das gargalhadas argentinas.

Em qualquer das tardes, máscaras avulsos faziam-se célebres pela originalidade das lembranças.

Um vez apareceu um *galo* bastante vistoso, que cantava, abrindo as asas, junto a um figurão, que sobre o abdômen deixava ler o seguinte letreiro: *Aqui dentro há alguma cousa.*

No S. Pedro, no Provisório, depois de ter debicado nas ruas a todo o mundo, apresentou-se um indivíduo, corretamente trajado, vestido à corte, como vulgarmente se diz, de óculos, cabeleira e nariz postiços, de um espírito surpreendente, falando francês, inglês, alemão, italiano e português.

Não houve quem não o admirasse, já pelo chiste, já pela pureza da pronúncia nas línguas em que se exprimia.

Por baixo dos arcos pintados e de luzes; ao açoite das bandeiras suspensas, abalroando-se no coretos; e, à noite, ao fogo dos archotes, os *zês-pereiras* a *Morte*, de campainha e foice, os *princeses* de máscara de arame e de papelão, os ranchos com tocatas e os *diabinhos* de rabos e chifres, agitavam-se, moviam-se, dando a esses quadros um aspecto verdadeiramente encantado.

De súbito, uma banda de música assomava, precedida de fogos de bengala e da multidão dando vivas.

Eram as Sumidades, a União Veneziana, os Zuavos, ou qualquer outra sociedade, conforme os tempos, que na terça-feira enterrava o carnaval...

Nos esquifes, com rodela de limão, ouriçados de palitos, guarnecidos de archotes, carregados ao ombro, os leitões assados, os perus, as galinhas e o fiambre para as ceias no teatro.

O féretro parava em determinados lugares, entoava-se um *De profundis*, tocavam-se marchas fúnebres, recitavam-se discursos cômicos, poesias disparatadas, em honra do carnaval e da comezaina.

Estas festas foram mais ou menos assim até o ano de sessenta e tantos, em que a Paulicéia Vagabunda compareceu nos festejos.

Foi este o último carnaval clássico, estrondoso. O Imperador desceu, na última tarde, ao paço da cidade.

À exceção do Congresso e da União Veneziana, as mais sociedades existiam: parte da população mascarava-se, e os teatros e clubes eram paraísos artificiais.

Sem podermos firmar as datas da fundação das sociedades de hoje, recordamo-nos de um fato que determinou o renascimento do carnaval, que ia em decadência: o incêndio de uma farmácia ou drogaria da Rua Direita, no ano de 1861.

Os teatros estavam cheios e a notícia espalhou-se.

Os Zuavos, supondo que o fogo se havia declarado em casa de um dos sócios, para lá correram, e, com o seu uniforme carnavalesco, auxiliando o corpo de bombeiros, portaram-se com a maior valentia.

Extinto o incêndio, levantaram-se para eles as labaredas do prestígio. Novos sócios entraram; o entusiasmo aviventou-se, e não longe desse batismo de fogo, que lhes consagrou o nome, receberam no crisma de Momo o de Tenentes do Diabo.

Nos carnavais posteriores a 1869, uma outra geração, trazendo consigo novas idéias, veio ocupar o cenário pouco povoado do passado e assistir à agonia das derradeiras associações que faleciam.

Da altura de suas aspirações, recolheu o que lhe pareceu útil, acumulando os cabedais de que presentemente dispõe.

Os Fenianos, grupo dissidente dos Tenentes do Diabo, exemplificam o que dizemos.

A partir de 1870, o carnaval concentrou-se nas grandes sociedades, absorvendo os máscaras.

Pequenos ranchos, foliões dispersos e de pontos distantes, para verem o desfile de um préstito suntuoso, afluíam aos lugares indicados no itinerário, abandonando assim seus passeios, seus centros, seu meio; mas como tanto gozavam fantasiados como sem disfarce, opinaram pela conveniência, e o máscara de ontem tornou-se o curioso de hoje.

Não sabemos se com isso ganhou ou perdeu o carnaval; como regozijo popular, não é mais o que era.

Os teatros, ficando vazios, porque as *cavernas* e as casas próprias locupletavam-se, apagaram seus lustres, fecharam suas portas; e os

curiosos, depois que as sociedades passam, voltam aos seus lares, como nos dias comuns.

Entretanto, cumpre confessar que os Democráticos, Fenianos e Tenentes são justamente dignos da gloriosa reputação que lhes dispensa o público, reputação adquirida pelo espírito sutil de suas *idéias*, pelo aparato grandioso de seus préstitos.

Margeando as correntes modernas, substituíram as cavalgadas numerosas, os carros de máscaras, os personagens disfarçados, a mascarada geral, pelas suas custosas bandas de música, pelas alegorias do porta-estandarte, pelos *carros de idéias*, cada qual mais espirituoso e original, ou mais rico.

Debaixo das rodas destes carros, entretanto, ficaram esmagados os arlequins, os polichinelos e outros tipos, que outrora tanto nos divertiram.

E a alusão deixou de ser pessoal para abranger um círculo, um fato, uma ação. Aplaudidas muitas das suas críticas pela felicidade das reproduções, os acontecimentos mais ridículos e frisantes do ano são transportados para aqueles cenários ambulantes como para um baixo-relevo executado por mestre. O povo ri-se a bom rir, porque, conhecendo o assunto, pode dar aos personagens os nomes autênticos.

Depois das ruidosas Alegorias em que todas as sociedades se empenham por exceder-se, seguem-se os *carros de idéias*, em que os Fenianos, Democráticos e Tenentes têm-se coroados de lauréis, na realidade deslumbrantes. *A passagem de Vênus*, em que aparecia um *célebre astrônomo* armado de telescópio; *A mancha de Júpiter*, alusão magnífica à escravidão; *Braços à lavoura*, *As barraquinhas*, a *Questão dos bispos*, etc., conquistaram tão vivas manifestações que a impressão produzida restou inapagável na memória pública.

Os Fenianos, os Tenentes e os Democráticos, empunhando o cetro da tradição, representam atualmente o carnaval do Rio de Janeiro.

.....

A Festa do Divino

(PROVÍNCIA DO RIO)

Por vales e serras, por estradas e povoados, meses antes da festa do Espírito Santo, garridos foliões dispersavam-se em bandos no interior da província do Rio de Janeiro, angariando esmolas para as festas das capitais, dos municípios, que se faziam outrora a rigoroso capricho dos festeiros e segundo os donativos das populações devotas.

A isso, porém, precedia a eleição das mesas das respectivas irmandades e a escolha dos liberais festeiros, a cuja direção e cargo ficariam a solenidade religiosa e os festejos externos.

Desde então, três, quatro ou cinco *bandeiras*, de conformidade com a extensão das freguesias ou distritos, punham-se em marcha, munidas de imprescindíveis licenças, levando a todos os ares e a todos os lares o instrumentado anúncio da festividade anual, que fazia convergir em um ponto determinado os habitantes de um termo qualquer, que geralmente se antecipavam em suas piedosas oferendas à grandiosa festa do Espírito Santo, sempre esplêndida e concorridíssima.

E de que se compunham as *bandeiras*?

Cada uma de um rancho de rapazolas, brancos, crioulos e mestiços, vestidos de branco, com as jaquetas enfeitadas de laçarotes de fitas, trazendo chapéus de palha com laços verdes, escarlates, cor-de-rosa, etc., que desdobravam-se em longas e flutuantes pontas sobre os ombros e as costas.

Do rancho a figura mais saliente era o *alferes da bandeira*, espigado e pernóstico rapagão, que tomava conta das esmolos, parlamentava diretamente com os devotos e ofertantes, responsabilizando-se pelo que desse e viesse durante o extenso e demorado trajeto.

A vestimenta do *alferes da bandeira* não diferia da de seus companheiros, valendo-lhe a proeminência no grupo o estandarte por ele desfraldado, a bandeira do Divino, onde uma pomba pintada sobre um fundo de raios solares destacava-se no campo de seda vermelha da referida bandeira, franjada de ouro, de prata ou de lã, de acordo com as poses das irmandades, encimada por uma pomba de pau, prateada ou dourada, suspendendo o vôo de um monte de irisadas fitas.

Engrossando a turma dos foliões, cercando ou ladeando a bandeira, vinham os tocadores de *ferrinhos*, de pandeiros, de *pratos*, de tambores e de violas, em risonho convívio, pulando, tocando, cantando:

Dai esmolaa Divino,
Com pra zer e ale gria,
Reparai que esta bandeira
É da vos sa fre gue sia.

A essas Folias acompanhava um ou mais animais de carga para conduzir dádivas e promessas, prendas para os leilões, objetos de difícil transporte.

À notícia de que *andavam bandeiras*, não havia casa que não se julgasse honrada de receber-lhes a visita, não havia um pobre que em sua palhoça humilde deixasse de se prevenir para o favorável agasalho dos foliões, reservando, na falta de esmola pecuniária, uma galinha, uma leitoa, uns pombinhos, um peru, para oferecer ao Divino.

E internando-se nas estradas, transpondo o terreiro das fazendas, subindo à crista das montanhas, as folias denunciavam-se longe fazendo vibrar a melodiosa orquestra, enchendo o espaço de sonâncias tradicionais em todo o País.



Folia do Divino

No Rio Bonito, onde imaginamos assistir à festa no dia de sua celebração litúrgica, o aparato de que ela se revestia em outro tempo nos parece melhor desenhar os traços gerais das velhas usanças da colônia, que, modificadas entre nós, conservaram o que era essência, opulendo-se no pitoresco do cenário e pela variabilidade imperistência das raças.

As folias precursoras dos populares festejos do Espírito Santo possuíam na roça um conjunto de formalidades, um repertório de quadras de recurso, tão primitivos e completos, que, a um momento dado, punham em contribuição não só a espontaneidade religiosa, mas ainda a generosidade hospitaleira daquela boa gente, que não conhecia obstáculos no cumprimento de tradicionais deveres.

E o bando ruidoso lá ia, seguia, parava, cantava à porta de uma casinha de sapé, à beira do mato ou da estrada:

Ó se nhor dono da casa,
Recebeiestabandeira,
Faça favor de entregá-la
A quem tem por companheira.

O roceiro e a família, já alvoroçados pela música e pela cantoria, escutadas de há muito, achava-se fora; aceitando a bandeira do Divino, beijava-a, e com igual reverência a passava à mulher que o imitava e esta aos filhos, escravos, e mais vizinhos presentes.

O *alferes*, retomando-a depois, adiantava a sacola das esmolas, tendo no frente a radiante pomba do Divino, recolhendo o óbolo da piedade individual, a partícula representativa da crença, que é a felicidade da consciência e da vida.

Em jornada penosa, desprovida de albergues, as *bandeiras*, falando a linguagem da poesia, encontravam na liberalidade dos roceiros o indispensável para o sustento e para a viagem.

E os tambores rufavam, os *ferrinhos* batiam, chocalhavam os pandeiros, os *pratos* e as violas, que acompanhavam:

A *bandeira* aqui chegou
Um fa vor quer me re cer:
Uma xí ca ra de café
Para os fo liões be ber.

E enquanto a dona da casa empenhava-se na satisfação imediata do pedido, as trovas sucediam-se, à cadência de passos balanceados, ao som da música uniforme e monótona:

O Divino entra contente
Nas casas mais po bre zinhas;
Toda a esmola ele recebe:
Frangos, perus e galinhas.

O Divino é muito rico,
Tem bra sões e tem ri que za,
Mas quer fa zer sua fes ta
Com es mo las da po bre za.

E enquanto os foliões cantavam e tocavam, tomavam café e dispunham-se para a partida, as pessoas da família e estranhas concorriam com esmolas, acondicionavam ofertas e os seguiam com o olhar até desaparecerem na distância ou entre os matagais.

Assim andavam eles, viajavam por dias inteiros, pedindo pousada aqui e ali, chegando por vezes à freguesia a fim de fazer entrega das esmolas e outras ofertas, que eram vendidas para as despesas da festa.

Sempre tocando e cantando, as folias da roça perfaziam seu itinerário, ora pedindo pousada, ora, quando hóspedes, benzendo com a bandeira os quatro cantos da mesa, acabando de jantar.

Para isso, entoavam quadrinhas especiais, agradecendo ainda em verso as lautas comezainas que às vezes lhes proporcionavam, em honra do Divino, que se dignara de abençoar a morada de pecadores.

À semelhança do que em um lugar se passava, era o mais em toda a província.

Canoas de voga, carregadas de aves e de várias mercadorias, cargueiros em viagem noturna, condutores de ovelhas e garrotes, peregrinos com velas de cera enfeitadas – todos dirigiam-se às freguesias, indo levar as oferendas votivas ao Divino Espírito Santo, cujos milagres tanto o exalçavam na crença anônima das populações em peso.

No Rio Bonito, muitos dias antes das novenas, as *bandeiras* se recolhiam à matriz, onde prestavam as últimas contas ao festeiro, que se

ocupava desde logo em mandar levantar o coreto para a música e o esplendoroso império, que servia de um lado para o leilão das ofertas.

Apenas começavam as novenas, os carros de bois trazendo famílias, romeiros a cavalo sulcando as estradas, peregrinos livres e escravos caminhando a pé, demandavam a matriz da vila, cujo largo espaçoso e de moldura selvagem arrastava-se em suave elevação, indo abraçar a alva igreja que se levantava no alto.

Durante os nove dias que precediam a festa, logo que os foliões lobrigavam romeiros em marcha, para eles se encaminhavam a fim de buscá-los, cobrindo com a festiva bandeira as oferendas da fé, que eram retribuídas com registros maiores ou menores, com pombinhas do Divino, de ouro, de prata ou de chumbo, conforme o valor das promessas.

E a música e os cantares recomeçavam, ao religioso fervor dos roceiros, que tiravam o chapéu, dobravam o joelho diante da bandeira, envolviam-se em suas fitas, beijavam o Divino e aproximavam-se da matriz.

O Divino Espírito Santo

É um grande folião,

Amigo de muita carne,

Muito vinho e muito pão.

Meu Divino Espírito Santo,

Divino e celestial,

Vós na Terra sois pombinha,

No Céu pessoareal.

E ao escurecer, aos primeiros repiques das novenas, as fogueiras estavam acesas no largo, o povaréu sentado ao acaso ou apreciando o leilão, o pata-choca do leiloeiro, de opa vermelha e salva de prata, apregoava ofertas, fazendo rir a multidão, que arrematava roscas, pão-de-ló, segredos, marrecos, galinhas e o mais que havia, aos *piques* às vezes convencionais, que exageravam os preços.

À igreja bordada de luzes e ao reflexo vivo das arandelas do coreto e do *império*, descobria-se o tablado para as danças de Velhos e Jardineiros, que deliciavam em extremo aos espectadores entusiastas.

E o povo bradava: toca a música!

O leiloeiro:

– Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três... Scio! Scio!?

Todo o ho mem que é ca sa do
Deve ter seu pau no can to,
Para ben zer a mul her
Quando estiver de que branto.

– Bravo! Bravíssimo!...

– Toca a música!...

Eis senão quando, o jocoso leiloeiro, tomando de um casal de pombos com as asas amarradas de fitas, arqueava o braço, adiantava-se para o batente, arrulando, apregoando:

– Currupacos, papacos... Quanto dão pelos pombinhos?

E os lances choviam, os namorados metiam-se em brios, despendendo-se grandes quantias na aquisição de prendas.

Na manhã da festa, os bandos mascarados percorriam a cavalo as ruas da vila, e o festeiro mandava distribuir pelos pobres presentes de carne e de roscas, belos quartos de carneiro e finíssima farinha, em louvor do Divino.

Antes, muito antes da missa cantada, o largo regurgitava de povo, os sinos repicavam a miúdo, os roceiros buscavam as imediações, repimpados em suas cavalgaduras magras, sentados nos carros à espera.

A música de barbeiros, contratada para essas festas na época a que nos reportamos, lá se achava no coreto; o circo para as cavalladas delineado com esmero; sendo ao terceiro dia assentadas as estacas para o fogo de artifício, que faziam vir da corte.

Entrando a solenidade religiosa e durante todo o ato, só se ouviam os repiques de sinos; as girândolas de dúzias de foguetes estouravam sem conta; o povo perambulava em todas as direções, olhando embasbacado para os vistosos palanques e os embandeirados galhardetes.

Nisso apareciam os doze *velhos* cabeçudos, com suas competentes lunetas, suas casacas de rabo de tesoura e de botões de papelão, andando curto, arrastando os pés, que seguiam para o tablado, às risadas dos espectadores, que lhes aplaudiam o desgarre.

Pouco mais tarde as danças dos *jardineiros* e a dos *alfaiates*, vestidos a caráter, sendo este costume um prolongamento do que era de estilo nas grandiosas festas do tempo do Rei.

O movimento não podia ser mais ativo, nem mais pitoresco e a alegria e a devoção maravilhavam, transparecendo do quanto se via e observava.

E a festa, pomposa, opulenta, magnífica terminava na igreja, à subida dos últimos foguetes que sibilavam rebentando as bombas, ao aspecto do adro do templo, repleto do povo que saía, trazendo cada devoto ou devota o seu registro e a sua pombinha do Divino.

Nesse instante duas extensas e volumosas alas se formavam da matriz ao império; não havia família da cidade ou do lugar, escravos ou roceiros, que não se adiantassem no tumulto, inclusive os moleques traquinas, cada qual com sua flecha de foguete estourado, para ver o imperador do Divino com a sua comitiva que, no império de sarrafos e de bambinelas de paninho, tinha de presidir aos exteriores festejos.

E a irmandade, de opa encarnada com borlas de ouro, empunhando tochas acesas, precedia ufana o imperial séquito.

Os *ferrinhos*, os pandeiros e os *pratos* tiniam, os tambores rufavam, as violas enfeitadas casavam-se às vozes dos foliões bem vestidos, que, desde a porta da igreja, cantarolavam.

E conjuntamente, no centro de quatro varas pintadas de encarnado, vinha o imperador, um menino de dez a onze anos, vestido de casaca de veludo verde e manto escarlata, calção, meias de seda, sapatos afivelados, com coroa e cetro, tendo ao peito o refulgente emblema do Espírito Santo. Dois *mordomos* de casaca, chapéu de pasta, espadim e calção suspendiam-lhe o roçagante manto, e todos com a folia tomavam lugar no império, artisticamente adereçado para recebê-los.

A música tocava, as danças principiavam, assistindo à função o imperador, repimpado em sua bonita cadeira, e diante de uma mesa coberta de uma colcha de damasco, na qual, além da coroa e cetro que descansavam, via-se uma grande salva de prata para as esmolos, grandes maços de registros e pombas do Divino para serem distribuídos.

Nesta ocasião corriam as cavalhadas, executava-se o tradicional torneio de *Cristãos* e *Mouros*, o leilão rompia caloroso em uma banda do império, interrompido por pilhérias do leiloeiro e gargalhadas do povo.

Pelas quatro horas da tarde tudo ficava interrompido: o imperador retirava-se para voltar à noite, a gente dispersava-se na maior parte. Algumas famílias estendiam esteiras e jantavam no campo da igreja; e os roceiros de paragens longínquas acomodavam-se do melhor modo, em prazenteiros bandos, fazendo suas refeições campestres.

E caía a noite...

As fogueiras do largo abriam clarões; o frontispício da matriz ornado de copinhos de cores, à semelhança de extensos colares, de preciosas gemas fundidas, destacava-se fantástico; o império e os coretos refletiam o chão e no ar o fulgor de suas luzes radiantes e profundas...

Entrava o *Te Deum* e com ele os mais folguedos da manhã, à exceção do curro, que findava por vencer um partido, geralmente o dos *Cristãos*, que era vitoriado com palmas e clamores.

Honrados sempre com a assistência do imperador, comparecendo como figura obrigatória o leiloeiro que alegrava a multidão, essas festas duravam mais de dois dias, reservando-se para a última noite o riquíssimo fogo que atacava-se cedo, devido à conveniência dos devotos que residiam distante.

Como antigamente na corte, no Rio Bonito e nas demais paragens da província do Rio, as famílias e o povo em tropa acampavam ao ar livre, ceavam lautamente, apreciando o deslumbrante espetáculo das festas em sua simplicidade primitiva.

E a primeira orda estrondava, desdobrando um leque luminoso e trêmulo, que ia bater irradiando-se na porta da igreja...

A este sinal, a gente de mais longe movia-se, atropelava-se, tomando seus carros e cavalos para a volta.

– Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três... Dou-lhe tudo desta vez!...

– Quanto dão pelo *segredo*?

– O fogo tem fumaça! Fora o fogueteiro! Bradava o povo, assoviando, vaiando a arte pirotécnica da corte, individualizada no artista

que corria tonto e atordoado, atendendo ao mais leve incidente de ocasião.

As fortalezas e a fragata salvavam, o barbeiro amolava a navalha, girando na roda, terminando a festa pela – *Glória do Divino* – vistosa peça que queimava no fim, esclarecendo o simbólico painel do Espírito Santo que despertava delirantes aplausos do povão admirado.

À meia-noite, quando um ou outro morrão aceso caía em lágrimas das rodas queimadas, já tudo estava deserto, ouvindo-se apenas nas estradas os guinchos dos carros de bois, o tropel dos cavalos, e o rumor de vozes dos romeiros que demandavam o lar deixado.

Na casa do festeiro roncava o baile!...

.....

A Noite de Natal

(BAHIA)

As canções populares, apropriadas às festas e cerimônias da Igreja, a começar do século XIII, desenvolveram-se em esfera mais ampla e com atitude mais autonômica.

Distanciando-se dos cantos puramente litúrgicos, encontra-se todavia nesse gênero de composições, de caráter religioso, a adaptação de sentimentos profanos; de sorte que o pensamento profano e o pensamento religioso nelas se alternam, não apagando de todo, porém, o relevo artístico de seu tipo de origem.

Poesia de colaboração anônima, o seu valor é considerável como contribuição ao estudo de fases poéticas e do ideal religioso, que, não há negar, é a atmosfera fisiológica da razão popular.

Os autos e *cheganças* da noite de Natal remontam ao alvorecer da Idade Média, época em que os *natais* – produções em verso destinadas a celebrar o nascimento de Jesus, confundiam-se com as composições sagradas; e em que os trovadores e menestréis, seguindo as procissões solenes, os iam exhibir nas *lapinhas*, em visita ao Messias no presepe de Belém.

Então esses personagens, vestidos de pastores e reis Magos, dedilhando as cordas de seus instrumentos, dançavam e cantavam as suas danças e canções, representavam os seus *mistérios* diante do berço de palhas do Messias das nações.

No meio dessas cenas pitorescas, desses dramas infantis, a poesia imitativa tocava ao seu apogeu, por isso que a grande nova emprestava no lirismo voz aos animais, *que expandiam as suas alegrias* pelo nascimento do Deus Menino.

Em seus louvores, o coro era uníssono, os tocadores de cítara partiam nos harpejos cordas vibrantes, e os poetas entregavam-se ao fervor piedoso de suas inocentes inspirações.

Mais tarde os bretões adotaram esses usos, que se generalizaram na Europa, variando a forma, mas conservando o fundo da tradição.

Tais costumes, até à primeira metade deste século, refletiram seu caráter antigo na musa popular da Espanha e de Portugal, passando-se deste último país para o Brasil com as primitivas levas colonizadoras.

As *janeiras* dos campos, aldeias e cidades da metrópole, essas usanças tão gatas aos nossos maiores, essas noites de Natal da nossa terra, que o vulto das invasões estrangeiras, descravando dos horizontes a derradeira estrela, entenebrece em breve, arquejam para morrer nas províncias do Norte; e os seus ecos, de gerais que eram, apenas se fazem ouvir naqueles centros, felizmente improfanados, ou nos céus da Bahia – o lar clássico das tradições nacionais.

Aí a noite de Natal ainda é uma reminiscência que consola, um sonho de quem adormece em sua pátria ao perfume inebriante e selvagem das mangueiras em flor!...

Os sinos da freguesia repicam, anunciando a missa; o Terreiro alveja nos torsos de cassa das mulatas e crioulas chibantes; os adros do Colégio, de S. Domingos e de S. Francisco, apinhados de devotos, são os apris cos da que las ovelhas des per tas.

Os tocadores de violão preludiam chulas e toadas; os cantadores acompanham os concertistas ambulantes, cantam quadras apropriadas, versos oportunos.

Os escravos de bons senhores enchem espaços circunscritos das algazarras dos batuques, das matinadas dos *canzás*, das dissonâncias atroadoras de seus *tabaques* grosseiros.

Aqui e ali, uma porta range nos gonzos e fecha-se: são as famílias que, precedidas do chefe, encaminham-se às igrejas, vagarosas, rusguentas, intermináveis...

A cidade e os arrabaldes ostentam-se magníficos pelo movimento que os anima, pelas músicas que se executam de várias casas, pelos presepes floridos que se avistam de fora.

Como uma cadeia de prata, cujos elos partidos encontram-se nos ares, assim são os tinidos trêmulos dos pandeiros; como as vibrações de uma gargalhada convulsiva, que cresce e decresce para recomeçar de novo, assim são os estalos gradativos das castanholas.

Os bailes pastoris, que desenham com mais firmeza os traços fisionômicos da noite de Natal na Bahia, executam-se nas habitações remediadas e pobres, e nos palácios dourados da opulência.

É que nesta noite a sorte difunde igualmente os seus risos pela trilha afanosa do proletariado e pelas alamedas em que a fortuna espalha os seus bens!

Através das grades de pau dos postigos esburacados, os clarões que coam, parecem as crisálidas de ouro, de onde se desatam as melodias que voam...

Os bordões argênteos dos violões, contrastando com os dedos negros dos tocadores crioulos; as pastoras bronzeadas e da cor do ébano, dançando, cantando e dialogando em frente de um presepe de galhos de pitanga; aquelas mulheres de turbantes vistosos, adornadas de colares, braceletes e pedrarias, deleitam e transportam melhor a imaginação às regiões do Oriente, à pátria do sol.

Dir-se-ia que aqueles bustos fundidos de trevas e de crepúsculos morenos, fizeram parte da comitiva dos reis de Sabá, da Pérsia e da Babilônia à mensagem de Belém; que aqueles clamores, erguidos por um povo de raças diversas, nada mais eram do que o eco enfraquecido, por quase dois mil anos, do rumor das caravanas dos Magos com o seu séquito de reis vencidos, odaliscas e cativos, com seus camelos que se ajoelhavam ao peso das resinas e do ouro, dos amuletos e dos diademas

de cem dinastias, para ofertarem ao Deus nascido – Àquele que tinha de fazer desaparecer os brilhos das noites do Oriente e levantar em esplendores as manhãs frias e orvalhadas do Ocidente!

Na noite de hoje, os bailados mais ou menos ricos, os presepes mais ou menos característicos, falam ao ideal das classe diferenciadas; as trovas incultas são descartadas, os autos inéditos desempenham-se à porfia, e a Missa do Galo constitui o objetivo de algumas famílias que se retraem e dos indivíduos que observam os ritos do Natal.

A partir das 8 horas, nas casas de tratamento, as polcas e valsas estuam nos salões; as luzes profusas dardejaram raios de âmbar; as encantadoras baianas deslumbram, girando nas danças elegantes, e os repentistas laureados glosam motes aos aplausos justíssimos.

Em quadra mais remota, esses grandes mestres de toda a poesia do improviso chamavam-se Moniz Barreto, Dr. Sinfrônio Álvares Coelho, Laurindo Rabelo, A. de Mendonça, João Freitas, Dr. Luís Álvares dos Santos e tantos outros, que eram os poetas da religião, da pátria e da família.

Desses apenas existe o Dr. Sinfrônio, que, quase estranho à geração atual, aí vive ignorado, mas nunca na admiração expansiva de quem, como Franklin Dória e o obscuro escritor deste livro, inclina-se ante o prestígio glorioso de seu nome e a superioridade resplandecente de seu talento.

No salão repleto de rosa se fantasias, alentado ao sopro dos cantos dos dias nacionais, o presepe alteia-se majestoso, com suas arcadas vegetais e aromáticas, seu horizonte largo e azul, sua lua transparente e sua estrela legendária.

Adiante de uma paisagem sem arte, de arvoredos de pinho pintado, fileiras de casinhas brancas estendem-se, confinando com duas fortificações encimadas por tropas francesas, guarnecidas de peças de artilheria, tendo aos ângulos atiradores, que disparam espingardas e calam baionetas.

As ruas são na generalidade pouco populosas, a menos que algumas figuras, fornecidas pela quinquilharia francesa e alemã, não se lobriguem salteadas, mais vulgarmente zuavos e mouros.

O chão é sulcado de pastagens e espelhos fingindo lagos; sobre esses lagos patinhos e peixes de vidro, cordeirinhos e cabras, tudo sem nexos, disparatado.

À direita estão S. José e a Virgem, que apresenta o Menino aos três reis Magos, seguidos de aldeões e lavadeiras com trouxas de roupa à cabeça, e de pastores tocando gaitas e sanfonas.

Pequenos lampiões de gás, repuxos, faróis e moinhos de vento, completam a vista geral dessa cidade, onde a imaginação pouco exigente dos festeiros coloca o berço de Jesus.

De instante a instante, os convidados que dançaram e os convidados que chegam, aproximam-se; dos que entram, alguns suspendem as folhagens, que se abraçam no ápice, formando o pórtico do presepe, flores nativas, frutos sazoados, ou depõem na superfície plana dádivas de primor.

De repente, um arrufar de pandeiros e adufos, um estalar ardente de castanholas, um planger de violões e guitarras, um respirar macio de frutas, caem como uma vaga no feérico recinto, envolvendo numa nuvem sonora o ânimo predisposto da assembléia.

Os circunstantes, afastando-se para os lados, deixam um claro à passagem dos figurantes dos bailes pastoris – dramas que, apesar de não serem feitos por poetas de profissão, conservam-se, com a sua melodia musical, nos arquivos orais do povo baiano, por isso que exprimem crenças e sentimentos que primitivamente o embalaram.

Sem aviso prévio, como saber-se quantos se representam e suas denominações?

Será o *Baile da Liberdade*, o do *Filho Pródigo*, o de *Um Marujo*, o da *Lavadeira*, o de *Cupido*, o de *Oito Pastores e um Guia*?...

Será um ou mais, visto como podem executar-se até três, elevando-se o seu número a cinquenta, com certeza, todos com motivos diferentes, músicas especiais, protagonistas distintos?...

E a fruta, preludiando acordes conhecidos, dá sinal de entrada ao *Baile das Quatro Partes do Mundo*...

Neste auto, como em todos os outros de que temos notícia, o ritmo assemelha-se ao dos salmos e cânticos da liturgia romana, pela

maneira por que a expressão faz ressaltar as palavras, notando-se deveras a entoação e disposição melódicas apropriadas aos textos.

E os pandeiros tinem... As moças, vestidas de branco, chegam-se mais perto; os que conversavam às janelas voltam-se rápidos, e, de costas para a ruas, encruzam os braços, traçam a perna, atentos, calados.

Nas praças e nas ruas a multidão passeia tumultuária; nas asas daquele burburinho, daqueles tropéis nas calçadas, o grito imitativo do canto do galo sobe e esvai-se, no meio de algazaras insensatas, de tumultos efêmeros.

E os pandeiros arrufam, e a orquestra ensaiada dos bailes é mais estridente...

À guisa de prólogo, como preparo do drama, a Europa vai começar a peça.

Fantasiada com esmero, sacudindo a poeira da alvorada de seus cabelos louros, parecendo não ter mais de onze anos, uma menina, em terceiro passo de dança, aparece quebrando alternativamente os flancos, inclina-se diante do Menino Deus, desviando-se após, bailando, parando, cantando:

Eu venho adorar contente
Ao Menino Deus nascido,
Sacrificar o meu peito
Aos seus amores rendido.

E virando-se para o presepe e para o auditório, declama graciosa a loa obrigatória.

Europa toda vos rende
As grandezas que em si tem,
Pois só a vós reconhece
Ser um deus e sumo bem.

Respeitando as *rubricas*, tendo as vestiduras características, corretamente ensaiados os cantos que precedem a recitação das loas, apresentam-se sucessivamente a África, a Ásia e a América que, aos triunfos espontâneos, cantam e declamam:

África

Como senhora do universo
Vostríbutohumilhação,
As potências de minh'alma
De todo o meu coração.

Loa

África, terror do mundo,
Soberbaevangloriosa,
Para adorar o Messias
É humilde, é amorosa.

América

Com profunda adoração
Adorarve nho ao Messias,
Filho do Eterno Padre
E da ben dita Maria.

Loa

As belas preciosidades
Que em si a América cria,
Todas vos entre go, Senhor,
Com grandeza e bizarria.

Ásia

Com humilde reverência
Os pés te ve nho beijar,
A minh'alma e o meu corpo
Nas tuas mãos entre gar.

Loa

Ásia fiel te oferece
Todos os seus cabedais,
E maior oferta faria
Se possuísse ainda mais.

Depois desta loa, empenha-se um debate entre as Quatro Partes do Mundo, que disputam entre si preferências de lugar, de força, de antiguidade, sabedoria e riqueza, no acolhimento de suas oblações à embaixada de Belém.

Esse diálogo é de uma simplicidade tocante, de uma religiosidade que faz reviver as flores das crenças mortas da infância, que mirraram-se ao entardecer da vida.

As luzes tremem nas vestimentas de penas e veludo, nas pulseiras e nas lentejoulas que faíscam...

A melopéia inicia-se agradável, pouco variada, sem estilos corretos...

Ao ouvir-se as notas dessa música monótona e um tanto solene, essa acentuação de quem tem na garganta o gorjeio de todas as aves, a modo que se sonha, ao balanço quieto da rede, às margens de algum rio das nossas florestas virgens!

Os assistentes nem falam; compenetrados da cena que se desenrola esplêndida, parece que contemplam absortos o frontispício cromático da epopéia da Redenção.

O dono da casa, com sua roupa de brim branco e gravata encarnada, e a senhora com seu vestido de musselina, lencinho de seda ao pescoço, obsequiosa, folgazã e boa, procuram a companhia das moças e das pessoas mais velhas com as quais distribuem finezas em abundância.

As crias de estimação e as mucamas postam-se nos corredores; emoldurados nos caixilhos da alcova fechada, arregalando uns olhos pasmados, comprimindo o nariz chato e a boca vermelha contra o vidro que embaciam com o hálito, os moleques e as negrinhas espiam o espetáculo e somem-se, avistando o senhor.

Quase meia-noite, os sinos repicam a miúdo, as igrejas abrem-se aos fiéis, a Missa do Galo não tarda no altar.

O povo tumultua... Na varanda, o barulho dos pratos denuncia os preparativos da lauta ceia.

O drama das Quatro Partes do Mundo tende à catástrofe. A Ásia, a África e a América, não se conciliando, intervém um árbitro para decidir do pleito.

E um personagem de longa túnica cinzenta, decrépito, empunhando uma foice, encaminha-se lento e alquebrado para a cena:

– É o Tempo.

Seu gesto é grave e a sua palavra enérgica.

O Tempo (falando)

Naquele ponto escondido
Estive ou vindo o vosso enfiado,
Ásia tem muita razão
No seu falar apressado.

Europa, América e África

Quem és tu, meu velho honrado,
Que tanto a Ásia de fendas?

Tempo

Sou o Tempo estragador.
Creio que agora me entendes.

Ásia

O que for de vosso gosto
Sujeito a vossa vontade;
Pronto estamos, haja pois
União e amizade.

Todos

Agora formemos baile
Das Quatro Partes do Mundo

Tempo

Eu acaíando a ele
Serei o Tempo jucundo.

Todos

Com prazer, com alegria,
Todos com voz sonora,
Tribuemos a Jesus,
E à Virgem Nossa Senhora.

O Tempo (cantando)

Eu, como o Tempo que sou,
Me prostro mais reverente;
Pois nas ces te nes te mun do
Para salvação da gente.

Todos (cantando e dançando)

Reconheço a vós
Um Deus das alturas,
Senhor do universo
E das criaturas.

E um estrondo de palmas faz estremecer o salão... e uma chuva de flores, como um banho de perfumes, desaba sobre os atores, inundando o palco, que se transforma em um tapete iriado e de vaporosos aromas.

Esgotado o intervalo de uma hora, em que a sala esvazia-se, porque a ceia estava servida, a *ouverture* do *Baile da Lavadeira* convida os espectadores do auto anterior para esta segunda representação.

E correm todos ao recinto deixado, que se modificara com acessórios múltiplos: montanhas, a horta de Benta, etc.

As pastoras ajustam costumes bonitos e singelos, flutuam-lhes ao chapéu de palha fitas estreitas e de colorido vivíssimo; nos arregaços da saia curta pequenos topes de flores vicejam mimosos; do braço de cada uma pende uma cestinha com as oferendas ao Menino.

Os pastores, com trajes no mesmo gosto, agitam nodosos cajados, à voz da primeira Lavadeira, que, descansando num cepo, arriando uma gamelinha de roupa, modula suave, ao tom dos violões transportados, o verso de introdução:

Antes que o sol saia
Hei de madrugar,
Nas margens do rio
Onde eu vou lavar.

.....
.....

Terminando baile, uma nuvem de pássaros, como um bando de ciganos, emigrava, às opalescências do amanhecer.

E os pastores e lavadeiras, tocando em retirada, com as suas dádivas e seus louvores, a harmonias ritmadas, cantavam, desaparecendo:

A bar ra do dia
Já vem clareando...
Que belo Menino
Na lapa chorando...

E nos braços dessas cantilenas adormecera por mais um ano a noite de Natal da minha terra – o lar clássico do individualismo pátrio e das tradições nacionais!...

.....

A Véspera de Reis

(BAHIA)

H

á dias no ano em que o povo precisa fazer-se criança. Contrariar esta lei, é torná-lo triste, desgraçado.

Essa bem-aventurança popular, esse esquecimento momentâneo das lutas pela vida, só a religião largamente proporciona, visto como exclusivamente ela algema as dores que as sociedades desencadeiam nas contingências imediatas, nos acontecimentos decisivos.

A política, que, não sendo exercida por individualidades culminantes, é ofício de vadios, não absorve esse gigante de cem faces, que vive porque combate, que não morre porque é de uma complexidade que se regenera no tempo, no clima e na ação.

Em qualquer dos estados, a crença tem para o povo estrelas que o iluminam, horizontes que abrem-se em alas, grinaldas de primavera que lhe perfumam e ensombram a frente nas calmarias da existência.

Dos dias de que falamos são sucedâneos aqueles em que a pátria comemora os seus feitos, relembra as suas glórias.

Viajamos sete anos e fomos hóspede da Inglaterra, da França e da Bélgica: nesses países, quanto amor à obra do passado, quanta felicidade às tradições seculares!

E serão estas, porventura, mais belas ou menos ridículas do que as que recebemos de Portugal, que associou-se com desgarre à evolução produzida pelo cristianismo, na poesia, na ciência e nas artes, desde os primeiros vagidos da Idade Média, influenciando-lhe no progresso, fecundando-lhe as lendas, nobilitando-se na antiguidade de seus costumes?

Entretanto a Europa conserva e afaga o que possui, e nós nos envergonhamos do que nos honra e define!

Dos acontecimentos ensangüentados de nossa história política e dos períodos brilhantes de nossa literatura, nem mais nos lembramos; perdemos as nossas tradições e as nossas festas, e ficamos sem elas e sem outras que as supram!

É que vamos sendo pacificamente reconquistados... E a árvore das nossas tradições, cuja sombra alongava-se por todo o país, sopra de inverno prematuro despe-lhe as folhas e a impele para o aniquilamento...

Ainda um instante amparando-a na sua queda, assistamos a uma véspera de Reis em nossa província.

A véspera de Reis na Bahia é um corolário da noite de Natal. São irmãs quanto à origem, diferindo na vida de relação.

Para os homens que estudam, o interesse de diferenciação entre as festas do Natal no Brasil e congêneres no estrangeiro é enorme. Na Europa há um único fator, que é o elemento nacional; entre nós há três: o elemento branco ou português, o africano, e a resultante de ambos – o mestiço.

Do modo por que eles contribuíram e se consubstanciam; do caldeamento estético que dá o colorido local a costumes que se foram modificando desde a colônia, ressalta o encantamento etnológico, a feição nacional.

Da noite de Natal, que se passa nos templos e nos domicílios; dos bailes pastoris – a poesia popular erudita – e dos salões soberbos, desçamos às praças e ruas, e observemos o povo que se diverte em ranchos nômadás, presenciemos as *cheganças* ao ar livre, e o singular

espetáculo do *Bumba-meu-boi*, auto inculto, que se representa mais vulgarmente nas humildes e francas habitações dos arrabaldes.

Na Bahia, os presepes, os bailes de pastoras e os descantes de Reis, prolongam-se até o carnaval. – É o tempo das mangas, das músicas e das mulatas!

Dessa noite em diante, os cantadores de Reis percorrem a cidade cantando versos de memória e de longa data.

Esses ranchos compõem-se de moças e rapazes de distinção; de negros e pardos que se extremam, às vezes, e se confundem comumente.

Os trajes são simples e iguais: calça, paletó e colete branco, chapéu de palha ornado de fitas estreitas e compridas, muitas flores em torno, etc.; as moças, de vestidos bem feitos e alvos, de chapéus de pastoras; precedendo-os na excursão habilíssimos tocadores de serenatas.

Levando-lhes talvez vantagem pelas ondulações do andar, pelo arredondado das formas lascivas, pelos dentes de pérolas em bocas de ônix, ou orvalhos matinais nas rosas do amanhecer, as crioulas e mulatas acompanham os seus pares, tremendo-lhes o seio por baixo de um nevoeiro de rendas finíssimas, estalando a chinelinha preta e lustrosa, atirando com negligência o pano da Costa, matizado e caríssimo.

Mulheres e homens, meninos e meninas, batem, ao compasso da música, leves pandeiros, ou tocam, nas mãos entreabertas e suspensas, castanholas que atroam.

Destoando do concerto magnífico, lá cresce o rancho dos *bucumbis*, que são negros e negras vestidos de penas, rosnando toadas africanas, e fazendo bárbaro rumor com seus instrumentos rudes.

Dos *bucumbis* não sabemos o rumo.

Os ranchos, ao fogo dos archotes, ao som das frautas e violões, dos cavaquinhos e pandeiros, das cantorias e castanholas, dirigem-se: ao presepe da Lapinha, às casas conhecidas em que se festeja o Natal, ou tiram Reis à aventura do acaso.

A partir das oito horas começam a desfilar os primeiros bandos. Embora prevenidas, as casas que os têm de receber conservam a porta fechada, não obstante os dramas pastoris e as danças estarem em atividade.

Chegando um deles ao ponto convencionado, à casa em que deve entrar, a música preludia o canto, que rompe, seguido de coros:

Ó de casa, nobregente,
Escutaieou vireis,
Lá das ban das do Ori en te
São che ga dos os três Reis.

Do let ar go em que ca ís tes,
Acordai, no bres se nhores,
Vin de ou vir no tí cias be las
Que vos tra zem os pas to res.

Nesta no ite tão di to sa
É bom que vós não durmais,
Por que tão alta ven tu ra
Não é jus to que per ca is.

Vin de ou vir sim ples can ti gas
De gros seiros cam po nes es,
Da sal de ias con du zi ndo
Cor de iro se mansa res es.

As serra nas en fei ta das,
De pra ze res vêm sal tan do;
Os man ce bos e os ve lhi nhos,
To dos, to dos vêm che gan do.

Ó se nhor dono da casa,
Quer que lhe diga quem é?
É um cra vo de ama ran to
Com sua açu ce na ao pé.

Se nho ra dona da casa,
Mande en trar, faça fa vor,
Que dos céus estão ca in do
Pin gui nhos d'á gu a de flor.

Inda bem,
Há de vir!
Que so mos de lon ge
Que re mos nos ir...

Depois destas e de muitas outras trovas clássicas, a porta abre-se, o rancho entra, e, chegando ao presepe, entoa novas canções e novos acompanhamentos:

Bravo, bravo, bravo!
Hoje é quem brilha,
O Verbo Humanado
Deus de mara vilha.

E ficam ou seguem, depois de comer e beber do que se lhes oferece.

Enquanto na cidade baila-se e tira-se Reis, em remoto povoado executa-se uma *chegança*.

É um largo espaçoso. Junto à matriz há um palanque, uma espécie de coreto sanefado e agalado, com muitas arandelas, de dimensões desafrontadas, realmente bonito.

À luz das *cabeças de alcatrão*, que fumam, fincadas aqui e ali, os espectadores, em bancos e cadeiras; em esteiras, no chão, algumas famílias mais modestas, com suas escravas e crias.

A música entretém o povo em multidão, tocando peças fáceis, chulas, fandangos.

O vigário, o juiz de paz, o mestre-escola e as altas influências do lugar conversam sobre eleições, discutem política geral e local.

Nesse ínterim o palanque adquire um aspecto atraente e encantador: da caixa desse teatro de improviso vêm ao proscênio *Cristãos* e *Mouros*, que começam a *chegança*.

As *cheganças*, no Norte, são autos de número restrito, em que toma parte certa classe popular de pequena elevação.

Os *Marujos* e os *Mouros* intitulam-se os de que temos notícia, constantemente reproduzidos por ocasião das festas de Reis na Bahia, Pernambuco e Alagoas.

Na dos *Mouros* os interlocutores são muitos, as músicas distintamente variadas, sendo o entrecho da composição um combate de abordagem entre cristãos e turcos.

Depois que termina a *ouverture* e serenam as palmas com que o auditório acolhe os artistas, o espetáculo principia, acompanhado de gestos, de versos cantados, de danças bamboleadas.

Destaquemos dos *Mouros* um trecho.

Piloto

Entre ga-te, rei mouro,
A essa nossa religião,
Aqui dentro desta nau
Há um padrecapelão.

Rei mouro

Entre gar-menão pretendo
Em meio de tanta gente;
Eu sou filho da Turquia,
Tenho fama de valente.

Brigam os dois, e o Rei mouro, vencido, cai aos pés do Piloto e canta:

Rei mouro

Mande-me chamar um padre,
Que que ro me confesar;
Esta ferida é mortal,
Dela não posso escapar.

O Piloto dá neste sentido as suas ordens, e o Padre se aproxima.

O Rei mouro, vendo-o, põe-se de joelhos, e entoia com graça e malícia:

Rei mouro

Señhor padre, me confesse,
Que sou filho do pe ca do;
Eu sou como *chamechuga*,
Quando pego estou pegado.

E logo, fingindo desmaio, dá um tombo, correndo em seu auxílio o Contramestre.

Contramestre

Vide cá, Laurindo,
Vai de pressa na botica,
Tra galá a medicina
E vê bem como se aplica.

As cenas sucedem-se interessantes e instrumentadas, concluindo-se o auto com esta quadra do Piloto:

Piloto

Ó nau fra ga ta, ó nau fra ga ta,
Eu vou te perguntar,
Se este brejeirinho
Sabecomandar...

A que todos respondem em coro, retirando-se:

Gentes, que terra é aquela,
Terra de tanta alegria?
É o Largo de Bon fim,
Vamos adorar Maria.

Enquanto os atores e o povo dispersam-se em lufa-lufa, ao clarão dos fogaréus, em Itapajipe, Rio Vermelho, Nazaré, etc., o *Bumba-meu-boi* e a *Burrinha* constituem as delícias de núcleos festivos.

O *Bumba-meu-boi* é o divertimento da canzoada, da gente de pé rapado.

Tirai da véspera de Reis o *Bumba-meu-boi*, e estai certos de que roubareis à noite da festa o que ela tem de mais popular em todo o Norte do Brasil, e de mais nosso, como assimilação de produto elaborado.

Este auto de caráter grotesco, em duas cenas, entremeado de chulas, de diálogos patuscos, e desempenhado por personagens extravagantes, é tudo quanto há de mais curioso no tempo de Natal.

Contaram-nos que no Ceará e Piauí, terras de gado e vaqueiros, a originalidade desse drama, que tem por protagonista um boi, é extraordinária.

No geral, as peripécias são animadas, o cortejo do Boi é apropriado, e em quase todas as localidades esses espetáculos são dados em casa; excepcionalmente, o Boi dança nas praças públicas.

A distribuição da peça é a seguinte: o Boi, o Tio Mateus, a Tia Catarina, o Surjão, o Doutor, o Padre, o Vaqueiro e o Amo; na Bahia e Alagoas, acrescentam – o Secretário de Sala, o Rei, e Figuras que dançam, jogam espada e fazem de Coro.

Cada interlocutor tem o vestuário mais esquipático: é uma mascarada.

O Rei, o Secretário de Sala e as Figuras envergam capa e calção, trazem na cabeça coroa e capacetes prateados, meneiam espadas de pau, tocando, três ou quatro, violas e raramente outros instrumentos.

O Boi é um arcabouço feito de lâminas de pinho, coberto com uma colcha de chita, implantada no pescoço curto e um tanto triangular a cabeça pintada, com os competentes chifres.

Essa armação é levada às costas de um indivíduo, que, deixando-a cair, esconde-se debaixo, durante a representação.

É para as bandas da Boa Viagem... Os lampiões refletem luzes vivas nas ruas extensas, e as casas de humilde aparência conservam a porta escancarada até tarde, até muito tarde.

Na sala, ao balanço da rede, o pai de família julga-se feliz, acercado da mulher e da prole, que, à flama do candeiro, escutam de uma velha escrava os contos da *Madrasta*, do *Pedro Malazartes*, da *Moura Torta*, etc.

Outras há em que o Menino Deus, já de pé no presepe, mostra-se com sua camisinha de cambraia e cajadinho de ouro.

Nestas, as cantigas de Reis correm à porfia e sempre sonoras.

De súbito, interrompendo as histórias do tempo antigo, quebrando os descantes dos alegres pastores, um grito estrídulo, como o da locomotiva em distância, prolonga-se nos ares, parando com estrondo:

– Eh!... boi!...

E todos chegam às janelas e às portas, dando com os olhos em um vulto que ergue um archote e descansa ao ombro uma vara de agulhão.

E, ao granizo da chama, segundo grito fende o espaço, partido da boca pintada de vermelho de um cabra, tatuado de preto, de carapuça encarnada:

– Eh!... Airoso!

É o Tio Mateus, que, adiante do *Bumba-meu-boi*, previne à redondeza da aproximação do rancho.

De feito, minutos depois passa ele com a sua música tradicional, seu Boi galhardamente arranjado, e seu pessoal escolhido e completo.

No fim da rua param a uma porta, afinam as violas e cantam:

Aqui estou em vossa porta
Com figura de raposa,
Eu não venho pedir nada,
Mas o dar é grande cousa.

Se não ra dona da casa,
Bote azeite na candia;
Me perdoe a confiança
De mandar na casa *aeia*.

Abri a porta,
Se quiseris abrir,
Que somos de longe,
Queremos nos ir.

A porta abre-se, e a casa é invadida pelos foliões, à exceção do Mateus, o Boi e o Vaqueiro, que aguardam ordens.

A família e os vizinhos, que acodem pressurosos, fazem roda; acendem-se mais velas, as violas tinem e o negócio principia:

O Secretário de Sala (dançando e cantando)

Oi! Da prata e do ouro
Se faz o metal!
Oi! A sala dos Reis
É pra nós festejar!

Coro

Oi! A sala dos Reis
É pra nós festejar.

O Rei (sentando-se em uma cadeira)

Ó meu secretário de sala!

Secretário

Sou humilde para atender ao vosso chamado.

Rei

É preciso ver se não se acha aqui no nosso reino uma peça para alegrar o coração desta gente, que está piáu-piauí, como a mandioca lava da em nove águas.

Secretário

Vossa... vôla...

E o Secretário canta e dança, ao coro das Figuras...

Secretário

Moça que está na janela...

Coro

Olha bam ba, bam birá!

Secretário

Na mo ran do o que não viu...

Coro

Olha bam ba, bam birá!

Secretário

Olha a que rem mal tra tar...

Coro

Olha bam ba, bam birá!

Secretário

Olha o fi lho que não pa re ce...

Coro

Olha bam ba, bam birá...

Secretário

Oh! meu S. Be ne di to,

Que do mar vi es te...

Coro

Lê, lê, lê...

Secretário

A ca noa vi rou

Lá no fun do do mar,

Coro

O di a bo da ne gra

Não sou be re mar.

Aí, em tons acelerados e fortes, cantam e esgrimem espadas, o Rei com o Secretário, e as Figuras entre si, vindo sorrateiramente o Tio Mateus ocupar a cadeira do Rei.

Secretário

Olha fogo, olha guerra;

Coro

Fogos em terra;

Secretário

Olha fogo no mar;

Coro

É pra nos guerrear;

Secretário

Fogo faz o Secretário;

Coro

Fogos em terra;

Secretário

Olha fogo em nosso Rei;

Coro

Fogos em terra;

Secretário

Olha fogo nas Figuras;

Coro

Fogos em terra...

Finda esta cena, o Secretário de Sala manda Mateus buscar o Boi; Mateus dá um pinote, gritando:

Eh!... vem cá, Estrela!

Secretário

Está aí o boi, Mateus?

Mateus

Sim, meu sinhô.

Secretário

Quem me apresenta um vinho?

Que amanhã dou dois,

Pra comprar uma fita

E levar o meu boi?

Guiando o *Bumba-meu-boi*, que faz as evoluções mais gaiatas, entra o Vaqueiro, a cuja voz obedece o Boi, servindo-lhe de guarda de

honra as Figuras, que, ao compasso da música, marcham, erguem e abaixam as espadas, continuando no seu papel de coro.

Vaqueiro

Ora, entra, Airoso,
Ora, faz cortesia!

Coro

Eh! bum ba!

Vaqueiro

Ora, ao dono da casa
E à se nhor a tam bém...

Coro

Eh! bum ba!

Vaqueiro

Ora, *estrov* bonito;
Ora, dá uma pon ta da...

Coro

Eh! bum ba!

Vaqueiro

Ora, aqui no Ma te us,
Ora, brin ca bonito!

Coro

Eh! bum ba!

Nisso que o boi dança, às gargalhadas e palmas dos circuns-
tantes, Mateus dá-lhe uma pancada, e ele revira, esperneando.

O Vaqueiro assusta-se, encoleriza-se, e recomeçam:

Vaqueiro

O meu boi mor reu,
Quem ma tou foi Ma te us.

Coro

Eh! bum ba!

Mateus

Não, se nhor, quem ma tou foi o dono da casa.

Vaqueiro

Se nhor dono da casa,
Me pa gue o meu boi.

Coro

Eh! bum ba!

Vaqueiro

Vá cha mar o dou tor.

Coro

Eh! bum ba!

O Doutor chega, conduzido por Mateus, examina o Boi, prognostica moléstia grave, receita e pede a Mateus uma viola.

O Doutor toca e Mateus dança, dando tempo a que, em um lenço que atiram, as Figuras recolham o dinheiro.

Depois de muito toque e de muito fado, o Mateus agarra em um menino para com ele dar uma ajuda no Boi, que levanta-se, terminando o auto pela cantiga de retirada:

Oi! Da pra ta e do ouro

Se faz o metal!

Oi! A vesp'ra de Reis

É pra nos fes te jar!

.....

*A Procissão de S. Benedito
no Lagarto*

(SERGIPE)

D

e uma curiosidade verdadeiramente rara e deleitável são os costumes do Norte, derivados de várias épocas da colônia, e ali transformados segundo condições múltiplas.

Quer se estude aquele povo em suas festas locais e religiosas, quer em sua vida íntima exterior, a sua fisionomia desenha-se de modo distinto e em relevo próprio o assinala, marcando-lhe um lugar saliente e à parte.

Pitoresco e interessante em suas usanças tradicionais, expansivo e inteligente em suas manifestações variadas, seu viver o distancia da gente do Sul, que, arrebatada por outras correntes, desprende-se do passado, antecipando-se a um futuro que supõe melhor.

Assim, quem perlustrasse aquelas províncias, quem habitasse aquelas cidades e povoados, ora decadentes, veria que o povo tomava parte em todos os acontecimentos da vida nacional, e aparecia como individualidade representativa no que o país possuía de original e autônomo.

A procissão de S. Benedito, que se fazia anualmente no Lagarto, em Sergipe, descortinava uma nesga de tela moldurada à antiga, a restauração de uma dessas cenas em que se confundiam classes e castas, constituindo um todo harmônico, estranho e significativo.

Na plaga sergipana, a tradicional festa de S. Benedito celebrava-se na graciosa e elegante matriz de Nossa Senhora da Piedade, no dia 6 de janeiro.

Qual a causa desse anacronismo no calendário romano da localidade, não procuramos verificar; mas o que é exato é que a festa em questão, naquelas paragens, fechava o ciclo das janeiras, tal a sua pompa, tal o esplendor absorvente das do Natal e Reis.

Verdade era que um ou outro rancho de pastores, um ou outro terno da *Burrinha*, do *Bumba-meu-boi*, da *Caiporinha*, dos *Marujos*, etc., percorria as ruas, dançando nas casas, representando a tradição do Natal; porém não era menos evidenciado que o entusiasmo geral preferia a devoção de S. Benedito para tocar ao seu apogeu, ficando por conseguinte prejudicado o regozijo das natis e das lapinhas.

Como que para fazer compensação, a procissão de S. Benedito opulentava-se característica, distanciando-se das demais que conhecemos, pelos personagens extravagantes que nela figuravam.

A magna festa tinha por prólogo, no dia 1^a de janeiro, a retirada do *mastro*, consagrado ao Santo e que se achava fincado no Largo do Rosário, em frente à igreja.

Este *mastro*, que ficara do ano antecedente, deixava flutuar no topo uma bandeira branca com a estampa de S. Benedito, e logo abaixo meadas de cordéis, que recordavam os deliciosos ananases e estimadas frutas, ali suspensos outrora como embelezamento e para prêmios.

Esta folia, esta festança preliminar era exclusivamente dos negros: vestidos como de costume, ufanos de seu padroeiro, arrancavam do chão o enorme e pesado caibro, e o levavam carregado, processionalmente, dançando e cantando, em torno da igreja e em giro pelas ruas.

Negras trajadas de branco, um rancho de mulatas *Taieiras* e muita gente perfaziam o solene cortejo do *mastro*, que ia para de novo ser enfeitado, mudar a bandeira e receber frutas, garrafas de vinho, caixas

de doces, etc., que das alturas aguçariam o desejo do povo miúdo, da molecada infrene, a disputar-lhes a posse.

E o festivo *mastro* no burburinho da multidão, como a verga de um navio nas ondas da tempestade, se avançava ondulando, à porfia das danças, à alegria dos foliões e ao canto dos *Congos*:

Meu S. Benedito
É san to de pre to;
Ele bebe gara pa,
Eleron cano peito!...

E ao estribilho plangente das *Taieiras*:

Inde ré, ré, ré,
Ai! Je sus de Na za ré!...

*

Até o dia da festa nenhum cuidado atraía mais as famílias do Lagarto do que o objetivo do culto. As sagradas imagens passavam, à noite, para casas particulares, onde por devoção as adornavam com o maior luxo e riqueza.

Para enfeitar os andores havia mulatas prendadas, mucamas escolhidas.

Os fogueteiros aviavam as encomendas, as *Rainhas* estrelavam seus mantos roçagantes, os *Congos* e *Taieiras* ensaiavam suas evoluções, suas cantigas.

Na Praça da Matriz os preparativos tendiam a concluir-se terminando pela colocação dos copinhos de cores listrando a fachada do templo, o fincamento de estacas para o fogo de artifício, a pintura do palanque para o clássico leilão de prendas.

Isso durava até à véspera de Reis.

Ao amanhecer do dia da festa, já o povo afluía à igreja, vindo de léguas de distância muitas pessoas para assistir ao pomposo ato.

Na esplanada o olhar entretinha-se no pitoresco dos trajas vistosos, esquisitos e de colorido vivíssimo das sertanejas, cada qual com sua saia mais espantada, lenço de chita na cabeça, e belo xale azul ou encarnado, que realçava aos raios do sol.

Os tabaréus, de chapéu de couro ou de palha, véstia nova e calça de riscado, passeavam desconfiados, conversando entre si ou com algum habitante do lugar, em amistosa confiança.

A vila em peso, pode-se dizer, participava do folguedo: os senhores de engenho abalavam-se de léguas; o povaréu formigava nas estradas; negros escravos, dispensados do trabalho, festejavam o seu santo, descuidosos, contentes, felizes!

E aos garridos repiques dos sinos, os fiéis enchiam o templo; S. Benedito, que tinha vindo cedo para a festa, achava-se presente; e o vigário, paramentado, encaminhava-se com os demais sacerdotes para o altar-mor, começando a cerimônia.

Ocupadas as tribunas, repleto o corpo da igreja, apenas a missa estava no altar, as bombas estouravam, os foguetes sibilavam flechando o espaço, e lá fora, o povo em penca no adro impacientava-se pelo sermão, que era sempre pregado por afamado orador.

E num *crescendo* ia a solenidade, o deslumbramento religioso, terminando a missa cantada, a festa da manhã, com a retirada, aos encontros, dos reverentes devotos, trazendo cada um o seu registro enrolado e atado de fitas.

À tarde, desta mesma igreja saía a procissão de S. Benedito.

No Largo do Rosário, como nesta praça, havia galhardetes, folhagens, fogueiras armadas que alumiarium a noite com sua chama brilhante.

À porta das casas, que circulavam a Matriz, alongavam-se filas de cadeiras, em que as famílias sentavam-se, para apreciar os festejos e esperar a procissão.

E o sineiro subia à torre... Movimento confuso alvoroçava a multidão... A procissão saía.

Rompendo a marcha, o porta-estandarte da irmandade, vergado para trás e olhando para cima, aprumava o guião, equilibrado igualmente por quatro indivíduos que sustinham as pontas das cordas.

A este grupo precursor, sucediam-se irmãos da confraria, com tochas acesas, conduzindo pela mão os anjos primorosamente vestidos, habilmente caracterizados.

E ao som da música, à toada popular de conhecidas trovas, destacava-se em aparatoso andor a imagem de Santo Antônio, de tamanho natural, que recolhia cultos e louvores.



As três Rainhas

A irmandade o seguia com seus anjinhos de asas de seda e escumilha, de saíotes e corpinhos com lentejoulas, refletindo-lhes na pedraria dos diademas as luzes das tochas avermelhadas e baças.

E as vozes soavam mais fortes, ao choque surdo de pancadas sem eco, à queda de passos que batiam no chão...

Logo depois, balançando em outro andor, avultava aéreo o bonito S. Benedito, rindo, com os dentinhos de fora, para o Menino Jesus que trazia deitado nos braços.

E três negras, fantasiadas de rainhas, arrastando compridos mantos, com suas coroas douradas, caminhavam após, ladeadas de *Congos* vestidos de branco e com enormes barretinas de linho, enlaçadas de fitas e recamadas de miçangas.

Em trânsito, seguindo o andor, uma luta travava-se entre as duas alas de negros, que disputavam, batendo-se, a coroa da que ocupava o centro, e a quem chamavam a *Rainha Perpétua*.



Os Congos

E, digladiando-se com espadas de ferro, dando viravoltas e cadenciando os flancos, os *Congos* adiantavam-se no préstito, cantando, ao calor da peleja, no renhido combate:

Fo gos em terra,
Fo gos no mar,
Que nossarainha
Nos há de ajudar!...

Nesta procissão havia andores de comparecimento obrigado, bem assim o de Santa Ifigênia, que a gente da terra assegurava ter sido *parda*, o que acreditamos ser um recurso dos padres para agradar à mestiçagem e encaminhá-la aos deveres do culto.

E a congada, infatigável na ação, no manejo das espadas, repetia o seu canto, em diapasão vibrante e bárbaro.

Fo gos em terra,
Fo gos no mar,
Que nossarainha
Nos há de ajudar!...

O efeito dessa luta, que nem sempre terminava pela vitória de um dos partidos contendores, era geralmente apreciado; cabendo ao que conquistava pelas armas a régia coroa, um prêmio, uma dádiva em homenagem.

Continuando a desfilar o préstito, regularmente precedido de irmãos de opa e anjinhos, o pesado andor de Nossa Senhora do Rosário aproximava-se, custoso de aparato e deslumbrante de riqueza.

Os preciosos adereços da Virgem faiscavam aos revérberos do sol poente e a prataria brilhava como escudos reluzentes.

De Nossa Senhora do Rosário o formoso séquito eram as *Taieiras*.

Este grupo, encantador e original, compunha-se de faceiras e lindas mulatas, vestidas de saias brancas entremeadas de rendas, de camisas finíssimas e de elevado preço, deixando transparecer os seios morenos, ardentes e lascivos.



As Taieiras

Um torço de cassa alvejava-lhes à fronte trigueira, enfeitado de argolões de ouro e lacinhos de fita; ao colo viam-se-lhes trêmulos colares de ouro; e grossos cordões do mesmo metal volteavam-lhes, com elegância e mimo, os dois antebraços, desde os punhos até ao terço superior.

E uma das *Taieiras*, girando no ar a sua varinha enfeitada, acompanhando o andor, cantava:

Virgem do Rosário,
Senhora do mundo,
Dê-me um coco-d'água
Se não vou ao fun dol...

E todas, em coro, nas danças saracoteadas, nos requebros mais graciosos, respondiam, cantando também:

Inde ré, ré, ré,
Ai! Je sus de Na za ré!...

Taieira

Meu S. Be ne dito
Não tem mais co roa,
Tem uma to a lha
Vin da de Lis boa...

Coro

Inde ré, ré, ré,
Ai! Je sus de Na za ré!

Taieira

Virgem do Rosário,
Senhora do Norte,
Dê-me um coco-d'água
Se não vou ao pote!...

Coro

Inde ré, ré, ré,
Ai! Je sus de Na za ré!...

E adiantada seguia a procissão nas ruas da vila, vencendo o itinerário estabelecido, ao som da música e das canções populares, onde o elemento religioso confundia-se com o profano.

De longe, quando as *Taieiras* emudeciam o canto, espalhavam-se outras vozes, rudes, sensivelmente incultas.

Eram os *Congos*:

Fo gos em terra,
Fo gos no mar,
Que nos sa rainha
Nos há de ajudar...

Os irmãos do Santíssimo, de capas vermelhas, precediam então o púlpito, debaixo do qual o vigário da matriz e mais sacerdotes resguardavam a custódia passando por entre a turba genuflexa.

Atrás, fechando o préstito, vinham dois grandes grupos separados, distintos: o mulhério na frente e em continuação os homens.

Enquanto esta cena movimentada e de tons cromáticos se desdobrava, durante todo o tempo que a procissão se achava na rua, no Largo do Rosário uma segunda festa se realizava, festa estrondosa de algazarra e turbulenta.

O *mastro*, untado de sebo, lá estava, cercado de pretos e de gente de pé rapado.

Eis senão quando, um molecote, para ganhar um prêmio, trepava a custo, subia até mais de meio, e, ao alarido geral, às pateadas, aos assobios, às vaías, escorregava lá de cima, a sentar-se no chão, com as pernas arreganhadas e disfarçando o tombo.

A imitação, está claro, era contagiosa; e daí o maior entretenimento para aquela ordem de povo, que preferia este aos outros festejos.

Ao anoitecer, a procissão se recolhia, havia *Te Deum*, a esplanada iluminava, e os ranchos de *Congos* e *Taieiras* dispersavam-se, indo dançar e cantar em algumas casas.

Às 10 horas queimava-se esplêndido fogo de artifício, no leilão as prendas se apregoavam sortes; as matutas olhavam embaçadas para as rodas de *girassóis* que ardiam, para o *barbeiro* que amolava a navalha, para a *fragata* que combatia com duas *fortalezas*.

O povo inteiro passeava na praça, gozava do espetáculo da noite, divertia-se, na pureza de seus costumes e à sombra de suas tradições religiosas...

Disso nos informou Silvio Romero, o escritor que com tanto zelo cultivava esses assuntos, e cujo nome resplende solitário no ápice da pirâmide de nossa literatura contemporânea.

.....

A Véspera de S. João

P

or que pedimos aos mitos dos astros, de que se tem ocupado a crítica moderna, a corporização de lendas cristãs? Por que descobrimos analogias em celebrações divergentes por sua índole, quando entre elas cava-se um abismo, elevam-se montanhas, que separam crenças e raças?

Essas interrogações formulávamos nós, folheando páginas de uma erudição pedantesca, que ajustava por fenômenos solares a comemoração do Precursor evangélico, festa litúrgica em toda a cristandade, e do calendário popular em Portugal e no Brasil.

Retrogradando, porém, ao luar que amarelece as crônicas do século XV, vimos desfilar as primeiras *cavalhadas de S. João* nas ilhas dos Açores, aos fogos de artifício e rufos de tambores.

Com o tempo, essas festas enriqueceram-se de superstições que desceram de suas religiosas origens, tendo para esclarecer-lhes a marcha os fachos de resina e o luzir incendiado da pólvora em detonações fulminantes.

Qual a gênese desse folguedo público nas terras de além-mar, onde ainda perdura com suas fórmulas augurais e encantamentos, foi-nos vedado descobrir. O mesmo não sucede no Brasil que, aceitando o legado na sua castidade primitiva, criou-lhe uma lenda, acrescentou-a

na parte mítica, e o ampliou em relação ao concurso de novas raças e diversos *meios*.

Entre nós a revolução foi rápida e pertence toda ao passado...

O estrangeirismo, que nos esmaga, tudo que é nosso vai levando consigo!...

E quase nada nos resta!

É, pois, abrindo uma janela às tradições e a porta à gente antiga, que suspenderemos às ruínas da casa paterna mais este quadro que trouxemos da infância, emoldurado dos espectros das rosas da nossa primeira mocidade.

Para as festas de S. João eram múltiplos os costumados intróitos. Recebiam-se convites dos grandes senhores, dos fazendeiros riquíssimos, da burguesia abastada e do proletário arranjado. No Rio de Janeiro, lugares havia em que se festejava o Batista do modo mais estrondoso e fidalgo. Em Inhaúma, em Paquetá, em Campo Grande, na ilha do Governador, etc., o mastro plantado com a boneca, enfeitado com espigas de milho, laranjas e mais frutas, indicava o festejo no sítio, as proximidades do dia.

Nos arrabaldes, as chácaras e palacetes, com o mesmo sinal, chamavam a atenção dos vizinhos que propalavam indiscretos os nomes dos donos, comentando a lista, às vezes imaginária, dos convidados.

Antecipadamente, viam-se nas ruas pretos de ganho com cestos carregados de foguetes e fogos de todo gênero, de canas e batatas-doces, de carás e milhos verdes, de galinhas, ovos e perus; de tudo, enfim, que dizia respeito à folia da noite e aos lautos jantares e ceias que então se davam.

Os fazendeiros despendiam largas somas, vestiam de novo a escravidão, matavam reses em obséquio aos convidados da corte. Em casa da Baronesa de Sorocaba, do Barão de Meriti, e do Marquês de Abrantes, preludivam-se os regozijos da noite desejada; no palácio de S. Cristóvão, as princesas recomendavam às suas companheiras de infância que comparecessem bem cedo; em vários pontos da cidade, os pais de família dispunham da lenha para as fogueiras, colocavam sobre a mesa os livros de sorte, encordoavam-se os violões para os descantes.

As rodinhas, as pistolas, os foguetes, buscapés, chuveiros, rojões, cartas de bichas, girassóis, traques de sete estouros, bombas, e uma diversidade enfadonha de fogos, alastravam as mesas, entupiam as mangas de vidro, atravancavam as gavetas.

De par com tudo isto, as donas de casa atropelavam as escravas, arrumando as provisões, ralando o milho verde e o coco para a canjica, fazendo os deliciosos bolos de S. João.

Nas antevésperas, na intimidade do lar, as moças reuniam-se à luz do candeeiro, e os meninos, descendo aos pulos do sofá da sala, acercavam-se da avó, que, tremendo com os lábios, rolando nos dedos as contas do rosário, narrava, sentada numa esteira, a lenda do Batista e das fogueiras.

E as moças, acomodando as crianças, e as crianças, esbugalhando os olhos, fitavam-na, que, uma vez resolvida, assim começava:

– Vou contar-vos, meus netinhos, uma história do princípio do mundo. “Um dia, Nossa Senhora, que trazia a Nosso Senhor Jesus Cristo, foi visitar a sua prima Santa Isabel, que também trazia em seu bendito seio a S. João Batista. Apenas as duas sagradas primas se avistaram, o divino Batista, que não tardava a nascer, se ajoelhou em adoração a Jesus. Santa Isabel, que isto sentira, não tardou em comunicar o milagre à Virgem, que, exultando, perguntou-lhe: ‘– Que sinal me dareis, quando nascer vosso filho?’ ‘– Mandarei plantar nesta montanha um mastro com uma boneca e acender em torno uma grande fogueira’, respondeu-lhe.

“E de feito: na véspera de S. João, a Mãe de Deus, vendo de sua morada uma fumacinha, labaredas e o mastro, partiu, indo visitar Santa Isabel.

“Desde então”, concluiu a boa velha, “é que se festeja o santo com mastros e fogueiras.”

– Oh!... Que história tão bonita!... interrompeu um dos ouvintes.

– Já agora escutem outra, meus filhinhos; tem o mesmo motivo e é da mesma data: é do tempo em que nem eu nem vocês sonhávamos de nascer, e que a terra estava toda coberta d’água.

– Conte, vovó, conte! Tão bonito!!...

E a velhinha, alisando os cachos de cabelos brancos, deixando pender os braços sobre as pernas cruzadas, sorveu um pequeno ronco, abriu a boca desdentada, prosseguindo:

– É o resto da história. “Meses depois, quando Santa Isabel cantava, ninando seu bendito filho, este lhe perguntou: ‘– Minha mãe, quando é o meu dia?’ ‘– Dorme, meu filhinho, dorme; logo que ele for, eu te direi.’ E S. João dormiu. Acordando, porém, na noite de S. Pedro, e ouvindo foguetes e vendo fogueiras acesas, insistiu: ‘– Minha mãe, quando é o meu dia?’ ‘– O teu dia já passou’, acudiu-lhe ela. ‘– Ora, minha mãe, por que não me disse, que eu queria ir brincar na Terra.’”

– Sim, por que não disse? retorquiram pesarosos os meninos.

– Santa Isabel teve razão, meus netinhos; se S. João descesse do Céu, o mundo se arrasaria em fogo!

Essas tradicionais histórias eram correntes em toda a parte, dando-lhes inteiro crédito gerações que se foram e gerações que ainda existem.

Diariamente, encontravam-se aqui e ali grupos de famílias constituindo pequenas tribos. Adiante iam as crianças, logo após as moças e os rapazes, depois os pais e os velhões, emigrando para fora da cidade ou para fora da corte.

A estes acompanhavam, em gradação oposta, os pretos e pretas idosos, carregando latas de folha com roupa de uso; as mucamas, leves cestos de junco e embrulhos com objetos pertencentes às sinhás-moças; e, na retaguarda, iam os molequinhos com o chapéu-de-sol e a bengala do sinhô-velho, um cachorrinho de estimação, um sagüi, um papagaio, uma bugiganga qualquer.

Os que vinham pelo cais da Glória descortinavam o mar sulcado de botes e canoas entrados n’água ao peso dos passageiros, sentados e de pé, que os enchiam, acenando com lenços e em alegres vozerias.

Pendurado à proa dos barcos, um escravo ou um rapagão riscava um fósforo, mordida o papel de um foguete, e, aprumando-o ao longo do corpo, atacava-o, estourando no alto, às repercussões do eco.

Ao amanhecer, tudo se achava ordenado e previsto: a população distribuída, as bandejas de fogos sobre os aparadores e cama do quarto de dormir; as canas, os cocos, os carás e os milhos empilhados

na cozinha; a fogueira abraçava o mastro; e *Os dados da Fortuna*, *A roda do Destino*, *O Cigano*, e outros livros de sortes, fornecidos pelas antigas livrarias Garnier, Fauchon e Laemmert ficavam à escolha dos consultantes de oráculos.

Apenas escurecia, as *máquinas* boiavam no éter úmido e transparente; *cabeças de alcatrão* fumavam rubras nas ruas; e os busca-pés largavam-se atrás dos passantes, rabeando, rolando, serpeando, em fúlgidos estouros.

E uma preta, perseguida, corria daqui; e um indivíduo, livrando-se, pulando, encostando-se a um muro, avultava acolá; e os rapazes, no ardor do brinquedo, riam-se a bom rir do expediente das vítimas e das descomposturas consecutivas.

Às badaladas do *aragão*, o ar mostrava-se marchetado das zonas luminosas das fogueiras que ardiavam nos quintais e chácaras; e, dos sobrados, os combates a pistolas, ao mesmo tempo que formavam das janelas às calçadas cachoeiras de fogo, adquiriam maravilhoso aspecto, à proporção dos *tiros* de cores, que, pontuando iriados as paredes, caíam em gemas fumegantes no chão dos lajedos.

Ao logo dos caminhos, com estranho e equívoco ruído, escutavam-se descargas de cartas de bichas, que estouravam em potes de barro e barricas cobertas, colocados à distância pelos habitantes do quarteirão.

Fazendo singular contraste com esta cena de apoteose teatral, à rótula de pau da casa térrea, uma mulher embiocada segurava na mão de uma criança, sacudindo, na extremidade da flecha, indeflexada rodinha.

Na totalidade das habitações e nas fazendas, o trono de S. João deslumbrava de luzes e viçosas flores, ornado de sanefas caríssimas, e elevando-se de uma toalha da cor das neblinas, pregada aos cantos do altar com laços de fita e prateados alfinetes.

Na roça, as fogueiras tinham no centro, ora o mastro, ora uma árvore, que estalava minada pelas chamas, arriando-se com fragor.

Os escravos, de calça de algodão cortada ao joelho, de camisa branca do mesmo pano e aberta no peito, batucavam com as escravas à

roda do fogo, assando carás e batatas, tirando os do Norte os seus *cocos*, dança e canto popular daqueles sertões:

Lá vai amor, lá se vai!
O amor lá se vai!
Pelas paredes arriba
Ninguém vai!

Onde vai, lavadeira?
– Vou la var.
E eu vou aprender
A nadar.

Este João é um?
– Será ou não.
Tatu no mato
Com seu gi bão,
Um pé calçado,
Ou tro no chão.

'Stava na praia escrevendo
Quando o vaporatirou,
Foi os olhos mais bonitos
Que as ondas do mar le vou.

Lá vai amor, lá se vai!
O amor lá se vai!
Pelas paredes arriba
Ninguém vai!

À porteira das fazendas e esclarecendo a entrada, as *cabeças de alcatrão* queimavam toda a noite. Os fazendeiros, de rodaque de brim e de chapéu-do-chile, folgavam no terreiro, obsequiando os hóspedes, que atacavam fogos à discricção, que faziam guerra a busca-pés facheados na mão calçada de luva de couro, e cujas bombas eram lançadas aos arraiais contrários.

A fazendeira, atenciosa e distinta, mandava servir aos convidados pires de canjica, manjar, roletes de cana assada e bolos de S. João.

As moças da corte, na elegante varanda, suspendiam acima da frente pistolas de lágrimas, craveiros de chuva de ouro, que iluminavam,

com os seus projetis e faíscas, os tetos longínquos das senzalas vazias. Outras, grupadas à mesa de jantar, deitavam dados, liam as quadrinhas da sorte, prorrompiam em gargalhadas, às predições do destino:

Um velho tor to e pan çu do,
De na riz de pal mo e meio,
Há de ser o teu consorte
Mui breve, se gun do cre io.

É ocioso dizer que nessas ocasiões confraternizavam-se os coronéis e tenente-coronéis do lugar, todas as forças dos partidos, desde o mais influente chefe eleitoral da Formiga até o mestre-escola de Vassouras, ou de não importa que vila.

E as fogueiras do terreiro vomitavam grossas labaredas; as máquinas sumiam-se na noite ou desfaziam-se em gotas de fogo; e as gi-rândolas, as bombas, as roqueiras estrugiam aos – Viva S. João! – cujos ecos iam morrer na floresta.

Os negros despejavam nos braseiros carros de milho e carás, verdes canas e tenras espigas; e os moços e moleques, pulando as fogueiras, apareciam no alta daquela atmosfera ígnea, abrindo a boca e gritando:

– Acorda, João!...

Ao que muitos festejantes respondiam cantando:

S. João 'stá dor min do,
Não acor do, não!
Dê-lhe cra vos e ro sas
Emanjericão!

Nessa noite, dentro e fora das grandes cidades, um pouco antes de meia-noite, resvalava, aos clarões das fogueiras, o carro silencioso das superstições nacionais.

Fosse debaixo dos tetos de estuque ou da telha-vã da pobreza, essas crenças abrigavam-se sem constrangimento, exercendo poderosa influência sobre as mulheres e pessoas simples.

Assim, ao estampido dos fogos, ao brilho decrescente das enormes lavas, o movimento supersticioso iniciava suas práticas, cujos dogmas consistiam no seguinte, sempre executado ao toque fatídico da meia-noite:

Em louvor de S. João, plantava-se um alho: se amanhecia grelado, obtinha-se o que se desejava.

Deixava-se ao sereno uma bacia d'água e ia-se, antes do nascer do sol, mirar o rosto: se o indivíduo não via a sua sombra, era sinal que não chegaria ao outro S. João.

Passava-se, em cruz, um copo cheio d'água por sobre a fogueira, e quebrava-se dentro do líquido um ovo com a clara e a gema. De manhã, se apareciam os lineamentos de um navio, significava viagem; se a forma de uma igreja, casamento; se um caixão, enterro.

De um outro copo, que também passava-se na fogueira, em louvor de S. João, tomavam-se as moças solteiras um bochecho, e ficavam atrás da porta da rua. O primeiro nome de homem que ouvissem pronunciar, seria o daquele que lhes estava para marido.

Antes da meia-noite, devia-se ir ao quintal ou terreiro onde houvesse plantado um pé de arruda com flores. Estendia-se no chão uma toalha e acendia-se nas pontas duas velas de cera.

O fim deste sortilégio era aparar as sementes que caíam à meia-noite, sementes essas que ninguém conseguia obter, por isso que o Diabo era quem naquele momento as recolhia, assombrando o indivíduo que ousasse disputá-las.

Um dos prejuízos mais arraigados entre o povo era que as brasas da fogueira ficavam bentas; e muitas pessoas as guardavam ou enviavam aos parentes ausentes, acreditando que quem as possuísse viveria mais um ano.

Aos primeiros raios de sol – porque depois as águas perderiam de sua virtude – tomava-se o banho de S. João, que gozava de propriedades preservativas e miraculosas.

Esses brinquedos prolongavam-se, às vezes, até S. Pedro, com o mesmo aparato e lentejoulado de abusões.

Por agora fechamos a janela às tradições e nos despedimos saudosos da gente antiga, não nos importando de ser acoimado de *nativismo*, sentimento sublime que herdei de meu pai, e que bebi no seio materno, que são as taças do bem e as fontes da vida.

.....

O 2 de Julho

(BAHIA)

Nada existe de mais lúgubre do que o frontispício da Liberdade.

Ao fitá-lo, a vista maravilha-se diante de resistências desesperadas, de corpos baleados que se erguem a meio e tombam no chão ensangüentado, de membros mutilados sob a roda pesada das carretas, de corcéis que pulam sem dono por sobre montões de cadáveres, até que, lá na extrema, ao marche-marche dos batalhões, ao disparar da fuzilaria, uma bandeira flutua em sinistra muralha ou negra fortificação, arvorada pelo vencedor que, tendo na mão a espada, agita aos quatro ventos o estandarte vitorioso, parecendo, na animação feroz, levantar vivas à Pátria e à Liberdade.

Aqui e além, clarins partidos ao toque das investidas, tambores despedaçados, lanças e baionetas reluzindo como o olhar do anjo do destino, salvando das estâncias da morte o nome e a glória dos bravos.

Eis mais ou menos o aspecto geral da Bahia, quando os terríveis granadeiros do General Madeira já haviam entrechocado no recôncavo de suas armas com as dos exércitos de Labatut, a quem deve a

campanha da Independência daquela província as fanfarras triunfantes com que entra na História.

E em Itaparica, no Cabrito, em Pirajá, feriam-se lutas titânicas, pelejas encarniçadas, em que os baianos conquistavam palmo a palmo o território pátrio ao poderio luso que o disputava.

*

Fúnebre, porém, desceu a noite do 1º de julho sobre a cidade. Aproveitando a cinza da densa das trevas, errantes vultos cresciam vagando nas ruas desertas e saíam cautelosos das casas ermas.

Aos archotes inflamados, as padiolas transportavam os soldados feridos, as carretas bagagens escoltadas, enquanto os batalhões marchavam humilhados ao cais do embarque.

O saque, a pilhagem nos templos, a profanação das sagradas imagens eram a senha das tropas vencidas.

As sentinelas perdidas atentavam o imprevisto, e a esquadra que levaria a seu bordo os lusitanos, desenhava-se nas águas da baía, sinistra como esses monstros que nos oprimem no clima asfixiante dos pesadelos.

O momento chegara em que uma ou outra luz acesa nas baracas extinguiu-se, o silêncio amordaçara os ecos, percebendo-se apenas das ribanceiras o ressonar do mar, carregando tardo os vencidos com os seus despojos de destroços.

Às primeiras rutilações do crepúsculo, Madeira e suas tropas faziam-se de vela, perseguidos pela esquadra imperial até ao Tejo.

No dia 2 de julho de 1823, à uma hora da tarde, o exército pacificador, tendo por chefe Lima e Silva, fez a sua entrada na cidade, aos repiques de sinos, às aclamações do povo, ao som de hinos marciais.

Batalhões havia que marchavam quase nus; outros, vestidos de folhas verdes; trazendo muitos dos soldados pedaços de carne enfiados nas armas, aves e caça morta batendo-lhes aos joelhos, frutos e mais provisões, por isso que nada encontrariam na cidade faminta e devastada.

Quando, por baixo de um arco-de-triunfo desfilava o exército, e as freiras da Soledade desceram, trazendo grinaldas para a frente dos heróis, Lima e Silva foi coroado, todos os generais foram coroados, só não o foi Labatut – porque se achava preso!

Mas a intriga e a perfídia tiveram justa expiação.

Da guerra da Independência apenas dois nomes a Bahia recomendou à memória e figuram nos seus cantos populares:

– Labatut e Madeira!

*

Como comemoração dos seus feitos bélicos, a Bahia reproduzia anualmente esse epílogo brilhante – a entrada do exército libertador – no dia 2 de julho.

Para que as festas tivessem mais relevo, oito dias antes o *bando anunciador* prevenia a população, convicta de sua nova soberania, que o préstito simbólico aparelhava-se, que as arcarias triunfais e os palanques vistosos erguer-se-iam na praça do Palácio e no Terreiro com deslumbramentos indizíveis, cumprindo aos habitantes da cidade a iluminação e adornos das fachadas de suas casas durante as três noites de pátrio regozijo.

Moços da mais alta nomeada, formando o bando, saíam montados em lindos cavalos, de crinas e cauda tramadas de fitas verdes e amarelas, soando, aos peitorais de veludo e cabeçadas, chocalhantes guizos.

Os cavaleiros vestiam de branco, traziam folhas de fumo e café enlaçadas ao chapéu de palha, de vintém; pendiam-lhes do ombro capelas de viçosas flores, e ostentavam a tiracolo larga fita achamlotada, de cores brasileiras.

Em duas longas filas marchavam dois a dois, alteando nos ares profunda e verdejante abóbada, constituída por arcos de folhas e flores, sustentados nas extremidades pelos sucessivos pares.

O porta-estandarte ia no centro. Aos vivos repetidos ao Dois de Julho, à Independência, ao Imperador, a Labatut e seus generais, ao povo baiano, etc.; às aclamações que partiam dos sobrados com o per-

fume das flores que caíam, a lustrosa passeata distribuía proclamações e poesias, aviventadas pela grande alma da pátria:

Vai de novo sur gir, ó ba i a nos,
Vosso dia de gló ria sem par;
Nuvem d'ouro parouno horizonte,
Já vem per to, não tar da a ra i ar...

Na véspera do Dois de Julho, o povo, à meia-noite, levava o *carro* para a Lapinha, ao clarão de archotes, em festivos clamores.

Pode-se assegurar que nesta noite toda a cidade ficava des-
perta; nas ruas por onde passava o cortejo, pendiam das janelas globos e lanternas acesas, e nos cantos das sacadas de pau ou de ferro, grandes mangas de vidro protegiam as chamas das velas, que ardiam desde o escurecer.

A crioulada e a mulataria, aos magotes, cantando quadrinhas patrióticas e em serenatas locais, desfrutavam a noite, prelibando os prazeres da festança.

A começar da véspera, o comércio português fechava as portas, em razão dos ataques e violências das turbas, não escapando dos desvarios populares as tavernas, onde a capadoçada infrene embriagava-se, zombando dos direitos do taverneiro amedrontado, que tudo franqueava, contanto que o deixassem vivo.

Nesses dias eram comuns os *fecha-fecha*, os *mata-marotos*, de que resultavam reprovadas correrias e freqüentes assassinatos.

Desde às 6 horas, as fortalezas salvavam, as ruas embandeiradas coaxavam de folhas aromáticas, os batalhões patrióticos cruzavam-se com bandas de música; e numeroso povo, tendo como distintivos do dia laços de fita, e folhas das cores nacionais na abotoadura e nos vestidos, aglomerava-se nas praças, nas esquinas, em tumultos calorosos.

Um ano houve, segundo o testemunho de minha mãe, em que armaram-se em diversos pontos *fortalezas*, que davam salvas vitoriosas à passagem de uma *fragata* puxada por marinheiros, a qual se incorporava ao cortejo popular.

À uma hora da tarde, desfilava pelo Terreiro o colossal préstito, vindo da Lapinha.

Ninguém imagina a efusão patriótica dos baianos no maior dia de sua província; é incalculável o grandioso espetáculo oferecido pela raça autêntica dos pelejadores da Liberdade no tablado imorredouro das consagrações pátrias.

Apenas as primeiras levas de povo transpunham o Terreiro, os sinos do Colégio, de S. Francisco, de S. Domingos e da Sé repicavam garridos, e centenas de girândolas disparavam, estourando prolongadas; o ar enfumaçado retinia de hinos, de vivas, de cantos populares, em que a consciência anônima celebrava a glória dos heróis e a passada luta.

O arcebispo e o cabido, o presidente da província e a nobreza, lá estavam no templo, armado de galas para a ação de graças.

E o préstito avançava...

As moças, as crianças, as famílias debruçavam-se das janelas, agitavam lenços, aclamando o Dois de Julho, e as escravas, com cestas de flores, aguardavam, um pouco retiradas, as ordens das senhoras.

E o tumulto crescia...

De repente, o *carro triunfal* assomava, puxado por cidadãos vestidos de branco e com chapéus e enfeites característicos.

Em épocas primitivas, este carro conduzia uma cabocla com seus adornos selvagens, pisando um dragão, acercada de caboclinhos igualmente vestidos de penas. Era ele enorme e pesado, tinha as rodas douradas e compreendia uma alegoria: – Paraguaçu calcando aos pés o Despotismo. Mais tarde essa cabocla foi substituída por uma figura indígena, sem a mesma pompa, nem o mesmo séquito.

Quando o carro aparecia, as janelas estrondavam de aplausos, as flores inundavam-lhe o trânsito, e os patriotas, pendidos para a frente, entesando as cordas com que o rodavam, cantavam as suas trovas de improviso, saturadas de ridículo e estrebilhadas de ódios recentes:

Labatut ju roua Pedro,
Qu an do lhe be ijou a mão,
Bo tar fora da Ba hia
Esta mal di ta na ção!

Embo ra da Euro pa ve nham
Ba ta lhões aos mil e mil,
Nossos braços, nossos peitos,
São muralhas do Bra sil.

E mais adiante:

O Paulo, Ruivo e Madeira,
Todos três numa janela,
Esfolando um pé de burro,
Supondo ser de vitela...
Irra! Irra!...

Só o Paulo foi quem pôde
Tirar do burro a caveira,
Para mandar de merenda
Ao seu General Madeira.
Irra! Irra!...

Paulo, Ruivo e Madeira
Foram fazer caruru;
O Paulo deu a farinha,
Ruivo mexeu o angu.

OMadeira queria
Secoroar!
Boutou uma sorte,
Saiu-lhe um azar!

E a crioulada batia palmas, repetindo em chula:

OMadeira queria
Secoroar!
Boutou uma sorte,
Saiu-lhe um azar!

À Cabocla seguiam os batalhões com as feridas ainda não cicatrizadas recebidas nos combates da Independência, o batalhão Acadêmico dos estudantes de Medicina com os lentes da faculdade e, em anos remotos, o comandante das armas, vestido de branco e com chapéu de palha, puxava uma brigada de patriotas, da Lapinha à praça do Palácio.

Como vivo simulacro da entrada do exército, o *carro da bagagem* primava pela originalidade. Era uma monstruosidade ambulante, coberta de folhas de café, trazendo mantimentos e frutas para as forças desprovidas.

Aos tirantes deste ajustava-se gente de toda a casta, cantando e tirando versos em estilo fácil e gracioso:

Vai o carro da bagagem
Carregado de ananás,
A mulher que não tem homem
Vive sempre dando ais...

– Viva o Dois de Julho! – Viva a Independência! – Viva a Bahia! – gritavam, alucinadas de júbilo, as multidões, levantando os braços, agitando os chapéus de fitas, acompanhando, fascinadas, os símbolos preciosos de suas lides e de suas glórias.

De distância em distância, a procissão patriótica parava, e os poetas recitavam os seus versos, ainda aquecidos do fogo das bombardas, ao alarido das vitórias.

Nos vãos de cem côvados de seu gênio de repentista, engrandecido na brilhante apoteose que lhe preparou o Dr. Rosendo Moniz no excelente livro em homenagem a seu pai, eis Moniz Barreto que ressurgiu neste dia, do qual foi ele um cantor, depois de ter sido um combatente...

E o veterano, assombrado de talento, extasiado nos festins da pátria, tangia a sua lira, a cujos cantos as multidões embeveciam-se:

Olhai, povo! Resumida
Aqui vossa glória está.
Povo, da reis vos sa vida
Aos velhos de Pirajá.
Foram eles que na guerra
Livraram a vossa terra
Do jugo ferrenho e vil;
Foram eles que ajudados
Por Deus, deram de no dados
Independência ao Brasil.

Estes velhos que frustraram
Tremendos planos hostis,
Quando os mancebos juraram
O que esta legenda diz;
Estes velhos que em batalhas
Ganharam estas medalhas

Que dizem – Resta uração –;
Estes ve lhos, como dan tes,
Hoje mar cham triun fan tes
À fren te de um povo-ir mão.

.....

A esse solene cortejo, a essas pompas antigas, acrescentou-se posteriormente o carro do Caboclo; e ao batalhão Acadêmico, que cedia o lugar de honra ao dos Veteranos da Independência e Couraças Baianos, logo que estes se apresentaram, muitas outras falanges patrióticas, tais como os batalhões dos Defensores da Liberdade, dos Caixeiros Nacionais, Minerva, Dois de Julho, etc. A estes associou-se, em data que não nos referiram, uma companhia de alemães, de paletó branco, fita encarnada a tiracolo, tornando-se saliente pelo riquíssimo estandarte, bordado a ouro fino, que desfraldava.

Toda a tropa da guarnição ultimava o séquito, com uniforme de grande gala, retirando-se a quartéis quando findava a parada.

As pessoas abastadas davam jantares; a fidalguia, em seus palácios, suntuosos bailes; e a Sociedade da Independência, organizada após a guerra, libertava míseros cativos – em nome da Liberdade.

Concluindo o seu triunfante itinerário, os carro alegóricos ficavam na praça do Palácio, de onde seguiam, depois dos festejos, para Piedade.

Às oito horas, a cidade era toda luzes, e o Terreiro regurgitava de gente.

À frente da igreja de S. Domingos, o palanque principal elevava-se magnificante, no meio de listras de luzes que sulcavam interrompidas a extensão das casas, e dos quadros e triângulos ardentes das torres, das portas e das janelas dos templos disseminados.

Quando a banda militar tocava o hino nacional, as cortinas rasgavam-se, os retratos do Imperador, da Imperatriz, de Labatut e dos bravos da Independência desvendavam-se, e o presidente, generais, veteranos e grandes do Império adiantavam-se e soltavam vivas ao Imperador, à Bahia, ao Dois de Julho, etc.

Findo esse ato, outro mais importante ia ter lugar: a distribuição de cartas de liberdade, feita pelo sábio e venerando D. Romualdo, no palanque do Dois de Julho.

Aqui dobremos o joelho diante do túmulo de Chico Santos, o libertador de escravos, o presidente emérito da Sociedade Libertadora Dois de Julho, o abolicionista de inabaláveis convicções, como Luís Gama e José do Patrocínio.

Esta cerimônia terminava em lágrimas, que fundiam as algemas despedaçadas do cativo, para que as não vissem os poetas da liberdade.

Descendo o arcebispo, o presidente e sua comitiva, tocava a vez dos repentistas inspirados.

E quem eram eles? O povo sabia de cor os seus nomes, e a imprensa levava a todo o Brasil as produções de seu estro.

Do luminoso grupo que dominava naqueles tempos, formando o zodiaco da poesia baiana, moviam-se, em torno de Moniz Barreto, Gualberto dos Passos, Laurindo Mendonça, Luís Álvares dos Santos, Sinfrônio, Manuel Pessoa, Fortunato Freitas, Bolívar, Rodrigues da Costa e outros improvisadores, que afinavam pelo patriotismo os seus cantos e as suas glosas instantâneas.

Um deles, chegando-se ao avarandado, batia palmas, compansando o auditório antes de começar.

Distingamo-lo. Corretamente vestido, da cor dos califas, de olhar penetrante e gesto distinto, ninguém há que o desconheça, todos o admiram. É o Dr. Luís Álvares dos Santos.

O povo recebe-o com delírio, o silêncio restabelece-se, e ele, desatando a palavra vibrante, declama nos arroubos do inspirado:

...Sim: as nu vens lá tão cal mas,
São dos guerreiros as almas,
Que en tre as lú ci das pal mas
O Dois de Ju lho vêm ver.
E ven do o dia pom po so,
– O seu padrão glorioso –
Num de va ne io de gozo
Chorão de dor e prazer.

Certo: os heróis que morreram
Na brava luta, prenderam
As almas, que enobreceram,
Aos pés de Deus lá no Céu.
E nesta noite acordados,
Dos vivos aos le dos bravos,
Banham prantos magoados
Lá de longe e o seu tro féu.

.....
E mais poesias se recitavam. O povo dava motes, os poetas improvisavam entusiasmados, prolongando-se esses *outeiros* por três noites, até horas adiantadas.

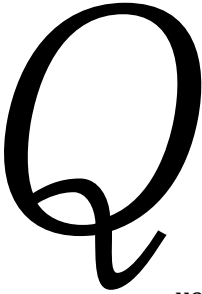
As espetáculos de grande gala e aos bailes concorriam a aristocracia e alguns repentistas, enquanto a turbamulta estacionava nas duas praças e via as luminárias...

Mas isso era quando este país tinha o ideal da pátria e combatia pela liberdade.

.....

O Entrudo

(BAHIA)



Qual a origem do entrudo?

É esta uma questão de evidência dificultosa, e de cuja discussão não viria grande luz a destacar os planos do quadro de costumes, que intentamos descrever.

Seria ele importado da Índia nos Açores, pelos navegantes portugueses, quando o reino de Pegu, hoje província birmânica, constituía além-Ganges estado independente?

Adiantando todavia uma reflexão, parece-nos que a gênese desse folguedo deve remontar-se às abluções, imersões e aspersões tão íntimas ao povo judeu, de quem a Europa assimilou tradições e ritos.

Do mesmo modo por que se encontram adaptados pelo cristianismo os velhos cerimoniais do *Levítico*, é possível que daquelas fórmulas purificadoras nascesse o entrudo, degenerado na sua índole e na sua feição histórica.

Como quer que seja, é um costume especial que recebemos da antiga metrópole, com toda a sua bagagem de desmandos nocivos e alegres.

Dando conta desse divertimento público, que precede os três dias imediatos à quaresma, é ainda na Bahia que encontramos o tipo menos brutal, pelo amestiçamento brasileiro.

O jogo do entrudo, outrora generalizado no país, perdura no seu apogeu em quase todo o Norte, e nas províncias do Sul onde o elemento estrangeiro tem pouco que ver.

E em que consiste ele fora da corte, isto é, em outras capitais, vilas e sertões? Como se fazia na Bahia, há bons quinze anos?

Deixando o trabalho de discriminação do que é geral ao leitor, apreciemos no complexo das cenas invariáveis o que existia de distinto em usanças locais.

Na Bahia, os preparativos da folia começavam um a dois meses antes.

Nesse decurso, as famílias conhecidas e as pessoas da amizade preveniam-se mutuamente, que iriam em casa “brincar o entrudo”.

Os rapazes, especialmente os estudantes de medicina, faziam economias das mesadas, reservando para as *laranjinhas* o que disputavam ao luxo, aos passeios e aos teatros.

Enquanto o exterior da cidade almejava pelo domingo gordo, no lar doméstico a indústria dos *limões-de-cheiro* era florescente e prometedora de lucros compensadores.

Em algumas casas, quem entrasse, notaria estranho movimento. Moças e velhas, meninas e *raparigas*, entregues a descostumado labor, sopravam achas de fogo, grazinavam, contavam de um até doze.

Naqueles círculos, a ociosidade era ignorada e os arremessos comuns.

Em volta de um fogareiro, sobre brasas a miúdo ateadas, fumava num *caburé* meio d'água espessa camada de cera fundida. As fabricantes de laranjinhas espetavam, em ponteiros, limões naturais de tamanho irregular.

Uma das velhas dispunha o carmim, o anil e o verdete, para o colorido da massa; as moças tomavam de um canivetinho, com que incisavam a delgada película das esferas translúcidas que esfriavam; as meninas folheavam livrinhos de pão-de-ouro; e as raparigas arranjavam ostabuleiros e bandejas, no chão da sala.

Logo que a cera estava no ponto, desenvolvia-se o trabalho sucessivo das operárias afanosas, trabalho por vezes distribuído com método pelas industriais.

Retirado do fogo o caburé, a fim de abaixar a fervura, metiam no lastro oleoso e colorido os limões previamente untados de sabão. Sobre uma cadeira havia uma tigela com cera morna, que servia para soldar as bandas separadas e embutir o orifício deixado pelo cabo por onde os seguravam.

Findo este processo, enchiam as delicadas cápsulas com águas aromatizadas de essências de canela, rosas, cravo, etc., servindo de conduto ao líquido um pequeno funil de folha-de-flandres.

Depois, tapavam-nas, encobrimdo a saliência resultante com um pouco de pão-de-ouro ou de prata, que deixava de ser um recurso de arte, para ser um enfeite de bom gosto.

À proporção que as laranjinhas ficavam prontas, uma rapariga arrastava um tabuleiro para junto da sinhá-velha, que as contava, tirando-as de entre os dedos, e as enfileirando por dúzias.

E as encomendas choviam... As mulatas e crioulas importunavam as senhoras-moças, pedindo rendas e babados; da Cidade Baixa traziam presentes de panos de *alacá* e cordões de ouro, corais e chinelas –, conquistas de seus reservados carinhos ao grosso comércio da terra, que sempre as exalçou com entusiasmo sentido e generosidade provada.

Vendedeiras de limões-de-cheiro, cantadeiras afinadas das trovas populares do entrudo, fazia-se mister que tudo fosse condigno – das senhoras e das escravas.

Uma outra especulação de família eram os *sonhos*, com os quais as belas iaiás circulavam douradas sopeiras colocadas sobre toalhas de cambraia e de crivo, que forravam os tabuleiros envernizados das crioulas de *beca* e de *penas* de chaves.

No centro destes, uma garrafa branca de cristal, que continha a calda, exalava o perfume das flores de laranjeira na madrugada dos vergéis.

Um palito fincado em cada um dos sonhos e um pires em que os serviam aos compradores, revelavam a boa ordem da quitanda e o

gosto artístico das gentis doceras, cujo capricho retribuía imediatos proventos.

No domingo de entrudo, desde muito cedo, via-se correndo, de uma para outra porta, um crioulo ágil, uma negra risonha e patusca.

O crioulo, sustendo entre as duas mãos enorme seringa, fazia pontaria, empurrando uma rótula; a negra, desviando a um lado uma bacia d'água, invadia uma casa...

Momentos depois, ouvia-se o baque do líquido, uma algazarra infernal, alguma coisa de semelhante a uma briga.

E os dois saíam...

Nas vendas, os taverneiros recolhiam as amostras penduradas, e os foliões da ralé formigavam aos balcões.

Em os prelúdios de festa.

E ao compasso acelerado ou tardio das chinelinhas, que batiam nas pedras como o estalo dos bilros nas rendas das almofadas, uma voz feria o ar, e uma figura esbelta e graciosa descia uma ladeira cantando:

Aí vai, aí vai
Laranjinhas de *primô*;
Compre, iaiá, laranjinhas,
Para *entrudá* seu *amô*.

É de iaiá, é de ioiô,
Quem *qué entru dá* seu *amô*!...

E a vendedeira de sonhos, mercando faceira:

So nhos, iaiá, *está* sonhos
Fe i tos por mão de si nhá,
Vem *comprá* à sua negra
Pra si nhá não se *zangá*.

Com suas mãos de li ca das
Ba teu ovos e fari nha;
Compre, ioiô, *essessonhos*,
Foi feitos por sinhazinha.

É de iaiá, é de ioiô,
Quem *qué so nhá* com seu *amô*!...

E muitos *psius!* repetidos das janelas, faziam-nas mais diligentes, servindo à freguesia.

Depois as duas horas, o folguedo crescia. Bacias e quartinhas d'água inundavam os passantes; e o polvilho e o vermelhão mascaravam o escravo ou o homem da plebe, que seguia seu caminho.

Surpreendido por turbulentos que o perseguiam às gargalhadas, um indivíduo, juntando as pernas e aos pulinhos, com chapéu de sol aberto, protegendo-se dos limões e seringas, implorava aborrecido:

– Não joguem!... não posso me molhar, que estou doente!

Era frase era correspondida por uma saraivada de laranjinhas e esguichos, que o desconcertavam.

Descomposturas e vaias estrondavam em outros lugares. – Eram os pretos e pretas velhas, que se debatiam nas esquinas ou nos chafarizes, com parte da cabeça e do rosto empastada de alvaiade e vermelhão, que os tornavam irrisórios.

As moças mudavam de vestido, e raros projetis, vibrados à distância, partiam um vidro, resvalavam numa porta, entravam por uma janela.

E a mulata cantava:

Quem en tru da seu *amô*
É sinal de in timi da de;
Iaiá, en tru de a ioiô,
Para lhe ter amizade.

É de iaiá, é de ioiô,
Quem *qué* en tru dá seu *amô!*...

E todos preveniam-se para o combate, que travava-se depois do jantar, esvaziando tabuleiros e tabuleiros de acetinados limões.

Nas casas de gente pobre, as gamelas transbordavam d'água límpida e cheirosa, em que sentavam à força pessoas da convivência ou os incautos que agarravam.

Durante os três dias, o estrudo tocava ao seu auge, das quatro para as cinco horas.

E os meninos, seduzidos pelas pregoeiras dos sonhos, choramingavam até obter o necessário para comprá-los.

As famílias, chegando às janelas, pediam licença, e o brinquedo rompia.

Um projétil, sibilando nos ares, esborrachava-se dentro do arraial contrário. As hostilidades declaravam-se.

Os rapazes atiravam para o seio das moças bonitas que lhes deslumbravam os sentidos; as moças procuravam o peito engomado da camisa daqueles que as impressionavam, ou de um futuro noivo.

E as laranjinhas, batendo no alto, quebravam-se; quebrando-se na parede, desfolhavam-se matizadas como ramalhetes de flores e aromas úmidos, sobre o busto correto e faceiro das jogadeiras de entrudo.

Ensopado d'água, açoitado por tiroteios incessantes, um estandarte dirigia-se à casa onde morava o seu coração, a sua alma. Acompanhava-o a mulata das laranjinhas, que não as mercava, porque ele as comprara todas.

E – coisa singular! – nas guerras do entrudo, as vendedeiras de limões eram os embaixadores incólumes dos partidos beligerantes. Ninguém as molhava, ninguém as ofendia.

No calor da ação, no fervor da contenda, um rancho de moças e rapazes, atropelando-se nas escadas com balainhos de laranjinhas, barafustavam pelo salão.

Então, limões e águas cheirosas prodigalizavam-se em dilúvios; as imersões do estilo tornavam-se inevitáveis; e a essa luta, a essa alarma, sucedia a quietação exigida pela fadiga e cuidados aos feridos, isto é, aos que se haviam machucado no conflito.

Nesses dias, os namorados encontravam-se, trocavam-se a furto idílios de amor, e alguns casamentos ajustavam-se.

Os incidentes que realizavam a prevenção de “ir brincar o entrudo” não arrefeciam o frenesi das demais famílias que dos sobrados, frente a frente, batiam-se, do povo baixo, que nas praças, nas ruas, nos chafarizes, tatuava-se de vermelhão e polvilho, despejava bacias d'água, e ria a mais não poder, vendo saltar da gamela que se entornava, o vizinho ou o desconhecido, recrutado de improviso para o banho.

A essa bacanal asiática jamais faltaram desastres e acontecimentos fatais.

Ao anoitecer, os *Cacumbis*, espécie de mascarada africana, dançavam e cantavam em bárbara passeata, agitando chocalhos, tocando marimbas, batendo com os punhos em rudes zabumbas.

Na manhã de quarta-feira, o olhar sonolento dos foliões contemplava fragmentos amontoados de cera, destroços de móveis, objetos estragados...

E a Razão, adiantando-se penitente por entre ruínas, marcava com uma *cruz de cinzas* as fontes empalidecidas pelos desvarios da véspera...

E assim perdura o entrudo em várias províncias do Brasil, e brincava-se na Bahia, de onde os ecos não nos trazem, há longos anos, um hino das suas festas e o som de uma daquelas cantigas que outrora alvoroçaram a nossa alma infantil.

.....

O 7 de Setembro

O

grito de “Independência ou Morte”, proferido na tarde de 7 de setembro de 1822, às margens do Ipiranga, foi um grito de amor e um grito de guerra.

O primeiro imperador havia recebido em viagem para Santos cartas e ofícios das Cortes lusitanas, que impunham novos vexames à colônia, e aquela frase tornou-se um ardente manifesto de patriotismo e de luta.

Se o País, que então começava a organizar-se, achava-se em estado de ser livre, é o que os fatos parecem negar, desde o primeiro instante de nossa separação política.

A violenta correspondência da metrópole, alevantando o ânimo do feroso príncipe, foi o facho que ateou o incêndio no edifício em construção da nossa nacionalidade nascente, que logo após se vira deserto de seus persistentes obreiros, seguindo eles o caminho das dissensões, do exílio, do cárcere e da força.

Na cristalização do pensamento pátrio, a história daquele período não recolhe sem jaça a preciosa gema, por isso que a intriga e as ambições anuviam-lhe por instantes o brilho da superfície.

D. Pedro I, o esboço de um herói, fez rolar o carro dos acontecimentos fatais; mas debaixo de suas rodas a árvore da liberdade devia fanar-se, à míngua do sangue que fecunda as tradições de valor.

A proclamação do Ipiranga, como senha de combate, não correspondeu ao sentido imediato que lhe anunciavam as palavras.

À beira de um riacho, que foi pequeno para conter o túmulo de um pelejador, na efervescência de ânimos que não fez disparar uma peça, entre uma comitiva e uma guarda de honra sem adversários, o brado da independência ressoa no primeiro Reinado como um eco afetivo de uma grande alma, e figura como uma página a que emprestaram sombrio colorido as conflagrações políticas e o batismo dos mártires.

É nessa época sobretudo que as idéias revolucionárias fazem ato de presença em nossa história.

Os patriotas, que se haviam empenhado pela independência, no mês de junho de 1822, dividem-se em dois partidos, para se hostilizarem; mais tarde em três: liberais puros, realistas e republicanos, arvorando à uma o estandarte das perseguições e da intriga.

A Assembléia Constituinte dissolve-se. Os Andradas são deportados. A anarquia entrega nas mãos dos dissidentes o archote aceso das rebeliões, e o país sente nos músculos o calefrio precursor das horas funestas.

Depois do golpe de Estado da Constituinte, os realistas, liberais e republicanos, que foram para o Sul, promoveram a perda da Cisplatina; os que seguiram para o Norte, o anarquizaram.

A Bahia arma a sedição militar de 25 de outubro de 1824, e Pernambuco estortega-se nos braços de ferro da revolução que trazia como dístico do seu estandarte – a República do Equador.

E os facciosos medravam sempre, inquietando por toda a parte o espírito público, que oscilava entre as forças que se debatiam.

Por esse tempo de sucessos extraordinários, dois partidos sobretudo dividiam o País: o que queria a separação absoluta e definitiva de Portugal, e o que trabalhava em sentido contrário, isto é, o que combatia pela união do Brasil com a metrópole.

Aquele tinha o prestígio da opinião generalizada, que equivalia a antecipado triunfo.

Os *separatistas*, formando um cisma, saíram de seu primitivo grêmio, com bandeiras diversas. Subdividiram-se em *absolutistas*, *constitucionais* e *democráticos*.

Todos queriam a independência, é verdade; mas os primeiros com uma monarquia absoluta, os segundos com uma constituição liberal, e os terceiros que se dividisse o Brasil em estados federados.

Daí as perturbações intempestivas, os ódios concentrados, os lagos de sangue atravessados pelo carrasco, que não era precedido do juiz, nem representava um instrumento da lei.

Entretanto, o grito de Independência ou Morte, que fizera desabar as muralhas seculares do Brasil colônia, é a mais bela inscrição lavrada por um príncipe no frontispício de uma nacionalidade.

E bem memorável foi aquela geração, que sofreu, lutou e morreu, porque compreendia o direito de liberdade!...

Em certos dias, as festas de um povo nada mais são do que a romaria da posteridade às tradições que ficaram no passado.

E o 7 de Setembro nos exemplifica o dizer.

*

Há quase trinta anos, as festas do aniversário da independência e do império eram estrondosas e possuíam o relevo das consagrações populares.

Ninguém havia dentre o povo que não se ensoberbecesse da idéia que regia o regozijo geral, cujas manifestações expandiam-se sob as formas da arte, nas pompas decorativas e no entusiasmo patriótico dos cidadãos, que participavam dos festejos, isoladamente ou em coletividades.

No teatro de S. Pedro, João Caetano, o gênio dramático de mais altura que nos tem sido dado admirar no Brasil e na Europa, ensaiava tragédias de Shakespeare, Vincenzo Monti, Alfieri, Racine, etc. Dessas tragédias, de que era laureado tradutor o engenheiro Dr. Antônio de Araújo, a escolhida para a noite patriótica montava-se com aparato e rigor decorativo.

Por vezes o Imperador mostrava desejos de ver o célebre artista fluminense nesta ou naquela, o que se tornava para ele poderoso incentivo e uma ordem a cumprir. Foi assim que em 7 de setembro de 185... representou-se o *Aristodema*, em que João Caetano maravilhou o monarca e o escolhido auditório que concorria às suas récitas.

Os mais notáveis poetas daquela quadra, tais como Magalhães, G. Dias, Porto Alegre, Teixeira e Sousa, Laurindo, Constantino Gomes de Sousa, Joaquim Norberto, José Antônio e Machado de Assis compunham cantos inspirado pelo amor da pátria, e os recitavam no teatro, os publicavam em jornais e revistas, ou os declamavam ao som do hino nacional, às portas da Petalógica, da Loja do Canto e em frente à tipografia de Paula Brito.

A partir da véspera, o caminho que vai do Rocio Pequeno ao Paço da Cidade enfeitava-se todo: as ruas com arcarias e folhas de mangueira, e as janelas com arandelas, globos e castiçais acesos por dentro das vidraças.

Nos largos do Rocio, do Capim e de S. Domingos, os tradicionais coretos concluíam-se, onde não era raro ver-se bandas de música de navios estrangeiros surtos no porto tocarem, associando-se às alegrias do dia da pátria.

Os salões dos bailes pareciam a morada dos sonhos. Os coros para o romper d'alva estavam habilmente ensaiados, e a alma nacional fervia jubilosa nas abstrações épicas, que nobilitam povos e raças.

As sociedades de música, as bandas militares, as multidões seguiam em várias direções, e as girândolas estouravam intermitentes, pingando de fogo as trevas, que se dissipavam.

As sociedades Ipiranga e Sete de Setembro achavam-se a postos, com seu pessoal seletos e alentado de nacionalismo.

Entre a população e os diretores dos patrióticos festejos havia tal correlação de simpatia, que o entusiasmo tornava-se uma consequência fácil e natural.

Às primeiras salvas das fortalezas do mar, logo que a madrugada espreguiçava-se no horizonte, os vivas à Independência, ao Imperador e a José Bonifácio, irrompiam das turbas, que, descobertas, agitavam no ar o chapéu, levantando os braços. Bandos de meninas vestidas

de branco, com grinaldas e fitas de cores nacionais, cantavam em coretos o hino de Pedro I; os poetas da Petalógica tangiam as suas liras, e a festa das consagrações póstumas começava a celebrar-se.

Das janelas então desdobravam-se colchas de damasco; sanefas e guarnições revestiam as portadas.

Nas arrecadações da Guarda Nacional as armas espelhavam, grupos de paisanos as invadiam, e os clarins reluzentes pendiam das colunas dessas praças d'armas, em que se viam em ordem espingardas e espadas, baionetas e bandeiras, machadinhas e tambores.

Avisados por toques de cornetas nas esquinas, reuniam-se: primeiro os guardas por companhias, depois por batalhões, que iam postar-se no Campo da Aclamação, e por último, incorporados em brigadas, desciam a ocupar o Largo do Paço.

Às 11 horas o Imperador vinha de S. Cristóvão. Do Rocío Pequeno até a Capela Imperial, o seu coche de gala era ladeado de arqueiros, que, a pé, acompanhavam correndo o carro que seguia.

E as salvas ecoavam a intervalos no mar e em terra, como para o funeral dos fantasmas da glória!

Apenas Sua Majestade sentava-se no docel do templo, o reverendo bispo, que oficiava, subia ao altar, acercado de monsenhores, cônegos e outros sacerdotes, e o brilhante *Te Deum*, de composição de Pedro I, executava-se sem demora.

E a Guarda Nacional lá estava formada, vestida com seu fardamento novo, tocando suas músicas admiráveis.

Incandescentes no amor da nacionalidade, o patriotismo transformava o soldado em cidadão; sem quebra de disciplina, cada qual colocava em suas armas e barretinas folhas simbólicas do grande dia.

Concluído o *Te Deum*, havia cortejo, e depois a parada, que arregimentava toda a tropa de linha e a guarda nacional.

Depois das evoluções e descargas da lei, as tropas desfilavam em continência pela frente do paço, onde, à varanda, estavam a família imperial e os nobres da corte.

À noite, as iluminações das praças e dos edificios públicos, das ruas e das casas particulares, os bailes, as músicas e os hinos

patrióticos embeveciam esta população, que ainda conservava o vestígio da fé antiga, nas idéias e no futuro.

Às 8 horas, o Imperador chegava ao teatro de S. Pedro para assistir ao espetáculo de grande gala.

Quando descerravam-se as cortinas de seu camarote, a orquestra executava o hino nacional, ao que a platéia erguia-se dando os vivas da ocasião.

Em seguida, subia o pano, e os artistas, em cena aberta, trajando casaca e calça preta, colete e gravata branca, ostentando a tiracolo uma larga fita verde e amarela, formavam o coro do hino da independência, cantado por uma atriz, rica e caracteristicamente vestida.

E o espetáculo começava... Os poetas batiam palmas, para recitar as suas poesias congratulatórias; e João Caetano elevava os seus louros a regiões inacessíveis talvez ao alcance de um século.

Com o fim de igualmente celebrar este aniversário, o alferes Américo Rodrigues Gamboa fundou, a 12 de outubro de 1869, a Sociedade Comemorativa da Independência e do Império, que teve a sua sede no Liceu de Artes e Ofícios, sendo seu presidente o benemérito cidadão e notável arquiteto Bitencourt da Silva.

Esta sociedade mandava construir no Rocio dois simulacros de fortificações, onde bandas de música tocavam nas noites de 7 e 8.

A seu convite e solicitude, o governo imperial determinava que estanciasse no morro de Santo Antônio, na parte fronteira à estátua do fundador do império, um parque de artilharia, que, ao clarão da alvorada, à uma hora da tarde e às seis da noite, saudava com uma salva real o acontecimento mais definitivo da nossa história.

A estátua pernoitava iluminada, a companhia do gás tomava à sua conta o dispêndio com os quatro grandes candelabros, e, até poucos anos, o *Te Deum*, as paradas, os espetáculos comemorativos e as festas públicas realizavam-se como na primitiva.

Ainda muito depois da guerra do Paraguai, que foi a liquidação final do patriotismo brasileiro, os alunos e alunas do Conservatório de Música e do Liceu de Artes e Ofícios, iam, ao alvorecer, cantar, nessas

construções de momento, o hino da independência, precedidos da multidão que os aplaudia.

Porém... silêncio!

Não ouvis aquela salva?

É a voz dos patriotas mortos, que, no dia de hoje, tortura a consciência bastarda de seus filhos, que esquecem as suas traições e entregam ao estrangeiro as terras da pátria!

Como é fria e implacável a vingança dos mortos!...

.....

A Festa da Penha

(RIO DE JANEIRO)

Na obscuridade mais densa dos tempos coloniais aninha-se a fundação da primitiva ermida de Nossa Senhora da Penha, que, da altura de seus trezentos e sessenta e cinco degraus, talhados no granito, dominava parte da baía do Rio de Janeiro, da cidade e dos subúrbios.

Posteriormente reedificada, mas não fundada, como pretendem alguns cronistas, pelo Padre Miguel de Araújo, esse templo tem passado por modificações diversas, sendo todavia respeitados os símbolos religiosos, que nos permitem corrigir a história cotejando a lenda.

Por menos indagador que seja o peregrino ou devoto que transpuser o limiar daquela igreja, há de forçosamente, erguendo o olhar ao altar-mor, impressionar-se à vista de uma grande cobra e de um lagarto esculpidos, que, acima do nicho da excelsa padroeira, destacam-se

no muro alvo da capela, com um colorido de bronze e um relevo natural.

E isso nos aconteceu: o que conduziu-nos a pesquisas diretas, interrogando a antigos habitantes do lugar sobre aquela estranha reprodução da arte.

O mais velho dentre eles, por antonomásia *João Cangulo*, homem de oitenta anos presumíveis, ali nascido e criado, referiu-nos o que de seus pais ouvira a respeito, prestando apoio às suas palavras não só um negro de barbas e cabelos brancos com quem estava, porém outras pessoas da redondeza.

E assim recolhemos da tradição oral a lenda da fundação da ermida de Nossa Senhora da Penha, que se resume numa história simples e selvagem, de perfeito acordo com o cenário bárbaro que nos cercava e com os animais bizarros que figurou o artista.

Eis a lenda:

“Em tempos que lá vão distantes, ousado caçador que batia aquelas matas, em busca de caça, foi surpreendido por uma cobra gigantesca, que, roncando feroz e desenrolando-se no espaço, ameaçava devorá-lo; tomado de espanto, lívido de terror, arrepiam-se-lhe os cabelos, suor viscoso poreja-lhe a fronte, a arma lhe cai e ele, dobrando o joelho na terra, erguendo as mãos súplicas ao céu, exclama num brado saído d’alma:

‘ – Valha-me Nossa Senhora da Penha!...’

“No mesmo instante um lagarto indolente, que aquecia ao sol a cabeça chata, salta de uma pedra, e açoutando com a cauda de ferro o reptil medonho, o afugenta, deixando livre do perigo o infeliz para quem a morte seria inevitável.

“Desperto como de um pesadelo, reconhecendo que fora salvo por estupendo milagre, o caçador erigiu na crista do rochedo a ermida votiva a Nossa Senhora da Penha, vindo todos os anos em contrita romaria oferecer à sagrada imagem o tributo de suas dádivas e o eco de seus louvores.”

Nas romarias da Penha o elemento predominante foi sempre o português. Desde o período colonial até hoje, a tradição tem sido mantida como uma recordação das festas congêneres da antiga metrópole, notando-se porém que os foliões aqui eram na generalidade filhos do continente.

A essas peregrinações anuais concorria apenas uma certa classe de portugueses incultos, de homens e mulheres destinados a trabalhos rudes, o que não impedia de ser a festa popular da mais útil e opulenta das nossas colônias.



Romeiros em marcha

Os brasileiros da localidade ou de pontos mais afastados associavam-se em parte aos folguedos, contribuíam para o culto, formando-se muitas vezes grupos em separado no arraial – já de portugueses entre si, já de nacionais.

O que cumpre acentuar é que a iniciativa, o aparato, o entusiasmo, a verdadeira característica (e por isso tem durado) não nos pertenciam. A romaria da Penha era estrepitosa e alegre. Basta especificar a classe que fornecia os romeiros do primeiro plano para compreender-se que as profanações e os desvios não marcavam as intenções religiosas, que ficavam intactas.

A festa e a peregrinação tinham seus preâmbulos, seus comemorativos, dando margem a estabelecer-se semelhanças com as nossas ou palpitantes diferenciações.

Com os repiques das novenas anunciavam-se os preparativos.

Antes mesmo, viam-se pelo mato lenhadores que, por mando dos festeiros, cortavam longas varas, despíam-lhes as folhas, aparelhavam

para o fabrico das tendas e barracas, paus de bandeira e galhardetes, habituais aos festejos.

De nove dias, com antecedência, porém, era que tudo se dispunha, se aprontava com a urgência precisa e o capricho reclamado pela pomposa romaria, cuja fama tradicional aumentava-lhe a influência.

Como por encanto o pitoresco arraial transformava-se; o garrido templo enfeitava-se com esplendor, era lavado em toda a sua extensão para realizarem-se *promessas*, e as casas dos romeiros, à esquerda da escadaria de pedra, começavam a receber trastes e objetos dos alugadores múltiplos, que obtinham as chaves por valiosos empenhos.



Foliões

Na sacristia da formosa igreja o sacristão andava numa roda viva. Corria daqui para acolá, já atendendo aos portadores de *promessas*, já colocando em seus devidos lugares os *milagres* de cera, de ouro e de prata, as velas e painéis votivos que a gente da redondeza trazia nas vésperas do dia solene.

No arraial, de sol a sol, trabalhava-se sem trégua, sem descanso. As barracas de comidas e bebidas como que brotavam da terra, surgiam umas após outras, debaixo das copadas mangueiras do terreiro e ao longo

da estrada. Adornadas de bambinelas, cobertas de aniagem, enfeitadas de folhas verdes, do teto balançavam escolhidas amostras dos gêneros em que negociavam, estendendo-se ao alto da entrada vistosos dísticos, que serviam de *réclame* ao povo miúdo.

De vez em quando, um molecote ou um preto velho, guiando um carro de bois, crescia na estrada, vindo trazer às barracas vinhos e comestíveis, magníficas frutas, ocupando o lugar de honra as saborosas melancias, abundantíssimas na localidade.

Bandeiras, troféus, galhardetes, escudos de papelão pintado, porta-girândolas, arandelas e copinhos de cores contornando as árvores, era o que se via com profusão pasmosa, dando ao espetáculo um aspecto magnífico e sem igual nas demais festas.

À missa do domingo que precedia a romaria, homens, mulheres e crianças, cheios de fé subiam de joelhos a escada estreita e aspérrima da Penha, cumprindo sagrados votos feitos à miraculosa Virgem nas horas aflitas da moléstia, do perigo e do infortúnio.

Era belo de ver-se a piedade daqueles tempos; comovia até às lágrimas aquela procissão de escravos e senhores, de deformados e infelizes, cada um com a sua oferenda, povoando por longos dias os degraus de pedra que conduziam à casa de Deus, indo render graças à Senhora da Penha, porque lhes trouxera a serenidade nos sofrimentos e o remédio a seus males...

E eram tantos os que deixavam uma lembrança palpável de seu extraordinário poder!... Quantos quadros representando curas milagrosas, navios escapos ao naufrágio e centenas de outros prodígios lá estão para atestar que a ciência humana não vale uma sombra de confiança na misericórdia divina!...

A igreja demorava aberta dias inteiros, ao passo que outros preparativos para a romaria executavam-se na cidade e nas povoações circunvizinhas ou remotas.

Unido ao espírito altamente religioso, o elemento popular entrava em cena do modo mais franco e significativo.

Em Inhaúma, na Pavuna, em Irajá, em Meriti, em Campo Grande, na ilha do Governador, etc., os fazendeiros e suas famílias, os pequenos lavradores e os escravos suspiravam pela função.

Os pescadores amarravam à praia as suas canoas e faluas; os lanchões e os barcos a vapor achavam-se designados e os lindos cavalos de sela, ferrados e tratados, aguardavam o momento da viagem à Penha.

Com uma abóbada de esteiras novas os carros de bois descansavam nos terreiros o varal e a canga; e os moleques e meninos brincavam ensaiando-se para a jornada.

Na cidade, as *vilas* e cortiços andavam numa dobadaoura. As Marias e os Manés esqueciam-se das tinas de roupa e das carroças, tirando das arcas as arrecadas de ouro, que escovavam, e os uniformes brancos, que estendiam sobre cadeiras ou penduravam nas cordas para arejar.

Desde a véspera o movimento local fazia-se notar. Chegavam à Penha famílias da roça, as casas dos romeiros estavam repletas, os foguetes estouravam de instante a instante, e à noite a igreja embandeirada, iluminados a fachada e o gradil do mirante circular, avultava a léguas, refletindo na calva da rocha borboletas de luz, pousadas ou aligeras.

No almejado dia, logo ao amanhecer, em Maria Angu e Fazenda Grande, especialmente, desembarcavam inúmeras pessoas da cidade, turbilhões de roceiros *tafulos*, gente enfim para assistir à festa, trazer *promessas*, divertir-se. Da varanda aérea do templo o mais belo panorama desdobrava-se às vistas do espectador maravilhado, pois a variedade das cenas não tinha termo, cada qual mais original e interessante.

No mar as canoas e embarcações ligeiras desfloravam garbosas as ondas tranqüilas; os remos espelhavam ao sol rompendo d'água; os vivos e a fogueira feriam o éter sonoro de cantigas, e os lenços brancos agitavam-se de uma para outra banda, ao alarido dos romeiros que saltavam em terra.

Nas estradas de rodagem, na rede dos caminhos, carros de bois rangiam, conduzindo famílias; lustrosas cavalgatas trotavam largo; caminheiros sem conta marchavam fatigados, suarentos e empoeirados.

No Pedregulho e nas ruas mais próximas à passagem obrigada aos sítios da Penha, só se via espectadores atentos ao desfilar dos romeiros, especialmente da portuguesada festiva que seguia a corte em carruagens enfeitadas, em carroções e *andorinhas* tirados a duas parelhas, em cavalos magros e de aluguel.

– Viva a Penha!... Viva a Penha!...

Eram as vozes que enchiam desde as nove horas as ruas da cidade, ao desconcerto de uma música importuna e continuada, ou à cadência de rabecas, violas e pandeiros acompanhando trovas populares.

Nisso aparecia uma *andorinha* a galope, guarnecida de apanhados de fazenda de cores, verdejante de folhagens, com os animais enfeitados de rosas de pano na cabeçada, conduzindo foliões de ambos os sexos, vestidos de branco, de chapéu de palha desabado e flamejante de fitas.

Os rapazes ostentavam a tiracolo enorme e pesado chifre chapeado de prata e cheio de vinho; no braço enfiavam as clássicas roscas da romagem, secundados pelas rechonchudas e afogueadas *Marias Rosas*, que, adiantando-se, pendidas para fora, arrebatadas pela velocidade e juntando as mãos à boca, gritavam: – Viva a Penha!...

E os foliões, de pé, agitando os braços, crescendo de todo o corpo, respondiam no mesmo diapasão: – Viva a Penha!...

Mais de espaço, um, dois, três, muitos outros carros, aqui e além, partiam na mesma direção, molhando o *Sor Zé* ou o *Sor Antônio* a palavra vibrante com um gole da boa pinga, e as suas companheiras igualmente.

Em meio da excursão o entusiasmo atingia o seu auge, e o *fadinho* ou a *caninha verde* faziam-se ouvir, quebrando a monotonia da romagem.

E a rabeca e a viola, tangidas por mãos afeitas, davam o tom a descantes pátrios, sempre bonitos, apesar de incultos.

Ó minha ca ni nha *berde*,
Ó meu san to de padrão,
Por amor de uma me ni na
Fui cair no alçapão.

Cana *berdesalteada*,
Salteada é mais boni ta,
Pra can tar a cana *berde*
Não se quer fo lhos de chi ta.

Fui-me ao Porto, fui-me ao Minho,
De ca mi nho para Bra ga,
Dizei-me, minha me ni na,
Que que reis qu'eu de lá tra ga.

Dos cercados as moças davam gostosas risadas, cochichavam, comentavam as toaletes; os meninos e os moleques atiravam olhos desejosos para as roscas, enquanto que os patuscos, levantando a perna, galhofando, declamando, embocavam os chifres, que voltavam enxutos.

Solitário em seu *pangaré*, escanchado, apegando-se com freqüência ao *santo-antônio* do selim, de quando em quando um romeiro atravessava a cena, com o mesmo vestuário e acessórios.

Pacato e desprezioso, as suas aspirações eram unicamente apercebidas pelos “vivas à Penha”, que soltava raros, aos solavancos do cavalo tardo e desobediente.

A romaria era esplêndida...

Pelas duas horas da tarde, a festa estava em meio; os ranchos acampados nas ondulações vastas, à sombra das mangueiras.

Encostados às vendas e às barracas, foliões apeavam-se das *andorinhas* e muitos dos que lá se achavam preludiavam as suas toadas, suas danças nacionais, pulando logo após no caminho. E a *cana-verde*, a *chamarrita*, o *fadinho*, o *vai-de-roda* ferviam sapateados, não sendo dispensados os *desafios* graciosos e brejeiros.

O mulhério saracoteava, batia palmas a compasso, pinoteava com seus pares, alguns dos quais, um tanto *chumbados*, esfregavam as primas da viola, davam breu nas cordas da rabeca, palheteavam os cavaquinhos, recomeçando trovas e dançados, emendando a roda.

Chamarrita do meu peito,

Quem quer bem tem ou trojeito...

Os comes-e-bebes em esteiras desdobradas sob os arvoredos, na relva e nas barracas, as saúdes amistosas trocadas nos círculos de famílias e peregrinos que se divertiam de modo mais calmo, difundiam-se pelo acampamento em regozijo, prolongando-se até mais tarde.

Os carros tirados por juntas de bois avançavam nas estradas trazendo festivos matutos. As crioulas baianas sambavam debaixo das mangueiras aromáticas e embandeiradas dos panos da Costa que suspendiam aos galhos, e os veículos de toda a espécie sulcavam as

trilhas com os impagáveis e entusiásticos protagonistas da jornada da Penha.

Finda a cerimônia religiosa da manhã, principiava a debandada. Os acampamentos levantavam-se progressivamente, e, pela tarde adiante, as *andorinhas*, os carros enfeitados e os cavaleiros caricatos faziam sua entrada na cidade, entre “vivas” e incrível alvoroço.

Cada romeiro empunhava o seu registo de Nossa Senhora da Penha, ostentando uma verônica pregada no peito do casaco branco.

No arraial da Penha, por ocasião do *Te Deum*, a nossa gente cantava ao largo as suas *tiranas*.

Trovadores dos sertões do Norte achavam-se, naquelas paragens, muitos deles mulatos e crioulos escravos.

Aqui, era uma quadrinha improvisada à viola e alentada de ciúme:

Eu to ma ra me *encontrá*,
Com *Ma nué* Passarinho!...
Que que ro cor tar-lhe as asas,
To car-lhe fogo no ní nho...

Mais longe, uma despedida, um debruçar d'alma no passado, um verso plangente e dolorido:

Vou-me embora, vou-me embora,
Como se foi a baleia,
Levo pe nas de *dexá*
Ma ro cas na ter ra *aeia*.

E lá para as bandas de S. Cristóvão, montando num cavalo estafado e manco, zabumbando-lhe com os calcanhares na barriga, sumindo-se na treva, o último *Abencerrage*, arrancando de dentro um – Viva a Penha! – mastigava para distrair-se quadrinha simples e expressiva:

Dizes que viva La me go,
Vivatambém Lameguinho,
E viva a ter ra do Por to
Onde se bebe o bom vi nho...

.....

Às cusparadas de fogo da locomotiva, a clássica romaria da Penha tem perdido parte de seu caráter devoto e de sua antiga influência.

Entretanto, muitíssimos são ainda osromeiros que afrontam,



O último Abencerrage

mesmo a pé, léguas e léguas de distância, no arriscado das matas, fiéis à tradição.

Como romaria popular é a única que ainda se conserva no Rio de Janeiro.

Representa no ideal o tipo de certos costumes coloniais, modificados nas províncias, outrora, quando o *nativismo* era uma virtude e este país o Brasil.

.....

Os Cucumbis

(RIO DE JANEIRO)

Não há quem tenha perlustrado as províncias do Norte, que não se recorde de um grupo de negros, vestidos de penas, tangendo instrumentos rudes, dançando e cantando, que, nos dias de festas populares, percorre as ruas das grandes cidades e pequenos povoados, associando-se destarte aos nossos folgedos nacionais.

Na primitiva, esses bandos, constituídos por escravos d'África, eram numerosíssimos, sendo as suas cantigas bárbaras unicamente na linguagem de suas terras natalícias.

A essas hordas de negros de várias tribos, de face lanhada e nariz deformado por uma crista de tubérculos, que descia do alto da fronte ao sulco mediano do lábio superior, o povo da Bahia denominou de *Cucumbis*, e o das demais províncias – de *Congos*.

Em todos os tempos, por ocasião do entrudo e das festas do Natal, ranchos deles encontravam-se em lugares múltiplos, indo dançar e cantar em casas determinadas, ou nos tablados construídos ao lado das igrejas e nas praças, para as tradicionais cheganças dos *Mouros* e dos *Marujos*.

No Rio de Janeiro também os houve até 1830, servindo apenas, que nos conste, para incorporar-se ao préstito fúnebre dos filhos dos reis africanos aqui falecidos –, na terra do exílio e do cativoiro!

E precedendo a rede funerária coberta com um pano preto, acercada e seguida de centenas de escravos, os *Cucumbis* marchavam chocalhando e cantando, com seus *mametos* (crianças), de cocares de plumas, pulando e levantando os braços, ao compasso acertado.

Essas danças coreográficas, cujo caráter se foi ligeiramente modificando com elementos novos, representam ainda hoje uma das faces mais belas dessa raça afetiva por excelência, a quem deve o Brasil a maior parte de sua população, de sua riqueza e de seu progresso.

Desembarcados dos navios negreiros, com o coração cheio de saudades e os olhos cheios de pranto; arrancados das cabanas de seus pais e dos desertos de sua terra; não ouvindo mais o sibilo do vento e o rugido da fera que os acalentaram na infância; os pobres cativos, despejados em nossas matas virgens, tiveram necessidade de dar expansão à sua dor, relembrando os costumes dos seus maiores.

E a dança dos *Cucumbis* ressoou estrepitosa nas florestas, ao tinir das correntes dos cepos e dos gemidos nas senzalas, ao som do açoite nas surras da escada e do soluço da mãe escrava, a quem tiravam para sempre dos braços o filhinho nu e misérrimo.

Às letras desses cantos, originariamente africanos, intercalaram-se versos em português, o que em nada altera a índole do baletto selvagem dos *Congos*, com o seu enredo e evoluções guerreiras, seus reis e princesas de formas corretas e altivos, seus tamborins e *ganzás*, que desenvolvem-lhes em torno uma atmosfera de sonoridade tempestuosa e imitativa.

Os *Cucumbis* têm os seus dançados e cantorias especiais às passeatas, o seu baletto difícil e em extremo interessante, para o ar livre e casas particulares.

O argumento dessas composições musicais e de uma poesia de sabor acre é simples e rudimentar, de acordo constante com a natureza aspérrima daqueles homens afeitos a lutas cruentas e ao imprevisto dos desertos.

Resumindo uma ação que se pode prolongar por muitas horas, o entrecho do referido baletto é o seguinte:

Depois da refeição lauta do *cucumbe*, comida que usavam os *Congos* e os *Munhambanas* nos dias da circuncisão de seus filhos, uma partida de *Congos* põe-se a caminho, indo levar à rainha os novos vassallos que haviam passado por essa espécie de batismo selvagem.

O préstito, formado por príncipes e princesas, áugures e feiticeiros, intérpretes de dialetos estrangeiros e inúmero povo, levando entre alas festivas os *mamelos* circuncidados com lasca de taquara, é acometido por uma tribo inimiga, caindo flechado o filho do rei.

Ao aproximar-se o cortejo, recebendo a notícia do embaixador, ordena o soberano que venha à sua presença um afamado adivinho, o feiticeiro mais célebre de seu reino, impondo-lhe a ressurreição do príncipe morto.

“Ou darás a vida a meu filho”, diz ele, “e terás em recompensa um tesouro de miçanga e a mais linda das mulheres para com ela passares muitas noites; ou não darás e te mandarei degolar.”

E aos sortilégios do feiticeiro, o morto levanta-se, as danças não findam, ultimando a função ruidosa retirada, na qual os *Cucumbis* cantam o Bendito e diversas quadras populares.

Como é natural, a tradição africana acha-se corrompida pelas gerações crioulas, mas não a ponto de desconhecer-se o que há de primitivo como costumes autênticos.

Na distribuição do dançado, esplêndido e aparatoso, há personagens típicos, figuras importantes, dentre os quais o Rei, a Rainha, o Capataz, o Língua, o Quimboto (feiticeiro), um ou mais mametos, o Caboclo, etc., príncipes, princesas, embaixadores, áugures e cinquenta outros comparsas que dançam, tocam e executam os coros.

O vestuário geral consiste em círculos de vistosas e compridas penas aos joelhos, à cintura, aos braços e aos punhos, rico cocar de testeira vermelha, botinas de cordovão enfeitadas de fitas e galões, calça e camisa de meia cor de carne, e ao pescoço das mulheres e homens, miçangas, corais e colares de dentes, dando uma ou mais voltas.

O Feiticeiro, o Rei e a Rainha ostentam vestimenta mais luxuosa e característica, porém no mesmo sentido.

Enquanto aos instrumentos, a lealdade às tradições tem sido mantida, notando-se até ao presente, na maioria dos ranchos de *Cucumbis*, os *ganzás*, os *chequerês*, os chocalhos, os tamborins, os adufos, os *agogôs*, as marimbas e os *pianos* de cuia, como em todas as épocas.

Os descendentes diretos dos africanos têm conservado no Brasil a herança paterna, reaparecendo os *Cucumbis*, há alguns anos nesta corte, devido a influências de pretos baianos aqui residentes.

Uma vez reunidos, constituíram-se em sociedades carnavalescas, distinguindo-se elas pelas legendas de ouro, bordadas na seda de seus estandartes.

Conhecemos as sociedades dos *Cucumbis* Lanceiros Carnavalescos, Triunfo dos *Cucumbis* Carnavalescos, Iniciadores dos *Cucumbis* e os *Cucumbis* Carnavalescos.

Os Lanceiros e os Triunfos são as mais lustrosas pelo trajar, o pessoal e a música ensaiados com esmero, salientando-se a primeira pela formosura da Rainha, agilidade do Mameto e a maneira alta e artística pela qual o Feiticeiro desempenha o seu papel; e a segunda, pelo crescido número de figuras, de crioulas formosas, e a pluralidade dos cantos e danças, disciplinados com pasmosa habilidade pelo inteligentes contra-mestre baiano.

O baletto congo, neste ou naquele grêmio, tem a mesma idéia, diferindo unicamente pela maior variedade de figurantes, dançados, cantigas e instrumental.

As sociedades saem a passeio nas três tardes e executam em domicílios os seus baletos de um colorido estranho, mas resplandecente e agradável.

*

O baletto divide-se em três partes: a saudação, a matança e as recompensas. O epílogo é a retirada, entre cantigas nossas, do bando negro, à cadência dos movimentos típicos e suas danças primitivas.

Logo que os *Cucumbis*, armados alguns de arco e flecha, transpõem a porta que se abre para recebê-los, a música e os dançarinos, aos sons de seus instrumentos bárbaros, executam marchas guerreiras e hinos triunfais.

Depois o Rei, com o seu manto de belbutina e sua coroa dourada, adianta-se, a um momento dado, por entre as alas do cortejo, quebrando alternadamente os flancos, ondulando o tronco, com os antebraços em doce flexão, e canta:

Rei

Sou rei do Con go,
Querobrinçar,
Cheguei agora
DePortugal...

ao que, em alegres clamores, em tons fortes e acelerados, prorrompe o coro:

Coro

É...ê...Sambangolá!
Cheguei agora dePortugal.

A cantoria, inseparável da dança, continua, distinguindo-se no meio da vozeria a calorosa saudação:

Coro

Com li cen ça, auê...
Com li cen ça, auê!...
Com li cen ça do dono da casa,
Com li cen ça, auê!

O Capataz, isto é o *Cucumbi* que os dirige, marca o ritmo do canto e da dança, sendo ao mesmo tempo dançarino e cantor. Estacando, porém, no centro do grupo, fazendo imponente sinal, todos param, e o silêncio é profundo, por instantes.

Então, uma espécie de pasmo apodera-se das figuras, em cuja frente os cocares não agitam plumas, e um grito de alerta, como de uma sentinela perdida nas solidões, é desferido por esse personagem bizarro.

Capataz

Congaxá!...

E os tamborins, os *ganzás*, os pandeiros, os adufos, os chocalhos e os *agogôs* rodam no ar como uma salva, com um frêmito de tempestade, parando de súbito.

Capataz

Oh! mu quá!...

E os instrumentos, há pouco emudecidos e suspensos, começam as suas harmonias, e com elas uma dança e uns cantos guerreiros, de efeito soberbo e característico.

Capataz

Qu en gue rê, oia congo do má;

Gira Calunga,

Manu quem vem lá.

Coro

Gira calunga,

Manu quem vem lá.

Essas cantigas duram cerca de vinte minutos, com danças iguais, de movimento binário e ternário.

Enquanto os *Cucumbis* entregam-se às suas festas, e o Mameto executa danças que imitam o cobrejar das serpentes, o salto flexível do jaguar, o balancear dos brigues negreiros nas calmarias do mar, uma tribo inimiga o acomete nos regozijos do festim, e um caboclo, que faz parte do troço, fere de morte o referido Mameto, causando esse acontecimento grande alarma.

Os *Cucumbis*, diante do sangue que escorre da ferida, deixam pender a cabeça, e a *matanga* (velório africano) começa, enchendo o espaço de rumores lamentosos, enquanto que as danças funerárias exprimem a ação.

Capataz

Mala qui lombê, ó qui lombá...

Oh! Mame to uê!

Mala qui lombê, ó qui lombá.

O coro repete o estribilho, e o Capataz o verso, com animação crescente, tocando afinal ao desespero.

Confiado o Mameto, filho da Rainha, à guarda do chefe dos Congos, este sente o peso da alta responsabilidade e compreende-se perdido.

Nessa conjuntura, abandonando a sua sorte ao acaso, manda chamar o Língua, expõe-lhe o ocorrido e o expede a comunicar à Rainha o infausto acontecimento.

Esta cena é deveras impressionista e desperta o mais vivo interesse. As músicas, os cantos e os bailados harmonizam-se depois, até que o Língua, embaixador dos negros, dirige-se à Rainha, inclina a fronte, conta-lhe o motivo de sua missão, submisso e pesaroso.

A Rainha, ao ouvi-lo, como que desvaira de dor, interroga-o, e, a seu conselho, faz comparecer o Feiticeiro que, de joelhos, a escuta consternado.

Este interlocutor traz em volta do pescoço cobras e cadeias de ferro, pende-lhe a tiracolo uma bolsa de búzios fornecida de objetos de efeito mágico, tais como raízes, víboras, resinas, etc.

A Rainha ordena-lhe que faça reviver o seu Mameto, garantindo-lhe ricos presentes e a mais formosa de suas vassalãs, ou que lhe seria cortada a cabeça se os seus feitiços não conseguissem levantá-lo.

À vista da terminante resolução da soberana, o pobre fetichista parte, chega-se para o cadáver, e, de rojo, com as mãos postas, olhando inspirado para ao céu, implora, cantando lúgubre:

Feiticeiro

E... Ma maô! E... Mamaô!
Gangarumbá, sin derê iacô.
E... Mamaô! E... Mamaô!

Todos

Zumbi, matequerê,
Congo, cucumbi-oiá.

Feiticeiro

Zumbi, Zumbi, oia Zumbi!
Oia, Mametomuchicongo.
Oiapapeto.

Coro

Zumbi, Zumbi, oia Zumbi!

Durante todas essas evocações, o feiticeiro rodeia o corpo da criança, ausculta-o, palpa-o, faz passes mágicos, emprega misteriosos

sortilégios, fá-lo aspirar plantas e resinas, estendendo-lhe aos lados pequenas cobras e talismãs de virtudes sobrenaturais.

Apercebendo o mágico e os *Cucumbis* que o morto pouco a pouco reanima-se, o rancho manifesta-se contente, e o Feiticeiro entoa, com a turba que tange seus instrumentos, o seguinte:

Feiticeiro

Quimboto, quimboto,
Quimbotoarara...

Coro

Sa va tá, ó Língua, etc.

Feiticeiro

Quem pode mais?

Coro

É o Sol e a Lua.

Feiticeiro

Santomaior?

Coro

É S. Benedito.

Terminando o diálogo, em que as crioulas e os crioulos dançam e descantam com uma originalidade incrível, o Feiticeiro coloca-se aos pés do príncipe, toma-lhes das mãos, ergue-o vagarosamente, e canta, como que acordando lentamente do seu êxtase supersticioso:

Feiticeiro

Ta taranaíauê...
Ta tarana, tuca, tuca,
Tuca, aiuê...

Nisso que o Mameto ressuscita, e mais veloz, mas ágil, mais ardente executa prodigiosos dançados, o Feiticeiro fulmina com o olhar o Caboclo, que cai por terra. Devido a novos encantamentos, este torna a si, busca ainda matar o príncipe dos Congos e uma luta entre as duas tribos empenha-se renhida.

Os contrários são vencidos, seguindo à vitória a apresentação do Mameto à Rainha, que o recebe nos braços, acumulando o Feiticeiro de dádivas opulentas.

O Rei oferece-lhe a filha em casamento, o que aquele não aceita, por ser casado.

Feiticeiro (dançando e cantando)

A filha do rei
É o nosso amor...

Coro

O filho do rei
É o nosso protetor.

E a festa recomeça mais estridente, e os negros cantam:

Todos

Em louvor da pureza
Da Virgem Maria,
Ela está no Céu,
Na Terra nos guia.

Marchas e contramarchas, danças e cantos, ao chocalhar dos pandeiros, às vibrações dos *ganzás*, ao arrufar dos tamborins, anunciam a terminação do baileto.

Coro

Maria, rabula, auê...
Catunga auê...

Capataz

Adeus, amor,
Adeus, benzinho.

Todos (retirando-se)

Na Bahia tem,
Tem, tem, tem,
Na Bahia tem,
Óbaiana!
Água de vin têm...

.....

A Festa do Divino

(CORTE)

Até o ano de 1855, nenhuma festa popular no Rio de Janeiro foi mais atraente, mais alentada de satisfação geral.

Referem antigos cronistas, que as festas do Divino foram instituídas em Portugal pela Rainha Santa Isabel, e escritores do século XVI as descrevem, bem como Heitor Mendes Pinto na sua *Imagem da Vida Cristã*.

Não abandonando nunca as suas terras natalícias, mas viajando em nossos climas, esses folguedos impregnaram-se aqui de aromas sutis, expandiram-se em manifestações mais variadas, tendo como figurantes troncos primitivos ou seus descendentes imediatos, que deviam entrar por alguma coisa na metamorfose do molde metropolitano, sempre uniforme e monótono nos Açores, Coimbra, etc.

É que não só a linguagem, porém os usos e costumes europeus, passando-se para a América, adquiriram mais suavidade e riqueza.

Na época em que fazemos passar esta festa (1853-1855), em três freguesias desta capital armavam-se *impérios* e coretos: na do Espírito

Santo, na de Mata-porcos, na de Santana, no campo do mesmo nome, e na Lapa do Desterro, que representava a freguesia da Glória.

As músicas de barbeiros, que eram compostas de escravos negros, recebendo convites para as folias, ensaiavam dobrados, quadrilhas, fandangos.

O povo, prelibando delícias infalíveis, passeava no campo, assistindo à edificação das barracas, à construção do império e dos coretos, à colocação das bandeiras e das arandelas, e ao orlamento de copinhos de cores, com que fantásticamente iluminava-se a frente da igreja de Santana, mais tarde demolida para fazer-se a estação da estrada de ferro de Pedro II.

Quarenta dias antes do domingo do Espírito Santo, a banda dos pretinhos, precedendo ruidosa turma, parava no Largo da Lapa, defronte de um império de pedra e cal, que existia no lugar onde atualmente levanta-se um prédio de dois andares – e aí tocava escolhidas peças de seu resumido repertório.

Ao passo que a música extasiava os circunstantes e reunia toda a gente, dois negros possantes perfuravam o chão com alavancas pesadas e pontudas. Findo esse trabalho, fincava-se o clássico mastro, encimado por uma pomba de madeira recentemente prateada, flutuando um pouco abaixo a bandeira do Divino, com as suas douraduras brilhantes e seus matizes vivíssimos.

A foguetaria estourava, repicavam os sinos, os barbeiros feriam os seus instrumentos, e os foliões, que até então conservavam-se quietos, misturavam aos sons da instrumentação marcial o rufo acelerado dos tambores, os tinidos dos *ferrinhos*, o tropel das castanholas e o chocalhar dos pandeiros, com que acompanhavam as suas cantigas:

A pombinha vai voando,
A lua a cobriu de um véu,
O Divino Espírito Santo
Pois assim desceu do Céu.

Os foliões eram rapazes de nove a dezoito anos, trajavam igualmente, cantavam quadrilhas ajustadas ao religioso motivo, pedindo pelas ruas da cidade esmolas para as despesas do culto.

Dois irmãos da confraria os acompanhavam, vestidos de opa. Um conduzia pela mão o imperador, que era um menino de oito a doze anos, vestido de casaca vermelha, calção e chapéu armado; outro, com uma espécie de custódia, no centro da qual havia uma pomba esculpida, adiantava-se para as pessoas que a beijavam, e, apresentando uma sacola de belbutina encarnada, recolhia as esmolas dos devotos.

Nos ranchos, um rapazola ia com a bandeira, sendo as vestimentas de todos casaca e calção escarlates com galões de ouro, colete de seda branca debruado de cores, sapatos baixos de fivelas, chapéu de feltro de copa afunilada e abas largas, ornado de fitas, distinguindo-se o porta-estandarte por vestuário mais pomposo e pelo grande tope de flores, pregado no chapéu, de forma diferente.

E a folia dobrada, pulando, brincando, dançando, cantava:

O Divino pede esmolas
Mas não é por ca re cer,
Pede para expr'rimentar
Quem seu de vo to quer ser.

Meu Divino Espírito Santo,
Divino celestial,
Vós na Terra sois pom bi nha,
No Céu pessoareal.

A folia de Mata-porcos, reproduzindo cerimonial idêntico, tomava para outras bandas, aguçando a curiosidade dos habitantes do bairro, que chegavam à porta e às janelas para vê-los e ouvi-los:

Anda mos de por ta em por ta
De to dos os mo ra do res,
Pra festejar o Divino,
Cobri-lo todo de flores.

O Divi no Esp'rito San to
Hoje vem vos visitar,
Vem pe dir uma es mo la
Pra seu império enfeitar.

Depois destes e de um sem-número de versos, o irmão de opa, erguendo a bolsa em que os devotos osculavam a imagem simbólica,

a retirava, ao tinir das moedas de prata ou de cobre, que caíam, dos contribuintes piedosos e francos.

Diariamente saíam esses alegres e festivos grupos, visitando cada qual a sua paróquia.

Os foliões de Santana eram mais avultados, descreviam mais amplo itinerário, recolhiam maiores donativos.

Antecedidos sempre pela música de barbeiros, acompanhando com instrumentos múltiplos as suas tradicionais canções, a colheita das esmolas estabelecia relações diretas com as maravilhas dos festejos.

E os foliões, contentes da lida, arrufavam, correndo com o dedo, os leves pandeiros, batiam *ferrinhos*, rufavam tambores, bailando em infantis descantes:

O Di vi no Esp'rito San to
É po bre, não tem di nhe i ro,
Quer for rar o seu im pé rio
Com folhas de cajue i ro.

Rua aba i xo, rua aci ma,
Ruas de can to a can to,
Rua que por ela passa
O Di vi no Esp'rito San to.

Os impérios e coretos, fabricados de sarrafos e lona pintada, estavam a concluir-se; nas barracas do campo, os carpinteiros e pintores, trepados em escadas, pregavam tábuas, estendiam dísticos, miravam os painéis que reproduziam grosseiramente as representações do interior; e, por entre os galhardetes, as bambinelas, troféus e bandeiras, avistavam-se, em desenho flamante e incorreto, cenas acrobáticas, um bezerro de cinco pernas, trabalhos de equilíbrio, exercícios equestres, etc.

O Campo de Santana sintetizava o grosso da função. Na direção da Rua de S. Pedro, em frente ao quartel, alongava-se uma linha de barracas com as suas cumeeiras, que semelhavam à noite pirâmides de fogo e tetos incendiados; e nos portais da rua e aos balcões, os vendedores de sortes, de entradas e de comidas, estendiam o braço, gesticulavam, gritavam como possessos, ensurdecendo os transeuntes.

As músicas estrondavam de dentro, as famílias e o povo formigavam defronte, e como uma chuva de pirilampos que se abatesse dos

ares, as lanterninhas de folha com vela de vintém, das quitandeiras sentadas, faiscavam ao largo, alumando nos tabuleiros e bandejas os louros *manauês*, as cocadinhas brancas e os bolinhos de aipim, feitos com esmero e asseio pelas laboriosas e inestimáveis doceiras daquele tempo.

Desde o escurecer, era realmente deslumbrante aquele cenário. Naquela praça enorme, a fileira de barracas parecia um muro alvo lavrado pelas chamas; a multidão com suas vestimentas pitorescas, apinhada no chafariz que aí existia, ou movendo-se em grupos, lembrava um quadro de mestre da escola veneziana; ao ombro das montanhas descansava a abóbada do firmamento, e a igreja de Santana, com a sua torre caiada, destacava-se ao fundo, num céu calmo e estrelado.

O famoso império, o coreto e o palanque do leilão, ao lado do templo, cintilavam de luzes, agitavam os bambolins.

Os espetáculos nas barracas constituíam o divertimento predileto de metade do público, que os freqüentava com assiduidade.

A cavalgada de um dos circos de cavalinhos preludiava, ao mesmo tempo que as folias, a festa do Divino.

Todas as manhãs, a partir das onze horas, a *troupe* exhibia-se nas ruas, com seus cavalos de raça, seus artistas adestrados.

O pessoal completo da companhia, em garbosos ginetes enfeitados de fitas, passeava pela cidade, anunciando o espetáculo da noite.

Precedido por dois clarins, o bando entrava ordinariamente pela Rua de S. Pedro, caminhando a passo e avivando a atenção.

Airosamente inclinadas em selins de banda, duas dançarinas de corda, fantasiadas com luxo, refreavam cavalos fogosos, fustigando-os oportunamente.

A estas sucediam-se vários artistas vestidos como nos circos, tendo por selins o acolchoado especial adotado para os exercícios eqüestres.

Dentre eles gozavam de merecida celebridade o português Jacinto, que pulava por dentro de arcos, e seu irmão, vulgarmente conhecido por *Bem-te-vi*, ginasta assombroso e incessantemente vitoriado nos saltos-mortais sobre sete e nove cavalos.

Fechando o préstito, vinham dois macacos banzando de um lado para outro em dois lindos pequiras, o diretor da companhia, e o palhaço Joaquim, por antonomásia – o Faceirice.

Vestido de *clown*, de costas para o pescoço de uma égua baia, de pé e fazendo trejeitos, o gracioso palhaço arrastava após si uma ranchada de moleques, que, tumultuosos, batendo palmas compassadas, estabeleciam com ele extravagante diálogo e formavam coro.

E o Faceirice, dominando de toda a altura o seu numeroso séquito, erguendo as mãos, arregalando os olhos, escancarando a boca pintada de vermelho, ao soar dos guizos de suas mangas de bicos e de seu chapéu de pierrô, principiava:

- Moleque!...
- Sinhô!
- A moça é bonita?
- É, sim sinhô...
- Tem vestido de babado?
- Tem, sim sinhô...
- Rapadura é coisa dura?
- É sim sinhô...

E assim por diante, terminando isto pelo invariável estribilho:

- Ora, bate, moleque! Ora, bate, coió!

Com o fim de manter a ordem, um ou mais pedestres, munidos de grossas chibatas, guarneciam a onda, distribuindo às vezes perdidas lambadas, que moderavam os excessos de entusiasmo dos *diletantis* em alarido.

Quando as luminárias acendiam-se, o campo regurgitava de curiosos e de gente que comprava sortes, ceava nas barracas, caminhava ao acaso e recebia entradas.

Na sua tribuna aérea, o Chico-Gostoso apregoava ofertas, improvisava versos patuscos, com a sua opa escarlata, com a sua salva de prata:

Quem ti ver o seu se gre do,
Não con te à mul her ca sa da,
Que a mul her con ta ao ma ri do,
O ma ri do à ca ma ra da...

– Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três, dou-lhe tudo desta vez! – Eram as palavras que os ecos espalhavam pelo espaço, com as gargalhadas da multidão, que aplaudia-lhe as lembranças felizes e o logro dos – *segredos*.

As bandas de música faziam-se ouvir por toda a parte. Os saltimbancos, aos gritos nos circos, provocavam “bravos” e palmas dos espectadores em delírio.

Na barraca de MM. Bertheaux e Maurin, a ginástica e os quadros ao vivo, de reproduções históricas, tonavam-se tentação irresistível para as pessoas que, depois de apreciarem as magistrais execuções da banda de fuzileiros, que tocava na varanda, iam deleitar-se a mais não poder, em presença dos proclamados quadros impressionistas.

Não menos freqüentada era a barraca de M. Foureaux, com as suas cenas mímicas, suas pirâmides humanas, seus volteios equestres, onde os artistas Carlos Varin e Batista Foureaux executavam exercícios de bolas, equilibravam-se em garrafas, desempenhando igualmente admiráveis evoluções em argolas volantes.

Essa companhia contava em seu grêmio duas *estrelas* de considerável grandeza – Mlles. Jenny e Serafina.

Muitas coroas lhes foram atiradas aos pés, muitos amores adejaram tímidos por sobre as suas formas cinzeladas, muito poeta inspirou-se no seu olhar encantador.

É de boa fonte esta quadra, que lhes encarecia o mérito:

A Jenny, sempre aplaudida,
Fará passos graciosos;
Serafina, sobre a corda,
Seus saltos dificultosos.

Não obstante todos esses sucessos, a barraca das Três Cidras do Amor levava de vencida a todas as outras, não só pela originalidade das representações, mas ainda apela variedade e distinção de seus freqüentadores.

E quem a freqüentava?

A plebe e a burguesia, o escravo e a família, o aristocrata e o homem de letras.

Nos anais das nossas festas populares, a barraca do Teles ficará solitária no merecido renome.

A barraca das Três Cidras do Amor, ou barraca do Teles, campeava em último lugar, quase fronteira do império.

O seu aspecto era modesto, o letreiro que a entesteirava era ilustrado de três cidras monstruosas, pintadas a óleo nas duas extremidades, e um triângulo de pequenas bandeiras, enfiadas numa corda, formava-lhe o frontão simples e alígero.

No salão regular e pouco confortável, em longos bancos fixos e toscas varandas, instalavam-se, nas noites de récitas, centenas de espectadores, ávidos de emoções agradáveis.

Por ocasião dessa festa compreende-se que todos procuravam divertir-se, entrando os espetáculos do Teles no número de suas procuradas distrações.

O cenário da barraca não era extenso: proporcionalmente dividido, somente uma quarta parte destinava-se ao célebre teatrinho de bonecos, restando as demais para as representações de comédias, cantorias de duetos, mágicas e ginástica.

Na companhia não havia damas: para desempenhar tais papéis, dois ou três rapazolas imberbes vestiam-se de mulher, salvando com habilidade a ilusão cênica.

O que é verdade, é que o galã Pimentel, o Monclar, o Vasques e Pinheiro Júnior tiveram como seu primeiro mestre o empresário das Três Cidras do Amor, e quando de lá saíram foi para entrarem no caminho da arte, das letras e da glória.

O Teles era um homem de estatura regular, acaboclado, cheio de corpo e de pernas inchadas. Gozando dos favores públicos, simpatisado geralmente, engraçado de fazer rir as pedras, os seu espetáculos arrastavam a maior concorrência.

Muitas noites, Magalhães, Gonçalves Dias, Porto Alegre, José Antônio, o bacharel Gonçalves, Paula Brito, a Petalógica em peso iam apreciá-lo, coroa-lo em cena, no debique o mais inofensivo.

A João Caetano chamava ele de colega, consultava a respeito da compreensão da arte, sobre os trajes dos personagens e interpretação das partes.

Uma vez o impagável Teles, assistindo à representação da *Nova Castro*, depois de felicitar o imortal ator que desempenhara o papel de D. Pedro, disse-lhe no camarim, no intervalo de um dos atos:

– O senhor agradou-me tanto, que deu-me vontade de imitá-lo. Mas, como vestir-me para disfarçar o defeito das pernas?

– Colega, de botas e batina; respondeu-lhe João Caetano.

À noite, a feira do campo excedia-se em marés de povo no fluxo e refluxo, em vozerias de pregoeiros, em luzes, músicas e divertimentos.

O estalo dos chicotes nos circos, o repique dos sinos de Santana ao terminar o *Te Deum*, as pachuchadas do Chico-Gostoso apregoando um pão-de-ló ou uma galinha, e a multidão em tropel que acompanhava ao império o imperador do Divino, o Porta-estoque e os foliões no centro de quatro varas encarnadas, imprimiam a essa festa um cunho de relevo brilhante, como as esculturas arquitetônicas da Idade Média.

O teatro do Teles era iluminado a velas e a azeite; pegava-se 500 réis de entrada, incluindo neste preço o bilhete da rifa; tinha, além da orquestra para a grande divisão do cenário, uma outra de violão, flauta e cavaquinho, que tocava oculta, quando dançavam os bonecos.

Depois da *ouverture* – uma valsa ou uma polca – subia o pano. Como introdução à noite artística, o Teles esquipaticamente vestido, aparecia, engolia espadas, comia fogo, fazia mágicas...

E nem lhe faltavam aplausos e muitos agradados.

Descendo o pano e subindo de novo, representava-se *O Judas em sábado de Aleluia*, por exemplo: havia ginástica, cantava-se a ária do Capitão Matamouros ou coisa semelhante, como conclusão da primeira parte da récita.

O Teles nas comédias do sublime Pena tinha seu valor, por isso que era um homem totalmente inculto e gracioso, como os protagonistas das comédias de costumes do Molière cá da terra.

A maior soma de seus triunfos não consistia propriamente nessas cenas de sobra originais do nosso teatro nacional, porém no dueto *O Meirinho e a Pobre*, *O Miudinho* e na dança de bonecos, entremeada por ele de chulas lascivas, de repentes petulantes, de sacacoteios inimitáveis.

Quando o Teles transpunha o palco encasacado de meirinho, e começava, desenrolando uma corda, ao avistar a pobre:

Tanta pobrenacidade
Não 'stá má vadição...

o auditório enchia com uma gargalhada ao recinto, a rapaziada aclamava o artista, e João Caetano batia palmas *vitoriando-a*.

Isso deveras o animava, pois retribuindo com o seu esforço a generosidade pública, desplicava-se no fado do fim do ato, bambaleando, cantando, requebrando-se, puxando a fieira, ondulando as nádegas a extenuar-se, aos – Bravo do Teles! – Corta-jaca! – Mete tudo! – Bota abaixo! – da multidão calorosa, que ria-se, gritava, batia com as mãos até os derradeiros rumores desse dançado tradicional e eletrizante do povo brasileiro.

Em um desses momentos, coroou por pândega o gênio de nossa cena dramática ao saudoso histrião, de quem tão vivas recordações ainda persistem na lembrança de tantos contemporâneos que o conheceram e apreciaram.

Com a inconstância das bandeiras ao vento, as peças na barraca variavam, e com elas todo o espetáculo. Era imutável, porém, a representação dos bonecos, que constituía a segunda parte do espetáculo.

Justamente nisso brilhava o nosso Teles por seu espírito e mostrava real habilidade. O povo, que retirava-se nos intervalos, precipitava-se na ocasião do sinal para o espetáculo dos bonecos. Amainado o tumulto, o Manezinho harpejava lá dentro no seu violão, o Zuzu feria com a palheta as cordas do cavaquinho e o Ferreira soprava na sua flauta macia...

Levantava-se o pano, e ao som de plangente melodia, cantava o Teles:

Abra-se o céu,
Ras guem-se as nu vens!
Apareça a cena
Cheia de luzes!...

É inútil descrever a impressão produzida entre os espectadores, desde que se erguia a cortina, desde que retalhavam o ar, a desaparecer nas bambolinas, os cordões motores das saltitantes figuras.

Iniciava quase sempre essas récitas *A Roda de Fiar*, diálogo entretido pela Fiandeira e o Caboclo, personagem forçado a todas as representação.

O Caboclo, que era o fiel reproduzidor das pachuchadas do Teles, crescia do tablado, vestido de calça branca, camisa arregaçada, colete encarnado, pulando-lhe à cinta uma cabacinha e munido de um facão, que agitava continuamente, nas danças, nas ameaças, nas investidas, conforme as situações.

Na *Roda de Fiar* ele entrava, irritando a pequena boneca em seu trabalho:

A Fiandeira, cantando:

Não bula com a roda
Que ela é de fiar...

O Caboclo

Não seja teimoso
Que há de apañar.

– *En... en!* Minha dona!... bradava ele, perseguindo a interlocutora, que se punha de pé: – 'Stou todo *arrispiado!*

E muito dito chistoso e muito verso de sentido equívoco acudiam em turbilhão ao Caboclo e à Fiandeira, que acabavam brigando e fazendo as pazes, aos requebros da chula, às ovações da platéia.

Em seguida à *Roda de Fiar* vinha *A Criação do Mundo*, drama de enredo complicado e riquíssimo em disparates. Os protagonistas denominavam-se: o Caboclo, o Padre Eterno, Adão, Eva, Caim, Abel, o Sacristão e sinhá Rosa.

Por esta distribuição pode-se calcular o ideal do autor. Apanhando reminiscências, apenas arquivamos na memória um ou outro lance, que nos ficou por causa dos versos.

As figuras bailavam desde o começo, o diálogo corria pouco interrompido, o Caboclo entusiasmava com os seus repentes.

Com o imprescindível facão, traquinas e sempre disposto, arreliava ele as suas *donas*, e, no *paraíso*, recostado a uma árvore, implorava por sinhá Rosa, quando ela sumia-se nos bastidores:

Rosinha da saia curta,
Barrada salta-riacho,
Trepas aqui nestecoqueiro,
Bota estes cocosabaixo!

Então, Eva queixava-se a Adão, revelando-lhe a tentação da serpente, ao que este soltava:

Grande pinheiro tão *arta*,
Que dá pau para *cuié*,
Quem *qui sé vê* mexerico
Vá na boca de *muié*.

A história intrincava-se; Caim matava Abel; havia desaguisado; e o Padre Eterno, numa apoteose de nuvens de pasta de algodão, descia do Céu, intervinha beneficentemente no conflito finalizando o drama por um cateretê, em que o Padre Eterno dançava com sinhá Rosa, aos peneirados do Caboclo, que, dando umbigadas, sapateando, bradava:

– Quebra, sinhá Rosa!... Rebola, minha Malmequeres!...

E palmas repetidas, bulha incessante, bravos e risadas, partiam ardentes. Arriava-se o pano, sucedendo após minutos um jongo de autômatos negros, vestidos de riscado e carapuça encarnada, que, ao ferver de um batuque rasgado e licencioso, cantavam o estribilho, que ainda é popular:

Dá de *cumê!*
Da de *bebê!*
San ta Casa é quem paga
A você!

– À cena o Teles! – Bravo do Teles! – À cena! – partiam da platéia, ao que ele atendia, e, reverentemente comovido, murmurava, adiantando-se e inclinando a cabeça:

– Obrigado, meu povo... obrigado...

*

– Desta vez não fiz pechincha,
Descobriu-se a ladroeira!...

Assim exclamava o Chico-Gostoso da grade do seu tablado dos leilões, sendo surpreendido numa escamotagem de prendas.

E uma trovoada de risos e uma pateada geral antepunham-se à imperturbabilidade do capadócio leiloeiro.

– Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três... Scio! Scio!!

O POVO

– Bravo! Bravíssimo!...

CHICO-GOSTOSO

– Toca a música!

O POVO

– Ainda não! ainda não!...

CHICO-GOSTOSO

– Tenho dois mil-réis pelo porquinho... quem dá mais?

UM HOMEM

– Dou mais meia pataca.

CHICO-GOSTOSO

– Pois o coré é seu... Toca a música!

O POVO

– Bravo! Bravo do Gostoso!

*

No império, o imperador, com o seu manto verde e sua coroa dourada, dominava no meio de sua corte...

Nas noites de fogo, a afluência aumentava, as famílias aguardavam, sentadas em esteiras, por essa radiante conclusão dos festejos, e magníficas ceias, trazidas de casa, as congregavam expansivas.

Depois da meia-noite queimava-se a primeira roda: formavam-se partidos para saber-se quem venceria, se a *fortaleza* ou as *fragatas*: as moças gostavam dos *girassóis* e da *lua*, os meninos da *mulher que mija fogo* e do *barbeira* e a rapaziada tinha como o melhor as *vaias* e os “foras” ao fogueteiro, que andava em verdadeira roda viva.

Ao arder a derradeira peça, quando lia-se no transparente em cifras cambiantes – *Glória ao Divino* – a turba saía das barracas, os sinos

repicavam, o acampamento levantava-se, os aplausos redobravam, e a multidão pouco a pouco dispersava-se.

Não faltavam comentários divertidos, ao toque das serenatas, aos últimos episódios da função.

Eis o que era naquele tempo a festa popular do Divino, quando a nossa sociedade não tinha a pretensão de querer impor-se pela decadência de seus costumes e pelo enervamento de seu senso religioso.

FESTAS RELIGIOSAS

.....

As Santas Missões

C

alma e solene como o sol poente é a alma religiosa que se embevece das maravilhas do Céu e que aceita, sem controvérsias, o problema da fé.

Ela marcha segura em seu caminho, e trilha indiferente sobre rosas e sobre espinhos, sem olhar para outro horizonte que não seja o de suas crenças.

No espírito delicado das populações do Norte, embaladas pelos cantares suavíssimos da Igreja, afagadas pelo sobrenatural, que tanto eleva e realça a religião cristã, o simbolismo do culto exerce poderosa influência, e daí acentuada característica de sua psicologia especial.

Crente por índole, fatalista por vezes e supersticiosa quase sempre, aquela gente ativa e inculta encontra quase sempre nessas fontes o segredo de suas lendas piedosas, de seus cantos e contos, de sua tendência ao entusiasmo e à devoção.

Diante da natureza selvagem, de florestas virgens e de vozes misteriosas, de cascatas que mugem, de rios que se espadanam, é impossível deixar-se de ser crente, de ser-se religioso.

Parece que se habita o país natal da grande poesia, dessa poesia sempre nova e eterna, que não pode ter outro ideal além da divindade, outro intérprete além do coração.

Esvaziai a floresta e os sertões da sombra de Deus e os séculos farão medos pendurados das ramas dos arvoredos excelsos; tirai daquele povo a religião com todos os seus prejuízos, com todas as suas superstições, e nenhuma outra coisa a substituirá, capaz de merecer um raio dos nossos crepúsculos dourados!

Dentre os costumes populares do Norte, bem poucos existem mais na altura de enfrentar com a natureza amena e aspérrima daqueles climas, de desenhar mais nitidamente o perfil daquela raça, do que uma *Santa Missão*, quando esta é seguida de uma jornada de penitência.

Os homens da fé viva, os missionários capuchinhos que tomavam o rumo do Céu pela estrada que vai do sacrifício à morte, empreendiam anualmente a salvadora cruzada, e o povo em peso comparecia no templo para a expiação das culpas e remissões dos pecados.

Em uma freguesia, quando havia *Missão* todo o mundo sabia... A notícia espalhava-se distante, difundia-se como por encanto, e a boa nova encontrava disposto o ânimo dos fiéis para os jejuns, a prece em comum e outros deveres forçados à estação e ao ato.

A *Santa Missão* realizava-se pela quaresma, em dias variáveis; geralmente às sextas-feiras e aos domingos.

Nos povoados onde as igrejas eram demasiado pequenas, um toldo acrescentava-se ao alpendre singelo – teto protetor de inúmeros crentes que vinham de longe para assisti-las.

Em outros lugares, porém, devido às circunstâncias do acaso, armava-se, na falta de um templo qualquer, enorme barracão, dentro do qual o santo missionário fazia erigir um altar, colocava a sagrada imagem de Cristo, acendia velas de cera antes de começar a doutrina.

O povo adornava de folhagens aromáticas e flores nativas o improvisado templo; trazia dádivas espontâneas, antecipava-se contrito à tradicional desobriga.

O púlpito, a um lado do altar, ali se achava, e o confessorário via-se defronte, toscamente feito, sem arte preparado.

Uma cruz, dominando ao alto da porta da entrada, traduzia o pensamento da construção e convidava os fiéis ao recolhimento da alma e à meditação na morte.

O efeito que isso causava, no domínio pleno dos sertões bravios, era indescritível: o tabaréu descobria-se, passando, e ajoelhava-se; o escravo benzia-se e implorava misericórdia; as mulheres e as crianças paravam um instante, persignando-se, e seguiam...

Nas igrejas das freguesias, entretanto, celebravam-se comumente as *Santas Missões*, as desobrigas do ano.

Preparar o povo pela penitência, instruí-lo no catecismo, encaminhá-lo pelo batismo, pela prática da virtude e do bem ao reino de Deus, era o objetivo do sacerdote errante, do apóstolo impregnado das verdades eternas.

Ao entardecer, quando as aves cantam nas selvas, os sertanejos começavam a abandonar suas habitações humildes, ganhando a estrada; as famílias, a pé ou em carros de bois, aproximavam-se do arraial e, pouco a pouco, o adro da igreja e a praça regurgitavam de povo, que sentava-se depois ao acaso, à espera do catecismo e da prédica.

O luto da quaresma, o religioso temor daquela gente, penetrada em extremo do martírio da Paixão, carregava o aspecto dessa cena ao ar livre, em que a quietação e o silêncio campeavam imperturbáveis.

E a igreja se abria...

Em um instante a turba invadia o recinto, bipartia-se primeiro, tornava-se compacta logo após... Estanciada por último à grade do presbitério, contemplava respeitosa e atenta ao missionário, que descia do altar-mor e sentava-se em sua cadeira sacerdotal, para explicar a doutrina cristã, para ensinar os *mandamentose* as orações que serviam de preparo à confissão.

À explicação da doutrina, quase simultânea ou oportuna, sucedia a ladainha, cantada pelo catequista, fazendo coro a multidão, de joelhos, humilhada.

E de fora, à semelhança do órgão das catedrais, a turba apinhada prolongava o acompanhamento, que os ecos repetiam rolando pelos despenhadeiros e tombando nas esplanadas.

Depois... nem mais uma voz, nem mais um cântico sagrado!

As luzes batiam pálidas no Crucifixo do presbitério deserto, e uma figura ajoelhada, com a fronte entre as mãos, descobria-se no púlpito mural, refletindo, orando.

E erguia-se!

Era o missionário, cuja palavra ardente de fé, preparava as almas para a bem-aventurança; era o apóstolo do Evangelho que pregava a penitência, que redime as culpas; era o capuchinho intrépido e sublime apregoando a lei de Deus nas solidões do Novo Mundo!...

E começava:

Vida bre ve...

Mortecerta...

Do morrer a hora in certa...

E seu fervor alentava-lhe intenso, cada vez mais intenso, a frase incorreta, porém inspirada...

O povo, suspenso à sua palavra, olhava-o pasmado; ele, com o crucificado na destra trêmula, tinha no braço a força de um exército!

E depois de confundir os vícios, de exaltar as virtudes, e condenar à morte eterna aqueles que viviam em pecado, empunhava a disciplina de pontas de ferro, e, à direita e à esquerda, açoitando-se convulso, penitente e horrível bradava:

Misericórdia!!Misericórdia!!...

E o povo, de bruços, voltado para a imagem de Cristo encerrado, repetia, batendo nas faces:

Misericórdia!Misericórdia!...

Neste momento, o choro, as lamentações, os soluços e os ais dolorosos asilavam-se no templo, formando uma atmosfera sonoramente lúgubre e dolorosa...

Mais tarde, se era necessário, para a construção de uma capela, de um cemitério, de um hospital, saía a procissão de penitência, precedida do venerando missionário que, de pés descalços e alçando uma cruz, dirigia o povaréu.

A crença, que faz resplandecer as ações, e a esperança do Céu, que avigora as lamas piedosas, abrigava desde logo, debaixo de suas

asas cândidas, os pobres sertanejos, para a romagem compensadora das boas obras. Os breves, as milagrosas relíquias, as indulgências abundantes robusteciam aqueles espíritos, alentavam-nos com as promessas de perdão dos pecados, anunciadas na palavra inspirada e austera do catequista intemerato.

Pelas três horas da tarde, já os penitentes começavam a reunir-se nos largos das matrizes, à porta de determinada igreja...

E aqueles homens morenos e possantes, aquelas mulheres negras ou trigueiras, aquelas crianças aventureiros e obedientes, ansiavam pela presença do missionário que os encaminharia através do sertão e florestas.

Alguns penitentes, coroados de espinhos da mata, esperavam também, revendo na consciência o negror de suas culpas.

De repente tocava o sinal da partida, e o capuchinho, rompendo a marcha, entoava a *ladainha*.

A cada versículo, no final de cada oração, o povo em tropa, respondia, cantando:

Piedade, *Senhô!*...
Pie da de de nós *pecadô!*...

Entornados pelas matas soberanas e escuras, pelos despenhadeiros vertiginosos e profundos, pela extensão das estradas bárbaras, aqueles rumores tinham alguma coisa de sacrilego e monstruoso.

Dir-se-ia os alaridos de um titã fulminado nos primeiros dias do caos!

E a procissão seguia, transpondo vales, e serras, afrontando o imprevisto das selvas e o desconhecido dos caminhos.

Sem as pedras necessárias para a edificação planejada, lutando braço a braço contra a dificuldade das distâncias, o fervoroso sacerdote buscava as margens dos rios, os pontos mais conhecidos e próximos, onde elas existiam, e para lá se encaminhava com o seu rebanho de pecadores, com os sertanejos valentes e infatigáveis nas jornadas assombrosas.

Por onde quer que passassem os penitentes, famílias inteiras deixavam as suas casas e incorporavam-se ao préstito; os escravos que

não podiam segui-los, choravam penalizados; os meninos e os tropeiros, fugindo às tropas e aos povoados, lá iam felizes na romaria de Deus.

É belo de imaginar-se o grandioso espetáculo que se desdobrava à vista, colonos da fé, na viagem sublime e obscura dos atos meritórios e do Evangelho!

E de longe, de bem longe, lá do além, umas harmonias brandas como o respirar da infância, uma espécie de coro de anjos nas horas misteriosas e melancólicas do crepúsculo, vinham ainda extinguir-se no noturno da igreja:

Piedade, *Senhô!*
Pie da de de nós *pecadô...*

Chegando a procissão, o capuchinho suspendia as rezas, as mulheres e as meninas descansavam aqui e ali, enquanto os homens separavam e escolhiam as pedras mais ou menos volumosas, que pudessem carregar.

A multidão era numerosa: de mais de seiscentas pessoas, às vezes, compunha-se uma procissão de penitência, que habitualmente constituía-se em prolongamento da *Santa Missão*.

Eis senão quando, o missionário, tomando a cruz, erguia-se solene: o sol dourava-lhe a barba grisalha e ondulante, as virações da tarde enchiam-lhe a manga do burel grosseiro e humilde.

O povo, que o adorava, que via nele a figura de um santo, punha-se em movimento; e, as mulheres e os velhos, os homens possantes e as crianças, suspendiam à cabeça e ao ombro as pedras da romagem, que conduziam às vezes, a uma légua de caminho, para fins piedosos.

E as mulheres cantavam:

Quem é que esta pedra
Me aju da a le var,
Que Nossa Senhora
Nos há de ajudar...

E o suor gotejava da frente e dos braços nervosos do matuto; as mulheres aliviavam, passando de um ombro para outro, o peso das pedras enormes; as crianças suspendiam nas mãos erguidas as que lhes couberam na partilha.

E quando as trovas populares e religiosas emudeciam, o apóstolo das selvas, o missionário imponente e admirável, recomeçava os cânticos sagrados, que o povo, em marcha forçada, fazia seguir do pungitivo coro:

Piedade, *Sinhô!*...

Pi e da de de nós *pecadô!*...

E essas toadas reboavam na floresta, como os ecos de Josafá nos funerais do mundo!

Assim eram as *Santas Missões*; assim a fé antiga erigia seus santuários magníficos, hoje quase desertos de tradições e de Deus!



Santa Missão

.....

S. Sebastião

(FUNDAÇÃO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO)

É

das solidões das crônicas que o pensamento das gerações mortas ressurgem, envolvido no manto luminoso de suas asas.

E para o poeta e o erudito, o filósofo e o artista, nenhuma outra fonte se lhes depara de concepções mais grandiosas do que aqueles santuários silenciosos, de onde os povos passam aos espaldares de bronze da História.

Remontando-nos aos nossos monumentos históricos, encontramos encimados por tantos nevoeiros fabulosos, que, sem a lenda, fora incorreto o desenho dos caracteres, e de lineamentos confusos a embriogenia das grandes empresas e das lutas sobre-humanas, a que se lançaram os primitivos colonizadores deste País.

O dia de S. Sebastião, que relembra o da fundação da cidade do Rio de Janeiro, nos leva direto à pesquisa de fatos reais, embora desabrochados sob a influência do maravilhoso e rescendentes de odores místicos.

Era no ano de 1563. À Rainha D. Catarina, de Portugal, Anchieta e Nóbrega fazem chegar notícias de pazes celebradas com os

tamoios, índios canibais e guerreiros que dominavam a costa do Brasil, desde Cabo Frio até à província de S. Paulo.

Prevenindo sublevações futuras, apressou-se aquela soberana em fazer expedir para este porto Estácio de Sá, sobrinho do Governador Mem de Sá, que foi ter à Bahia, com duas galeras armadas, devendo aí receber ordens de seu tio e partir sem delongas a senhorear o Rio.

Mem de Sá, de posse de instruções escritas, não vacila, fá-lo acompanhar por uma frota, com guarnição de terra e mar, seguindo ele viagem para este porto.

Consolidar as pazes com os tamoios e rechaçar os franceses, era o ideal do Governador e de Estácio de Sá, que, ao entrar da barra em 1565, alterou este plano, à vista das revelações que lhe fizeram em terra, de que os mesmos índios haviam violado o pacto e acometido os aldeamentos portugueses.

A esquadra, à míngua de embarcações pequenas, conservava-se fora da barra; não obstante algumas surtidas, frustradas pela disciplina dos franceses e seus aliados tamoios, Estácio de Sá resolve-se, antes de atacá-los, ir a S. Vicente, que se achava em guerra, calculando que disso resultaria prover-se de mantimentos que lhe faltavam, e de canoas armadas que dessem desembarque à sua gente.

Sem recursos para corresponder às represálias do inimigo, que lhe aprisionava alguns batéis, flechando-lhe soldados, fez-se de vela e foi largar âncoras no porto de Santos.

Os guerreiros gentios, entesando o arco no semicírculo das praias, escureciam com a sombra a transparência azulada das águas...

Nas montanhas estrugiam os búzios e buzinas de guerra, enquanto que o mar, à semelhança da pele mosqueada das onças, era marchetado de canoas balouçantes.

À noite, as fogueiras acendiam-se fumantes, os *pajés* consultavam os oráculos; e as feiticeiras, evocando os gênios de suas cabanas, espumavam epiléticas nas suas danças diabólicas.

Apesar de manterem-se relações amistosas com os tamoios de Iperig, missionados por Anchieta e Nóbrega, freqüentes sobressaltos aquebrantavam o ânimo esforçado de Estácio de Sá, visto como, por circunstâncias de séria gravidade, considerava a guerra, que devera

declarar aos exércitos confederados, uma luta na qual, com probabilidades irrecusáveis, seria vencido.

Nóbrega e Anchieta, porém, amparando-lhe o espírito abatido, vaticinaram-lhe êxito feliz, entendendo Anchieta que *era servido o Céu que desta vez se fundasse a cidade real do Rio de Janeiro*.

E o jesuíta das Canárias que, a julgarmos pela frase citada de Simão de Vasconcelos, representa o principal papel neste acontecimento, incorpora-se à frota de Estácio de Sá, e a 20 de janeiro, dia de S. Sebastião, a quem tomam por padroeiro da empresa, parte para S. Vicente, arriando ferros no Rio de Janeiro, no mês de março, ao açoite das vagas empoladas e ventos contrários.

Chegados que foram, a infantaria desembarca, formam-se trincheiras, cavam-se fossos estratégicos em Vila Velha, junto ao Pão de Açúcar.

Fitando a imensidade, o olhar penetrante de Anchieta destaca nas serras e nas praias os tamoios emplumados e aguerridos; nos mares que o circundam, as canoas inúmeras dos adversários que subiam à tona d'água, como o vômito negro do Inferno sobre aquela superfície que vozeava nos gritos selvagens dos incolos ferocíssimos.

E ele falava em nome de Deus aos soldados e flecheiros bárbaros, acendendo-lhes o valor, lembrando-lhes as glórias de seus pais, e as tradições de sua terra.

O sibilo das setas de parte a parte, a troca de projetis de arcabuzaria, a abordagem dos navios e o aprisionamento de canoas, entretinham indecisa a sorte da guerra, a decisão da contenda.

Entretanto das pelejas, os inimigos deixavam os mares coalhados de cadáveres e as fileiras vitoriosas dos portugueses opulentas de cativos.

Anchieta, porém, reclamado pelo superior da Bahia, teve de separar-se da ação e obedecer.

Nessa viagem, tocando ao Espírito Santo, levou palavras de consolação àquelas aldeias, assistiu ao enterramento do Padre Diogo Jácome, e providenciou com referência às forças militares existentes, preocupado com os sucessos do momento.

Aportando à Bahia, sem perda de tempo, conferenciou com o Governador Mem de Sá, narrou-lhe os heróicos feitos de Estácio de Sá e dos seus soldados, ponderando-lhe que, para tornar-se definitiva a vitória dos portugueses e construir as fortificações marítimas, tornavam-se imprescindíveis mais reforços de embarcações e tropas.

O governador, de ouvi-lo, dispôs-se a vir pessoalmente comandar a esquadra em evoluções, para o que determinou que aparelhassem os melhores navios, bem tripulados e artilhados.

Por essa época o Bispo D. Pedro Leitão confere ordens sacras a Anchieta que, ao lado de Mem de Sá, vinha compartilhar de suas proações, perseguindo igualmente o seu objetivo – a fundação da cidade.

Enquanto a frota navegava e dramas ignorados desenrolavam-se no seio das naus e brigues veleiros, lutas titânicas e episódios lendários encenavam-se na deslumbrante e colossal baía do Rio de Janeiro.

Aos tiroteios sem trégua, às canoas metidas a pique, aos gemidos dos selvagens acolados aos troncos das árvores pelas flechas que os tras pas sa vam, a fé an ti ga ia co lher no mi la gre as pro mes sas de vi tó ria.

S. Sebastião, que escudara com o dia de seu nome a iniciação da guerra, manifesta-se propício nas aparições tangíveis e nas invocações irrevocáveis...

– São as trevas iluminadas que toucam as crônicas!

*

Era em julho de 1565. Estácio de Sá, firme no seu posto, batia-se com denodo: aquela alma de combatente era uma sentinela perdida nos arraiais da defesa e da lealdade.

Os franceses e tamoios o observavam, com as cautelas que inspiram os grandes desastres, com os receios que geram persistentes azares.

Imaginando um ardil, armam eles cento e oitenta canoas de guerra e as ocultam num braço de mar, légua e meia distante do acampamento inimigo.

À frente, na mais ágil e guarnecida de quarenta remeiros por banda, Guixará, índio antropófago e senhor de Cabo Frio, campeava como chefe, adornando-lhe o peito amplos colares de dentes de cem

tribos vencidas. O seu corpo é listrado de genipapo e urucu, e o seu cocar é de plumas variadas e magníficas.

E o que significava isso? Uma cilada: mandarem pela madrugada quatro daquelas ligeiras embarcações oferecer combate aos portugueses, chamá-los ao largo e, quando eles viessem, afluírem as da reserva, caindo destarte prisioneiros ou mortos os que de improviso acudissem em socorro dos primeiros acometidos.

Assim combinados, eis que recorta as ondas a jangada de Francisco Velho, mordomo de S. Sebastião, que ia buscar madeira para a construção de uma igreja consagrada ao santo.

Ao percebê-la, três das referidas canoas dobram de uma ponta de pedra, indo-lhe ao encalço.

Estácio de Sá, descortinando o incidente, dá pressa a que soltem quatro canoas com escolhida guarnição, entra em uma delas e corre a salvar o lenhador devoto.

Apenas dispara alguns tiros, os inimigos fingem retirada, indo juntar-se às outras que lhes vêm ao encontro, empenhando-se desde logo uma briga violenta e desesperada.

E uma floresta de remos afunda-se e relampeia nos mares... E uma nuvem de setas, formando no espaço uma asa escura e compacta, aninha os alaridos bárbaros daquele povo que julgava antecipar-se à vitória.

O fogo dos arcabuzes, o sibilo das flechas voadoras, e os golpes pesados e surdos das maçãs dos selvagens inquietam a superfície do mar, que entoia um canto fúnebre, transportando no esquife ensanguentado de suas vagas os cadáveres que tombam...

No ardor que os anima, os beligerantes são insensíveis a tudo que se passa em torno de si. Entretanto, nunca mais isolados se sentirão de tudo que lhes tenta o viver.

É que entre o céu e o mar é preciso escolher: vencer ou morrer.

Enquanto os índios e os portugueses, com a sua natural bravura, combatem sem medida, sem disciplina, alguém, caindo de joelhos e de mãos postas, à detonação de uma roqueira que dispara e incendeia um punhado de pólvora, exclama:

– Valha-me o mártir S. Sebastião!

E a mulher de um chefe tamoio, assombrada, enfiando os dedos nos cabelos hirtos, brada aos seus que fujam, ou serão vencidos.

Os tamoios, amedrontados, desertam com as suas canoas, deixando algumas aprisionadas e muitos cativos.

Depois deste ataque, os guerreiros vitoriosos, adornados de flores e no meio de hinos de festa, dirigiram-se ao templo, a render graças a S. Sebastião; ficando, como lembrança do memorável feito, instituída a célebre festa das canoas, de que dão notícia os cronistas de nota, e que durou até os últimos tempos da colônia, como se pode verificar nos arquivos da nossa municipalidade.

É da lenda que os aliados dos franceses, recordando-se daquela hora fatal, perguntavam aos portugueses:

– Quem era aquele gentil-homem que andava armado durante o conflito, e saltando em nossas canoas?

Ao que eles respondiam, na convicção inabalável de suas crenças:

– O gentil-homem que vistes, era S. Sebastião, o nosso padroeiro.

O segredo da lenda existe na sua própria natureza. Este quadro é a psicologia do intrépido marinheiro português, todo entregue às suas idéias místicas e aos prejuízos religiosos das raças antigas.

Das peripécias e ocorrências durante a travessia de Mem de Sá, nada poderemos assinalar; que ele trouxera consigo o Bispo D. Pedro Leitão, Anchieta e outros padres, vindo aqui fundear em 1576, é o que nos demonstram as crônicas.

E Estácio de Sá e seus soldados sustentavam refregas valorosas, conquistando em cada uma delas um laurel à sua apoteose.

O inimigo, porém, era avultado como os grãos de areia de nossas plagas. E em cada sertão as redes dormiam vazias, porque as vedas entulhavam-se de selvagens alertas.

A fadiga, a escassez de víveres e a morte começavam a passar revista aos batalhões temerários, que sentiam já o arcabuz pesar-lhes no ombro, e o arco de ipê desobedecer-lhes ao braço outrora fortíssimo.

Nessa conjuntura, aos 18 de janeiro, as velas da esquadra de Mem de Sá alvejam no horizonte.

Aproximando-se, o convés da capitânia transmuda-se num escarpamento de luz, por onde dois vultos gigantescos – Anchieta e o governador – sobem e devassam a imortalidade.

Mem de Sá, homem de fé viva, estacionado na entrada da barra, resolve-se a assediar as aldeias e baluartes inimigos no dia de S. Sebastião, a quem intercede e toma por patrono ao audaz cometimento.

Desembarcando com armas e munições, confiando o comando da infantaria a Estácio de Sá, no amanhecer do dia 20 assalta a inexpugnável fortificação de Uruçumirá, sendo ali flechado Estácio de Sá, e de cujo ferimento veio a falecer um mês mais tarde.

Arrasados os redutos, incendiadas as aldeias e desbaratados os franceses, novas graças foram dadas ao divino Mártir, a quem o governador e os seus bravos atribuíram o sucesso da batalha.

Terminada a guerra, parte Anchieta para S. Vicente, regressando oportunamente com o ilustre Nóbrega e mais padres da Companhia.

Apenas à flor da terra branqueavam os muros da cidade, o silêncio e a tristeza rendiam as derradeiras homenagens ao cadáver de Estácio de Sá.

A sua inumação foi simples e rápida como a dos heróis de Homero!

O governador demarcava limites, ativava a construção das muralhas e fortificações, escolhendo os jesuítas lugar para edificação de um colégio, ao qual o Rei D. Sebastião cedeu patrimônio.

E Anchieta assiste à fundação da cidade nascente que, devido ao nome do rei de Portugal e à proteção do milagroso santo na trilha das vitórias alcançadas, denominou-se – Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Das crônicas religiosas do século XVI foi esta a superstição tradicional que produziu mais gloriosos efeitos.

.....

A Festa da Glória

A verde cimeira do morro da Glória crescia dos mares espelhantes do sol, como uma esmeralda polida na salva de ouro de uma odalisca.

Recentemente fundada a real Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, Salvador Correia de Sá a compassava em sesmarias, que doava aos pelejadores dos últimos combates contra os tamoios e seus aliados.

E aquela montanha que se agigantava coubera em partilha a José Rangel de Macedo, em seguida a seu filho Francisco Rangel, mais tarde ao Capitão Gabriel da Rocha Freire, e deste terceiro possuidor, consta da escritura que temos à vista, passara por compra ao Dr. Cláudio Gurgel do Amaral, que em 20 de julho de 1699 a cedeu em patrimônio a Nossa Senhora da Glória.

Ainda coalhada das flechas dos gentios mortos e dos destroços dos batalhões franceses, a baía do Rio de Janeiro balançava em suas águas os navios dos piratas franceses e flamengos, que transportavam para suas terras o ouro, as resinas e o pau-brasil.

A colônia assim desacatada, armava o curso, dando caça e abordagem aos pechilingues, que respiravam a largo pulmão na atmosfera da rapina e da morte.

Na vargem da cidade, no morro de S. Sebastião, os novos sesmeiros opulentavam-se de doações, ao passo que o ideal de Deus e da Pátria alentava-lhes o braço e trabalhava-lhes fundo nos seios da alma.

Em desenho de estatuário, eis alguns traços dos tempos decorridos e a história patrimonial do outeiro da Glória, em cuja eminência a lenda, erguendo nas trevas seu facho de estrelas, projeta claridades serenas no campanário derrocado da antiga ermida, e alumia as sombras errantes de tantos peregrinos, que outrora a buscavam nas romarias da fé.

E o archote dos mitos, ardendo na noite dos séculos, faz ressaltar o vulto imponente do anacoreta Antônio Caminha, que, em 1671, em cumprimento de um voto, fundara a primitiva ermida de Nossa Senhora da Glória.

Desde logo a igrejinha, perto das nuvens, aos lamentos do mar e à reza dos ventos nas palmeiras, tornou-se-lhe o asilo de paz e uma escada mística por onde a sua esperança ia resplandecer no céu.

Reconstruída, como se acha atualmente, em 1714, em razão de ser doado o morro à Sagrada Virgem, no dia de hoje a aurora encontrava sempre às suas portas a turma dos fiéis.

Desde o velho Rei, era tradicional na família reinante do Brasil o fervoroso culto à Senhora da Glória. Assim, semanas depois de nascido, lhe foi apresentado no templo o Sr. D. Pedro II, orando no ato o sábio D. Romualdo; e reproduziu-se igual cerimônia com Sua Alteza a Princesa Regente, subindo ao púlpito o eloqüente Monsenhor Marinho.

Contam os antigos que à missa dos sábados jamais o primeiro Imperador deixou de comparecer com seus filhos, e que mesmo depois de haver o Sr. D. Pedro II abandonado a tradição paterna, mandava as Princesas D. Isabel e D. Leopoldina assistir ao santo ofício, que tinha lugar nos dias mencionados, às oito horas.

Obedecendo ao sentimento altamente religioso que o prendia à miraculosa Senhora, a família imperial concorria para o culto com preciosíssimas dádivas, tais como: lâmpadas de prata, coroas de ouro e brilhantes, mantos e túnicas de brocados, cálices de ouro, etc.

Como recordação desses estilos, a Princesa D. Francisca, em data posterior à do seu casamento com o Príncipe de Joinville, ofereceu à igreja da Glória os paramentos sacerdotais para missa cantada.

No tempo de Pedro I as festas da Glória eram ofuscantes de brilho pelo lado religioso, de grandeza desusada como pompa exterior e de verdadeiro caráter principesco, como conclusão aristocrática. Oficiavam bispos, pregavam oradores célebres, as missas eram de compositores da estatura de Pedro Teixeira, José Mauricio e Marcos Portugal. Cantavam no coro as vozes mais afamadas; e os sopranos pertenciam ainda ao grupo dos sete castrados, que o ilustre e tão desfavoravelmente julgado D. João VI fizera vir da Itália.

À noite, os quarteirões do Catete e da Glória povoavam-se como nunca. As músicas tocavam nos coretos, as casas e as ruas enfeitavam-se, iluminavam-se; os bailes da Baronesa de Sorocaba, que estuavam nos dourados salões de seu palacete da subida do morro, eram honrados pelo primeiro Imperador, cuja presença representava a majestade da festa e a soberania do amor.

Em anos mais felizes do Segundo Reinado, a festa de que nos ocupamos tinha sentimento próprio, afinado pelo diapasão das tendências devotas e nacionais.

A crença popular não conhecia medida; o entusiasmo público transbordava pelo que a religião tem de mais poético e o coração de mais nobre.

À semelhança de um pássaro abrigado sob a rama que cobre a terra de perfumada sombra, o povo refugiava-se nas suas inocentes credices e não se preocupava inutilmente com as ondas subterrâneas de uma falsa ciência que esteriliza, nem se engolfava no indiferentismo que asfixia.

A festa da Glória era um exemplo palpitante: foi um ser que existiu e de que hoje vemos apenas o fantasma que se esvaece coroadado das rosas pálidas e fanadas das visões de Macbeth.

O prólogo da admirável festividade eram as novenas.

No dia cinco, de manhã, as aias de Nossa Senhora, naquela época moças da mais elevada classe, bem como as Baronesas de Sorocaba e de S. Nicolau, D. Margarida Delfim Barroso e D. Matilde Delfim Pereira, vestiam na sacristia a Sagrada Imagem, que levavam para o altar. Ao escurecer, a igreja, toda armada e circulada exteriormente de luzes em globos e arandelas, campeava nos ares como um farol à distância,

dando aviso aos devotos e aos mareantes das referidas novenas de que seria teatro.

Desde logo os aprestos gerais começavam, as casas dosromeiros atopetavam-se, as ofertas à santa afluíam e tudo estava a caminho.

A cabeleira da imagem, mandada pentear por devoção por D. Margarida* Delfim Pereira, já que se achava com o armador; e algum acessório que faltasse viria até à véspera da festa, em que vestia-se pela segunda vez a padroeira do templo.

Logo que amanhecia, os sinos repicavam, os carros tirados a dois ou quatro cavalos desfilavam pelo cais da Glória, conduzindo devotos e curiosos, grandes senhores e nobres damas.

Belas mulatas, lustrosas crioulas, velhos e crianças, homens e mulheres de toda casta, aproximavam-se contritos, entupiam a ladeira, deixando após si grossas massas de povo, conduzindo a pluralidade dosromeiros velas de cera enfeitadas de desenhos, de flores de pano e vistosas fitas, braços, cabeças, pernas, seios e barrigas de cera branca ou colorida, promessas de *milagres* que nas horas aflitas fizeram fervorosos à Virgem de sua invocação.

Antes das dez horas da manhã a música de barbeiros marchava, indo postar-se na baixada da igreja. Dessa banda, a principal, era diretor um certo Dutra, mestre de barbeiros da Rua da Alfândega, que a ensaiava e fardava para as mais ruidosas funções.

Todas as figuras eram negros escravos; o uniforme não primava pela elegância, nem pela qualidade. Trajavam jaqueta de brim branco, calça preta, chapéu branco alto, e andavam descalços. Os que não sabiam de cor a parte, liam-na pregada a alfinetes nas costas do companheiro da frente, que servia de estante.

A procura desses artistas era extraordinária. Ainda na noite antecedente a banda havia acompanhado a procissão da Boa Morte, que saía da igreja do Hospício, procissão obrigada a irmandades e a anjo cantor, que entoava a quadra:

* Pouco acima o autor cita Matilde Delfim Pereira, e não Margarida. (Nota desta edição.)

Deus vos salve, ó Virgem,
Mãe Imaculada,
Rainha de clemência,
De estrelas coroada...

ao acompanhamento dos barbeiros, que realçavam o piedoso cortejo.

Na praça da Glória um coreto magnífico recebia a banda militar. A Lapa, o Catete e a ladeira formigavam de gente.

Bandeiras e galhardetes, colchas de damasco, globos e outros preparos da esplêndida iluminação completavam o pitoresco do sítio, que, dia e noite, animava-se nos suntuosos festejos.

Sentados sobre a muralha que circula o templo, homens e mulheres, tendo entre os joelhos as crianças, abriam os chapéus de sol, que os protegiam das verberações ardentes; salteados aqui e ali, um ou outro indivíduo cavalgava o muro, deitava as pernas para a banda de fora, balançando-as, e as crias, bem vestidas, preenchendo espaços vagos, espichavam a cabeça preta, arregalavam os olhos vermelhos, surdindo por trás da muralha de granito.

Quem subia a ladeira, lastrada de folhas aromáticas e sombreada pelos colchas que flutuavam das janelas, maravilhava-se da original galeria, assustava-se da saraivada de foguetes que troavam e, a cada momento, o eco da cisterna do pátio de pedra repetia o fim das palavras que pronunciavam-lhe à garganta escancarada.

E os archeiros estendiam-se em alas...

As carruagens, rodando intermitentes, paravam embaixo; saltando da boléia, os criados de libré aproximavam-se da portinhola, descobriam-se à descida dos altos personagens do clero, das grandes damas da corte, dos embaixadores, da nobreza enfim, que se encaminhavam para o outeiro.

De repente inúmeras girândolas varavam o ar, estourando prolongadas. O hino nacional executava-se nos coretos; oficiais e soldados da Guarda Nacional e de tropa de linha destacavam-se dentre o povo, e os dois batedores do piquete do Imperador relampeavam de perto as espadas, abrindo caminho.

E Suas Majestades e Altezas, com o seu séquito opulento e distinto, apeavam-se tomando a serpeante ladeira subindo os degraus de mármore do gracioso adro e desaparecendo em breve no profundo da igreja.

O aspecto interior do templo era deslumbrante: ouro, gemas preciosas, damasco, flores, luzes sem conta.

Apenas entravam Suas Majestades e as Princesas ocupavam o docel. Nas tribunas, junto do altar-mor, fascinavam de riqueza e formosura as aias e as devotas de Nossa Senhora.

No coro a orquestra preludiava os intróitos da missa solene, quase sempre composição de José Maurício ou Marcos Portugal.

Facciotti, Reale e Ciconi, os três castrados que se passaram do Primeiro Império, lá se achavam – famosos sopranos que iam casar suas vozes às dos celebrados cantores do Lírico e da Ópera Nacional.

E o alto clero, representado por suas culminações, deixava a sacristia ornada de emblemas votivos, dando começo à missa.

Naqueles bons tempos, pregavam ao Evangelho – Sampaio, Mont’Alverne, Monsenhor Marinho, o Cônego Barbosa França, e doze outros oradores, para quem a tribuna sagrada foi verdadeiro “carro de triunfo”.

Terminada a festa, mesmo depois da retirada de Suas Majestades, a igreja, o largo pátio e a esplanada da ladeira demoravam-se repletos das multidões que se substituíam, persistindo a lufa-lufa, o prodigioso concurso, até depois do fogo de artifício, queimado às dez horas.

À noite, a festa da Glória, sem perder a sua característica de pompa verdadeiramente real, interessava mais diretamente ao povo. As luminárias no templo embandeirado, a iluminação da frente de todas as casas do quarteirão, os barcos refletindo na água as luzes da proa, as famílias sentadas em cadeiras à porta das habitações, as tocatas de violão e os bailes modestos alegravam aquela gente, que tinha fé e divertia-se na felicidade comum.

O *Te Deum* celebrava-se com a grandeza dos estilos admiráveis, com a assistência de Suas Majestades; e quando os sinos repicavam marcando o termo da solenidade, parecia o eco enfraquecido das salvas

das fortalezas, que algumas horas antes haviam anunciado o final da missa cantada e festiva de Nossa Senhora da Glória.

E Suas Majestades, descendo a montanha sonora das ondas do povo sob um teto listrado de bandeiras e radiante de luzes, dirigiam-se ao palacete em que presentemente funciona a Secretaria de Estrangeiros, para tomar parte nos esplendorosos bailes do Bahia.

Ninguém imagina as riquezas decorativas daquele edifício, iluminado por dentro e por fora, sulcado de globos acesos o jardim, contornadas de copos de cores as duas pirâmides – ao som da música, à queda das cascatas, ao perfume das flores! Como não se elevaria o ideal do artista e do amante naquele âmbito orientalmente fantástico!...

Nos salões amplos e riquíssimos, os cantores do Lírico faziam-se ouvir ao estrépito dos aplausos, a aristocracia trocava entre si galanteios escolhidos; e passeando nas salas, à espera da dança, o corpo diplomático, os membros do Parlamento e os altos funcionários do Estado, adiantavam-se com as suas damas, adornadas de pérolas e brilhantes, que fascinavam ao brilho dos lustres de cristal e dos candelabros de prata e de ouro maciço.

As toaletes de remontado valor e fino gosto artístico, corre na tradição, tornavam mais encantador ainda o semblante das “estrelas da noite”, que eram habitualmente a Senhora de Meriti, as Marquesas de Abrantes e de Monte Alegre, Mme. de Saint-George, as senhoras Jerônima de Aguiar, Sousa Franco, Moller e Magarinos, a cujo lado resplandecia divina a Princesa de S. Severino, nobilíssima esposa do Ministro de Nápoles.

E Suas Majestades inauguravam o baile honrando a primeira quadrilha, e a *soirée* desdobrava-se rápida e encantada, como o vôo transparente de uma fada das regiões dos sonhos e das fantasias.

Enquanto no palacete do Bahia iniciavam-se quadrilhas e valsas, as mesmas cenas tinham lugar em casa do Senador Cassiano, da Baronesa de Sorocaba, de D. Rita Pinto Magessi, que por devoção a Nossa Senhora da Glória festejavam-lhe o dia com ruidosos bailes.

Às dez horas da noite, caprichosos fogos de artifício queimavam-se em terra e no mar, e à luz do fogo nas águas destacava na murada

do cais e na extensão da rua o povo em tropa, agrupando-se aqui e ali, para melhor apreciar o surpreendente espetáculo.

E pouco a pouco as multidões dispersavam-se...

Os bailes entravam pela noite adiante, pela madrugada...

*

É da lenda, que, quando o último baile do Bahia acabou, uma luz única, que bruxuleava na torre da igreja, rolando ao longo do muro como uma lágrima, apagou-se...

E a festa da Glória passou à tradição!

.....

As Encomendações das Almas

E

ntre o sentimento religioso das populações do Norte e o sentimento supersticioso, a transição é tão fácil, as aproximações tão semelhantes, que muitas vezes se confundem no enlace mais branco e vaporoso.

Ninguém ignora que o catolicismo, com todas as suas fantasias e esplendores, com todas as consolações que dá a Fé e a Esperança no longo martírio da vida, encontrou naquelas paragens abrigo remansado, e a convicção popular avigorava-se, à sombra perfumada da tradição e do nacionalismo do lar.

A religião, que acompanhava o homem do berço ao túmulo, nas alegrias e nos pesadumes, foi o persistente ideal daquele povo, bem feliz outrora do domínio pleno de suas abusões inocentes e de suas cismas improfanadas.

Recordando quadros da nossa infância, revolvendo do passado lembranças que não se apagam como o traço de água do mar ao regougo da tempestade, muitas e variadas são as cenas que ainda nos ferem a imaginação, coloridas dos revérberos daqueles dias, em que as ilusões nos embalavam em redes de ouro, ao tom das aragens frescas dos nossos climas natais.

Dentre essas telas esfumadas e de beleza antiga, dessas cenas de relevo bizarro, *as encomendações das almas* nos preocupam por vezes o espírito, tão lúgubres e aterradoras nos foram as impressões deixadas.

Qual o gênese desses costumes seguidos em todas as províncias do Norte, dessas cerimônias lustrais que por lá ainda se encontram no seu verdor primitivo, procuremos no esquite de chumbo dos séculos mortos, no inventário de épocas remotas, em que o ascetismo interrompia a leitura dos livros místicos para acabá-la no Céu.

A idéia que os cristãos da Idade Média faziam do Inferno era a mesma que tinham do Purgatório, notando-se, porém, que neste último, as penas deixavam de ser eternas para serem por tempo limitado.

Esta concepção, transformada facilmente em dogma, por isso que dissipava o terror dos sofrimentos perpétuos, trouxe ao cristianismo aspirações novíssimas, que se foram cimentando com as práticas propiciatórias, por um ritual distinto e imponente, de acordo com o sentir das coletividades no seio das quais abria passagem a sedutora doutrina.

À exceção de S. Gregório Magno, que sustentava a reencarnação dos espíritos para expiação de passadas culpas, foi sempre o Purgatório, no conceito dos padres da Igreja, um lugar de torturas, onde havia torrentes caudais de betume fervente, de lagoas de fogo e de enxofre fumegante, em que as almas submergiam-se com as formas corporais da Terra, e desatavam gritos, soltavam gemidos e vozes súplicas, às vezes escutadas neste mundo.

Especialmente a pintura, materializando o pensamento, fê-lo palpitar sob os revestimentos da arte, e mestres notáveis acompanharam a evolução do dogma.

Localizando o fato, devemos assinalar que nossos incultos pintores não escaparam à tentação do progresso artístico, dessa estética maravilhosa, que mais acentuava o efeito da *Dança Macabra*.

Ninguém há por aí que não tenha visto à porta de certas igrejas, dentro de tabernas e, nas ex-províncias do Brasil, em várias boticas, a *caixinha das almas*, com figuras pintadas ao alto, brancas e negras, com olhos de brasa e boca de fogo, levantando os braços no meio de labaredas vermelhas, listradas de amarelo...

E o que representam elas?

As almas do Purgatório que pedem sufrágios; as vítimas do pecado, que imploram, para aliviar-lhes as penas, a piedosa lembrança dos vivos.

E os pobres escravos, as crianças e os velhos, as mulheres e os devotos, deixavam cair pela abertura do cofre trancado a esmola escondida, não sendo raro colocarem sobre o mesmo frutas e ovos, que eram comprados pelos fiéis, entrando desde logo o dinheiro para a *caixinha* votiva.

Isto enquanto ao simbolismo da arte, à liberalidade cristã, que semeava a esmola para desabrochar em responsos e missas *pelas almas do Purgatório*

Como complemento da idéia, o povo aparecia espontâneo, em pequenos grupos, tomando parte direta no sagrado empenho da salvação.

Nos lugares onde não havia oratórios de pedra, via-se, como ainda hoje, cruzes em alto-relevo ao longo dos muros, pintadas de preto no exterior de casas particulares e nas portarias de velhas igrejas, ou então cruzeiros de granito ou de madeira, no centro das praças, nas encruzilhadas dos caminhos à distância, nas estradas e ruas...

O que significavam eles no silêncio estrelado das noites, nas solidões a desoras, dominando misteriosos na mara vilhada do vá cuo?

Eram as *cruzes das almas*, o aprisco lúgubre dos penitentes da meia-noite; o ponto de partida das *serenatas* horríveis, cujos ecos iriam minorar os suplícios do fogo purificador.

Invariavelmente pela quaresma celebrava-se o rito popular das *encomendações*, obrigadas à música, acompanhadas de solos e coros.

Dizem mesmo que para esses atos compositores afamados concorriam com produções geniais, intercaladas de frases que imitavam soluços, enriquecidas de transições mal sentidas, de *menos* para *maior*, cujo efeito não podia ser mais plangente e infernal.

Às sextas-feiras, ao pingo da meia-noite, quando as cidades e povoados estavam ermos, quando os *Lobisomens*, as *Caiporas* e as *Mulas-sem-cabeça* corriam o fado, soava nos ares o troar da matraca e o badalar da campá sinistra, que anunciavam o préstito em movimento.

De repente, ao afinar derradeiro dos instrumentos, percebia-se bem longe – à porta das igrejas, ou lugar convencionado para a reunião – vultos amortalhados de branco, com a cabeça coberta, deixando apenas ver a boca e os olhos, esclarecidos por pequenas lanternas de papel ou de folha-de-flandres, com a luz voltada para o rosto.



A encarnação das almas

Alguns, muitos mesmo tocadores de flauta, violoncelo, rabecas, etc., juntavam-se aos cantores, que os alumiavam, desenrolando músicas escritas.

A um momento dado, findos os preparos, os *encomendadores das almas* desciam lentos de sua soturna estância; e, rompendo a marcha, a campainha vibrava metálica, a matraca batia, a procissão desfilava, tétrica, pavorosa e de fazer arrepiar os cabelos.

Constava da tradição que só homens podiam tomar parte nessas romarias em favor dos condenados de além-túmulo; sendo proibido, sob pena de morrerem assombradas, às mulheres e crianças, afrontar o preceito lendário.

E a *serenata* da morte, escoltada de superstições e de duendes, começava os seus *noturnos*, as suas *capelas* cantadas, prolongando-se até mais de uma hora, fazendo estações aqui e ali, difundindo o pavor e o medo em seu trânsito incerto e cheio de assombro.

Adiante, vagaroso, cadenciado, de cabeça erguida, o portador da *cruz das almas* seguia imperturbável, entre dois indivíduos cabisbaixos, envergando idênticas vestiduras e amparando as luzes das velas metidas em cartuchos de papel: logo após o homem da campainha, tangendo-a compassadamente, sacudia ao vento a manga ondulante de sua túnica de morim, que recebia nas trevas o reflexo rubro das lanternas acesas...

E a procissão passava!... passava!...

Sendo da crença popular que ninguém podia abrir as janelas e as portas para ver a tétrica *passeata*, pois que além de cometer gravíssimo pecado, morria de medo, visto como as almas faziam parte da comitiva, a solidão estendia-se em seu trânsito e circulava o ambiente envolto em trevas medrosas e profundas.

Aos fantásticos personagens que iniciavam o préstito, sucedia um outro que entoava com voz cavernosa, lúgubre e como que saída de um túmulo, as *Lamentações* do estilo, admiráveis trechos musicais dos compositores da terra.

Depois vinha o resto – os devotos menestrais das almas, envoltos em suas roupagens de neve, com buracos para os olhos e a boca.

E a matraca, batida, troava... a campã, agitada com violência, formava uma abóbada funebremente sonora.

De escutá-las, as crianças e as mulheres, os moradores das casas vizinhas e longínquas, despertavam: ouvia-se choro, preces, rumores...

E a procissão passava!... passava!...

Eis senão quando a matraca e a sineta emudeciam, os tropéis aquietavam-se, e o silêncio crescia mais taciturno e misterioso...

Um vulto tomava a frente; no mesmo instante, os instrumentos davam afinação, tocavam à surdina; e o violoncelo, por exemplo, começando a *capela* noturna, gemia sob os dedos inspirados do artista, soluçava dolorosamente, produzindo sons despedaçadores.

E aquela espécie de alma penada, aquele indivíduo isolado dos seus companheiros – o baixo-profundo –, entoava silábica e monotona a cruel e pavorosa *Lamentação*:

“Pe-ca-dor-en-du-re-ci-do!!...”

A impressão que isto produzia era horrível; não se pode imaginar o efeito sobrenatural dessas composições especiais sobre espíritos fracos e de credulidade exagerada.

Depois os demas músicos acercavam-se da figura principal e, seguindo, bradava um cantor:

“Um Padre-Nosso com uma Ave-Maria por alma dos presos da cadeia!...”

E todos rezavam cantando, na persuasão de que os ouvintes, encerrados em suas casas, o faziam também.

“Um Padre-Nosso com uma Ave-Maria por alma dos afogados!...”, prosseguia um outro, apenas terminava a reza, e assim por diante...

Em caminho, sucedia reunirem-se a estes, penitentes que surdiam daqui e dacolá, vestidos de saias de mulher, coroados de espinhos e com as costas nuas, sobre as quais faziam vibrar férreas disciplinas, açoitando-se à sangue.

E a procissão passava!... passava!...

Junto a um oratório aceso ou *cruzes de almas*, o préstito fazia alto, espevitavam-se as velas das lanternas esbraseadas, e as *lamentações*, os Padre-Nossos, Ave-Marias e Salve-Rainhas eram de novo cantados, em tons fúnebres e pesados como o estouro das vagas nas praias desertas.

Este espetáculo terrível, que impedia de respirar livremente, que povoava de sobressaltos e terrores os sonhos infantis e a credice popular, findava sempre aos primeiros cantos do galo...

Mas, por que deviam ser invisíveis tais grupos de músicos ambulantes? Por que as *encomendações de almas* podiam ser unicamente ouvidas?

Corria na tradição, aviventada por *testemunhas autênticas*, que o imprudente que *tentasse* profanar o mistério, só via um *rebanho de ovelhas* (eram as almas) e um *frade* sem cabeça que entregava-lhe uma vela de cera, vindo-a buscá-la na manhã seguinte.

E não a encontrava!!

Dizem alguns que o *frade* encantado era uma alma penada; e outros que era do Demônio disfarçado para assombrar e tentar as criaturas.

Seja como for, as *encomendações das almas* tinham um ideal elevado, e no Norte ninguém havia que, embora tremendo de medo, deixasse, ao escutá-las, de pedir a Deus por si e por elas...

Eis a descrição pálida de um costume nosso, que variava com as circunstâncias e os meios.

.....

Corpus Christi

(A PROCISSÃO DE S. JORGE)

D

ata do reinado de D. João II a mais antiga notícia histórica das festas públicas, que celebravam em Portugal a instituição da Eucaristia, festas às quais aquele soberano permitiu que se acrescentasse a procissão de S. Jorge, com o seu cortejo de três reis Magos, a Serpente, S. Sebastião, uma Donzela, o Dragão, S. Miguel, Santa Clara e mais uma infinidade de personagens do martirologio e do simbolismo cristão, que no dia do Corpo de Deus percorriam enfileirados as ruas lendárias da metrópole lusa.

De 1412 em diante é que a tradição, amortalhada nas cartas régias, resplandece, tendo como testemunhas de igual valor os documentos das municipalidades insulanas e coimbrã, espalhados por sopros seculares sobre a mesa de trabalho do erudito T. Braga, que os tem estudado e divulgado com lúcido critério e alevantado saber.

A procissão de *Corpus Christi*, isoladamente, é do ritual romano: em todos os países católicos ela existiu e existe, limitando o seu giro às circunvizinhanças dos templos, ou aos próprios templos.

Como tradição pátria, como legado dos tempos coloniais, é mais particularmente da procissão de S. Jorge que vamos tratar, e que destoa da de *Corpus Christi* da liturgia cristã, constituindo um todo independente, ou uma parte cuja ligação ideal é o fio delgado de uma lenda.

Lê-se nas crônicas medievais que S. Jorge, indo ferir uma batalha, encontrara-se em caminho com o sagrado Viático e o acompanhara com as suas tropas.

Daí a base do religioso cortejo e o que naturalmente determinou a sua primitiva e singular organização, nas eras crédulas em que acima vimo-lo aparecer.

Pouco adiantado em relação às suas pompas remotíssimas, desconhecedor de sua evolução até o período atual do velho reino, é ao turbilhão enfraquecido das nascentes históricas que passaremos a descrever essa procissão no Rio de Janeiro, há mais de vinte e cinco anos, quando ela não havia perdido a sua realeza hereditária e seu aparato magnífico.

De todas as procissões do ano, a de S. Jorge era a que melhor concretizava elementos nossos; e a que com mais largueza apresentava em painel vigoroso o povo brasileiro, definido em sua religião, em seu regímen político, em seus troncos capitais e em alguns de seus costumes.

Apesar de não a haveremos assistido senão no declínio de seu esplendor, o comércio com os narradores do tempo facilita-nos o per-lustrar veredas deixadas, em que dia por dia o esquecimento enche de sombras.

Em 1850 via-se ainda na Rua de S. Jorge, murando a um lado a Rua da Lampadosa, a modesta capelinha de S. Jorge, que fora abatida anos depois e em seu lugar elevado um prostíbulo.

Ao amanhecer, a voz garrida do sino anunciava a festa do padroeiro do templo; como um tapete, aos seus degraus baixinhos, estendiam-se areias e flores, e os irmãos, com a opa da irmandade, começavam no seu labor anual.

Passava-se sob um teto de bandeiras, ouvia-se o bater dos martelos pregando nas janelas e sacadas de pau arandelas, globos e colchas; e os sacristães, nos ângulos do adro, sopravam morrões, escorvavam foguetes e os arremessavam ao ar, sibilando já e estourando após.

A imagem de S. Jorge lá estava no corpo da capela, exposta à adoração do público, à espera do cavalo branco, em que sairia montada, e de muitos outros que a seguiriam com os seus *tesouros*, vindo um e outros da Quinta de S. Cristóvão, com a criadagem em grande uniforme.

Às nove horas o concurso avolumava-se. Os transeuntes e os espectadores curiosos tomavam as saídas, agrupavam-se no caminho; os negros de ganho, como cesto enfiado na cabeça, paravam boquiabertos; as vendedeiras de quitanda sentiam-se como que chumbadas ao solo; e os moleques, descalços e em mangas de camisa, olhavam ariscos para o Homem de Ferro, andando no adro, e para os pedestres, que surdiam de improvisado dispersando-os a juncadas.

Às janelas enfeitadas instalavam-se mulheres de má vida formando uma galeria de faces afogueadas e inchadas, de semblantes vulgaríssimos e às vezes macilentos, ensombradas por negras *pastas* de cabelos untuosos, reluzindo, ao colo nu e às orelhas daqueles bustos estúpidos, cordões de ouro e pesados brincos, que tombavam-lhes no ombro.

Esparramadas fora dos batentes, com as mãos gordas e cruzadas, mostrando em todos os dedos anéis de ouro com pedras falsas, as dissolutas Madalenas da ralé estiravam o pescoço, debruçavam-se, a qualquer movimento súbito.

Enquanto isso se passava, os irmãos de S. Jorge chegavam à porta, desciam à rua, desesperados da tardança da música e do acompanhamento do santo.

Eis senão quando o povo atropelava-se, os moleques corriam em bando até o Largo do Rocio, e na embocadura da Rua dos Ciganos, assobiando, gíngando, apontando, diziam: *É vem! É vem!...*

E a multidão recuava, o cavalo e a comitiva oficial de S. Jorge passavam, o préstito preliminar aprontava-se e, às dez horas marcadas, S. Jorge deixava a sua capelinha para ir no Largo do Paço reunir-se ao Corpo de Deus, em procissão soleníssima.

Desde muito cedo, o movimento de tropas, o rodar de carretas de artilharia, os toques de clarins, os sons de músicas marciais propagavam-se em direções múltiplas, fazendo lembrar uma cidade invadida por exércitos triunfadores.

Era a Guarda Nacional que marchava toda, eram os batalhões dos subúrbios que compareciam a tomar posição na lustrosa revista, passada pelo General no seu dia glorioso.

Estendidos em linha pelas Ruas Direita, Pescadores, Quitanda, Assembléia e Largo do Paço, os batalhões da freguesia do Sacramento, por alcunha *Chinelo Velho*, de Santa Rita, *Tainhas*, de Santana, *Caranguejos*, de S. José, *Gaturamos*, da Candelária, *Galo sem Crista*, o 6º de Engenho Velho, *Samburá sem Fundo*, o 1º de artilharia, *Carroceiros*, e os corpos da roça esperavam o chefe militar para fazerem-lhe as honras no seu trânsito...

E S. Jorge chegava à Rua da Misericórdia; na Capela Imperial os ofícios religiosos tocavam ao termo, e da igreja e imediações o cortejo ordenava-se.

A um sinal de dezenas de girândolas, encaminhava-se a procissão.

As fortalezas salvavam...

Precedida de uma coluna de povo, de capoeiras de diversos bairros e de soldados de polícia a cavalo; entre muralhas de tropa e de gente postada nas calçadas, iniciava ela o seu percurso, ao espelhante das colchas de damasco das janelas e sacadas, à expansão das famílias que de lá assistiam, vestidas de sedas e veludos, toucadas de pérolas e brilhantes.

Era além da Rua Direita que se podia melhor apreciar o efeito dessa cena ambulante e pitoresca, fértil em detalhes e completa.

Serenado o tumulto, espaiada mais longe a espuma da onda popular, a procissão seguia o seu itinerário habitual, por entre o cintilar de baionetas, ao rufo de tambores, à queda de um dilúvio de flores e ao estrugir da foguetaria, a curtos intervalos.

Nas calçadas, por trás dos soldados em alas, a gente de todas as classes perfilava-se, suspendia acima da frente as crianças, a fim de verem à vontade o Ferreiro de S. Jorge...

E a irmandade do Santo General rompia a marcha do religioso e militar cortejo.

Depois desta, a banda de escravos da Quinta avultava, executando soberbos passos dobrados e trechos escolhidos.

Estes artistas – e dentre eles alguns havia afamados, como o célebre mestre Joaquim Maria – trajavam calção azul com glões brancos,

paletó cinzento e comprido, meias de algodão e sapatos de fivela. O chapéu era de feltro, cor de flor de alecrim, e na larga aba revirada na frente, prendia-se um lindo tope verde e amarelo.

Atrás da música dos pretos aparecia o Ferreiro ou o Homem de Ferro, personagem estranho, montado num cavalo negro, coberto de vasta manda de camurça, aberta para as pernas, as narinas, os olhos e as orelhas.

Este personagem, vestido de malhas, peito de aço, capacete bronzeado e viseira descida, secundava a banda, empunhando com a manopla de escamas enorme lança, e tendo no braço esquerdo pesado escudo.

A cor de ferro de todo o seu uniforme guerreiro bem explicava a denominação que lhe dava o povo.

Em seguida, aprumada num cavalo branco, com um criado do paço a cada lado da brida, vinha a imagem de S. Jorge, envergando polida cota de malhas, peito de aço, capacete com bordaduras douradas, e capa de veludo carmesim bordada a ouro. Dois outros criados o acompanhavam, pegando nos estribos e fixando-lhe os joelhos.

À proporção que a imagem adiantava-se, raiava-lhe o escudo ao pino do sol e um estandarte tremia-lhe na destra, tremulando ao vento.

À pequena distância vinha o Escudeiro em fogoso ginete. De casaca e calção vermelhos, de colete branco de seda, de botas e esporas, sobraçando um chapéu de pasta, tinha-lhe à cinta grossa corrente de prata, que prendia um copo do mesmo metal.

Este figurão trazia a barba rapada, o rosto polvilhado e pintado de carmim, e caía-lhe às costas o rabicho de uma cabeleira branca, frisada, de três pontas.

Fazendo parte do séquito, vinte e quatro cavalos fornecidos pelas cavaliças da Quinta levavam os *tesouros* de S. Jorge, que consistiam em grandes charneiras de prata sobre as mantas de pano verde, quase arrastantes, agaloadas de amarelo e guarnecidas nos cantos com as armas imperiais.

Meneando vistosos penachos, com as crinas trançadas de fitas e lindos laços de extensas dobras à cauda agitante, a *cavalgada* caminhava a passo, conduzida pelos criados da casa imperial, de libré e calção.

Fechando o séquito, formava a retaguarda um piquete de cavalaria de linha, de espadas desembainhadas, o Estado de S. Jorge.

Então o ar escurecia-se de uma floresta de guiões das irmandades, reunidos em grupo.

Os irmãos sentiam-se embaraçados na roda dos hábitos, olhavam para cima equilibrando os pendões, suavam em bica, com a cabeça ao sol.

Aos guiões sucediam-se todas as irmandades. Às ordens terceiras precedia o clero regular: o cura da Capela aos padres da diocese. Compareciam os escrivães do corpo eclesiástico, de calção e capa romana, a cruz do cabido e o pessoal da capela; e, entre as ordens terceiras e o clero, a câmara municipal, representada pelos vereadores.

Os anjinhos eram em número prodigioso; os confrades de tochas acesas bufavam de calor e protegiam-se da insolação, suspendendo à calva lenços de tabaco; e a música do 1^o da Guarda Nacional já se fazia ouvir.

Nisso passava o pálio, que abrigava o bispo com o Santíssimo, monsenhores, cônegos e sacristas, tendo as varas o Imperador com o manto de Cristo, e os ministros fardados em grande gala.

Os grandes do Império, os cavaleiros do Cruzeiro e de Cristo com os distintivos da ordem, a nobreza e os archeiros ultimavam o cortejo.

As fortalezas salvavam, e quebravam-se ao longe os ecos das descargas: eram os batalhões em alas que faziam as honras ao Santo General, incorporando-se um a um ao préstito, depois da passagem do Viático.

Quando a procissão entrava, seguida de toda a tropa, as fortalezas davam as derradeiras salvas, os batalhões formavam no largo e debandavam.

S. Jorge, o Escudeiro e o Ferreiro demoravam-se ainda um pouco; e, tomando para a tesouraria do Paço, lá recebia o Escudeiro no copo de prata 1:000\$000, em moedas de ouro, o soldo de S. Jorge.

Isto sucedia por volta das duas horas, rodando nas ruas, até ao escurecer, luxuosas equipagens, que reconduziam as pessoas da corte e as famílias importantes.

A imagem ficava exposta, até às onze horas ou meia-noite, em sua capelinha da Rua de S. José, onde os devotos iam em romaria tributar-lhe adorações e oferecer-lhe esmolas.

Mas tudo se foi!

O santo perdeu a sua igreja, o governo suprimiu-lhe o soldo, não obstante S. Jorge ser o único dos nossos generais que jamais se envolveu em *questão militar...*

.....

Quinta-Feira Santa

A começar da véspera, o luto obscurecia o esplendor das igrejas.

A pirâmide ardente do altar-mor em dias de festa havia desaparecido; e a fisionomia consternada dos templos, em que luzes isoladas bruxuleavam fúnebres, convidava os fiéis à penitência e à contrição.

Em épocas que a nossa lembrança descobre, a quinta-feira santa era um dos maiores dias do povo; dia exclusivamente consagrado à expiação das faltas, aos sacrifícios propiciatórios.

Durante a semana os templos regurgitavam de devotos que iam desobrigar-se; a voz eloqüente do orador sagrado retumbava nas naves como um paroxismo profético da eternidade; e os santos, nos seus nichos dourados, ocultavam-se por trás das cortinas roxas, apenas o sacerdote levantava a antífona das *Trevas*.

E quanto fervor! De quanto poesia a imaginação popular exornava esses atos, esses deveres!...

As superstições sucediam-se às práticas religiosas, o recolhimento da consciência serenava as paixões, e as *Endoenças* como que colocavam a população na presença de um Deus agonizante.

O que se passava na quinta e na sexta-feira santa no seio das famílias era de uma simplicidade primitiva e tocante. “Porque Nosso

Senhor estava doente”, a casa não se varria, os escravos não trabalhavam, os meninos não faziam bulha. Não se cantava, não se dançava, não se tocava. As correções corporais eram abolidas: falava-se baixinho, jejuava-se, rezava-se...

As donas de casa emprazavam para quando rompesse a Aleluia certo ajuste de contas com as escravas delinqüentes e os filhos traquinas.

No corpo das igrejas e nos corredores, nas sacristias e nos claustros, gente de toda a classe buscava os confessionários, desde o sábio e o alto funcionário público, até o homem obscuro e o cativo humilde, cuja metafísica limitava-se a crer e orar.

O jejum, não obstante ser obrigatório, sofria restrições: eram excluídos os doentes e enfermos, as senhoras grávidas e as crianças, os velhos e as mulheres que amamentavam.

A abstinência de toda a casta de jogo e divertimentos e a continência, em qualquer condição, constituíam uma lei.

Durante a *semana final* comungava-se. O padre adiantava-se no silêncio glacial das igrejas, acompanhado dos acólitos; e, diante da toalha imaculada, os fiéis, de joelhos, recebiam a partícula sagrada.

E ao brilho do cibório magnífico e dos círios acesos, um cálix de prata repleto d'água circulava na destra de um irmão da confraria, bebendo um gole cada um dos penitentes, absolvidos dos erros dos dias implacáveis.

O ofício da Paixão, na Capela Imperial e no Carmo, era concorrido não só pela multidão anônima, porém ainda pelo que havia de mais elevado e distinto entre a nobreza e o povo.

Especialmente na primeira destas igrejas o pontifical do bispo, o comparecimento do Imperador e dos seus ministros, o mundo oficial enfim, adquiriam mais deslumbramento ao faiscar das gemas brilhantes sobre o reflexo negro dos veludos e sedas das ricas damas que, das tribunas e do interior das grades laterais, aguardavam, piedosas e belas, a cerimônia da Paixão e do Lava-Pés.

Depois da missa, da sagração dos óleos místicos e de desnudados os altares, arriavam-se os sinos, a hóstia era depositada no *cofre* ou *túmulo*; a música a vozes executava arrebatadoras composições de José

Maurício e outros mestres, seguindo-se após as Lamentações – tudo o que há de mais inspirado na poética sonora do cristianismo.

Às notas repassadas de imprecações e angústias do doloroso e patético drama das Lamentações, a multidão como que via, na série de plangentes antífonas, os profetas da antiga lei ressurgirem nas suas proporções incomensuráveis, mas, no meio das apóstrofes, entornando a segurança e a fé nos corações desolados.

E o coro, respondendo às arguições soleníssimas, parecia ao eco de uma ruína que desabava.

A estética daquele tempo tinha como forma de arte a beatitude d'alma e a cristalização eucarística das lágrimas!

Absorvida no lutuoso ideal, a reunião dos fiéis tornava-se respeitosa e sentida. E aos reflexos lívidos do santuário, aquela espécie de viajantes das terras austrais descobria o aspecto calmo e sereno do céu.

E a matraca, que desde a véspera substituira nas Trevas o sino, atroava a sacristia...

A arquibancada para o Lava-Pés aí estava sobre o mármore sagrado da igreja, para o *mandato* comemorativo.

O bispo, na majestade do seu porte, avultava com os seus sacerdotes e comitiva; e doze padres, alinhando-se, sentados nos lugares determinados, indicavam o complemento do rito, quanto aos oficiantes.

O venerando imitador do Cristo, identificado com o seu papel, patenteava toda a humildade do Divino Mestre quando, interrompendo a ceia, lavara os pés aos seus discípulos, pressentindo já na face pálida como as nuvens do inverno, o beijo frio e viscoso da traição de Judas.

Durante a loção, o coro da Capela entoava umas harmonias de José Maurício, tão inspiradas, que enlaçavam em sua sublimidade maravilhosa, o grandioso, o mistério, o amor e a prece!

Quando esta cerimônia findava, celebravam-se as Trevas.

O altar do sacramento, guardado por sentinelas com armas em funeral, ficava iluminado como uma montanha de fogo; e, dividindo os quartos da noite, os irmãos velavam a hóstia consagrada.

Ali estava a luz; - no resto da igreja rolavam as trevas.

O efeito conveniente dos acessórios destacava todo o *Intermédio* de tristeza que ia desempenhar-se. No santuário, ocupava o centro

um candeeiro triangular, com quinze velas de cera amarela, que queimavam crepitando e fundiam-se em grossos fios.

E o conto das visões proféticas, os lamentos e as orações, ecoavam lugubrememente no recinto e nos altares despídos dos adereços de outrora.

O simbolismo é o transcendente dos cultos. O candeeiro das trevas tinha essa expressão e esse caráter.

À medida que findavam os salmos, a modo que a morte, aninhada em algum turbante de sombras, alongava a asa sobre cada uma daquelas luzes... um acólito as apagava.

Adiantando-se o Ofício, mais se adiantava a negridão que se peneirava no templo, até que o círio do ápice do referido triângulo ficava único como um pensamento que não morre, como um santelmo de náufrago aos frêmitos da tempestade.

Um corista, porém, o retirava, e, levando-o para trás do altar-mor, aí o escondia.

Entre Deus e o Sol há um ponto de contato: não é necessário que eles se mostrem, para que sua luz ilumine os horizontes e o mundo.

– Aquela vela simbolizava o Cristo morto, rasgando com ondas esplendorosas o ar noturno do sepulcro!

E os padres, como uma legião de sombras resvalando no caos, murmuravam o *Miserere*.

Então, o círio misterioso reaparecia, o silêncio era substituído pelo alvoroço, pelo bater de livros nos bancos e o estalar ensurdecido das matracas.

Enquanto a Capela Imperial retinha dos últimos rumores das Trevas, no Paço o Imperador humilhava a sua frente coroada diante de onze pobres e um sacerdote, na cerimônia do Lava-Pés.

Semelhando à Vítima divina, e a exemplo dos papas, dos reis, dos mais imperadores, dos arcebispos e bispos, dos abades e provinciais, Sua Majestade mantinha esses estilos, empanados presentemente por hálitos heréticos.

Este ato era concluído pelas esmolas de moedas de ouro aos pobres, e a oferta de um ramo de flores ao padre que os acompanhava.

Desde o meio-dia o exército cingia de crepe as bandeiras, as músicas calavam-se, as armas ficavam em funeral.

À tarde, as consoadas nos conventos e domicílios privados...

Na quinta-feira santa, a partir de seis horas, a população, vestida de luto, comprava amêndoas e visitava as igrejas.

*

Da multidão silenciosa ouvia-se nas ruas o burburinho confuso e cadenciado.

O farfalhar das sedas, o ruído da turba em caminho, palavras ao acaso, condensavam-se em certa altura, numa ondulação única, mas larga e igual.

A visitação, depois da desobriga, tornava-se como que um respiradouro àquela gente, enlevada no misticismo dos crepúsculos cristãos.

As igrejas soturnas atraíam nesta noite todas as classes populares; por isso que os painéis da Paixão ou os *Passos*, e a exposição do Senhor Morto se haviam preparado e disposto segundo a letra da tradição.

Ao transpor-se o limiar de um templo, deparava-se, ao olhar, o santuário quase ermo de luzes e coberto de panejamentos negros.

Habitando-se à escuridão, quem se aproximasse descortinava a cena mortuária preparada no fundo, cena comovente e destinada a impressionar os espíritos piedosos.

Na Lampadosa, por exemplo, armavam com folhagens um Horto verdadeiramente tétrico, esclarecido com escassez, no meio do qual a imagem do Cristo morto, envolvido no lençol do jazigo, era guardada por irmãos do Santíssimo, com tochas acesas, de opa vermelha, tendo a um lado uma grande salva de prata, onde cada visitante depunha o seu óbolo.

Na generalidade, os *Passos* do Rosário e os Hortos eram pouco comuns.

Simplificando o aparato, a exposição, na pluralidade das igrejas, resumia-se em colocar o Senhor Morto embaixo do altar-mor, do qual retiravam a face esculpida, ficando sobre o altar a Virgem das Dores, nas solidões intermináveis de sua agonia sem termo.

Os irmãos da confraria – e mais ortodoxamente os do Santíssimo Sacramento – velavam alternativamente com as suas tochas ardentes o simulacro do túmulo do cadáver de um deus.

Os fiéis, que deviam visitar, pelo menos, sete igrejas, dobravam o joelho no topo dos degraus, inclinavam o corpo, abaixavam a fronte, beijando de preferência os dedos do pé ou o dorso da mão ensangüentada da imagem estendida. E, erguendo-se compungidos, sacudindo a poeira dos vestidos, deixavam na salva a esmola espontânea, saindo em seguida.

Entre famílias, entre as pessoas mais chegadas, entre o povo finalmente, a frase: – “me perdoe alguns agravos” –, era própria do dia.

E este dizer tão simples, que autenticava a desobriga da quaresma, abrangia os derradeiros temores de uma alma purificada pela religião e pela penitência.

A exposição das baixelas de prata e de ouro, do Paço da cidade, disputava a concorrência com as mais esplêndidas igrejas.

Até à meia-noite, que durava a visitação, magotes de povo empreteciavam as ruas.

O comércio de amêndoas estava no seu auge, as confeitarias repletas de compradores, e o luxo ofuscava.

Ninguém havia que resistisse à tentação de comprar um presente de festas, um objeto qualquer para uma oferta.

Os estabelecimentos especiais, como as confeitarias do Deroche, Castelões, João Guimarães, Carceler, Castanino, do Filipe do Largo da Carioca, e do Neves do Largo do Capim, ostentavam-se caprichosos, com as suas cortinas de cassa nas portas da entrada, com suas galerias feitas em colunas e forradas de seda, e com seus candelabros e arandelas de gosto e preço.

O povo formigava nessas casas, escolhendo à vontade caixinhas e cartuchos de amêndoas, deliciosas empadas, cestinhas com asas, enfeitadas com fitas e papéis, confeitos de amêndoas, cravo, canela, etc.

Por entre as soberbas jarras com flores das escadarias, a classe fina da sociedade, as famílias importantes e ricas chegavam aos salões luxuosos do João Guimarães, em que os gelados, os doces saborosíssimos e os sorvetes eram servidos por empregados luzidos e atenciosos.

Ao movimento generalizado e incessante presidia a boa ordem das nossas festas populares.

Felizes tempos aqueles em que o povo tinha crenças e expansões íntimas!

Mas esses tempos passaram!...

.....

Sexta-Feira da Paixão

A PROCISSÃO DO ENTERRO

O

perdão das injúrias, o bem pelo mal, eram, nesse dia, os orvalhos que reverdeciam as flores que se fanavam da fé.

A morte do Cristo dissipava o horror da imortalidade e fazia cintilar a esperança nas plagas nebulosas da vida eterna.

A crença pública imobilizava-se nas raias contemplativas, onde as ações boas conferenciavam entre si.

Como uma repercussão das palavras que o filho de Deus deixara cair dos lábios no alto do Gólgota, o Imperador perdoava a criminosos. Inimigos vinham de longe reconciliar-se; as famílias reatavam relações partidas; o filho rebelde inclinava diante do pai a fronte obediente; e o escravo fugido comparecia indultado perante o senhor.

Nas fazendas, o eito e o tronco não gotejavam sangue, as gargalheiras não maceravam as vítimas, as correntes do cepo não mordiam o pé do cativo nas torturas das senzalas.

Era o reinado da paz e do perdão; o único dia talvez em que se consideravam bem-aventurados aqueles que choravam!

E a penitência e a devoção encaminhavam à casa de Deus a turba pacífica.

Na Capela Imperial, as velas gastas na vigília ao Santíssimo fumavam, avivando o lume dos morrões esbraseados e longos...

A igreja conservava as portas cerradas em sinal de dó, o interior era sombrio, e os sacerdotes, aparecendo da sacristia, tomavam o altar-mor: o ofício da Paixão começava abrupto.

A adoração da cruz, deitada ao longo no chão do presbitério, o bispo e o cabido faziam prosternados, findo o que, a comunhão derradeira da semana celebrava-se solene.

A Paixão iniciava-se por uma profecia, era o Evangelho dialogado em canto gregoriano. Os judeus, o Cristo, Pilatos e os apóstolos exibiam-se na cena sagrada, tendo por intérpretes o coro e três padres, que, de dois púlpitos e da laje do templo, entretinham a ação, combinando trechos bíblicos com as cadências sublimes de antiguidade remota.

No desempenho da tragédia divina, os padres, elevando os braços, alteavam a voz. – Eram os *bradados*

A Paixão concluía-se pelo ofício de Trevas, que, em tempos afastados, precedia de pouco a saída da procissão do Enterro.

Das oito para as nove horas da noite, duas dessas procissões percorriam as ruas da cidade: a do Carmo e a de S. Francisco de Paula.

Escolhendo como tipo a do Carmo, a sua descrição é curiosa, resistindo severa a confrontos remotos.

Na primitiva, os personagens do cortejo eram menos numerosos; porém uma espécie de prólogo, de intermédio dramático, numa encenação de efeito, dava a conhecer os principais caracteres.

*

Em 1831, por volta das quatro horas da tarde, a procissão do Enterro estava na rua, sendo utilizados, para se encarregarem de diversos papéis, cantores e músicos do ofício de Trevas.

Esgotadas as práticas de sexta-feira, na Capela Imperial, o Carmo enchia-se de povo para observar uma verdadeira cena de teatro. A um sinal convencionado, abriam-se as cortinas de damasco do coro, e

as figuras que tinham de formar o préstito fúnebre apareciam agrupadas, causando grande sensação.

Minutos depois cerrava-se o pano, e aqueles personagens incorporavam-se nas ruas populosas ao cortejo admirável.

A procissão do Enterro, como se fazia mais recentemente, suprimira esta cena histórica, acrescentando, como compensação, novas figuras e mais avultados acessórios.

A procissão do Carmo saía às oito horas da noite. A multidão, apinhada no Largo do Paço, defronte da igreja e da Rua Direita, movia-se em massa, aqui e ali, como uma onda de asfalto fervente, negra e espelhante.

O luar batia ao longe no mar e polia as paredes brancas e as sacadas dos edifícios, de onde centenas de famílias debruçavam-se sôfregas.

As luminárias douravam das janelas e sacadas, as colchas flutuanteas ao vento, produzindo os reflexos iriados uma perspectiva brilhante.

Com os tambores forrados de preto, a bandeira enlaçada de crepe, e as armas em funeral, um batalhão da Guarda Nacional postava-se a um lado da praça, para as honras fúnebres do saimento.

A um momento inesperado, súbito clarão golfejava da porta principal da igreja que se abria. A gente que ocupava o adro, descia; o povo separava-se em alas na Rua Direita; os sineiros, no alto da torre, despencavam o corpo, abraçando a cabeça dos sinos; e todos voltavam o rosto, estirando o pescoço, para o alpendre do templo.

As pessoas mais sisudas e discretas colocavam-se a maior distância, o que deveras convinha à apreciação do aparatoso ato.

Bem como enorme pedaço de veludo negro, cortado por dois galões de fogo, assim era aquela trilha, serpeada pelas luzes das tochas em profusão.

A procissão havia saído... De há tantos anos passados, falemos do préstito, revivendo recordações.

Rompendo a marcha e levando adiante de si a multidão que se atropelava, seis soldados de cavalaria de polícia, com espadas desembainhadas, alinhavam o povo.

As mulheres suspendiam nos braços as criancinhas sonolentas, o chefe de família dispunha, segundo a idade e o tamanho, os filhos e as senhoras, para que bem vissem; e nas portas escuras, trepados em mochos, os escravos procuravam, da melhor forma, espiar o que se passava.

O reboiço e os arremessos eram infalíveis, como se pode deduzir.

E a matraca, batida por um indivíduo vestido de balandrau, troava.

Equilibrado por um irmão do Carmo, o *Lábaro* romano campeava nas alturas com a vistosa inscrição em letras de ouro: S. P. Q. R.

À sua sombra, o Farricoco, envergando uma túnica escura, com capuz sobre a cabeça e máscara aberta para os olhos e boca, simbolizando os Novíssimos do Homem, tocava uma trombeta, sustendo na mão esquerda uma comprida e fina vela de cera, de que a instantes sacudia os pingos.

Com este personagem bizarro começavam a passar os Terceiros da confraria, com seus hábitos próprios, empunhando grossas e pesadas tochas, conduzindo alguns, pela mão, um anjinho, cada qual com um instrumento da Paixão.

Nesta procissão, como nas demais, os comerciantes portugueses, que representavam as riquíssimas irmandades, adornavam-se de suas condecorações nacionais, cravejadas de finíssimas pedras e de brilhantes de raro valor.

Pode-se dizer que a confraria do Carmo comparecia toda, preenchendo os irmãos os grandes claros, os intervalos prolongados, entre a aparição dos personagens que a crença daquelas épocas supunha haverem acompanhado o enterro do Cristo.

O préstito parava a miúdo; os anjinhos, fatigados, iam quase de rastos; e o *guiã*, com seu séquito de irmãos da Misericórdia, com castiçais de pau e velas acesas, obscurecia os ares, azuladamente transparentes pelos brilhos da lua cheia.

E nem mais se ouvia a matraca... o Farricoco perdera-se de vista.

A este, porém, vinte minutos mais tarde, seguiam-se os quatro Profetas maiores, em costumes de mouros, perfilando ao ombro escadinhas de pinho, marchando imperturbáveis.

Este grupo barbado e de cabelos cacheados não passava isento de motejos.

E os irmãos prosseguiam, os anjinhos mais desenvolvidos marchavam, balançando a perninha, e os Profetas lá iam...

Um destacamento da guarda romana, com alabardas, lanças e escudos raiantes, assomava após, capitaneado por um Centurião, homem colossal e resoluto.

De viseira e capacete de couraceiro, com sua banda de seda franjada de ouro, levantava o passo graduado, deixando assentar a pesada e enorme alabarda nas pedras, que estrondavam à pancada.

Os rapazes gostavam desta figura e aplaudiam o desgarre.

Os anjinhos, portadores da *coluna*, da *cana* e da *coroa de espinhos*, indicavam que o sarcófago do Senhor passaria em breve.

Então as três Marias, que eram músicos vestidos de *dominós* pretos e de máscara, avizinham-se, com as suas auréolas em volta da cabeça, fazendo leves mesuras, e murmurando lugubrememente: – *Behú! Behú!*

A estes figurantes, que tornavam-se às vezes ridículos a espíritos imprudentes e pouco refletidos, sucedia o coro dos músicos da Capela e o Anjo cantor.

O Anjo cantor era uma beleza de dezesseis a dezoito anos, ricamente vestida e cingindo um diadema de ouro e brilhantes.

Subindo numa escada de degraus largos, quando entoava, desenrolando o sudário ensangüentado, a antífona – *Ó vos omnes qui transitis per viam* – sentia-se que por ali ia passar alguma coisa de divino.

As flores, atiradas das janelas, forravam-lhe o caminho, o esquife do Senhor aparecia.

À semelhança de um lago de estrelas frias, o sarcófago de prata maciça oscilava ao ombro de frades do Carmo, de alva e estola atravessada, coroados de espinhos.

O religioso silêncio que dominava as multidões era apenas quebrado pelos rufos abafados de tambores, e pela marcha fúnebre que se executava longínqua.

Em seguida, vinha o andor de Nossa senhora, carregado por irmãos do Carmo. Como o esquife, este andor era todo de prata esculpida,

mas guarnecido nas quatro faces por estreitas cortinas cor de violeta e douradas, que terminavam em ricas franjas de ouro.

A sagrada imagem, no seu pedestal rodeado de ciprestes, impunha-se como santa, como virgem e como mãe!

Este cortejo era fechado pelo batalhão, cuja música tocava, durante o trajeto, marchas fúnebres.

Só depois das onze horas a procissão recolhia-se à igreja de onde saíra, ficando por mais algum tempo as imagens expostas à adoração do público.

Pouco depois o sermão de lágrimas, outrora verdadeiro primor de eloquência, era declamado pelo orador mais célebre aos fiéis reunidos naquele sacrário de dor.

Muita gente do povo percorria os *Passos*, visitava os Hortos, ficava estacionada nos adros das igrejas expostas ao público.

Igual procissão, que saía de S. Francisco de Paula, tinha seus partidários, seus devotos, mas itinerário diverso.

Sentadas nas calçadas, ao longo das ruas, nos degraus das igrejas, as vendedeiras de doces e confeitos arriavam os tabuleiros, dentro dos quais uma lanterninha de flandres, com uma vela acesa, alumiava os mostradores ambulantes.

À distância, essa miríade de luzes movediças dava a idéia de uma noite clara dos trópicos, com as suas moitas cheias de luz e suas campinas chuviscadas de vaga-lumes.

Da Semana Santa, cujo livro de costumes o nacionalismo brasileiro atirou no olvido, salve-se ao menos esta lauda da tradição.

.....

Preces para Pedir Chuva

Dentre os nossos costumes populares, mais generalizados e ainda existentes no Brasil, é um dos mais líricos e religiosamente belos em sua simpleza as procissões de preces, essas romarias propiciatórias empreendidas por famílias e habitantes de uma localidade, com o fim de obter do Céu intervenção benéfica contra calamidades públicas, que assolam, circunscritas, a terra e o homem.

A nota desses costumes, derivados das primitivas idades da Igreja, é de ordinário vibrada nos templos pelos respectivos vigários, e daí repercute sonora e desoladora por toda uma vila, um termo, uma cidade.

Nos tempos de seca, quando o sol, que reanima a natureza, mata a planta e os viventes; quando os crepúsculos assemelham-se a fornalhas de cobre candente que abrasam as estradas e os campos; e a fome e a morte levantam-se das plantações que torram, das fontes sem água como órbitas vazadas, do fumo que ondula em espirais fantásticas das matas que se incendiam, os sacerdotes e o povo refugiavam-se em Deus.

Desde pela manhã, os vigários das freguesias da roça exortavam os fiéis, e as ladainhas, as sagradas orações à Virgem, a penitência serviam de intermediárias entre o Criador e a criatura, no pleno domínio da desesperança dos dias funestos.

Se no lugar devastado havia mais igrejas, à tarde as procissões encontravam-se, seguidas de grande multidão. Os penitentes açoitavam-se; as mulheres caminhavam descalças e de cabelos soltos; as imagens trocavam-se nos templos permanecendo ausentes de seus altares até à queda da primeira chuva.

Esse atos religiosos, essas orações para pedir chuva, anunciados depois da leitura de pregões pelo pároco da freguesia, eram na pluralidade das vezes realizados exclusivamente pelo povo, que acudia espontâneo a aplacar o castigo do Céu por meio de demonstrações humildes, de sacrifícios dolorosos, de rezas específicas.

E os agricultores contritos associavam-se a esses deveres, todas as condições se nivelavam diante de uma idéia que pedia perdão, que ciliava-se penitente em presença de aniquilamento progressivo, que se abatia sobre a terra como um pirata que rouba e assassina à meia-noite!

Na província do Rio de Janeiro, onde localizamos esta cena, as preces de que falamos, além do relevo propriamente religioso, isto é, do que se passava na igreja, apresentavam saliências de característica popular, em cuja superfície polida refletiam-se os tons quentes e pitorescos das pinturas de gênero.

No começo das secas, quando uma atmosfera de forno prenunciava a destruição, os vigários, no fim da missa e em breves prédicas, preparavam o espírito de seus paroquianos para a iniciação das preces, que alguns dias mais tarde se faziam ouvir lamentosas no recinto dos templos e na extensão quase deserta das estradas.

Do púlpito, terminada a celebração do domingo ou acabada, como dissemos, a leitura de proclamas, muitos deles aconselhavam ao povo que saísse em procissão com as suas imagens privativas, auxiliando-os destarte nos deveres da fé, nas súplicas fecundas ao Altíssimo para a extinção do flagelo.

Então a consciência cristã, no remanso do lar, compenetrada de suas culpas e atribuindo a intensidade inextinguível da seca a verdadeiro e provado castigo, recolhia-se em si mesma, procurando atenuar tantos males com a devoção mais íntima e profundamente sincera.

A manifestação externa desse sentimento, a forma clássica debaixo da qual palpitava esse pensamento perfumado de incenso do

santuário, era caprichosa e original, sobressaindo pelo maravilhoso do espetáculo, pelo fantástico da visão.

Desde logo, à beira das estradas ou no escuro das matas, descobriam-se luzes que se moviam, vultos que circulavam nas salas, sombras que trepavam em bancos, em cadeiras, pregando colchas, suspendendo arcadas de flores acima das portadas...

Eram as famílias que armavam as suas casas de taipa, preparavam seus andores para as preces ambulantes.

No quarto, em frente à entrada, de portas abertas, os oratórios, de lamparinas acesas, sobressaíam de um fundo agalado, semeado de estrelinhas douradas, com apanhados de fofos de paninho enlaçados de fitas.

No centro das referidas salas amanheciam os pequenos andores (excepcionalmente um), rodeados de velas, vistosos de panejamentos bizarramente coloridos, entremeados de rendas e orlados de trancelins de vários matizes.

Continuadamente, ao escurecer, os vizinhos e convidados enchiam as casas, e um ou outro figurante capital do corteja vinha lá de dentro para se incorporar aos préstitos que, sem delongas, punham-se em marcha.

E o céu era puro e límpido; em uma nuvem branca toldava o esplendor das estrelas que brilhavam na imensidade, parecendo soltas no éter azul e cristalino.

O ar abafava; as exalações dos paus apegavam-se às vestiduras da noite; os sapos, pulando nos caminhos, inchavam o papo amarelento, martelavam nas forjas dos brejais, nas furnas das pedras ao relento.

Aqui e ali ouvia-se o grito do bacurau que estrebuchava nas garras de ferro da coruja...

Por essas horas, as procissões de preces, adiantadas em seu percurso, apercebiam-se ao longe em núcleos luminosos, nas elipses de fogo avermelhado que planavam no além...

De repente um grande foco concentrava-se, subdividindo-se após e tomando direções variadas.

Eram as procissões que se encontravam em uma curva, que paravam por instantes, apartavam-se, ao coro das rezas, dos *benditos* entoados pelos penitentes em trânsito.

De quando em quando, um carro de bois sulcava a estrada, sufocando nos guinchos estridulos as vozes do religioso concerto, da piedosa serenata, da multidão campesina em suas orações populares.



Process para pedir chuzas

Depois, uma daquelas auréolas luzentes, um daqueles grupos remotos desdobrava-se em luzes isoladas, vencia a extensão, aproximava-se.

E o canto, interpretando o voto comum, tradicional em certas paragens à oportunidade do momento, ecoava pungitivo e prolongado, carregando ainda mais o terror daquelas almas em sua peregrinação lustral:

Virgem Santa dos remédios,
Que a todos remediais,
Nós que somos pecadores
Cada vez pecamos mais.

Rainha de eterna glória,
Mãe de Deus, doce e clemente,
Dai-nos água que nos molhe,
Dai-nos pão que nos sustente.

E pelos vales e serras, os ecos – órgãos das florestas – acompanhavam as preces, as súplicas incultas, reboando na imensidade!

A procissão, desfilando nos caminhos, não tinha pompas solenes, mas uma pragmática estabelecida.

Os leves andores, levados geralmente por moças ou meninas, seguidos de velhos e crianças, de escravos e livres, adiantavam-se na noite, escoltados de pessoas descalças por penitência, de senhoras de cabelos esparsos sobre as espáduas, de indivíduos votivamente maltrapilhos, que acentuavam com mais vigor o arrependimento de suas culpas, motivadoras também do providencial castigo.

E das pequenas velas de cera que ardiam – flores de fogo daquela procissão espectral – aclarava-se o cortejo e a senda, prosseguindo as rogações cantadas, em que as vozes mais ásperas contrastavam com as melodias suaves e as dissonâncias agradáveis das vozes infantis:

Compedei-vos, Senhora,
De nos sos prantos e dores,
Morremos todos à sede
Porque somos pecadores.

Pedimos a vós, Senhora,
Dona da terra e do mar,
Refrigério para o corpo,
Graça para vos amar.

A esses rumores as aves acordavam tontas nos matagais silentes, as saracuras despertavam quebros nos mangues borbulhantes e os insetos zumbiam em fanfarra lóbrega na obscuridade iluminada das capoeiras densas.

E a procissão passava, seguia, sumia-se, recolhendo-se bem tarde.

De volta, trocavam às vezes os santos, que pernoitavam em casas diferentes, e lá iam seu destino pulverizando de luzes pequenas zonas de trevas.

Chegando os penitentes a domicílio, apenas a turba de acompanhadores dispersava-se e os graciosos andores ocupavam determinados lugares nas salas iluminadas, cada família fazia servir modesta ceia, antes e depois da qual o desejo e a impaciência transpareciam nos semblantes e materializavam-se nas ações.

Aqui era uma moça que, chegando à porta e estendendo a mão, dizia que já chuviscava; ali um roceiro que olhava para o céu, e aspirava a terra farejando chuva; acolá um indivíduo qualquer que afirmava achar-se ela iminente, apontando para uma nuvenzinha solitária e perdida, descobrindo estrelas que *não estavam* antes...

Entretanto, porém, alguma coisa de extraordinário se dava por aquelas ocasiões. Testemunhas autênticas e insuspeitas confirmam que não era estranho que, com a primeira procissão de preces, verdadeiros dilúvios desabavam inesperadamente, sem que uma leve aragem, um sinal obscuro apenas os houvesse prenunciado...

E era belo de ver-se aqueles penitentes, aquele povo robustecido em sua fé, abrir caminho ao marulho das enxurradas, ao soprar rijo da ventania, resguardando as suas imagens e deslumbrados pelos relâmpagos que fuzilavam, traçando escadarias candentes nos horizontes forrados de negro da tormenta!

E a enormidade estourava!...

.....

O Dia de Finados

(RIO DE JANEIRO)

Ea no tempo em que este país revelava o espírito tradicional da velha metrópole, e a alma popular mirava-se na serenidade azulada do céu.

Naqueles dias de outrora, em que se acreditava nas virtudes maternas e na existência de Deus, a religião conduzia o homem, do berço ao túmulo, entre cantares e flores, harmonias e lamentações.

A morte, para os nossos maiores, nunca se afigurou o cadáver boiando podre nas maremas lívidas do Nada, porém a continuação da vida, o despertar da individualidade persistente, numa existência póstuma.

Daí, os piedosos deveres para com os que haviam deixado este mundo, que na compreensão antiga nada mais era do que um vale esguio e tenebroso, onde a missão do homem é rir e chorar como um louco, até cair como um ébrio nas portas da eternidade.

Às desigualdades da vida, a comemoração dos fiéis defuntos traçava um nível que continha o rei e o vassalo, o rico e o pobre, o senhor e o escravo. Dir-se-ia que o dia de finados destinava-se à representação da célebre *dança macabra*, em que a Morte, saindo da sombria

noite da Idade Média, passava revista às legiões de fantasmas refugiados em seus glaciais domínios, mas para conciliá-los pelo perdão e a prece, em climas melhores.

É que o cristianismo, levantando o archote que fuma sob o pé do Gênio funerário da arte grega, transformou-se num facho sideral, à luz do qual as almas remoinham em bandos na beatitude dos eleitos – lá onde o dia é sem noite, a vida sem morte, e a verdade não travada de erro!

Nesta festa lúgubre do ano, cada um constatava as perdas que havia sofrido, o número dos que sucumbiam pelejando a seu lado na grande batalha da vida...

Aqui, era o pai de família que orava em pranto pela esposa que fora dormir o sono dos túmulos; ali, a viúva desolada e sem pão, que preparava a oferenda fúnebre para o marido, que tão cedo lhe caíra dos braços; acolá, a jovem mãe que soluçava pendida sobre um berço vazio...

E os convidados da Morte seguiam em procissão fúnebre, com ramos de saudades e amores-perfeitos, de sempre-vivas e ciprestes, com grinaldas e emblemas, no solene cortejo, em que a rainha coroada era um esqueleto com panejamentos negros, tendo em uma das mãos descarnadas uma foice, e na outra a ampulheta simbólica.

No meio das igrejas, aquela figura medonha parecia o espectro de um abutre de Josafá, peneirando de suas asas esgarradas e hélicas a cinza dos mundos!

*

O dia de finados subordinava-se a estilos preambulares. O primeiro cuidado das famílias era, com bastante antecedência, mandar falar a um padre para dizer a missa pelo defunto, rezar responsos e mementos à sepultura dos seus. Isto feito, enviavam-se emissários ao Mamede da Silva Passos, da Rua da Vala, ao Raimundo de Andrade Leite, da Rua do Hospício, ao Joaquim Teixeira de Castro, da Rua da Carioca, e a outros armadores, para que fossem armar à frente das catacumbas murais e as banquetas, colocando sobre estas as urnas funerárias, com inscrições e fechos de prata, circuladas de castiçais e serpentinas do mesmo metal, com velas de cera.

À porta dos templos, sanefas pretas de largos apanhados, agaloadas de branco ou de amarelo, enchiam-se ao vento, e, desde a véspera

às três horas, até às seis da tarde seguinte, o carrilhão dos mortos soava o lamentoso aniversário.

De véspera, igualmente, um povo estranho, de calça curta e estreita, de barba rapada ou à inglesa, de opa verde, vara e pequena bacia de prata, afrontava os transeuntes, entrava pelos corredores, batia nas rótulas, implorando, com acentuação pausada e reverente:

– Pra missa das almas!...

E os meninos e as moças, os velhos e os rapazes, davam esmolas de dinheiro, enquanto que o escravo de quitanda ou do ganho fazia diante do irmão das almas leve genuflexão, antes de depor sobre a bacia reluzente um ovo, uma banana, uma laranja, ou uma moeda de dez réis.

– As almas santas lhe ajudem; dizia o figurão da irmandade de S. Miguel e Almas, prosseguindo, com a sua opa de seda, que lhe descia abaixo da curva das pernas.

– Amém, respondiam, benzendo-se, os pobres cativos, com-penetrados de sua ação meritória.

E todos os sinos dobravam, pedindo sufrágios pelos mortos, ao passo que imenso povo, vestido de luto, desfilava tão pesaroso, que nem um sorriso dourava-lhe o semblante severo.

As mães conduziam pela mão os tristes filhinhos, que levavam à memória paterna goivos enlaçados de ciprestes; as famílias encaminhavam-se às igrejas, com grinaldas de ciprestes e de flores, que depositavam sobre o crepe das banquetas e nos ângulos dos ossários; o escravo procurava de preferência a igreja da Lampadosa, de Santa Ifigênia, do Rosário e de S. Domingos, onde chorava os seus companheiros de infortúnio, nas covas sem letreiro e sem luzes, em que haviam desaparecido.

E eram eles bem felizes, porque descansavam na casa de Deus!... Em épocas anteriores, o cemitério das alimárias, em Catumbi, e a vala de Santa Luzia não distinguiam, no desabrigo e no solo, o pobre filho da África do cão que se sacia e morre na lama das ruas!

E o vácuo abria-se no lar... e os sinos dobravam lúgubres como o pensamento da vida eterna...

Nos conventos e nas ordens terceiras, onde o culto dos mortos revestia-se de todo o aparato litúrgico, as pompas fúnebres do rito executavam-se majestosas, de acordo com o caráter decorativo do recinto sagrado.

No altar-mor fechava-se o trono com um véu preto e docel da mesma cor, destacando-se ao fundo a sacrossanta imagem do Cristo, de tamanho natural, com o corpo cheio de sangue e os olhos cheios de perdão. No plano abaixo do cruzeiro, elevava-se custoso catafalco, coberto de veludo preto, com uma cruz prateada ao longo, ladeado de ciprestes e seis tocheiros de prata, tendo na frente, que deitava para o vestibulo, uma caveira assentada sobre duas tíbias cruzadas, e a cada canto inscrições tiradas da Bíblia:

Pulvis es, et in pulverem reverteris.

Sic transit gloria mundi.

Homo natus de muliere, brevi vivens tempore, multis miseris.

Memento mori, etc.

À porta de cada igreja, um irmão das Almas e uma chusma de mendigos pediam esmolas a quem entrava – o que não lhes era recusado –, por intenção de algum parente morto, pelo qual se comprometiam a rezar um Padre-Nosso e uma Ave-Maria.

– Pra missa das almas!... repetiam a instantes os prepostos da irmandade, adiantando a bacia, e dando a beijar a vara de prata com a imagem esculpida de S. Miguel e Almas.

E a missa estava no altar, o canto gregoriano batia as suas ondas de sagrada harmonia, que reboavam no espaço e nas naves, refluindo no coração dos fiéis. Depois as estações cantadas no claustro, os ofícios, os me mentos e as missas par ticu la res em to dos os al ta res.

Sobre as sepulturas do corpo da igreja e dos claustros viam-se aqui e ali panos pretos com cruces de galão, e às quatro extremidades ricos castiçais com velas acesas...

E as flores serviam de lágrimas à morte, como as lágrimas de flores à vida!

Nas catacumbas armadas de veludo negro, sobressaía o nome do morto que encerravam dísticos, emblemas, inscrições diversas.

Parava-se diante de cada uma, os meninos soletravam assombrados as legendas fúnebres, os velhos ruminavam uma prece úmida de pranto, e estes e os mais penduravam às maçanetas e à cruz inclinada das urnas as grinaldas que iriam fanar-se ao contato frio da morte.

E os frades, atravessando lentos aquelas vastidões consagradas, murmuravam o memento, com a fronte pendida e as mãos ocultas na

manga do burel, como se acompanhassem solenes uma procissão de além-túmulo.

As grandes senhoras, os personagens ilustres, o cidadão pouco avultado, a família obscura, o escravo, enfim, percorriam os templos, rezando as suas orações, encomendando os seus mortos, assistindo às missas em sufrágios, que diziam-se até as três horas. Então o povo saía, dispersava-se sem tumulto, cômico de haver desempenhado religiosos deveres.

Daqui e dali, no adro das igrejas, a mão de um pobre estendia-se ao passante, e um coro de vozes rompia em tons pungitivos:

– Pelas almas santas benditas!...

E outro, mais forte:

– Pra missa das almas!

E os sinos dobavam pelos fiéis defuntos, até que a noite aninhava-lhes de novo o túmulo no silêncio e no mistério.

Com a febre amarela, ficaram abolidos os enterramentos nas igrejas, inaugurando-se a abertura dos cemitérios públicos em 1851, necessidade esta reclamada pelo crescido obituário.

Desde logo, o dia de finados tomou outra feição, que se foi apagando pouco a pouco, e de que apenas subsiste uma idéia vaga, confusa, profanada.

Na primitiva, porém, quando a veneração pelos restos dos que nos foram caros ainda era legítima, a herança desses costumes manifestava-se pelas pompas exteriores do momento, reverberando sobre a população claridades suaves e patrióticas.

De pé a tradição, a mudança de lugar determinara ligeiras variantes, e mais tarde estúpidos abusos.

Como no passado, as famílias preparavam-se, contratando sacerdotes para as missas, para os responsos nos cemitérios. De véspera, pela madrugada, partiam escravos com grandes tabuleiros à cabeça, samburás, cestos, etc., em que iam castiçais com mangas de vidro, serpentinas e medalhões com emblemas adequados, ornamentos que a saudade ofertava em lembrança dos que haviam purificado na campa a vestidura terrena.

Os negros, na insolação do descampado, lá permaneciam todo o dia, guardando a prataria, mudando as velas que se gastavam.

Devido à distância, os ricos, nas suas belas equipagens, e a gente mais modesta em *omnibus fluminenses* seguiam o mesmo itinerário, carregados de flores e coroas fúnebres, para depositar nos jazigos suntuosos e na cova rasa, onde uma cruz de pau pintada de preto dava prantos de orvalho às memórias ignoradas.

O povo, caminhando em devotas romarias, distribuía-se em direções diferentes, conforme os cemitérios; mas contrito, trajado de luto, com o braço enfiado em coroas de ciprestes, conduzindo as suas *lembranças* funerárias.

Ao avistar-se a cidade da Morte, o coração confrangia-se, o sentimento religioso dominava da altura celeste, embalado pela brisa que soluçava entre os arvoredos isolados das longas avenidas.

No mármore dos carneiros, no chão do fosso fechado, um pai ou uma mãe, um parente ou um amigo, depositava, com as pálpebras inchadas de pranto, as suas oferendas enlaçadas com largas fitas, nas quais o amor, a saudade, o desalento, lavravam os epitáfios espontâneos de amarguras que se calam.

Junto aos templos, paramentados de capas e casulas pretas, e nas capelas do Caju, de S. João Batista e de S. Francisco de Paula, os padres, em presença das famílias, cantavam os ofícios, celebravam missas.

Sulcando os quadros populosos dos cemitérios, os ministros de Deus rezavam mementos, aspergiam as lousas...

Como era edificante aquele lúgubre espetáculo! Como deviam exultar no Senhor os ossos daqueles mortos!

Depois... tudo se foi! O mármore dos túmulos manchou-se das nódoas do vinho e das obradas refeições; a vaidade foi cuspir no esqueleto de hoje – ela que será o esqueleto de amanhã; o sacerdote agride pelas preferências, como se a sua prece sacrílega pudesse aliviar das penas a seres mais puros!

Raras são as pessoas respeitáveis e sérias que atualmente ainda visitam os cemitérios. Destas, algumas que o fazem, preferem as horas mais próximas da madrugada ou as mais distantes do entardecer.

E as luzes estão quase extintas...

Quando elas se apagarem de todo, é que a treva não cairá somente sobre o culto dos mortos, mas sobre o culto da Pátria!

TRADIÇÕES

.....

A Festa da Moagem

(PROVÍNCIA DO RIO)

No Norte e no Sul do Brasil, as festas do trabalho, os jubileus da lavoura tinham sobre a fronte grinaldas frescas e odoríferas, enramadas ao gosto dos estilos selvagens.

Aos harpejos bárbaros da floresta, ao rumor sacrílego que acordava os ermos, os fazendeiros, em suas casas de vivenda, faziam os cálculos sobre os proventos de suas plantações e consideravam no dia da inauguração da moagem, traçando planos alegres e realizáveis.

No Rio Bonito, em Capivari, na Boa Esperança, em Macacu e em toda a província do Rio de Janeiro, a começar de abril, alguma coisa de estranho se passava nas fazendas, desusada atividade punha em alvoroço foreiros e escravos.

A gente da redondeza, convidada ou não, dispunha-se a comparecer à festa anual agrícola do mês de maio, época em que todos os engenhos principiavam a funcionar.

Abandonando por toda a duração da moagem as suas magníficas e confortáveis moradias, alguns senhores, acompanhados por vezes da família, vinham residir nos engenhos, fiscalizando diretamente o trabalho.

Desde maio, porém, as enxadas e as foices dos escravos lampejavam ao sol, procedendo-se à capina geral do terreiro e de suas

proximidades, que abrangiam o inteiro perímetro, o quadrilátero extenso ocupado pelas construções principais e rústicas da grande propriedade.

A casa de vivenda, a do engenho, os paióis e depósitos, as senzalas extensas eram caiadas e limpas; a escravatura recebia timões de baeta azul e roupa de algodão para o gasto do ano; e, de oito a quinze dias antes da moagem, procedia-se ao corte das canas, que chegavam em carros de bois e ficavam sob os alpendres ou em depósitos especiais.

Quem passava então pela estrada desfrutava um espetáculo aprazível, encantava-se diante de uma paisagem larga e pitoresca, própria do nosso clima e do nosso meio, e de acordo com o desenvolvimento relativo dos nossos proprietários rurais.

Aninhada debaixo de um céu sem névoas e quente de esplendores, a bela casa de vivenda do fazendeiro opulento dominava em uma eminência, elegante e avarandada, sobre um terreno amplo, arborizado e varrido.

À curta distância, a fábrica do açúcar levantava-se vasta, da altura de dois andares comumente, com suas varandas compridas, com seus alpendres contornantes.

Os paióis e as senzalas, em planos variáveis, acentuavam o tom característico desses núcleos agrícolas, outrora tão florescentes e hoje quase infecundos.

Pontes atravessando córregos, rebanhos e bois nas pastagens, casinhas de sapé, ranchos dispersos, e uma ou outra senzala de cujo teto um esteio rompente se abria em ramas e flores – eis mais ou menos um quadro das nossas antigas fazendas, monótonas até ao enfado, à força de serem semelhantes.

Desde escura madrugada, entretanto, a vida nelas se reanimava, especialmente no tempo da moagem e da safra.

Os escravos, saudados pelo cântico das aves, pelo murmúrio dos rios, pelo espadar das cascatas, surpreendiam as auroras do sol que os encontravam no eito; os carreiros seguiam à frente dos tardos bois, ao guincho dos carros; e os cantos dos negros em turmas eram acompanhados em surdina pelo cicio dos canaviais às virações do amanhecer:

‘Stava na praia escrevendo
 Qu an do o *vapô* api tou:
 Foi os olhos mais bonitos
 Que as *ondias* do mar levou!...

Minha senhora, me venda,
Aproveite seu dinheiro;
Depois não venha dizendo
Qu'eu fugi do cativo iro.

Eram os pobres escravos do Norte que carpiam as suas saudades! Era um pensamento talvez de suicídio, uma idéia de morte tarjando de luto a esplêndida aquarela da natureza!...

Mas o dia da festa estava marcado, e com antecedência ultimavam-se os aprestos.

De véspera, a casa do engenho e as mais construções adornavam-se, interna e externamente, de troféus, de pendões vegetais entremeados de flores selvagens, de ramagens e palmas, de festões e arcadas de folhagens; no terreiro, as bandeiras, colocadas de distância em distância, flutuavam na extremidade dos bambus flexíveis e verdes; e aqui e ali os moleques e negrinhas, saltando e brincando, olhando espantados, chusmavam em algazarra, aqueles com a camisa aberta no peito, mostrando ao colo uma figurinha suspensa, um bentinho ou um rosário de devoção materna.

Matava-se um boi para o banquete dos senhores e ração dos escravos, carneiros, galinhas, etc., incumbindo-se a dona da casa, a família do agricultor, da direção das escravas doces, das que arranjavam o necessário para os convidados e hóspedes.

De véspera também, já se achavam na fazenda os compadres e os amigos do estimado senhor e que tinham vindo de longe com suas famílias.

Os foreiros ajudavam os escravos nos preparativos, a música se achava avisada, e os foguetes, comprados na cidade, enchiam o recanto de um aposento, para a ocasião oportuna.

As moças românticas, impressionáveis e meigas, sonhavam com os primos bacharéis; os coronéis da Guarda Nacional conversariam sobre eleições; e as influências locais não perderiam a vasa para a cabala, para apresentar o seu candidato ao futuro pleito eleitoral.

No dia da moagem, apenas a luz da manhã estava em casa de Cristo, lá vinham convidados a cavalo, famílias em carros de bois com toldos de esteiras ou de chitão lavrado, indivíduos de toda a casta, muitos dos quais descalços, trazendo às costas sapatos enfiados no ipé.



No dia da mo a gem...

Na varanda de sua habitação, o fazendeiro e a família, desde muito cedo, lobrigavam os convidados que se aproximavam.

O fazendeiro, com seu rodapé e calça de brim pardo, seu chapéu-de-chile ou manilha, pondo ao lado a xícara de café, estendia a mão sobre a testa, para melhor distinguir os vultos; a mulher e as meninas, penteadas e prontas, cresciam da ponta dos pés, alongavam o pescoço, aventurando nomes, recordando apelidos.

E os primeiros chegavam, os escravos tomavam os animais, as famílias apeavam-se. O fazendeiro e os seus os recebiam, entre gracejos e abraços, riso franco, proporcionando-lhes hospitalidade proverbial e antiga.

Até alto dia era a mesma lufa-lufa: progressivo concurso de povo, a alegria mais sincera, os deveres obsequiosos mais distintos...

O bando de moças, as gentis roceiras, tagarelavam, riam de qualquer coisa, fazendo contraste com as que não se levantavam das cadeiras, conservando-se mudas, apalermadas.

As moças da corte e as mais interessantes e inteligentes e da freguesia falavam em namoro com os rapazes, recitavam a balada da *Moreninha* do Dr. Macedo, tinha de cor as poesias sentimentais dos poetas do tempo.

A fazendeira, com seu vestido de musselina, *tropa-moleque*, e lençinho ao pescoço, desfazia-se em delicadezas, em oferecimentos aos convidados, procurando-lhes o conforto, a sem-cerimônia mais cordial.

Neste ínterim a casa da moenda acabava-se de armar, os escravos estavam a postos, os caldeirões areados e espelhantes, o forno provido de lenha.

A um momento inesperado, a música da vila tocava ao longe, assomando em um carro de bois, todo enfeitado de flores e ramagens, trazendo o guia o chapéu circulado de flores do mato, lindas e vistosas.

O prazer, que com as harmonias, mesmo longínquas, se espalhava na fazenda, era indizível: todos corriam às varandas; as mucamas e

as crias desciam à porta; os foreiros saíam de suas casas de sapé, chegando-se ao terreiro.



Fazendeirona varanda

Apesar do prodigioso número de convidados, da parentela sem fim dos donos da casa, do povo que se reunia em festivo convívio, uma nota discordante se apercebia, causando geral inquietação e sensível impaciência: a ausência do vigário!

Era da tradição que, não se benzendo o engenho em cada safra do ano, tudo corria mal: os escravos morriam ou decepavam as mãos nas moendas; um desastre qualquer perturbava a paz da família; um acontecimento fatal punha em atraso a vida do fazendeiro.

No pleno domínio desta superstição, que acreditamos uma verdade, o não comparecimento do vigário importava a transferência da festa, ou a procura de outro sacerdote, que nem sempre era fácil, concorrendo esse expediente, embora autorizado, para ressentimentos da parte daquele: o que cumpria evitar.

Como é de prever, as moças faziam promessas, acendiam a Nossa Senhora, pediam a todos os santos para que nada lhe tivesse

acontecido, sendo logo enviados pagens a cavalo à freguesia, a fim de indagar do motivo da tardança.

E a música descia... E de um dos carros cobertos de colchas de chita, que se encaminhavam após, apeava-se o folgazão e nédio vigário, trazendo consigo a esparramada *comadre* e a récuca de *afilhados*...

A recepção, debaixo de vivas, tornava-se estrepitosa; e o velho fazendeiro e sua mulher, as pessoas mais gradas e os primeiros personagens políticos da localidade batiam palmas, dirigiam-se a ele, aos apertos de mão, aos abraços, em expansivas manifestações.

Pouco depois, o vigário e seu sacristão tiravam de uma caixa de folha-de-flandres os seus paramentos, a gente toda seguia para a missa e depois para a casa da moenda, formando um derradeiro grupo o fazendeiro, o vigário o juiz do termo, o juiz de paz, e suas competentes famílias.

Uma vez na casa do engenho, a gente toda ficava embaixo, na grande área ocupada pela almanjarra, as caldeiras, os alambiques, os cochos, o orno, etc., indispensáveis ao fabrico de açúcar e da aguardente.

O vigário, de batina, sobrepeliz e estola, tendo ao lado o sacristão, abria o livro sagrado, ao passo que muitos dos circunstantes recebiam tochas enfeitadas e acesas.

As moças e as matronas, em fileiras sucessivas, com seu séquito de belas mucamas, assistiam igualmente ao ato vestidas à moda, sobressaindo em suas vestimentas e nos cabelos lacinhos de fitas verdes e amarelas, flores nativas.

E o vigário começava a bênção do engenho, finda a qual fechava o livro e afastava-se, cedendo espaço à cerimônia da inauguração.

A música, em desafinação constante, atreadora a fazer despertar um cataléptico, passava-se da celebração religiosa para a festa



O vigário

profana, ao estouro dos foguetes que se atacavam lá fora, das girândolas que sibilavam intermitentes até a conclusão da cerimônia.

Nesta ocasião, muitos dos circunstantes, homens, senhoras e crianças, subiam para as varandas interiores, aparatosamente ornadas, e dali gozavam da festa da moagem, propriamente dita, da inauguração anual dos trabalhos da fábrica, segundo o ritual observado por nossos lavradores...

E as moças aos cochichos, às risadinhas, nos requiebro desconfiados, adiantavam-se para a almanjarra, passando a cada uma delas sua vistosa mucama um feixinho de canas raspadas, presas por laços de fitas, que eram delicada e cuidadosamente colocadas por suas senhoras dentro dos cilindros da moenda.

A música atordoava ainda mais, as palmas choviam, e um molequinho, de roupa bonita e chapéu entremeadado de folhas e flores, trepava na boléia fixa a uma das hastes do triângulo da almanjarra, tocava a parrelha de burros, fazendo girar todo o maquinismo.

Os escravos empregados nesse trabalho debandavam, cada qual para seu mister especial, com grandes escumadeiras e outros utensílios da indústria.

Então o vigário, o fazendeiro, o madamismo e mais circunstantes, que presidiam a inauguração, reuniam-se aos convidados, que se achavam nas varandas, seguindo todos em ruidosa folia para a casa de vivenda, onde lauta refeição, opípara merenda era servida, trocando-se brindes calorosos, entusiásticos.

E o engenho moía ativíssimo, esgotado o primeiro caldo, lavados os condutores.

Em seguida, em riquíssimos bules de prata, levavam as escravas saboroso caldo de cana, geralmente apreciado, sobretudo por ser o da primeira moagem.



A mucama

Toda a escravatura, os foreiros em tropa e os conhecidos destes, apreciavam, no terreiro e na fábrica, o caldo que se distribuía a granel, em cuias de cabaço amargoso, ao uso da roça.

Nesse dia, à exceção da gente do engenho, ninguém mais trabalhava: os escravos batucavam depois do jantar; os foreiros dançavam e cantavam; os senhores moços presenteavam as crioulas e as mulatas de estimação com belos cortes de vestidos de chita e de cassa, fios de corais, brincos de ouro, etc.

Desde o anoitecer a música preludiava o baile, que começava às nove horas e findava de manhã.

Aos que haviam assistido à inauguração era de costume mandar-se potes de melado e rapaduras, como lembrança da festa.

Enquanto o baile estuava nos salões dos senhores, enquanto a sorte coroava de bens a opulência, à luz fumarenta dos candeeiros do muro externo das senzalas, ao fogo de pequenas fogueiras que ardiam tímidas, os escravos dançavam as suas danças, cantavam as suas toadas, aos tinidos das violas, dos urucungos e das marimbas, tangidas na solidão:

A vida do preto escravo
É um pedão de peinar:
Trabalhando todo dia
Sem noite para descansar.

E um morador, sapateando na chula animada e fervente:

A cachaca é moça branca
Filha de padre trigueiro:
Quem bebe muita cachaca
Não pode ajuntar dinheiro...

Cana verde, cana verde,
Cana do canavial,
Eu já fui mestre d'açúcar,
Hoje sou oficial.

.....
Uma semana mais tarde tudo estava mudado. A fazenda, adormecida à meia-noite, tomava um aspecto sinistro e aterrador.

Os vaga-lumes faiscavam no campo e nos tetos das senzalas; a fornalha do engenho, como o olho esbraseado de um demônio, golfejava chamas nas trevas que fugiam espavoridas; e o silêncio, pesado como uma mortalha, caía sobre a planície e a colina.

De espaço a espaço, porém, uma melodia em voz rouca, monótona e cadenciada como o coaxar dos remos na travessia das canoas, feria o ar, despertando os ecos dos ermos...

Era um velho africano, sonolento e alquebrado, que, sentado na almanjarra, tocava os animais que a rodeavam lerdos e fatigados:

Eh-bango!
Bango-eh!
Caxinguelê...
Come coco no *cocá*...
Tango, arirá...
Tango, arirá...

E o chicote estalava, completando a onomatopéia desta toada que terminava silábica, pausada, admirativa e estacando de súbito:

Eh – ah!...

Uma vez inaugurada a moagem, os escravos trabalhavam dia e noite, em turmas alternadas, mas sem parar.

O tempo da safra durava por meses.



O primeiro caldo

.....

Um Casamento de Ciganos em 1830

E

em 1830 as classes sociais no Rio de Janeiro achavam-se por tal forma discriminadas, que a confusão tornava-se inadmissível, irrealizável.

As castas, por conseguinte, obedecendo a esta lei, viviam extremadas, com suas usanças e costumes próprios, com suas tradições especiais e antagonistas.

Nessa época muitíssimos eram os ciganos aqui residentes, entregando-se ao comércio de escravos e cavalos, empregados no foro e em vários misteres, todos porém constituídos em sociedade à parte, onde mantinham, sem a menor quebra de lealdade, as suas tradições e os seus prejuízos de raça.

Habitavam geralmente o Valongo e a Cidade Nova.

Pobre, abastado, ou opulento, o seu lar primava por estilos particulares e antigos.

Surgindo dos nevoeiros pré-históricos ou não, o certo é que os ciganos alteavam-se à perfectibilidade sociológica, no tocante à instituição da família. Pelo viço de suas lendas, pelo simbolismo de suas manifestações, pela inviolabilidade de seu régimen privativo, podia excluir-se de seu meio a poligamias, a promiscuidade, o incesto, etc., sendo unicamente

adotada entre eles a monogamia como união sexual, estado este que assinala o pleno desenvolvimento das coletividades humanas.

Como conjunto étnico, o casamento dos ciganos, até 1830, abrangia toda uma série de particularidades típicas da raça, completamente dessemelhantes das que se notavam nas outras, que mais influíram na nossa formação nacional.

A intervenção paterna como medianeira nos contratos; os usos excêntricos entre os noivos e parentes; a lealdade da *revelação* que infamava; a prova sacramental do *gade* (camisa), que assentava sobre a virgindade as bases da família nascente, imprimiam nesses pactos uma característica sem analogias nas nossas camadas populares.

Entre ciganos o escrúpulo de *corpo estranho* (pessoa de raça diversa) determinava alianças entre parentes próximos, e daí a pluralidade de casos patológicos, bem como três ou quatro indivíduos surdos-mudos em uma só família, o que muitas vezes observamos.

No concurso dos sexos não transmitiam apenas heranças fisiológicas e mórbidas, caracteres redutíveis e irredutíveis, porém a individualidade moral que varia como aspecto, mas que não se evapora como essência.

Referindo-nos aos casamentos dos ciganos no Rio de Janeiro em 1830, podemos afirmar que tudo se passava como na primitiva, no dizer insuspeito do Sr. Pinto Noites, o mais alto representante dos instintos nômades de seu povo.

Dele, que arma a sua barraca ao vento lúgubre das nossas florestas e dos velhos ciganos que conhecemos, passemos às informações, que são tanto mais exatas quanto foram eles personagens autênticos.

Em geral o amor não tomava parte nesses atos. Não era necessário, para que as alianças se realizassem, simpatia comum, estreme-cimento, afeto.

Daí insucessos frequentes, que se manifestavam pelo enfado e desprazer de uma vida inteira, da mulher e do homem, constrangidos pelo dever a risos fingidos, e a sorverem resignados a última gota de amargura que lhes envenenava os dias.

Essas núpcias realizavam-se fatalmente, como por desfazio dos pais, que se lembravam de que um filho estava em idade de tomar estado, não assistindo aos da noiva o direito de recusa.

Ao ver dos ciganos, o domínio da igualdade era absoluto. Negar uma moça pedida em casamento, implicava estabelecer uma luta de preconceitos, em que o provocador teria de ser vencido pelas acusações, expondo a murmúrios malévolos e à calúnia uma reputação às vezes imaculada.

Conhecido o dilema, o *sim* constituía a regra, a menos que a rapariga não houvesse tropeçado na desonra.

Os trâmites a seguir eram vulgares, e as cenas desdobravam-se naturalmente.

Assim, quando um *bato* (pai) tinha um filho, maior de dezessete anos, oficial de justiça ou com um emprego qualquer, dirigia-se com ele à casa de outro *bato*, que tivesse uma filha núbil.

À distância, percebidas as intenções, este os recebia favoravelmente, com agrados declamatórios, modos expansivos, ditos chistosos...

E os dois conferenciavam em segredo, por algum tempo...

O rapaz, desconfiado e tímido, de pé e afastado, escorando uma apontada, alongava o olhar de soslaio, estirava o pescoço, suspendia a respiração, apanhando no ar frases desconexas.

Se a filha não estava pura, o pobre pai, que por instantes acariciara uma ilusão, cobria o rosto de vergonha, lamentava-se, e, soluçando, desvendava o mistério da dor que o pungia.

E esta lealdade não o aviltava diante dos seus, mais tarde sabedores do ocorrido, nem no ânimo do progenitor do malogrado noivo, que o aconselhava de casá-la com um *querdapanim* (estrangeiro), alvitre aceito sem exame e posto em prática em seguida.

O contrário, porém, dava-se, quando a mãe de amanhã fosse virgem hoje.

O avelhantado *bato*, radiante de júbilo e felicidade, vendo afundar-se no túmulo, mas ressurgir no futuro, chamava a filha e, trêmulo de contentamento, arrebatado de entusiasmo, entregava ao homem de sua casta um tesouro de virtudes para a riqueza de sua prole.

Então o pai do pretendente dirigia-se a este:

– Aproxima-te, chega-te, meu filho. Olha que teu *tio* aceita a tua mão e se compraz de que faças parte de sua família.

O filho, obedecendo:

– Agradeço, meu *tio*, a honra que me dá, certo de que enquanto eu tiver *um prato de feijão e uma pitanga*, saberei repartir com sua filha e minha futura consorte.

Nesta ocasião aparecia a sogra, com uma chusma de filhos, parentes e escravos, endireitando o xale vermelho, pulando de satisfeita, rindo e gritando.



O pe di do de casamento

O *primo*, pai do noivo, enfiava as mãos nas algibeiras do colete, empertigava-se, e depois, com os braços abertos, corria para ela, trocando-se protestos cordiais e amistosos.

O noivo beijava-lhe respeitosamente a destra, tomava a bênção ao sogro, inclinava-se diante de sua noiva, e um pequeno diálogo se entabulava:

– Só lhe posso garantir, meu *primo*, que sua filha nunca se arrependará. Meu filho – não é porque o seja! – é muito ganhador da vida: tem queda para as barganhas, não tem vícios, é humilde e, enfim – é bom à boca cheia! Quanto ao ser pobre, todos o são.

– Sim, meu *primo*, eu sei o quanto ele é bom, e foram sempre estes os meus desejos: o que se quer é fortuna.

É verdade, interrompia a refletida sogra, a sorte é que é tudo.

– Dizes bem, minha filha, acrescentava a avó; é só dela que carecemos.

– Quanto à menina, prosseguia o pai orgulhoso – é o que se vê: muito *laxinzinha* (boa); é mesmo uma alma de Deus. Dê-lhe seu filho um vestidinho de chita, uns tamancos e banha para os cabelos, quando ela precisar, e é bastante para sermos todos felizes.

– Isto, respondia o pai do noivo, terá ela, graças a Deus, porque o menino tem *baque* (felicidade) para dinheiro e não é *coconão* (mentiroso).

Terminados os incidentes da negociação, na que os velhos ciganos chamavam *dar a barroada*, começavam logo a entrar os *tios*, compadres, *primos* e mais parentela, que vinham dar os parabéns.

A casa era lavada de ponta a ponta, o soalho coberto de areia, e enfeitavam a talha de ramagens floridas.

Duas ou três violas, encordoadas de novo, deviam ficar à espera dos tocadores dos *bródios*, que principiavam na noite imediata à do pedido, e se prolongavam até a do noivado.

Em todas as direções partiam emissários, portadores de participações e convites.

Esta formalidade era de rigor, não se excetuando mesmo os inimigos; porquanto, o casamento e a morte, eram para eles os acontecimentos mais solenes da vida.

Na manhã seguinte, ao levantar do sol, o noivo, pressuroso, mimoseava a noiva com um enorme ramalhete de cravos brancos e encarnados, e, consecutivamente, com outras dádivas espontâneas, bem como sabonetes finos, peças de fita cor-de-rosa, amarela, escarlate; cortes

de vestidos encarnados, cor de cravo, amarelos e azuis; lenços bordados de vários matizes, tudo isto acompanhado de jasmims-do-cabo, alecrim, cravinas, etc...

Diariamente, para quantos chegavam, estendiam-se estêiras repletas de iguarias esquisitas: ensopados, abundância de assados e grandes lombos de carne de porco, vianda sobremodo estimada apelos ciganos.

Erguiam-se brindes, rasgavam-se cumprimentos, bebia-se com entusiasmo à saúde do ditoso par.

Ao anoitecer, as danças, os chorados de viola, os fandangos, aos brilhos das luzes nas mangas de vidro e nas serpentinas, ao aroma encantado das flores nativas exornando as portadas e os aparadores magníficos.

E o *bródio* começava...

– Ó menino, dizia um velho cigano, barrigudo e trigueiro, com seu calção de ganga amarela, grillão de ouro, depois de sorver uma pitada de *amostrinha*, ao tocador que ponteava: bate no *pinho!* (viola), faz babar as raparigas!

E ágil, um rapagão pulava no meio da sala e cantava:

Sobre mim raiosdespeje
O céu que nos ouve ago ra,
Se so bre a mi nha von ta de
Não tens man do a toda hora!...

Terminada a quadra, quebrava ao corpo, abaixava-se, puxava a fieira diante de uma moça, que levantava-se. Rodavam duas vezes, paravam defronte um do outro, afastavam-se, aproximavam-se, saltando, dançando, cantando:

Os fer ros d'el-Rei são du ros,
Mas o de amor é mais forte;
Para os d'el-Rei há a lima,
Para o de amor só a mor te.

Ê lê... lê... lê...
E lô... ê lá....

As danças ferviam no rodopio, o sapateado era mais célere, e doces cantigas corriam à porfia.

No fervor do bailado a dama ficava só, porque o cavaleiro sentava-se. Às suas seduções outros não resistiam e dançavam...



O brô dio

E a viola dava afinação mais alta, os improvisadores improvisavam novas quadras, e os velhos animavam os dançantes:

– Bota por baixo, menino!
tudo por baixo!...

Aos clamores destes, duplicava, crescia o entusiasmo, e, daqui dali, da-cólá, saía um – bota abaixo! – corta-jaca! – bravos da letra! – que exprimiam o supremo do júbilo, a maior glorificação.

No dia do noivado, que caía sempre em um sábado, enfeitavam a casa com aparato e gosto.

À porta fincavam belos troncos de mangueira, e a atmosfera que se respirava lá dentro trescalava de odores indistintos, pela mistura das essências acres com o fumo do benjoim e da alfazema que ardiam.

Às três para as quatro horas da tarde a habitação enchia-se de gente; os vizinhos abelhudos estavam atentos, e os transeuntes paravam na rua.

No meio da lufa-lufa, as matronas que acompanhavam os noivos, os padrinhos, a família, encaminhavam-se à freguesia.

Para os atos a que nos referimos, havia quatro madrinhas: duas iam à igreja e duas ficavam.

Recebidos em matrimônio, de volta do templo, atacavam-se girândolas; e, apenas os esposos transpunham o lar, cascatas de flores caíam-lhes sobre a fronte, irisadas e odoríferas.

Os menestréis preludiavam nas violas as suas toadas, os improvisadores improvisavam os seus epitalâmios inspirados, e os

convidados, de tochas acesas, formavam alas, por onde passavam os recém-casados.

Desde este instante a animação era mais viva, mais estridente...

As castanholas estalavam como beijos no ar...

As violas, enfeitadas de fitas vistosas e estreitas tiniam, oitavas pelas menestréis habilíssimos...

Os velhos e as senhoras mais idosas ali se achavam, sentados em seus poltronas, com seus costumes bonitos e pitorescos. As luzes, a pedraria e o ouro tremiam na sala, vencendo-se apenas no brilho os olhares negros e úmidos das formosas ciganas, ideais e encantadoras como as mulheres da Bíblia.

E o *bródio* principiava, com suas danças quentes e originais, com suas sonâncias agradáveis e de tradicional poesia:

Nascidas do Reino

Não se anda de no i te,

Pro mode o sereno...

E todos repetiam em coro:

Ai! Sereno!...

Ai! Sereno!...

Sapato de seda,

Pêlo de algo dão...

Ai! Sereno!...

Ai! Sereno!...

À meia-noite retiravam-se todos para um lado da sala, adiantando-se os noivos e as duas madrinhas.

As violas e as canções vibravam mais fortes...

Sobre um móvel, cinco lençóis, alvos como uma hóstia, aromatizados com alfazema e salpicados de flores, achavam-se superpostos.

Quatro tochas acesas, encostadas a uma mesa, derramavam sobre o linho raios de âmbar e ouro... As janelas fechavam-se, a inquietação transparecia em todos os semblantes: o rito sagrado do *gade* (camisa) ia cumprir-se.



Quatro tochas e cinco lençóis

E os padrinhos, que também eram quatro, desdobravam os lençóis, que suspendiam acima da cabeça, juntando as extremidades, passando um ao outro os círios que sustinham, alongando o braço oposto, e formavam o quarto onde o sacrifício incruento ia celebrar-se.



O quarto de cinco lençóis

Então nele entravam os desposados e duas sacerdotizas.

Os instrumentos tangiam mais vigorosos, como para abafar qualquer gemido de dor.

Uma das madrinhas despia a noiva e deitava-a sobre um leito...

E oficiava...

Vestida novamente, a um sinal convenionado, os padrinhos largavam os lençóis, e o marido mostrava no *gade* as lágrimas de sangue da virgindade, aos alaridos do festim.

Depois da música e dos cantos, das palmas e das flores, o noivo recitava um discurso. O final do que pronunciara o Sr. Pinto Noites é textualmente este:

– Senhores! Os meus louvores e a minha embaixada estão descritos no quadro da formosura de Luísa, meu tesouro!



O gade

Bravos, trovas, felicitações!...

O *gade*, solenemente acondicionado, embebido de aromas suaves e coberto de folhas de alecrim, ficava pertencendo ao esposo, que o guardava para sempre como penhor de sua aliança.

E o *bródio* recomeçava, acordando a noite com o sapateado dos fandangos, o tinido das violas e as cantilenas meigas e plangentes:

Sapato de seda,
Pêlo de algo dão...

Ai! sereno!
Ai! se re no!

.....

A Festa dos Mortos

(ALAGOAS)

Além... muito além... lá no espaço que não tem fim, eleva-se, nebuloso e sombrio, o pórtico noturno da vida eterna...

E suspenso às arcarias tenebrosas, o candeeiro de bronze da Morte despede raios lívidos sobre as legiões espectrais que torvelinham, e sobre as caravanas dos vivos que se estanciam no limiar, em romagem piedosa e fúnebre.

É que a humanidade primitiva encarava a morte como a continuação da vida; o túmulo, como um pouco de jornada que recomeçava, procurava unir a terra da luta à terra do sono, iludir as tristezas da morte com os emblemas risonhos da vida.

Daí os ritos funerários entre todos os povos, as cerimônias lustrais e propiciatórias da generalidade das religiões, o culto dos mortos, isto é, as comemorações individuais e coletivas, que se fazem por aqueles que de nós se foram para sempre.

Subordinada a leis evolutivas, ao grau de apuro mental das sociedades, a idéia de imortalidade do espírito ou deste vinculado à matéria criou fórmulas tangíveis, ritos especiais, estabelecendo como que um

prolongamento, encostando como que uma escada misteriosa à tétrica muralha, por meio dos quais se comunicassem a morte e a vida.

Cruel a mais não ser a idéia do aniquilamento, consoladora como a felicidade a esperança de uma existência melhor, onde possamos tornar a ver aqueles que nos foram caros; essas manifestações, umedecidas de pranto como o linho das mortalhas, encerram todas as delicadezas d'alma, todas as harmonias de um vôo de anjo que, batendo com a asa refulgente nos horizontes do Céu, os fizessem ressoar na Terra.

E aquela luz suspensa, aquela lâmpada eterna ondula fantástica nos nevoeiros azulados, e a Morte, fitando o quadrante da Eternidade, aponta com o dedo a hora extrema do mundo!...

Abrigados sob a cúpula dessa alegoria, os africanos, em algumas províncias do Brasil, conservaram as tradições de suas terras, os costumes de seus maiores, no que se refere à compreensão de religiosos deveres para com os mortos.

Fetichistas, não importa, vindo embora de civilizações rudimentárias, o túmulo, para muitos deles, era uma aurora que surgia e não uma estrela que se apagava.

Até 1888, nas Alagoas, grupos desses homens, de uma ou de mais nações, celebravam suas festas dos mortos, que tinham lugar duas vezes por ano.

E eram elas por tempo de lua cheia, quando este astro melancólico envolve o cadáver do dia em véus de ouro e de poesia.

O tom purificador dos comemorativos, as cerimônias do momento religioso remontavam-se por tal forma, que somente nas límpidas origens do hebraísmo se podiam refletir, já pelo relevo dos estilos, já pelo imaculado dos sacrifícios.

Ao que nos consta, unicamente no Penedo as festas dos mortos eram assim celebradas, salientando-se por uma fisionomia distinta e ideal, pelos revestimentos clássicos dos ritos antigos.

No Rio de Janeiro, segundo observação própria, os negros da África, à exceção dos velórios e banquetes funerários, nada mais possuem digno de reflexões, com referência ao assunto.

As próprias danças que precediam as redes mortuárias dos reis e rainhas, dos príncipes e personagens ilustres de suas nações, passando-se

da colônia para o império, desapareceram com a extinção do tráfico e a transformação do meio.

No Penedo, a festa dos mortos dividia-se em três partes: o jejum e as rezas; os sacrifícios; os banquetes e as danças.

Retirando-se para sítios afastados, internando-se no obscuro das matas, trinta ou mais africanos, recolhidos em casa humilde e espaçosa, entregavam-se à contemplação mais aturada, às cismas de além-mundo.

Nesse grupo de penitentes, em expiação de culpas das almas, havia chefes e subchefes, dignidades subalternas e gradativas.

Vestidos todos de uma espécie de alva, e tendo à cabeça bonés brancos, unicamente o chefe distinguia-se dos demais, pela vestimenta listrada, por um barrete de molde diferente.

Muitos dias antes da festa, a abstinência de licores fortes, de bebidas alcoolizadas lhes era de rigor, e bem assim das viandas e cereais, que, consultando aos seus usos, desvirtuavam o rito.

De raros legumes, de pequena quantidade de leite e água, se compunham as refeições desses bárbaros, que destarte se iniciavam para consagrar aos mortos uma conduta de abnegações propícias, uma prática de virtudes admiráveis.

Constituindo uma feição do sacerdócio, esses africanos passavam a primeira noite velada, em monótonas melopéias, ao som de seus rudes instrumentos, finando essas preces, essas orações lúgubres antes do segundo dia da festa funerária.

A esta iniciação propiciatória não eram estranhas mulheres africanas, e suas famílias que mais tarde entregavam-se às lides do preparo do banquete, ao calor das danças de analogias macabras.

E na véspera do amanhecer propriamente festivo, à meia-noite, quando as estrelas choram e a lua, como uma fada perdida, mira o rosto pálido nos rios e nas fontes, um balido de ovelhas ouvia-se lamentoso, confundindo-se com as toadas soturnas dos negros acorados em ronda, carpindo os seus mortos.

Mais tarde, porém, fazia-se o silêncio, umas formas corretas, uns toros de azeviche enrolados de neve apareciam na noite, seguidos

de alguma coisa que se assemelhava a um rebanho de brumas cintilantes e erradias.

Eram os sacrificadores negros que levavam os cordeirinhos alvos para junto dos buracos recentemente cavados, para serem imolados aos fogos da aurora.

Em crescido ou pequeno número, impunha o ritual o preceito de cada um dos convivas da morte concorrer com o seu, não manchando porém as mãos no sangue das vítimas oferecidas em holocausto.



O chefesacrificador

E à borda das covas abertas, encaminhando as oferendas vivas, os sacrificadores, de machadinha suspensa, esperavam a hora da matina, a cuja vibração caía a lâmina afiada sobre a cabeça dos cordeirinhos mansos, que se ajoelhavam e morriam.

Ao sangue que jorrava nas escavações do campo, chegavam a terra aljofrada de orvalhos, e sem nodoar a destra no líquido da vida, os sacrificadores passavam as vítimas ainda quentes aos que estavam reservados para outros misteres.

E depois recolhiam-se, iam orar ainda, enquanto a distribuição da carne se fazia pelos conhecidos ausentes, por famílias africanas que não podiam comparecer, mas conterrâneos na mesma fé e no mesmo rito.

Asilados na reserva de suas crenças, nos misteriosos de suas tradições, nem uma suspeita importuna, nem um indivíduo estranho devassavam-lhes o lar consagrado pelo culto, que se tornava então impene-trável como os sepulcros improfanados.

Depois uma outra cena, a da terceira parte da comemoração dos mortos, tinha de suceder-se, com o aparato externo, com a assistência permitida.

E o banquete funerário, seguido de danças que iriam encantar os Manes na viagem glacial da morte, começava a servir-se, participando dele não só os celebrantes do africano rito, mas ainda o povo da circunvizinhança e da cidade, que acudia em tropa àquelas paragens.

De turbantes e panos da Costa, de saias rendadas e pequenas chinelas, as mulheres negras prodigalizavam aos convivas do estranho festim comidas à moda de seu país, sendo as principais refeições dos dois dias últimos presididas pelo sumo-sacerdote e seus sequazes, vestidos com suas vestes brancas como os desertos do Saara e as areias de Omã.

E os guisados esquisitos, os carurus, os acarajés, os aberéns, o arroz-de-açuá, africanamente condimentados e repartidos por todos os assistentes, deliciavam o paladar, opulentando o festim.

Depois, perdendo-se das vistas curiosas, matronas de África, de face lanhada e gestos magníficos, lá seguiam às ocultas, cobrindo com o pano de Angola cujas bordadas contendo comidas.

E acauteladas no andar, receosas nos movimentos, voltando-se com o olhar, entornavam aqui e ali, por cima da terra e por baixo das pedras, o funerário alimento para o banquete das almas, que supunham virem nas horas caladas da noite partilhar das oferendas comemorativas.

Na extensão do terreiro, pessoas de todas as classes reuniam-se, entravam e saíam da casa em festa, e um arruído de instrumentos fremia esvaindo-se no ar, recomeçando imediatamente após.



A comida das almas

Isso traduzia o sinal para as danças dos negros, os solenes batuques, os *cocos* atreadores, que faziam desabrochar nos lábios de roxos lírios das africanas as canções aladas e selvagens, a cadenciar-lhes os flancos arredondados nos rebros da cinta flexível e esguia.

Pitorescamente vestido, ostentando seus adereços primitivos, o bando negro, condensando-se aos poucos, aparecia para as danças. E os tambores, os *canzás*, os *vus*, as *macumbas*, os pandeiros e outros instrumentos faziam-se ouvir intermitentes, em afinação progressiva, até o instante em que o chefe da religiosa festa ordenasse o intróito, o definitivo começo.

Não obstante ao povo inteiro serem facultativas as danças dos seus usos, os dançadores da África isolavam-se perfazendo um grupo distinto, como distintas plainavam as suas intenções.

E, sem mais tardança, a um aceno do maioral negro, as caixas batiam, os pandeiros, corridos no dedo, arrufavam, os demais instrumentos vibravam, separando-se o bando religioso do que comparecia alheio ao sentimento dominante do propiciatório festejo.

Às danças populares da multidão mestiça, da turba indiferente ao pensamento que se alongava por sobre os penitentes como as asas sonolentas de um abutre de Josafá, os *cocos*, entremeados de quadrinhas ardentes, de chulas lascivas, estuavam no descampado, afluindo, porém, a gente escolhida para a extensa roda, onde os batuques bárbaros, os dançados originais davam a nota característica e primitiva do rito tradicional.

E em um rodopio, sapateando, em algazarra confusa, os africanos e africanas, dançando e cantando, batendo palmas, agitavam as plumas de suas vestimentas, chocalhavam os búzios de seus colares de miçangas, as contas de ouro e os corais de suas pulseiras magníficas.



Bailadeira negra

A tarde ia distante e vinha a noite.

A lua cheia, levantando a face pálida do dia moribundo, imprimia-lhe na fronte o beijo de sua luz; e filhos d'África, acendendo archotes de resinas, guarneciam a ronda com os clarões acesos.

E os batuques e as cantigas, os dançados e os clamores aviventavam-se mais e mais, ao passo que uma das baiadeiras negras, libertando-se da roda, dançando sempre, chegava-se para os assistentes profanos que circulavam os bailados.

Graciosa e vistosamente trajada, recobria-lhe a mão suspensa uma chuva de fitas de todas as cores, pependes do cabo de uma varinha de prata de 60 centímetros de comprimento e em cuja extremidade tinham moedas de ouro, de encontro às voltas de miçangas e búzios que a adornavam de um palmo.

Em frente do espectador escolhido, entregava-lhe ela a sua varinha de fada, tirando-o para as danças.

Aceito o convite, a satisfação era geral, a alegria plena. A recusa, entretanto, ficava compensada, contribuindo o indivíduo com mil a dois mil-réis, para a festa; e, se acontecia dar mais, os vivas e as palmas coroavam-lhe a generosidade, espontânea e animadora.

A este ofereciam as baiadeiras da Morte ramos de flores enlaçados de fitas, em aclamações prolongadas e vivíssimas.

E seguia-se outro, ainda mais outros, no estrépito das danças, às cadências do batuques.

Os batuques e as danças funerárias chegavam a seu termo em horas adiantadas da terceira noite.

Então os archotes multiplicavam-se em torno do círculo festivo, e as chamas vermelhas, como as de um incêndio, faziam mais ressaltar o fantástico daquele quadro.

À semelhança das danças esculpidas no mármore dos sarcófagos, os negros d'África, na província das Alagoas, tumultuavam em ronda funerária para dispersar e distrair os Manes...

Mas as rezas e os festins passavam, os archotes apagavam-se na escuridão, os cantos e as danças emudeciam de todo...

E eles não acordavam...

Como é calmo e profundo o sono dos mortos!...

.....

Nosso-Pai

A vida é uma viagem. Atirado no oceano do destino, o homem tem necessidade de estrelas fixas que dirijam-lhe o rumo ao porto noturno do além-mundo.

A bússola da ciência é variável; os arrecifes em que as vagas da sorte quebram-se lamentosas surgem aqui e ali, e sem os astros da fé que iluminem-lhe a noite d'alma, o mísero viajor veria a sua nau soçobrar, com o leme partido e os panos rotos.

Mas Deus, que fez o santelmo para o topo dos mastros, fez a esperança para as alturas da razão.

Pensar deste modo é traduzir o sentimento dos nossos maiores, que viviam e morriam na convicção de suas piedosas superstições, tão simples e consoladoras de uma existência melhor.

Felizes entes! Viviam como morriam, isto é, no seio da religião e da família, não pressentindo na hora extrema o vulto infecundo do aniquilamento encher-lhes o sepulcro de asfixia e de vermes!

Na pureza de suas intenções, no idealismo de sua compreensão do outro mundo, eles tinham o túmulo como um portão por onde se passa para a eternidade.

À semelhança do pescador que aplicando ao ouvido o búzio que encontrara na praia escuta os rumores das vagas longínquas, os nossos

pais apercebiam a eternidade pela consciência de suas boas obras e de seus deveres lealmente cumpridos para com a Igreja.

E na pluralidade dos casos uma agonia serena prenunciava-lhes a morte plácida, como o aproximar lento e resplandecente de um anjo na vigília de um santo.

*

Antigamente, quando à cabeceira do enfermo o padre devia substituir ao médico, e o derradeiro suspiro daquele que ia entrar na paz dos Céus parecia querer exalar-se, a família reunida decidia sobre as administrações místicas, para o que rápido expediente e singelos aprestos tornavam-se de estilo.

De antemão, a pessoa mais velha, ou a mais considerada, predispunha o doente para receber o Sacramento, e palavras confusas rolavam no ambiente de um quarto que em breve se empaledeceria aos reflexos lívidos de círios ardentes.

Lá dentro, nos aposentos mais retirados, o choro e as evocações – a angústia de quem sofre e a dor que não finda...

E dois escravos, batendo as ruas, seguiam apressados, dobravam esquinas, e sumiam-se em direções opostas.

Mas onde iam eles, enxugando na manga arregaçada da camisa lágrimas insensatas?

Um, à freguesia mais próxima dar aviso ao vigário; e o outro às chácaras das cercanias buscar folhas de canela, de cravo e de laranjeira, para estendê-las na calçada da rua e na escada da casa de seus bons senhores.

E as *badaladas da agonia* caíam da torre pedindo orações pelo moribundo... e alva toalha cobrindo uma banquetta, um grande cálix de prata cheio d'água, quatro castiçais com velas de cera alumando a imagem do Cristo cominavam no recinto do leito mortuário, que naquele instante se afigurava, pelo sombrio do caráter, a um pedaço de ogiva.

E a coruja, trepada na asa da morte que planava por sobre aqueles tetos, abria no crepúsculo as pálpebras de ouro, soltando um grito fúnebre e prolongado...

À porta da matriz, de altares acesos, o andador vibrava a campainha que anunciava a saída do Santíssimo, descia, andava de lá para cá, badalando uma vez, muitas vezes.

Na sacristia, o vigário ou o coadjutor, de costas para os gavetões dos paramentos, com os cotovelos apoiados à beirada dessa espécie de cômoda de entalhe, observava paciente os acompanhadores do Viático que chegavam, que escancaravam o armário fronteiro escolhendo opas, que guardavam chapéus e bengalas, tomando tochas.

Completo o pessoal, não sendo preciso que viessem soldados preencher número, o homem da campa voltava, tendo-a pendente pelo martelo, chegava o fogo de um rolo de cera encardida às velas das lanternas de vara, colocava o pálio em seu lugar, enquanto o padre, auxiliado pelo sacrista, revestia-se.

À casa do enfermo, os vizinhos e amigos acudiam trajados de preto, consternados sensivelmente.

Às janelas, um molecote ou uma cabra velha, calculando distâncias, pregava pregos nas portadas, botava lanternas ou globos, que reverberavam suas luzes na rua alastrada de folhas odoríferas e verde-negras.

Na igreja, ordenado o préstito, o sineiro subia à torre, e curto repique palhetava os ares de tinidos metálicos: – Nosso-Pai saía.

A tarde, que escurecera de todo, pedira à noite o véu mais carregado para envolver o cadáver do dia. De pé, sobre pilastras ou irrompendo dos muros, os lampiões balançavam levemente em braços de ferro, escorrendo ao longo das paredes e no além, luazes avermelhados.

E a campa soava...

Ao ouvi-la, as mães acordavam os filhinhos tomando-os ao ombro, por trás das rótulas e às janelas os castiçais com velas apareciam súbitos, as mucamas prendiam aos batentes e às sacadas colchas de seda-da-índia; aos cantos das grades de pau ou de ferro as serpentinas e as mangas de vidro cintilavam profusas.

Os passantes, descobrindo-se, ajoelhavam-se, batendo nos peitos. Um coro verdadeiramente harmônico e religioso enchia o espaço e avizinava-se volumoso.

Depois... o coro calava-se, e o toque da campainha feria isolado o silêncio iluminado.

Na casa onde esperavam o Viático, uma calma aparente sucedia às lágrimas ardentes; a família, rodeando o enfermo, o confortava; as crias, entristecidas, encolhiam-se circulando os umbrais das portas; as pretas idosas, magras de vigília e pesadumes, deitavam flores na banquetela, serviam em salvas de prata copos d'água, amparavam com a mão trêmula o galhinho de arruda detrás da orelha.



Nasoro-Pazzi

E por aqueles lábios da cor dos lírios roxos as rezas pelo moribundo subiam às alturas – lá onde Deus acolhe como pássaros a prece do escravo e o soluço do desgraçado.

E Nosso-Pai, que vinha a distância, chegava-se mais perto, o badalar da campa era mais forte e as luminárias que se alongavam escondiam a cauda na treva, ao passo que se avivavam adiantando-se.

O Viático passava... Uma atmosfera sagrada fazia-se em torno do docel de brocados que abrigava o Senhor do universo.

Os acompanhadores, de opas encarnadas, marchavam lentos; das tochas acesas entornavam abundantes gotas de cera fundida, e abriam, cantando, a boca que recebia de chapa o clarão das luzernas, ao mesmo tempo que lhes afulvava a barba e o semblante.

Então, o povo em tropa, a ranchada de moleques que fechavam o cortejo, entoavam o *Bendito e louvado seja o Santíssimo Sacramento da Eucaristia*, cujos sons prolongavam lúgubres os ecos da noite.

Até a primeira metade das salas, as pessoas da família ajoelhavam-se, e nas casas onde havia doentes, alguém suspendia-os do travesseiro, e, quando possível, os sentavam na cama.

As crianças choramingavam despertas, a negraria ajoelhada nas cozinhas e portas de cocheira batia nos peitos, e Nosso-Pai seguia à morada tranqüila e santificada do pecador contrito.

A procissão, precedida do tocador de campainha, atravessava a cidade, majestosa e completa.

Depois deste personagem, o crucífero, vestido de opa, levava a cruz alçada, guarnecida de círios. Por entre alas de irmãos do Santíssimo, com tochas acesas, várias figuras precediam o púlpito: a primeira trazia uma toalha presa com alfinetes nas costas da opa; a segunda a umbela fechada; a terceira o *baldachina*, espécie de nicho em forma de livro com a âmbula ou cibório; depois os oito portadores do púlpito ladeado por lanternas de vara e na retaguarda pedestres com chibatas, e soldados destacados na ocasião dos corpos de guarda.

O vigário, de sobrepeliz e estola branca, com a chave do sacrário pendente do galão de ouro, ajustava o véu de ombros, que resguardava a âmbula ou o relicário.

Aos lados, dois acólitos de sobrepeliz e batina, levavam, um a caldeirinha d'água benta e o outro o vaso da extrema-unção.



Nosso-Pai, e carro

Chegando ao seu destino, a multidão curiosa e movente aguardava, postada ao acaso, o Santíssimo; as janelas estavam atopeçadas de gente, as luzes brilhavam e a casa do doente conhecia-se de pronto.

Imediatamente que o préstito parava, as lanternas e a cruz e o pessoal de aparato ficavam de fora; o pátio encostavam-no à parede defronte e os soldados guardavam a porta.

Apenas o padre entrava e pronunciava *Pax huic domi*, depositava o Santíssimo sobre a banquetta, aspergia a hóstia, dominava a multidão ajoelhada desde o leito do agonizante até os últimos degraus da casa. No meio do recolhimento geral, os cantos dos salmos eram repetidos baixinho, e às vezes a voz quase extinta do moribundo acompanhava o *Confíteor*, que absolvía aquele espírito alentado de fé.

Quando a extrema-unção havia premunido a esse novo viajante dos pólos para a derradeira viagem, o padre descia, o cortejo incorporava-se, voltando sempre por itinerário diferente.

À exceção das luminárias e do *Bendito* cantado, quando o Sacramento saía de dia, as pompas eram as mesmas.

As famílias mais ricas, se chovia, mandavam o seu carro para conduzir Nosso-Pai, não dispensando a freguesia de colocar na boléia um negro sem chapéu e descalço, que batia a campá.

.....

Quanta poesia tem a religião nos momentos extremos da vida! Como é sublime o ritmo que nos faz preludiar como Davi e cantar como o cisne nas agonias da morte!...

.....

O Enforcado

As trevas abatiam-se nas ruas tranqüilas e o silêncio alongava-se profundo, apenas interrompido, aqui e ali, por algum caminhante em busca do lar.

E aqueles tropéis ressoavam a intervalos grandes, depois mais afastados, depois quase imperceptíveis...

Marcando as horas, as sentinelas da cadeia bradavam “Alerta!”, e – “Quem vem lá?” – perguntavam, distinguindo um vulto nas sombras, apercebendo um rumor.

Na extensa e tortuosa Rua do Aljube, os lampiões de azeite de peixe descreviam nos reflexos círculos vermelhos, já como os respiradouros em lavas das fábricas em trabalho, já como rastros de sangue de um corpo baleado.

Da subida da ladeira da Conceição a cadeia do Aljube descia voltando a rua, à semelhança de um bandido a desoras.

Das grades das prisões, à luz fumarenta do candeeiro suspenso por uma corda à roldana do teto, ouvia-se o respirar penível, um rressonar estertoroso, como de quem lhe cavalga o peito a horrenda figura dos pesadelos.

Às vezes, um ai de dor escapava-se dos lábios gretados de febre de um escravo retalhado na surra, um tinido de correntes feria o ar, ao espreguçamento de um condenado por toda a vida.

Nas paredes brancas do edifício, as telhas desenhavam sombras oblíquas ao fogo dos lampiões de ferro, enquanto os gonzos das portas do interior rangiam, à entrada do carcereiro que passava revista aos grilhetas, ou do muchingueiro esquelético que espezitava os morrões das torcidas em brasa.

E a sentinela, perfilada na guarita, lançava olhares demorados em direções fixas, à espreita do imprevisto e do oficial da ronda.

Ao lado esquerdo do portão que deitava para a ladeira, o oratório dos condenados à morte assentava-se na entrada, deixando escapar pelo buraco da fechadura uma flecha de fogo, que varava lúgubre o ar noturno do desabrigo.

A alguns côvados do chão, a janelinha em forma de nicho de pedra, que deitava para a rua, dava passagem à claridade sinistra, denunciando que um desgraçado ali se achava, nas vésperas de ser justicado.

E aquele farol dominava de boa altura, interceptando vistas importunas, ao passo que, no lívido e glacial recinto, um quadro de aspecto aterrador e edificante desdobrava-se indeciso nos raios e sombras da fatalidade e do mistério.

Quem penetrasse naquele asilo dos derradeiros dias, descobriria contristado um espetáculo, que deixava a alma numa aridez de deserto e o coração num oceano de agonias.

Ao fundo da cena, a sacrossanta imagem do Crucificado, num altar modestíssimo, iluminada por dois círios, avultava, consoladora e divina...

Com a barretina fora da cabeça, de baioneta calada e com as mãos abraçando a arma, a sentinela, junto da banqueta, conservava-se apreensiva e silenciosa, observando movimentos, surpreendendo desígnios...

E o condenado à morte, sentado em sua barra ou dormindo os últimos sons, tinha sempre à cabeceira um frade de Santo Antônio, com o qual dialogava, rezava piedosas orações de que velava-lhe como o anjo do bem as modorras da derradeira jornada.

Diante da religião como diante da morte, não há ânimo bastante robusto que se revolte, nem espírito por mais altivo que não sintasse humilhado e pequeno.

O venerando religioso falava em arrependimento, confortava o infeliz com a esperança, que resplandece dos nevoeiros dalém-túmulo, e

mostrava-lhe os braços abertos do Cristo morto para acolher o pecador contrito.

Os três dias e as três noites que precediam aos deveres do carrasco, eram consagrados à prece e à confissão, à recepção do Sagrado Viático e à penitência d'alma do malfeitor irrevocável.

Apenas o condenado entrava para o oratório, a Santa Casa da Misericórdia expedia um próprio, no intuito de opor os *embarguinhos*, oferecendo-lhe igualmente os seus serviços em cumprimento de últimas vontades.

Se o padecente tinha desejos a realizar, disposições a tomar, comunicava ao mensageiro, seguindo-se ao pedido satisfação completa.

Aos supliciandos pobres a Santa Casa fornecia o alimento e o pão-de-ló com vinho antes da execução.

Refere-nos a tradição oral que houve no oratório casamentos, bem como o de um mulato escravo, que só recebeu o Santíssimo depois das bênçãos nupciais.



Negro de li bambo

Enquanto o sacerdote exortava o delinqüente, dando-lhe preces que lavavam-lhe a culpa, no Largo do Capim, da Prainha, do Moura ou em outro qualquer, ao toque de meia-noite, alguns negros fincavam três estacas, martelavam, levantavam a forca, ao luar ensangüentado de archotes, que lhes banhavam o dorso nu e reluzente, ao chocalhar das correntes, que sopesavam a instantes.

Simultaneamente, isto é, a essa mesma hora, um irmão da Misericórdia, vestido de balandrau, percorria as ruas por onde teria de passar o cortejo, badalando uma campã, lento e cheio de gravidade:

– Orai por nosso irmão padecente!

O dia clareava...

E quando os primeiros *libambos*¹ saíam das enxovias, a buscar, em barris afunilados, água para as obras públicas e as prisões, o irmão da Misericórdia se havia recolhido e a força estava de pé.

Não se imagina o prazer da população, que desde a véspera das execuções dispunha-se a assisti-las.

Daqui, dali, dacolá, os brancos e os negros, as mulheres e os meninos, todos enfim, diziam se encontrando, numa ansiedade convidativa:

– Amanhã há enforcado!...

*

Dentre as execuções célebres dos anos mais chegados, estão no primeiro plano a de Guimarães sapateiro, a do escravo que assassinou a Filipe Néri, a dos três marinheiros do patacho *Santa Clara*, que viajava para Santos, e a do preto cego Domingos Moçambique, que foi expiar no patíbulo o assassinato de seu senhor, perpetrado por um indivíduo que confessou o seu crime em artigo de morte.

O Guimarães era uma natureza refratária a todo o bem. Era um facínora como o Lucas da Feira e Pedro Espanhol, mas sem as qualidades boas que distinguiam-se nos dois salteadores.

Feroz até à crueldade, o sangue tinha para ele as excitações das orgias brutais.

Tripudiar por sobre mil cadáveres, ensopar as plantas da besta-fera no líquido que alenta o facho da vida, resumiam para o perverso sapateiro da Rua do Cano a atração irresistível de todos os abismos.

1 Corda de negrossentenciados e presos um ao outro por uma corrente, e de ferro ao pescoço.

Libambo, em lín gua *bunda*, significa *corrente*.

Vencer-se a si próprio, recalcar dentro do peito instintos inatos, fora o mesmo que pedir ao punhal o segredo da vítima e perguntar a Satã pelo que fizera da glória.

De machos aos pés no profundo oratório, fitando a imagem de Cristo supliciado, talvez tivesse um remorso, o de não poder assassiná-lo, se vivesse de novo!

O escravo de Filipe Néri foi um louco. O seu crime teve naturalmente origem na noite das senzalas e da escravidão.

Dos marinheiros do patacho, que assassinaram na travessia os negociantes de Santos, o móvel foi o roubo em pleno mar, e a certeza de que o rugido da vaga abafaria o grito das vítimas.

Se quisésseis saber, porém, quais foram os jurados que votaram pela pena de morte do preto cego da Rua do Rosário, ninguém vos responderia, porque Deus, para poupar à inocência mais uma súplica de perdão, de há muito que os fez esquecer!

Cedo começava o povo a desfilar nas ruas, amontoando-se no Largo de Santa Rita e na embocadura da Rua dos Ourives, que dava para a cadeia. Multidões compactas moviam-se igualmente no Largo do Moura, tomando lugar por fora do quadrado da tropa, no centro do qual a força isolava-se torva.

A ladeira do Castelo, ondulante de gente que subia, mostrava no alto uma espécie de anfiteatro eriçado de cabeças, que se debruçavam sôfregas do sanguinário espetáculo.

Nas janelas apinhadas de famílias, viam-se rompendo de detrás, trepados em cadeiras e em mochos, meninos e moleques, negras e negrinhas, que cresciam da ponta dos pés, estirando o pescoço, olhando para baixo, nada perdendo do que se passava até avistarem o préstito.

Eis senão quando, o sino da freguesia batia nove pancadas, o coadjutor paramentado esperava na porta da sacristia, invadindo o Largo de Santa Rita a irmandade da Misericórdia, levando na frente a bandeira constituída por uma vara pintada de preto e um painel de Nossa Senhora da Piedade, emoldurado de amarelo.

Os figurantes dessa procissão lúgubre assomavam reunidos; e pelas dez horas, quando o padecente já se havia confessado e sacramentado,

e que o pão-de-ló com vinho lhe tinha sido servido, o quadrante da Eternidade ia marcar-lhe da vida os instantes finais.

E à voz do comandante da escolta que bradava: “Desembainhar espadas!...” – as meias-portas do oratório abriam-se, dando ingresso ao juiz das execuções, ao escrivão do júri, que lia a sentença, ao porteiro dos auditórios, ao carrasco e seu ajudante, aos meirinhos, etc., que acercavam a vítima, ladeada de dois frades.

O carrasco aproximava-se, lançava-lhe ao pescoço um braço de cordas novas, maniatava-o, deitando-lhe um dos sacerdotes entre os braços uma imagem do Crucificado.

Na curva da ladeira, dois cavalos, seguros por pagens, relinchavam escarvando a terra, aguardando o juiz das execuções e o escrivão, que os montariam no demarcado trânsito.

A multidão, refluindo antecipadamente, atentava para a ladeira, donde, ao passo dos cavalos, o pregoeiro relia, sisudo e com a acentuação vibrante, a sentença, que acabava na seguinte frase: – Orai por ele!

E o irmão da Misericórdia, de balandrau e sacola:

– Para a missa de nosso irmão padecente!...

Com especialidade nesses dias, consentia o Silvino, carcereiro do Aljube, que no portão da cadeia pedissem esmolos velhos forçados, que por sua vez as repartiam com os seus companheiros de calabouço.

E o préstito, lento como a agonia, adiantava-se no largo...

A bandeira da Misericórdia, equilibrada nos ares, parava em frente da igreja de Santa Rita; e nesse momento o padre, inclinando-se diante do altar-mor, principiava a missa.

Apenas descansava o cálix sobre a toalha alvíssima, ajudado pelos carrascos e acompanhado dos frades, o *enforcado* ajoelhava-se e ouvia – da porta – a missa em começo.

Antes de levantar-se a Deus, porém, os executores da alta justiça o erguiam de súbito, e o préstito seguia...

O pregoeiro bradava: “Vai-se executar a sentença de morte natural na forca proferida contra o réu...”

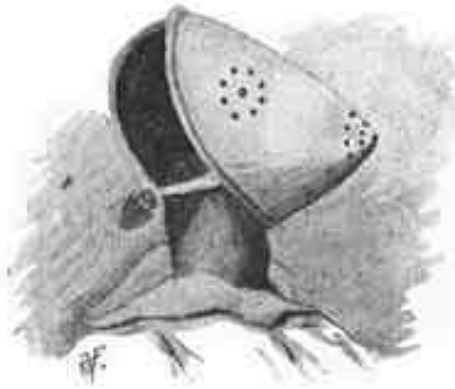
E lia a sentença.

– Para a missa do nosso irmão padecente!..., clamava o homem do balandrau, apresentando a sacola.

E o fúnebre cortejo, taciturno e pesado, preenchia o seu itinerário, seguido da população curiosa e satisfeita.

Nos sobrados não faltavam espectadores de toda a casta; – parados nas ruas, notavam-se negros seminus, de gargalheira ao pescoço, de máscaras de folha-de-flandres, que os impediam de embriagar-se, distinguindo-se alguns com latas de folha penduradas ao peito e dentro das quais a polícia encontrava o certificado de africano livre.

A irmandade da Misericórdia, com suas vestes solenes, antecedia grave o corteja da morte.



Escravo comedor de terra

Em seguida, o juiz das execuções, de casaca e chapéu armado, montado a cavalo, marchava, tendo a seu lado o escrivão do júri e o pregoeiro.

O padecente, de baraço ao pescoço, trajando geralmente jaqueta, calça de cor e com os pés descalços, vinha logo após, com os pulsos ligados por uma corda fina, descansando-lhe nos antebraços, como dissemos, a imagem de Cristo.

Junto ao *enforcado* achavam-se os dois franciscanos; e os carrascos – réus de morte com comutação de pena – seguiam com os meirinhos, formando a retaguarda desse grupo sinistro.

Uma pequena escolta de polícia fechava o cortejo, que se avolumava a perder de vista pelo séquito de mulheres, homens e crianças, não faltando no acompanhamento moleques e capoeiras de todos os bairros.

Vencendo a angustiada excursão, a cruz da Santa Casa rompia o quadrado de cavalaria e infantaria, e o delinqüente, de olhos rasos de lágrimas, mal podendo ter-se nas pernas trêmulas, era conduzido à forca, que se destacava no além como os lineamentos das sinas fatais.

No meio da lufa-lufa, de gargalhadas, de palavras indiscretas, a turba movia-se. As varandas não podiam conter mais pessoas; os telhados coroavam-se de gente que aparecia nas águas-furtadas, e muitos indivíduos da plebe, especialmente capoeiras e negros escravos, trepavam em cima de um barracão que existia no Largo do Moura, nos braços dos lampiões, para melhor gozarem da cena do enforcamento.

Chegados ao patíbulo, o pregoeiro lia pela última vez a sentença, e o calafrio da morte arrepiava, como uma onda, a epiderme do infeliz. Um dos frades ficava no largo junto do juiz, do escrivão e demais comitiva, enquanto que o carrasco e seu ajudante, auxiliando o padecente, subiam com o outro ao alto da forca.

De lá o malfeitor fazia às vezes uma fala ao público, pedindo que lhe rezassem por alma um Padre-Nosso e uma Ave-Maria, assegurando que morria inocente, etc. E o carrasco, amarrando a ponta do laço a uma trave do cadafalso, colocava-se-lhe por trás, ao mesmo tempo que o frade começava o *Creio-em-Deus-Padre*, que o padecente repetia com fervor delirante.

Da segunda metade da reza para o fim, o padre vinha descendo os degraus da escada funesta, e, já de costas para o topo, ao proferir – *na vida eterna*, o carrasco empurrava o desgraçado, cavalgando-lhe os ombros, estribando-se fortemente nos pulsos ligados, tapando-lhe a boca...

E, balançando-se no vácuo, de língua para fora, de olhos saltando-lhe das órbitas, aquela figura medonha esperneava-se, debatia-se, até à quietação.

Em seguida a corda era cortada, ouvindo-se o baque do corpo morto.

O carrasco, tomando da ponta oscilante, marin hava ágil, e, dando uma viravolta, crescia no estrado da forca, abatendo-se após na escada por onde desaparecia.

Findo o ato, um dos religiosos fazia ao povo uma eloqüente e moralizadora prática.

Instante depois a padiola da Santa Casa transportava o corpo do justicado, que ia enterrar-se.

Era de costume quando a corda quebrava-se, a bandeira da Misericórdia cobrir o paciente, que deixava por isso de ser justicado.

A essa usança opôs-se o *reenforcamento* de um dos marinheiros do patacho *Santa Clara*, que, por ordem do então ministro da Justiça, foi arrastado e moribundo sofrer a pena capital.

Lembram-se os velhos de que por essa ocasião houve protestos, tumultos, clamores, resultando do conflito muitas cabeças e pernas quebradas.

A cerimônia terminava habitualmente ao meio-dia, causando no Brasil, como ainda há bem pouco na França e na Inglaterra, manifestações de alegria.

As multidões debandavam com a tropa que se recolhia a quartéis, com a irmandade que seguia o morto, e com os carrascos que voltavam escoltados às suas enxovias.

Os mestres de escola davam férias para que os discípulos assistissem à cena... as mães de famílias mandavam os filhos... os patrões os caixeiros... os mestres de oficina os aprendizes... e no mesmo dia ou no imediato, interrogando-os sobre as impressões recebidas, infligiam-lhes severos castigos, para que melhor se recordassem de uma lição que lhes devia aproveitar.

Assim, diziam as mães, sovando os filhos: – Anda! Toma!... Para que não digas na forca, se tiveres a mesma sina: “Se não fosse minha mãe, eu não estaria aqui!”

Fragmentos da corda do enforcado eram posteriormente distribuídos como presentes de rara estimativa, pois, segundo a crença popular, preservavam de males e – davam *fortuna*.

A pena de morte, entretanto, sem o aparato clássico dos antigos dias, nos parece uma lição e um exemplo...

É possível que o seja!...

.....

A Coroação de um Rei Negro em 1748

E

Em 1742 fundou-se no campo de S. Domingos a capela de Nossa Senhora da Lampadosa, sendo bispo do Rio de Janeiro D. Fr. Antônio do Desterro.

O terreno para a fundação foi cedido pelo Senado da Câmara à irmandade da mesma Senhora, que, por funcionar no Rosário, isso requereu e obteve.

Do primitivo templo, bem raras são as relíquias; quase que não existe pedra sobre pedra.

Como preciosidades históricas há a imagem da excelsa padroeira, a do Santo Rei Baltasar, um *Apóstolo* do mestre Valentim, e um admirável retrato a óleo do Marquês de Pombal, obra-prima da arte antiga.

O mais o vandalismo destruiu...

A lendária capela, como todo o Brasil nos felizes tempos da colônia, teve seus dias cor-de-rosa, suas glórias no apogeu.

Não obstante serem as irmandades possuidoras do velho templo compostas de negros da África e crioulos, na maior parte escravos, o ledor de traçadas crônicas ainda pode descobrir, no pouco que existe do seu arquivo – que nos foi franqueado pelo inteligente, zeloso e atual ecônomo, o Sr. José Rodrigues da Costa Soares, que o salvou e

conserva –, vestígios de seu esplendor de outrora, de uma grandeza extinta.

Dentre as petições existentes em manuscritos originais, algumas referentes ao nosso motivo, depara-se a seguinte que, com as demais, nos serviram de facho sideral, que levantaremos para caminhas na escuridão do passado.

Aos seus lares tépidos e ao respirar agonizante da tradição oral, vejamos desfilar a turba negra que se extravasava no templo e fremia no Campo de S. Domingos e na cidade, antecipando-se à festa e celebrando-a condigna.

O documento, ei-lo:

“Ilmo. e Exmo. Sr. Desembargador Ouvidor-Geral do Crime: – Dizem o Imperador, o Rei, a Rainha e mais adeptos da nação do Santo Rei Baltasar, que eles costumam, em os domingos e dias-santos festivos, tirar as suas esmolas por meio de danças e brinquedos que fazem com as demais nações, o que fazem com todo o recato e sossego, sem inquietação e perturbação alguma como é notório, cujas esmolas são aplicadas com o necessário às festividades do Santo Rei: e porque do mesmo modo têm alcançado do Exmo. Sr. Conde Vice-Rei, como se vê no documento junto, e como querem também a concessão de V. Ex^a para o mesmo fim acima descrito e assim também querem no dia dos Reis próximo coroar para rei da nação Rebolo a Antônio, fâmulos do mesmo Ilmo. e Exmo. Sr. Vice-Rei, e que nesse dia pretendem sair com seus instrumentos e danças da mesma nação para ser feito com o maior obséquio e dançar – pelo que pedem, etc.”

Datada de 3 de dezembro de 1748, a esta petição, seguida das assinaturas em cruz dos requerentes, acompanhava favorável despacho, e a irmandade do Santo Rei Baltasar entregava-se ao gozo preparativo da licença do magistrado.

E pelas ruas, pela cidade, internando-se nas fazendas do Engenho Velho, do Engenho Novo, do Macaco, de Santa Cruz, nos limites da autorização concedida, levadas de pretos, dançando e cantando, rufavam caixas de guerra, tangiam instrumentos musicos de seus climas natalícios, recebendo esmolas profusas, dádivas valiosas, que entravam para o cofre da irmandade, por conta da qual corria a despesa da festa.

A esses bandos tumultuários, a esses homens esculturais, nus da cintura para cima, de rosto deformado ou tatuado, segundo os estilos de suas nações, sucediam-se avultadas turmas de outros negros, de mulheres e crianças de diversas tribos, que se associavam a alheios prazeres.

E os foliões africanos, de calça e suspensórios, de faixas encarnadas e azuis, a tiracolo, com a cabeça adornada de penas e o peito listrado de tiras vistosas, tamborilavam em seus tamborins de dança, faziam evoluções com a perna no ar, cantavam suas cantigas bárbaras, que repercutiam avolumadas ou esvaecidas, na proporção das distâncias.

Enquanto esses ranchos ambulantes amontoavam o cabedal para o régio festejo de seus maiores, na capela da Lampadosa erigia-se o trono para a coroação, armava-se o altar do Santo Rei Mago, assentava-se uma pequena varanda para o séquito real ficando para a véspera de Reis o cuidado da capinagem do terreno fronteiro à igreja, que amanhecia limpo, coberto de areia finíssima, esmaltado de folhas e flores, para os bailadose comemorações externas da monarquia eleita.

Apenas amanhecia o dia de Reis, o Campo de S. Domingos, nas proximidades da capela, opulentava-se de um espetáculo variado e estranho, em que moçambiques, cabundás, banguelas, rebolos, congos, caçanges, minas, a pluralidade finalmente dos representantes de nações d'África, escravos no Brasil, exibiam-se autênticos, cada qual com seu característico diferencial, seu tipo próprio, sua estética privativa.

Homens, mulheres, e crianças, em largo regozijo da liberdade de um dia, esqueciam por instantes as palmeiras de sua terra, os fetiches de seu país, aguardando a cerimônia da coroação do soberano, e rendendo culto ao Santo Rei Baltasar, que lhes recordava pela cor que tinha a cor de sua pele e de seu destino.

E o capelão da Lampadosa, percorrendo com a vista a igreja pomposamente adereçada, dirigia-se à sacristia, tomava o *Compromisso da Irmandade*, lavrando os termos que deviam ser autenticados pelo Rei e pela Rainha na terminação do ato.

Quase às 10 horas, acendia-se a capela, o capelão revestia-se, os sinos repicavam, e os irmãos do Santo Rei Baltasar, com suas opas de seda, esperavam no corpo da igreja, dobrando língua, batendo boca entre si.

Em breve, a vozeria confusa que se escutava lá fora, calava-se; os sinos repicavam mais vibrantes e rápidos, produzindo esta mudança de efeito o rolar surdo das caixas de guerra, o som de rapa das *macumbas* em grande número, a queda sonoramente uniforme dos chocalhos enfeitados, de bárbara marcha precedendo o préstito.

De braços no ar, pulando e revirando sobre as mãos, vestidos de penas e estofos coloridos, quatro *muanas* (negrinhos) serviam de batedores ágeis, fazendo negaças, cantando, gritando...

Atrás da música caminhavam majestosamente o *Neuvangue* (rei), a *Nembanda* (rainha), os *Manafundos* (príncipes), o *Endoque* (feiticeiro), os *Uantuafunos* (escravos, vassalos e vassalos do rei), luzido e vigoroso grupo daquelas festas tradicionais e genuinamente africanas, celebradas no Rio de Janeiro no século passado.

O Rei e a Rainha, com seus mantos de belbutina escarlate recamados de estrelas, com suas vestiduras cintilantes de lentejoulas e agaloadas, aquele com seu cetro dourado, e esta com seu diadema resplandecente, pisavam garbosos à frente de sua corte, levando dois vassalos as duas coroas, vestidos de capa e espada, ostentando na cabeleira carapinhada e no pontudo topete fios de corais e miçangas, que lhes desciam em voltas como um casco de capacete.

O Feiticeiro, desenrolando e enrolando em torno do pescoço enorme cobra, envergando vestimenta de peles e rubro cocar, olhando misteriosamente, volteavam-lhe os antebraços e o colo fieiras de miçangas e de pequenos búzios, entremeados de figas e talismãs, de rosários e bentinhos.

A turbamulta que os acompanhava fechava o régio cortejo, do qual somente o Rei, a Rainha, os príncipes e os vassalos entravam, sendo aqueles para serem coroados na igreja.

Uma vez entronizados pelo capelão, que os recebia à porta do templo, coroava-os ritualmente, conduzindo-os à sacristia, onde ouviam ler, marcavam em cruz e faziam assinar o documento oficial da coroação.

Do mesmo arquivo da Lampadosa, no citado *Compromisso da Irmandade do Santo Rei Baltasar*, encontra-se, entre muitos, este termo que

reproduzimos, e que demonstra que na referida capela esses costumes conservaram-se até muito mais tarde, como pode ser verificado:

“Termo de coroação do Rei e Rainha de nação Cabundá. – Aos seis dias do mês de outubro de 1811, nesta capela de Nossa Senhora da Lampadosa, tiveram posse e se coroaram de Rei, Caetano Lopes dos Santos, e de Rainha, Maria Joaquina, ambos de nação Cabundá, por estarem eleitos pela sua nação e por terem licença do Ilmo. Sr. Intendente-Geral de Polícia, e para constar se lhe mandou passar este termo, no dia, mês e ano acima declarado. – Padre *Tomás Joaquim de Melo*, capelão da irmandade.”

Seguiam-se sinais ou assinaturas dos reis coroados e de outras diversas nações que testemunharam o ato.

Reatando a descrição interrompida por este curioso autógrafo, tratando dos tradicionais festejos de 1748, asseguramos que o quadro era completo, a cena pitoresca e nativamente instrumentada.

Concluída a solenidade religiosa, o Rei, a Rainha e os demais figurantes vinham incorporar-se ao séquito deixado; e perdendo-se no dilatado Campo de S. Domingos, arrastavam após si a massa popular, atraída pela música estridente, pelo balancear aéreo e variado de surpresas dos *muanas*, que tanto realce davam nas avançadas do majestático préstito.

À tarde, com a assistência dos régios personagens da manhã, havia as festas públicas comemorativas, os clássicos batuques realizados por negros de diferentes tribos, tendo como teatro o areal de improvisado preparado na frente do templo, formando um quadrilátero guarnecido por semicírculos de folhagens, que pendiam do alto de bambus fincados.

Esta segunda festa era mais concorrida e popular; os negros das fazendas dos jesuítas, os escravos das casas fidalgas, alcançando para isso consentimento, avultavam em tropa no Campo de S. Domingos, em alegre algazarra, postando-se nas imediações do magno quadrado, aos rufos das caixas de guerra batidas ao longe.

Esquisitos no trajar, no semblante, nos gestos, negros e negros novos irrompiam de cada lado, entregues à obediência de seus chefes, à vigilância nunca iludida da polícia, que os espreitava.

E os pandeiros, os tambores, as macumbas, os canzás, as marimbas, precedendo à multidão, anunciavam estrugindo a entrada triunfal dos *Congos* nos festejos profanos da coroação de um Rei negro.

Da capelinha, de portas fechadas, o capelão à janela recreava-se do selvagem espetáculo, e os negros de nação, em pleno dia de Reis, julgavam-se venturosos de sua sorte, esquecendo-se dos desertos de sua terra e das travessias do mar.

.....

Na Terra e no Mar

E

I

stranho movimento, singulares espetáculos tinham como teatro as praias da costa da África, quando o Rio de Janeiro armava os navios do tráfico para as viagens da morte e da escravidão.

Os mercados de Serra Leoa, de S. Luís, da Gâmbia, de Angola, de Luanda e de Benguela regurgitavam da multidão inumerável de vítimas, protegidos por tantos fortes que a Inglaterra, a França, a Dinamarca, a Holanda, a Espanha e Portugal sustentavam naqueles sítios, com o fim de garantir-lhes o torpe comércio.

E aqueles mercados retiniam de cantos e danças dos prisioneiros de guerra, chocalhavam nas cadeias sopesadas pelos escravos que marchavam à frente dos condutores de caravanas, tornavam-se admiráveis ao estrondo das revoltas heróicas e inglórias dos pobres selvagens contra as cobardias dos algozes e da civilização.

Para reprimir as sublevações que se iniciavam nos desertos, os piratas punham em prática meios de segurança e de defesa, cada qual mais desumano e feroz.

Não bastavam aos negros os longos dias de caminho à insolação e à sede, ao desabrigo e à fome. A tirania dos traficantes, visando apenas o

lucro dos carregamentos, desde bem longe matirizava os infelizes, atando-lhes aos pulsos pesadas correntes e ao pescoço gargalheiras de ferro.

Ao gancho rompente dos colares malditos não era raro ver-se ligado o braço do escravo que, durante a vigília e o sono, lamentava-se e gemia na dor do suplício.

Mais comumente à beira do mar e dos rios estabeleciam-se os populosos mercados negreiros, os grandes centros onde vinham reunir-se o que o roubo, o incêndio, as devastações e as deslealdades haviam colhido para cativoiro.

Ao lado da mercadoria negra, o fumo e a aguardente, velhas roupas de teatro e cacos de espelho, fieiras de miçangas e trapos vermelhos expunham-se a todas as vistas, convidando os régulos e chefes bárbaros, a mãe e o filho, o parente e o amigo à traição e à infâmia, isto é, à entrega de seus súditos ou das pessoas mais caras, em troca da embriaguez ou de adornos fatais.

E os tocadores de flauta, executando suas músicas à entrada dos bazares e distantes, provocavam as famílias negras que afluíam para escutá-los, seguindo-se a isso o cerco, o aprisionamento e o cativoiro.

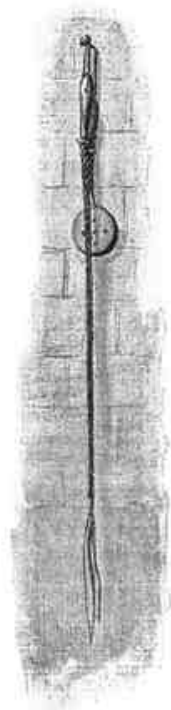
De que estratégias não se valiam os brancos para realizar o crime que flagelava a África!...

De tudo quanto a imaginação pode compreender de mais pérfido e a tirania de mais horroroso lançava-se mão a todo o instante...

Às vezes, quem atravessava os desertos, via nas sombras umas flamas mal extintas que se aviavam isoladas.

Sobre elas um silêncio de sepulcro estendia-se como uma mortalha envolvendo um corpo sem vida.

Aqui e ali, porém, cadáveres de velhos africanos e de crianças pretas jaziam esparsos, volteados por aves de rapina que os devoravam e feras que latiam.



Chicoteepalmatória

E aquelas tochas fumegantes ardiam fúnebres à cabeceira das vilas e aldeias que, espavoridas pelos incêndios, lançavam-se na escravidão.

Dos comboios em viagem era a morte uma companheira serena e amiga.

A quem havia perdido a pátria e a liberdade, que mais esperar do destino senão o último lance?

Os tratos cruéis, a fadiga e a saudade, atuando como fatores desse epílogo suspirado pelo escravo, diminuía os lucros da empresa, o que não perturbava a cobiça dos negreiros, que se desenvolvia sem medida.

Aos que não sucumbiam no trânsito, lá estavam os depostos que os aguardam e os porões das galeras que os transportariam à América.

Que importava aos condutores dos rebanhos de homens os gritos dos mártires, o pranto da criança aterrorizada ao seio materno, a blasfêmia do sacerdote fetichista descrendo de seus ídolos?

Os tambores e os instrumentos musicos, à frente dos bandos, tocavam com frenesi abafando-lhes as vozes e os encorajando na jornada; as promessas dos *linguas*, comissionados para intérpretes, os calmariam nas sublevações em projeto; e à chegada aos mercados a esperança os alentaria porque mais alguns dias poderiam adormecer e sonhar nas terras da pátria.

Se assim não fosse, o selvagem vitimaria ao selvagem, o negro ao branco, a pobre mãe esmigalharia com as algemas o crânio do filhinho mamando-lhe à teta o leite e o sangue.

Era durante a noite que ao longo da Costa do Ouro os fachos de resina, os lampiões multicores, as bandeiras, as sinfonias sem arte preludiavam às portas dos bazares, que se opulentavam na mesma linha dos vastíssimos mercados.

Capitães de navios, corretores, marinheiros, negociantes, luxuosas famílias sulcavam as praias, oferecendo às dessemelhanças um espetáculo jamais visto, de tanta gente diferente pelos costumes, tipo, modos, raça e linguagem, que vinham de terras longínquas interessadas pelo tráfico.

As frotas da escravidão aprumando a quilha, abicavam nos desembarques, descarregando mercadorias e turbas de salteadores dissolutos e interesseiros.

Do interior, as caravanas nuas e tatuadas, de pescoço enfiado aos buracos de compridas tábuas ou acorrentadas, chegavam deste ou daquele ponto, o que despertava dos traficantes e do comércio em geral clamores alegres e gracejos sacrílegos.

No meio do concurso do povo que circulava curioso as feiras dos cativos, sons desconcertados de músicas importunas misturavam-se com o pranto, os adeuses, as imprecações dos escravos que tumultuavam nos horrendos depósitos, nas vésperas da partida para o exílio de onde não voltariam mais.

A embriaguez e a luxúria, a rapina e a corrupção animavam os mercados em miríades, nas solenidades ásperas de suas festas e de suas orgias noturnas.

Dos diferentes gêneros de barracas que se levantavam para os divertimentos públicos, na contigüidade da dor e das lágrimas, uma classe havia em que unicamente se executava o que os traficantes chamavam *dança negra*.

Em cada uma o império da dissolução e do impudor planava incomensurável, de acordo perfeito com o revoltante comércio da escravatura.

Era ao escurecer que a dança negra anunciava-se por uma orquestra desafinada, de menestréis ambulantes, à porta dos bazares.

Os pilotos de brigues e os guias de caravanas, os capitães e as meretrizes, os negociantes e suas amásias, as freqüentavam assíduos, avigorando o escândalo e a depravação com os licores fortes, com os vinhos abundantes que aí se vendiam por fabulosas somas.

Justamente ao escurecer principiavam aqueles bailes, cuja tradição conserva ainda um resto de homens que empreenderam viagem à Costa no tráfico dos negros.

Aqui e além, exibindo-se nas barracas aos aplausos dos mercadores e da maruja infrene, de mulheres sem brio e de velhos devassos, negras de diversas tribos, ostentando formas lascivas, apresentavam-se para a dança.

Ao som de uma rabeca e de um pandeiro, de uma flauta e do tambor, as bailarinas bárbaras executavam dançados voluptuosos, tremendo-lhes o seio ao tumulto das vagas agitadas daquelas paixões lúbricas...

E imitavam os animais imundos, requebravam os flancos acendendo a volúpia, soltavam gritos em paroxismos histéricos, acordavam desejos amortecidos durante temporadas de mar e ao gelo dos anos.

Toucadas de conchas, de pérolas, de rubis, as baiadeiras africanas mostravam os alvos dentes transparecendo através de sorrisos convidativos, e para retribuírem as palmas dos espectadores corruptos, atiravam com as pontas dos dedos estúpidos beijos e retiravam-se tremendo com as ancas, sapateando, cantando cantigas monótonas.

E o deboche, a crápula desenfreada e louca ultimavam a *dança negra*, que entrava pela meia-noite e pela madrugada.

Nos depósitos dos cativos, os murmúrios pungitivos, os gemidos despedaçadores, o soluço do infortúnio velavam hora por hora, momento por momento.

Entre algumas tribos esse caráter do sofrimento não se manifestava: a dor era surda, profunda, silenciosa, transluzindo somente na expressão, nos gestos, no olhar. À força de ser concentrado, o sofrimento aparentava indiferença e calma.

Por ocasião do embarque a população flutuante desaparecia aos poucos, escasseava como por encanto, dando lugar a mutações de cenários e de espectadores.

Aos balcões dos depósitos os capitães negreiros, acompanhados de uma parte da tripulação, assistiam à saída dos escravos inscrevendo-os nos registros de bordo, os despenseiros faziam o restante das provisões para os navios, os botes avizinhavam-se da praia e os miseráveis escravos transpunham a porta de entrada, encaminhando-se para fora.

E o chicote estalava, os ferros tiniam... Alguns matavam-se temendo o exílio; outros, escapando à vigilância dos guardas, madrugavam enforcados nas palmeiras dos areais; e de longe em longe, estirado no chão, um selvagem da África estendia os braços, abraçando pela última vez a terra da pátria...

E a frota negreira recebia a escravidão para povoar a América dos livres, as florestas da Liberdade!

II

O painel de todas as agonias que se desdobrava naquelas praias povoadas de negros de diversas tribos não podia ser mais horroroso e revoltante. Os mercadores brutais dirigindo o embarque de centenas de desgraçados, lá se achavam a postos, protegidos pela marinhagem que escoltava os cativos e pelas correntes que os supliciavam dia e noite.

Taciturnos até então, sombrios e resignados no prólogo do seu infortúnio, os míseros africanos, deixando a pátria, rompiam com tumulto o silêncio guardado.

Era no instante em que as lanchas encostavam às pontes para recebê-los, em que o primeiro deles descia para ser transportado aos porões dos navios estanciados em curva.

Então gritos agudos feriam o espaço, a desesperação e o gemido faziam-se ouvir atroadores, ao mesmo tempo que o chicote separava a mãe do filho, a esposa do marido, o velho da criança, os conterrâneos da mesma aldeia, os sacerdotes do mesmo rito.

E a primeira leva abatia-se nos mares como uma nuvem para reaparecer a bordo dos brigues que desatavam as velas.

Mais longe, com os pulsos ensangüentados das cordas que os retinham, grupos havia que imploravam a compaixão de seus fetiches, que se atiravam às vagas procurando a morte, que rolavam na areia mordendo-se em fúrias, que se abraçavam às árvores de onde eram arrancados feridos.

E a segunda leva escurecia a transparência calma das ondas, crescendo nos tombadilhos sinistros das galeras...

Depois, um marinheiro que mergulha surgindo do profundo com um escravo disputado à morte, a mutilação de uma mesma família distribuída ao Sul e ao Norte, o adeus bárbaro do selvagem às terras de seu berço, e, aqui e além, no mar e em terra, a gargalhada satânica da loucura retinindo fúnebre como uma salva nos funerais de um povo.

Percorrendo o convés, os capitães assistiam ao embarque da carga, presidiam à chamada da equipagem, enquanto que os despenseiros, junto à escada de proa, conferiam a nota dos remetidos para bordo.



Suplicio dos anjinhos

Os gajeiros deste ou daquele brigue, tocando a sineta do rancho, levavam aos cães de fila, acorrentados aos mastros, rações abundantes, amimando-os, açulando-os contra um negro que passava, uma criança que cambaleava chorando...

E dentro em pouco os ecos acordavam aos latidos dos cães afeitos à guarda dos porões, a arrastarem pelo pé o escravo que tentasse fugir ou lançar-se n'água.

Apenas subiam, os infelizes negros tinham de submeter-se à disciplina estabelecida no tráfico.

Os marinheiros despiam-nos, acorrentavam-nos de pés e mãos, consentindo que conservassem uma tanga, mortalha grosseira e última do pudor.

Então o apito dava o sinal da forma, toda a tripulação alinhava-se nas amuradas, empunhava espadas e foices, seguindo a essa manobra a descida dos escravos aos porões, divididos em obscuros cárceres, destinados a homens, mulheres e crianças, que só se achavam juntos nas danças do convés.

Desde logo a face de azeviche do africano perdia a sua cor primitiva, a expressão transformava-se, e seu olhar vivo e selvagem,

acostumado como as águias a fitar o sol dos desertos, cobria-se de um véu de sangue que lhe amortecia a luz.

Amontoados no fundo dos navios, devorados pelo calor e a febre, feridos com as correntes ao bulício do mar, os supliciados da liberdade atravessavam o oceano empestando as trevas.

Com mais largueza em um tûmulo, aqueles deserdados da sorte vinham por tal modo oprimidos que os tetos de suas prisões curvavam-lhes o corpo e a estreiteza dos pavimentos forçava-os à imobilidade dos emparedados.

Na construção dos navios para a Costa, tinha-se sempre em vista a economia das proporções, o aproveitamento das insignificâncias do lugar, atendendo-se unicamente ao maior número possível de mercadoria que pudessem conter.

Assim, em gradação crescente eram comuns as divisões e subdivisões, isto é, havia compartimentos para homens, mulheres e crianças, levando em consideração relativamente a estas a idade e por conseguinte os tamanhos.

Portas com enormes ferrolhos, grades de ferro xadrezadas e espessas fechavam as enxovias flutuantes, de onde uma vez por dia vinham os escravos acima a fim de respirar o ar livre, descendo uma hora depois.

Quando os carregamentos excediam a lotação dos brigues, expostos aos ventos e às tempestades, os escravos mansos ocupavam a proa e a popa, acontecendo neste caso a perda de quase metade da carga, que à desoras atirava-se ao oceano ou era arrebatada pelas vagas que varriam os tombadilhos.

E os escravos, atopetando os porões, acorrentados dois a dois, desaparecidos para melhor dizer naquelas sepulturas movediças, começavam a viagem em que novos horrores iam alargar ainda mais o círculo pavoroso de seus sofrimentos e de seus martírios.

Deixando o porto, os marinheiros, os oficiais, o médico e os capitães do tráfico repimpavam-se sob a tolda, enquanto que lá embaixo a sufocação e os soluços, o desespero e o choro, as preces e as maldições esbarravam nas paredes infectas daqueles cárceres agitados, ao

estouro da vaga que se repartia em lamentos e à serenidade do céu que não ouvia das alturas os gritos dos desgraçados.

Para que as ondas em turbilhão não inundassem o interior dos navios, as escotilhas eram muitas vezes fechadas, interceptando a passagem do ar às vítimas que abafavam.

Esta cena, vulgaríssima durante as tormentas, não demovia sequer o capitão a ordenar que viessem para o convés, temendo a revolta contra os marinheiros, a vingança do oprimido contra o opressor.

Nos dias bonançosos, porém, a música tocava na proa e a oficialidade precisava desaborrecer-se da viagem.

Entre os povos bárbaros os cantos e as danças têm tais fascinações, que uma das manifestações sensíveis do seu mais alto regozijo consiste no balanço da alma ao ritmo das toadas nativas acompanhadas do movimento do corpo, cadenciado e próprio.

Os negreiros avezados às navegações da Costas socorriam-se deste meio para alegrar os negros que sucumbiam nostálgicos, fazendo-os conduzir à tolda aos dez e aos vinte.

Quando os carregamentos iam além da capacidade dos brigues, considerando igualmente como medida higiênica, a ronda chegava até cem, que vinham respirar mais livremente, abrindo maior espaço à circulação aérea nos compartimentos internos.

Por tardes alternadas, a um momento dado, um marinheiro dirigia-se à ré, chegava o morrão a uma peça, a tripulação punha-se em atividade, encontrando-se os marujos, aqui e mais longe, subindo e descendo, armados de facas, espadas e chicotes.

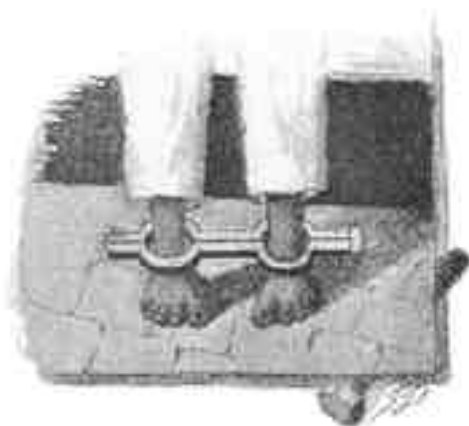
De repente, como de sepulturas que se abrissem, um ar fétido girava no ambiente de bordo, a vozearias confusas e tinidos de correntes.

Os gonzos rangiam nas portas de ferro, e os prisioneiros fantasmas da escuridão, evocados dos infernos negreiros, ressuscitavam do abismo para as danças ao estalar do chicote, que, na frase do tráfico, expandiam as mágoas do africano, distante dos seus e da pátria.

E a aragem marinha, desflorando com a ponta da asa a narina incendiada e negra dos cativos, alentava-lhes pouco a pouco a chama da vida.

III

O tombadilho guarnecido de escravos, que, olhando para o mar entristeciam-se ainda mais com saudades de seus desertos, projetava o escuro daquelas sombras nas ondas crespas que fulgiam em rebanhos da trilha do brigue, e entornava nas asas da viração o primeiro sinal da música para a dança.



De ma chos aos pés

As negras, tendo ao colo os filhinhos, sentavam-se nuas em volta do camarote do comandante, que, severo e em palavras breves, garantia a sua autoridade, presidindo à ordem dos pares acorrentados, que entrariam no baile negroiro.

O chicote vibrado pelos marinheiros, endurecidos e insensíveis aos sofrimentos, dava ânimo aos misérrimos africanos, porque a dor também alenta o infeliz para maiores torturas.

A flauta, o tambor e a rabeca, preludiando juntos uns sons discordantes, dispunham os negros para a festa e a morte, à vista da oficialidade sentada em um banco que circulava o mastro grande.

A dança tinha de começar, para o que a escravatura batia cadenciando as primeiras palmas, esperando o aviso definitivo do piloto, que estava repimpado ao lado do médico, cantarolando, rindo às gargalhadas dos males que lhe não pertencia, das dores que não eram suas.

Então, este personagem, acostumado às depravações e às orgias de bordo, mandava que dois da ronda saltassem à frente, e os casais de cativos, em algazarra, em gritos selvagens, chocalhando as correntes, lançavam-se delirantes às danças horríveis, como uma procissão de loucos que tripudiassem por sobre ruínas fumegantes.

– Batam palmas! Abram roda! Bradava o capitão e os oficiais do brigue, rindo satânicos, entre as baforadas do cachimbo e o tocar de copos cheios de vinho, em alegres saúdes.

– Se o carregamento chegar são e salvo ao Rio de Janeiro, não há dúvida que está será uma das nossas melhores viagens!

– Depois de passarmos a linha, a certeza será maior; por enquanto, nem a nostalgia, nem a sublevação, nem a peste tomaram a seu cargo dizimar-nos a mercadoria.

– É a nossa boa estrela, doutor. Apesar das precauções e do trato, seiscentos e vinte e quatro negros na barriga de um navio é carne bastante para produzir uma indigestão, adianta o capitão enxugando de todo a segunda garrafa.

– Cantai, miseráveis! Dançai! Batei palmas! Exclamava o contramestre, seguido dos marinheiros, tangente rijo o açoite nas nádegas ensangüentadas dos bailadores em tropel.

E a música tocava mais estridente; do porão e da tolda eram mais pungitivos os lamentos, ao tom das vagas e das cantilenas, dos brindes e da embriaguez.

Ao comércio de escravos a perversidade ligava-se de tal modo que a música e as danças, outrora o bem supremo do lar selvagem, longe de requintar-lhes o gozo, avivavam-lhe mais a saudade do passado e o infortúnio do presente.

Enquanto a ronda fervia tumultuária, os meneios lúbricos despertavam os aplausos da equipagem; grupos havia que estacavam a instantes, como que sonhando com a cabana de seus desertos e os climas sempre meigos de suas palmeiras natais.

E um olhar dos negros desdobra-se melancólico por sobre o oceano, menos longo do que a sua agonia, menos profundo do que os seus pesares.

– Que a dança referva, que a música não cesse, que o chicote estale, embora se percam algumas gotas de sangue, que tributaremos ao mar! Era a voz do capitão, embaraçada pelo álcool em doses progressivas.

– Diz bem, comandante, as negras são lascivas, os negros ardentes, e esse divertimento pátrio os reanimará durante a vigem.

-- Depressa! Adiante! Repetiam os marujos chicoteando a turba, que dançava alegre, vertiginosa, descansando em raros intervalos.

Nisso dois escravos, ligados pela mesma corrente, pararam ofegantes. Seus olhos acenderam-se como chamas, e seus membros tremiam em um calafrio horroroso.

Dentro em pouco, ao ranger do navio embalado pelas ondas, dois corpos rolavam no oceano, abraçados com a morte.

Na luta desesperada, naquele transe que vai da vida ao último instante, os suicidas escarneciam da escravidão, alteando nas vagas o facho da liberdade.

Os marinheiros que os tinham visto continuaram marcando a dança, e os oficiais, nas calmarias de fogo, cismavam apenas nas odaliscas da noite, ao fresco dos ventos e ao calor dos licores.

Momentos havia em que o bando fantástico rodopiava tão veloz como um tufão de demônios à beira de um abismo.

O sol, que ia no crepúsculo, palhetava de clarões rubros o convés, onde o sangue coagulado ou correndo em fios parecia roto colar de rubis.

Os tubarões, companheiros inseparáveis da navegação da Costa, cresciam aos flancos do brigue, farejavam o ar, aos dez, aos cem, aos mil...

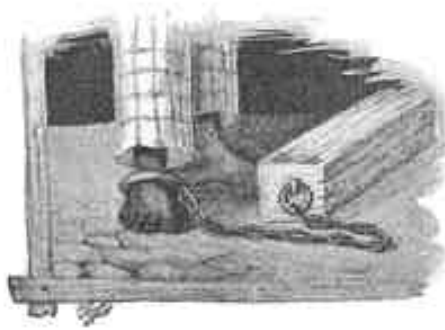
À amurada da proa, durante algum tempo, uma criança preta, como que espreitando o horizonte, descobria no mar um espetáculo estranho e sinistro.

As vagas atropelavam-se furiosas... um rastro de espuma era vermelho de sangue... e surgindo do profundo e mergulhando após, os dois cadáveres rolavam no torvelinho, coroados de tubarões vorazes que roíam-lhes o crânio e despedaçavam-lhes os membros.

Visões noturnas, aparições aéreas, sonhos febris vinham à mente dos que estavam nos cárceres dos porões, enquanto os seus

companheiros de destino prolongavam em cima a vida respirando o ar puro, ao lado do suplício e da escravidão.

– Música! Mais música! Bradava o capitão, dirigindo-se aos menestréis navais, que se esbofavam no baile dos negros...



Cepo e corrente

E os sapateados, os roncões, as toadas bárbaras, as palmas a compasso, e o retinir dos ferros acompanham os movimentos dos escravos na ronda fantástica, que fazia estremecer o soalho escorregadio de sangue e da poeira das águas.

Os monstros do mar, arreganhando os dentes, caminhavam no rastro do navio, acostumados às refeições de carne humana que lhes prodigalizavam os negreiros.

Como se a vida não lhes fosse mais do que uma sombra entre dois abismos, os africanos muitas vezes cantavam e riam contentes dominando o horror de seus dias.

O brigue navegava calmo e nem uma vela atada aos mastros fazia-o jogar à queda dos ventos.

O entusiasmo da oficialidade, fitando a escravatura luzidia, tocava a seu auge, e o comandante agarrava-se com os santos de sua devoção para que o carregamento chegasse sem avarias, por isso que a sua comissão o compensaria largamente dos labores da travessia.

De repente um trilar do apito despertou os nautas negreiros da doce ilusão de suas cismas, fazendo-os crer em uma insurreição a bordo.

Os marcantes de baile fizeram parar as danças, os marinheiros tiraram da cinta a faca pontiaguda, os escravos afastaram-se em grupo para o centro do convés, e uma salva de artilharia atroou os ares.

Os negros amedrontados baixaram-se, acocoraram-se trêmulos, enquanto que a marinagem disponível desceu ao porão, seguida do comandante, que esbravejava pensando nos prejuízos prováveis.

Aproximando-se das grades de ferro da enxovia, sentiu que se escapava de dentro um odor infecto e característico, notando igualmente a vozeria de negros que apontavam para a escuridão, espavoridos e chorando.

O capitão, chamando o intérprete, soube que três dos escravos, para se libertarem do cativeiro, haviam na noite antecedente revirado a língua contra a epiglote, suicidando-se.

A podridão era insuportável... a decomposição cadavérica, unida ao bafio das dejeções e dos vômitos, acendiam o desespero e a febre em parte da mercadoria.

É possível que o motim fosse o resultante do delírio.

Metidos em forma, ao mando do capitão, os marujos transpuseram o infernal recinto guiados pelo contramestre que suspendia na frente uma lanterna de azeite de peixe.

À passagem destes, os gemidos e o choro das crianças eram compungidores.

Como de um túmulo, retirados aqueles mortos, os marinheiros os carregaram à tolda.

As luzernas, penduradas de há pouco nas vergas, iluminavam com clarões de fogo aquela cena fúnebre.

E os três cadáveres, erguidos à altura da fronte pelos marinheiros possantes, foram lançados ao mar, que fechou-se sobre eles como um abraço materno.

Nesse momento, os ecos, desflorando o cabeço das ondas, levaram para bem longe os lamentos dos africanos, que carpiam, acorrentados no tombadilho e ao pranto das estrelas, a escravidão da vida e a liberdade da morte.

.....

O Valongo

Até à abolição do tráfico, era o Valongo o grande bairro do Rio de Janeiro em que os armazéns de escravos novos ostentavam-se profusos.

Imagine-se o aspecto nauseabundo daqueles sítios habitados constantemente por levas africanas que se renovavam, povoados por ciganos e mineiros que realizavam altas especulações, pela marinhagem dos navios negreiros, espalhada aqui e ali, contratando-se para as viagens, embriagando-se nas vendas atonetadas da canalha e dos negros.

Devia ser curiosíssimo o que se observava naquelas ruas imundas, a qualquer hora, a qualquer momento do dia e da noite.

As línguas bárbaras pronunciadas com a acentuação nativa, pontas de escravos acorrentados e seminus, acompanhando os empregados dos depósitos e os fazendeiros do interior, capitães negreiros comprando bugigangas para o comércio das permutas – tudo enfim destinava-se a produzir sobre espectadores estranhos o efeito mais vivo e impressionador.

Ajuntando a isso os gritos de dor das vítimas recebendo sobre as espáduas ou outras regiões do corpo as marcas de ferro em brasa, nada faltava para completar o arcabouço das cenas próprias daqueles mercados e que tanto debilitavam o senso moral naqueles tempos.

O movimento comercial do Valongo harmonizava-se pleno com as crueldades absolutas que se praticavam, crueldades próprias do gênero nefando do negócio.

Em sua atividade laboriosa, crescido número de interessados percorria aquelas ruas, examinando, indagando, ajustando a mercadoria negra, que, exposta nos bazares, desafiava o cobiça dos pretendentes de diversas categorias e condições.

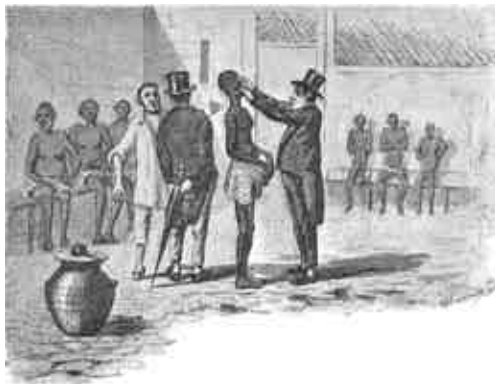
Em toda a Prainha, essas casas existiam a tal ponto agremiadas, que se podia assegurar que metade das lojas ou pavimentos térreos da localidade eram ocupados por armazéns de escravos, incluindo nessa estatística os escritórios dos corretores, que aceitavam unicamente encomendas de carregamentos, com as preferências de tribos ou de raças.

As tatuagens bizarras distinguiam evidentemente as *nações* de sua procedência, como, por exemplo, as incisões verticais do monjolo, os tubérculos cicatriciais e em forma de crista de galo dos escravos minas, o luxuoso penteado em diadema dos negros vendidos na costa de Moçambique.

Cumprir notar, porém, que em relação às diversas tribos que abasteciam o Valongo, havia gostos distintos, amadores mais ou menos apaixonados.

Para certa classe de indivíduos as monjolas valiam alto preço, por isso que, apesar de feias, falavam melhor aos instintos sensuais do que as do Congo e as de Benguela.

As famílias escolhiam as do Congo por serem mais alegres e dóceis.



Depósito de escravos no Valongo

Desde que os negros novos desembarcavam, o caminho imediato a seguir era a dos mencionados depósitos.

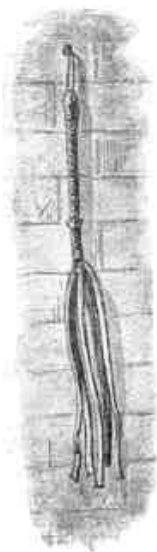
Acompanhados por praças de polícia e marinheiros dos respectivos navios, acorrentados muitos e algemados outros, tropas de escravos chegavam ao seu destino, isto é, aos armazéns do Valongo.

Quanto à disposição geral, a parte descritiva desses antros limita-se a pouco.

Não é necessário encher folhas de papel fazendo-se-lhes o inventário dos móveis, de instrumentos de suplício, dos acessórios, pois a imaginação do leitor poderá suprir o que nos escapar à pena.

Em amplos lineamentos, as casas de que tratamos compreendiam à primeira vista a sala da frente, onde sentados em dois bancos de pau de dimensões variáveis, estendiam-se duas filas de negros que aí estavam para ser vendidos.

Acima da cabeça do corretor, as mais das vezes cigano, repotreado em sua cadeira de braços, via-se um grosso chicote dependurado no muro; uma mesa ocupava o centro e uma moringa cheia de água descansava no batente de uma janela.



*Bacalhau
de cin co per nas*

De dentro, espiando através de grades de ferro, moleques e negros nus, magros e doentes, viam-se em turmas, coçando as sarnas, sacudindo a lepra.

Na sala, à noite transformada, com permissão dos donos, em recinto de baile para os negros, os escravos conservavam-se em grupos separados, e para que se conhecesse a quem pertenciam, as tangas eram de cor diferente.

Famintos, opilados, héticos, cobertos de feridas, aqueles esqueletos sentados ou de cócoras apresentavam-se com a pele lustrosa e impregnada de óleo de rícino, que, com o odor das secreções especiais à raça, misturava-se no ar, tornando-o dificilmente respirável.

Do mesmo modo que com os cavalos, os ciganos usavam, no seu comércio, de expedientes múltiplos.

Para iludirem os compradores, punham todos os artificios em contribuição: uma fruta fechada na mão para ocultar um defeito físico, um punhado de açúcar atirado às costas de uma *boa peça*, a fim de atrair as moscas e depreciar o gênero.



Negro no tronco

Na lufa-lufa do povo quando chegavam os brigues e as galeras da Costa da África, as cenas mais estranhas passavam-se no Valongo, aviltando os nossos sentimentos e os nossos costumes.

Aqui era um pretendente que revistava o corpo e os dentes de uma pobre escrava; ali um indivíduo exigente que fazia dançar um negro para certificar-se de sua agilidade; acolá um fazendeiro que escolhia um lote, depois de tatear a mercadoria mais apetecida, levando à conta o sexo e a idade.

Os moleques e as negrinhas, bordando as calçadas, despertavam os desejos dos meninos e das meninas, que pediam aos pais para os comprar, o que em regra sucedia.

Nos bons armazéns, além da sala e de outros compartimentos gerais, havia dormitórios vastos, cada um com a sua tarima, em que a promiscuidade só ditava severa lei.

Dia e noite em comum, amontoados como animais, os cativos de África, permaneciam na imundície moral até que fossem vendidos, avultando em tais espeluncas o contágio da peste e da sífilis a pauta mortuária.

Enquanto isso se passava no Valongo, a Costa do Ouro coalhava-se de negreiros, que, à sombra do pavilhão nacional, devastavam os desertos de seus filhos e povoavam o oceano de cadáveres.

À meia-noite, as redondezas dos armazéns, exalando odores podres, retiniam de cantigas bárbaras e de danças convulsivas.

Eram os pobres escravos que carpiam no delírio do *pango* saudades da cabana de seus pais e dos rios de sua terra.

E por que não morreram em suas areias? Por que não se amortalharam em seus desertos, onde o céu tem sempre uma estrela, e a estrela uma lágrima de luz para os que sucumbiram na travessia da vida?...

Mas os tubarões erguiam a testa chata na ardentia dos mares; os brigues, passando a linha, precisavam chegar a salvo ao Rio de Janeiro, e os riscos de comércio urgiam que fossem dissipados.

O tráfico, sem condições, sem regulamento, sem leis, constituía um elemento de lucros e de progresso, e o Valongo não podia ser entorpecido na sua marcha ascensional e proveitosa.

A Prainha e o cais da Imperatriz regurgitavam de compradores de serra acima, de negros em trânsito, de ciganos roubadores de escravos, das tripulações que desembarcavam, girando entre todos a desconfiança, os sentimentos mais desaguisados e as incertezas malditas.

A cal atirada nos porões, os preventivos grosseiros que empregavam os capitães negreiros, nem sempre bastavam para conjurar o escorbuto, a gangrena, a disenteria e a cegueira que acometiam os africanos, flagelos para os quais – carga ao mar – impunha-se, às vezes, como um dever do regulamento negro.

A algazarra e os lamentos, o choro e as chicotadas, instrumentando o espetáculo da escravidão, aumentavam-lhe o horror, criando um ciclo ignorado no inferno dantesco.

Como epílogo da tragédia negra, circulavam naquelas paragens redes e *bangüês* que transportavam os mortos arrancados às sepulturas dos cárceres privados e do profundo dos armazéns, onde a atmosfera asfixiava e as agonias não encontravam um seio amigo.

Ao fumo das candeias de azeite de peixe, às exalações da gangrena corroendo os membros ulcerados, as danças e os contos

selvagens dos escravos novos atordoavam a redondeza, acordando os ecos noturnos, que repetiam lúgubres os tons finais do concerto.

Por vezes a mercadoria rareava e a procura dos mineiros levantava crises: isso se dava em certas épocas do ano assoladas pelos naufrágios, pelas calamidades de bordo, pelas epidemias, em que avultadíssimos carregamentos afundavam-se no oceano ou eram lançados às vagas a fim de impedir a transmissão do contágio à equipagem.

Não obstante, o tráfico dominava impune nos mares, o roubo e as devastações constituíam a senha da pirataria audaz, e o Valongo desafiava com os seus horrores as maldições do futuro.

.....

Um Funeral Moçambique em 1830

Na terra do exílio, na praia do cativo, os pobres escravos reuniam-se para enterrar os seus mortos, segundo costumes próprios e usos privativos.

O navio negreiro e o Valongo podiam cativar-lhes a liberdade do corpo, porém jamais conseguiram tolher-lhes o vôo da alma no sentimento comum, na união estreita da desgraça.

Chorar no mesmo pranto, gemer em um só gemido era a sina dos míseros escravos de África chegados a estas plagas, e esse pensar, essa dor eterna que lhes brotava do seio como das cachoeiras as águas que se espadanam, eles as transmitiam aos seus descendentes crioulos, que na primitiva honraram a raça de seus pais aprisionados em longes terras.

Povo essencialmente afetivo, os negros no Brasil aparecem por um lado tão simpático que fora uma injustiça da História não recolher-lhes as tradições admiráveis, na luta empenhada através do cativo e da civilização.

Vivendo conosco no tempo e na ação, os escravos dominaram às vezes de tão alto que a eles devemos ensino e exemplos.

Em sua existência ignorada e na pureza dos seus costumes, quanto não teriam de aprender duas partes da imigração atual, para quem o único Deus é o ouro, e o ideal nosso aniquilamento?...

Entretanto o esquecimento se tem feito sobre o seu passado impoluto, mesmo porque descendentes bastardos repudiam torpes a sagrada origem de que procederam.

Percorrendo a História, deixando iluminar-nos a fronte a luz amarelenta das crônicas, não sabemos ao certo quem maior influência exerceu na formação nacional desta terra, se o português ou o negro.

Chamados para juiz nesta causa, necessariamente o nosso voto não pertenceria ao primeiro.

Nativista convicto e por herança de família, não seremos nós quem sacrifique pelo café as tradições históricas de três raças poderosas, de que este país é a resultante constituída.

Como pesquisa etnográfica, nenhuma das levas colonizadoras merece-nos mais atenção que as importadas da costa da África e sua prole.

Desde o crepúsculo matinal da colônia, foram estas que sustentaram, à semelhança de cariátides, o pórtico das nossas instituições sociais, contribuindo largamente para o nosso presente, ameaçado a todo o instante por nacionalidades que nos invadem sem obstáculos.

Apesar de bárbaros, de aviltados pela condição, os nossos escravos possuíam costumes cheios de poesia e de graça, de certa tristeza que enleva e encanta.

Das diferentes tribos que abasteciam os mercados do Rio de Janeiro, os moçambiques e os rebolos colocaram-se em plano mais distinto, com referência à característica de seus costumes nacionais, aqui modificados, é verdade, segundo as exigências dos meios.

Reservando alguns capítulos desta obra a essa pobre gente que tanto amou e sofreu, derrubando florestas, fundando cidades, acompanhando-nos em nossas alegrias e em nossos pesares, lineamentos étnicos de sua vida de relação, antes de pararmos horrorizados em presença dos quadros de seus martírios.

Como acima dissemos, os negros do Rio de Janeiro enterravam os seus de um modo completamente particular, quanto ao cerimonial que antecedia ao ato da inumação.

Diversificado conforme as tribos, os moçambiques salientavam-se no aparato fúnebre, a que faziam preceder por vezes de outros deveres, dependentes dos recursos pecuniários do compatriota morto.

Assim, quando falecia um pobre de sua nação, os parentes e parceiros o conduziam em uma rede que ficava desde o amanhecer junto ao muro de uma igreja ou à porta de qualquer venda.

Duas negras, de face pesarosa e vestidas de luto, conservavam-se com duas velas acesas junto à rede funerária, recolhendo dos passantes o óbolo da caridade para o enterro, completando a soma os compatrióticos do defunto que apareciam no momento.

Os enterramentos dos escravos faziam-se antigamente no cemitério da Misericórdia, e por exceção nos templos.

Segundo o que sabemos, nenhum indigente moçambique, por falta da quantia exigida, deixou de ser sepultado com decência, isto é, pagando os interessados três patacas ao hospício da Santa Casa, que se incumbia de mandar buscar o corpo e do mais.

Não sendo o finado totalmente miserável, possuindo bens ou dinheiro, as pompas fúnebres tornavam-se regulamentares, e tanto mais ruidosas quando se tratava de algum personagem ilustre entre eles, tais como reis, rainhas e príncipes de raça.

Excluindo os carregadores da rede mortuária, o mestre de cerimônias e o tambor-mor, o préstito compunha-se de mulheres ou de homens, conforme o sexo do cadáver.

O de pessoas reais congregava ambos e mais ainda as crianças, que desfilavam com estrépito pelas ruas até à igreja, que esperava o morto com as portas encostadas e círios guarnecendo a 'eça'.

Nessas cerimônias, sempre atraentes pela originalidade, os infelizes africanos manifestavam a seu modo a dor profunda que os acabava de ferir, a desolação da tribo vendo-se separada de um dos seus membros.

E nem se diga que o abandono interpunha-se à vida e à morte, que os escravos não se desembaraçavam do cativo para debruçar-se livres à beira dos sepulcros.

A igreja da Lampadosa, que em 1830 era servida pelo clero negro e pertencia a uma irmandade de mulatos, constituiu-se a necrópole fidalga dos africanos desta cidade, e diante do adro vinham parar os fúnebres préstitos, executando o seu ritual lúgubre, no meio de alaridos selvagens e danças funerárias.

O acompanhamento era o mais atroz e rude, não deixando por isso de revelar uma fisionomia especial de costumes autênticos e primitivos.

A procissão, que, até à saída do corpo, limitar-se-ia a meia dúzia de parentes e raros amigos do defunto, desde um pouco adiante avolumava-se considerável, por isso que os negros da mesma terra, os conterrâneos da mesma pátria o seguiam às despedidas do cativo e do túmulo.

À frente ia o mestre de cerimônias, um pouco mais atrás o tambor-mor, e ladeando a rede coberta com um pano preto sulcado de uma cruz branca, a família, rodeada de moçambiques, que batiam palmas cadenciadas e cantavam os seus lamentos.

Segurando dos lados a cortina mortuária, os filhos e os íntimos caminhavam vagarosos, ao estrondo do tambor, que a cada passo fazia-se ouvir ecoando lúgubre.

Por volta das 5 horas da tarde chegava habitualmente o cortejo à Lampadosa.

De portas fechadas, em razão de ajuntamentos, os curiosos tomavam-lhe os degraus, e defronte, estendidos em alas, os ganhadores e as quitadeiras etíopes, com os cestos e tabuleiros à cabeça, esperavam o préstito, que ao longe era anunciado por dois sinos.

Apenas estes dobravam, os contristados pretos arriavam no chão as suas cargas, ensaiavam os seus lamentos, com a boca fechada a todos os risos e os olhos arrasados das mais quentes lágrimas.

Dentro em pouco a igreja se abria e os padres vinham ao pequeno adro para receber o cadáver.

E perto, bem perto, o tambor atroava, e uma melopéia áspera e selvagem ouvia-se próxima.

Os convidados da morte, na observância de seus ritos solenes, transpunham o Largo do Rocio e entravam na Rua do Sacramento.

Com dois lenços vermelhos cobrindo-lhe o peito, de calça curta, e de rodilha verde na cabeça, o mestre de cerimônias, rompendo a marcha, fazia evoluções com uma vara à cadência das palmas que batiam os negros nas calçadas e os acompanhadores.

Nisso os sinos tangiam pela última vez, e o negro do tambor, escanchado em seu bombo, batucava com os punhos cerrados, aproveitando o silêncio que sucedia ao seguimento da rede para o recinto da igreja.

Apenas esse féretro aéreo encaminhava-se balançando, os cânticos fúnebres em honra do morto reanimavam-se, as palmas reproduziam-se mais aceleradas, o rufar bárbaro do tambor era mais veloz, e a rede, lenta como a agonia, pesada como o infortúnio, penetrava no templo.

Depois... a calma era profunda. E a treva, descendo silente nos braços da noite, velava o último sono do cativo, que se libertara da vida e da escravidão.

.....

Lucas da Feira

Na galeria dos criminosos célebres, ocupa esse facinora, no Brasil, um dos pontos mais culminantes.

Nasceu Lucas na fazenda do Saco do Limão, na província da Bahia, e era escravo de uma D. Antônia, rica proprietária na Feira de Santana.

Por morte desta senhora, passaram os seus bens a seu sobrinho o padre João Alves Franco, que recebera, com os avultados cabedais da terra, escolhida escravatura, de que fazia parte o molecote Lucas.

Na idade de 20 anos, o padre seu senhor mandou-o aprender o ofício de carapina, e nessa aprendizagem fugia a miúdo, voltava apadrinhado, até que, perdendo o medo, deixou de procurar padrinho, e começou a assaltar e roubar no mato e nas estradas, matando a quantos lhe resistiam.

Os dias prediletos para as suas violências e assassinatos eram as terças-feiras e depois as segundas – dias de feira no lugar – por isso que nessas ocasiões o povo que vinha à cidade tratar de negócios crescia muitíssimo de número.

Assentando destarte a sua tenda de salteador na Feira de Santana, a ele se foram associando vários escravos fugidos, que formaram a assombrosa quadrilha de que Lucas era o chefe horrendo e pavoroso.

O Dr. Vicente Ferreira Alves dos Santos, primeiro juiz letrado do termo, durante o seu exercício, fez o mais que pôde para prender Lucas, tendo destacado, além da força de polícia, algumas praças de cavalaria, que, ao reclamo dos assaltados ou a qualquer notícia, seguiam e voltavam sem nada conseguir, embora auxiliados por caboclos da Pedra Branca, rastreadores habituados e de ouvidos exercitados.

Repetidas vezes, por essas diligências frustradas, prendiam e açoitavam, nas grades da cadeia, um primo e parceiro de Lucas, supondo-se existir correspondência entre ambos, e daí secreto aviso.

O Dr. Vicente Ferreira Alves assistiu à execução das sentenças de morte na forca a que foram condenados os escravos Flaviano e Januário, salteadores da referida quadrilha.

A guarda negra de Lucas arregimentava cerca de trinta indivíduos, negros e mulatos, todos escravos de senhores-de-engenho e de pequenos lavradores.

Nicolau, em uma noite de terça-feira, com Lucas, na estrada da Lagoa Salgada, assaltando um grupo que voltava da Feira para casa, foi morto a tiro, e com ele uma preta sua companheira no crime.

Os assaltados cortaram a cabeça do malfeitor, e na manhã seguinte entraram com ela fincada em um pau pelas ruas da cidade.

Por ordem da autoridade, o cirurgião José Maria Soares de Melo extraiu-lhe o encéfalo, salgou-a, e em um poste, no Campo do Gado, no lugar onde se levantara a forca, ficou exposta ao público.

Nessa tarde entraram na povoação os dois cadáveres às costas de um animal, sucedendo-se ao corpo de delito dar-se sepultura à negra e entregar-se o corpo de Nicolau à população infrene, que, depois de arrastá-lo pelas ruas, lançou-o em uma enorme fogueira, que o reduziu a cinzas.

O delegado suplente que então servia, participando a ocorrência ao Governo, foi severamente repreendido pelo chefe de polícia, por ter consentido em tamanha selvageria.

O negro salteador contava em seu grêmio foragidos resolutos, baluartes resistentes aos embates da luta e do imprevisto.

Da árvore, a cuja sombra erguia a sua tenda, desenrolava-se uma rede de cipós em várias direções, uma espécie de telégrafo, que transmitia, por meio de convenção prévia, avisos e notícias.

Lucas era um bandido de maior estatura que Pedro Espanhol, cometeu mais de cento e cinquenta assassinatos, roubou com mais afoiteza, os defloramentos por ele praticados foram inúmeros.

Na estrada e nos assaltos às fazendas ele e os seus matavam homens, crianças e mulheres, e a algumas destas depois de aviltá-las com as suas torpezas.

Às vezes, satisfeitos os seus brutais desejos, as deixavam nuas, untadas de mel do tanque, amarradas a um tronco de árvore, até que morriam de fome e de mordeduras de insetos.

A terrível quadrilha infestava muitíssimas estradas – ao sul, a da Cachoeira e Santo Amaro; ao norte, a de S. José, Canavieiras e S. Vicente; a leste, Lagoa do Furno, Registro e Lagoa Salgada; a oeste, Jacuípe, Catumbi e Pedra do Descanso.

Em algumas entradas no mato a polícia e a força de linha conseguiam prender um ou outro do bando, que subia à força sem remissão nem agravo.

Flaviano e Januário assim acabaram.

Diariamente marchavam contra os facinoras pessoas armadas, e dispostas aos riscos da aventura, caindo morto por bala o salteador que resistia isolado ou que não as tinha pressentido.

Lucas e os seus sequazes assassinavam autoridades, cargueiros, viajantes, portadores de diamantes e dinheiro, sabendo de véspera o itinerário dos indivíduos e de quanto levavam consigo.

A acreditar-se em boatos, o salteador da Feira distribuía o que roubava com alguns negociantes da cidade e altas influências políticas, motivo por que escapava às tocaias e esperava certo os comerciantes em trânsito, conduzindo por mais de vinte anos uma vida de roubo, de devastação e de assassinatos.

De uma feita sendo mortos na vila do Tucano o juiz municipal Dr. Procópio e oito pessoas daí, mais o chefe de polícia Dr. Francisco Gonçalves Martins (depois Barão de S. Lourenço) teve de seguir para o local do crime a fim de sindicarem o fato e instaurarem processo.

Na Feira de Santana, por onde passou, demorou-se poucos dias, dando providências sobre uma outra morte – a de Firmino Ferreira Sarmento, e sobre o meio prático de se prender Lucas.

Neste sentido mandou afixar editais e publicar pela imprensa que o Governo daria quatro contos de réis a quem o fizesse.

E Lucas, apesar de espionado e perseguido, prosseguia temeroso e indômito em sua carreira.

Lucas era a figura do Diabo. Contam-se dele tantos casos, narram-se a seu respeito tantas legendas, que encheriam volumes.

Uma ocasião, um negociante, que ia para a Feira, meteu por prevenção o dinheiro, que levava, dentro da gravata e pequena quantia no bolso, que *era para Lucas*, como ele dizia.

Na estrada, Lucas sai-lhe ao encontro e obriga-o a entregar o que trazia, ao que o viandante sem réplica acedeu, franqueando-lhe as algibeiras.

O salteador, mirando-o de cima abaixo, saqueia-o e, apenas o manda embora, fá-lo voltar.

– Meu ioiô, disse Lucas, dê a seu negro essa gravata, senão morre.

O pobre homem, que supunha-se escapo com a vida e a fortuna, não hesitou um instante, desatou-a e entregou desconfiado, assustado.

Por vezes, enfrontando no sertão com o padre seu senhor, tomava-lhe a bênção, pedia-lhe rapé e deixava-o ir seu caminho.

Dizem os velhos que Lucas tivera um remorso: – o de haver assassinado uma rapariga de 15 anos, a quem desvirginara e, enterrando-a na floresta, aconteceu que passando por perto na manhã seguinte, viu levantar-se da cova uma nuvem de pássaros, que foram cantando perder-se no além.

O negro e a sua quadrilha, depois do prêmio oferecido, não contavam com um momento de trégua, capitães-do-mato, rasteadores, soldados, gente do povo, enfim, seguiam-lhe no encaço, desafiando mais as represálias do bando.

E os assaltos aos engenhos e aos viajantes, o roubo de gado e de bagagens, os cadáveres apodrecidos nas árvores reproduziam-se sem

termo, ativando esses crimes a vigilância e sagacidade do chefe de polícia e das autoridades locais, que não se poupavam a todas as diligências.

Do Aljube da cidade, Cazumbá, compadre de Lucas e réu infiançável, evadira-se e batia as matas.

Na sua existência errante e sobressaltada, garantia dar cabo do salteador da Feira, uma vez que, com os quatro contos prometidos, lhe fosse oferecida a absolvição dos delitos.

Esta notícia espalhando-se, as autoridades da província tomaram conhecimento do fato e fazendo vir à sua presença Cazumbá, ficou o ajuste assentado sob a palavra do Governo e a resolução do bandido.

Daí por diante a estrela de Lucas começou a ser-lhe funesta.

Cazumbá, acompanhado de Marcelino, a quem se associou, meteu mãos à obra, levando dias e noites à tocaia de Lucas.

Atravessava florestas, transpunha vales e serras, embarcava em diferentes lugares, pondo-se-lhe à pista, até que, na tarde de segunda-feira, 24 de janeiro de 1848, emboscado em uma das picadas da Pedra do Descanso, percebeu o facinora armado de clavinote, que passava ao longe.

E Cazumbá disparou-lhe um tiro...

A bala, fraturando-lhe o braço direito, não o impediu de escapar, de embrenhar-se nas selvas, deixando após si um rastro de sangue.

Avisados, incontinenti, subdelegados, delegados, juizes de paz e inspetores de quartirão, partiram todos, seguidos de tropa, em busca do esconderijo de Lucas, porém inutilmente.

Em caminho, viram cadáveres putrefatos, indivíduos amarrados e seviciados, uma moça branca enleada contra os espinhos de um pé de mandacaru, baús, alfaias da igreja de Brotas, e objetos roubados, nas clareiras do mato.

Frustrada a diligência, no declínio das esperanças, quando já se haviam perdido muitas jornadas em busca do salteador baleado, acudiu a alguém a idéia de mandar chamar o negro Benedito, amigo de Lucas e salvo-conduto dos viajantes da Cachoeira à Feira de Santana, para dar conta dele.

Depois de ameaças e promessas, Benedito comprometeu-se a indicar o pouso, e, seguindo à frente, puseram-se em marcha autoridades

e tropas, Cazumbá e Marcelino, que o prenderam em uma furna onde era pensado por uma rapariga, tornando-se para isso necessário que lhe dessem outro tiro.

A ferocidade do negro, apesar de ferido e pilhado, era inaudita.

O fato passou-se pela madrugada.

E às sete horas da manhã, em uma rede gotejante de sangue, chegou Lucas aos Olhos-d'Água, afluindo para vê-lo inúmero povo.

Às oito horas entrou na cidade, onde a população o teria linchado se não fosse a numerosa guarda de baioneta calada, que o protegia.

Por três dias o prazer e as festas tornaram-se indescritíveis: girândolas de foguetes, repiques de sino, embandeiramento das ruas, luminárias à noite, passeatas, tocatas de violão, etc.

Na cadeia da capital, para cuja prisão foi removido, amputaram-lhe o braço, e respondendo ao júri que o condenou à pena última, subiu à forca em setembro ou outubro de 1849.

Lucas tinha mais de 45 anos de idade. No alto do patíbulo fez uma fala ao povo, pediu perdão e – na forca ou na prisão – jamais comprometeu pessoa alguma.

Note-se que, como dissemos, Lucas não roubava para si. E a esse respeito possuímos documentos de grande valor.

Naquele malfeitor, entretanto, naquela monstruosidade humana, dois sentimentos bons conservaram-se – a gratidão e a caridade.

O cruel salteador da Feira nunca ofendeu a quem lhe fizera ao bem, e era o socorro ignorado de muitas famílias pobres que viviam de suas esmolas.

Além do prêmio da traição, Cazumbá recebeu presentes de dinheiro do comércio da Cachoeira, da Feira de Santana, de Santo Amaro e da Bahia.

É estilo no Norte os acontecimentos notáveis serem cantados pelos Homeros populares: as façanhas do Lucas estavam neste caso.

Do muito que produziu a poesia anônima do tempo, o *ABC do Lucas* é a mais original e característica.

.....

O Navio Negreiro

No centro do oceano, debaixo da Linha, desde o golfo da Guiné até ao Brasil, léguas e léguas se distendem onde o céu é uma fornalha, e as virações não sopram agitando macias as velas dos navios.

No tempo do tráfico essa extensão enorme era o caminho fúnebre da frota negreira, que abastecia os mercados de Liverpool e do Rio de Janeiro, de escravos roubados pela pirataria à costa da África.

Naquele mar morto cada brigue parecia uma ilha de fantasmas que tinham por asas os panos brancos ao longo dos mastros oscilantes e sinistros.

Naquelas paragens a calma encontrava à noite o capitão estendido à sombra da verga, os marinheiros dormindo nos escaleres suspensos, enquanto que no porão, com as vigias abertas, a peste e o contágio visitavam a desoras a escravatura que se sufocava à podridão e ao calor.

Parados no mar – o confidente do crime negreiro – os brigues ressoavam com os estertores dos agonizantes, deixavam escapar gemidos dolorosos, vozes de desespero e de aflição.

Na imobilidade pavorosa, a única manifestação da vida era a morte.

Penetrar nas enxovias quando qualquer epidemia declarava-se a bordo era um espetáculo cujo horror só podia ser comparado ao da própria escravidão.

Aqui via-se um negro moribundo abraçado a um cadáver, ali uma criança que mamava no seio da mãe morta, acolá ouvia-se o velório bárbaro do selvagem à cabeceira do insepulto da véspera...

E a lanterna do rodante, projetando um clarão de fogo no chão dos porões, destacava um escravo deitado sobre o ventre, respirando o pus e as dejeções; outro, coberto de sarnas, acorçado e nu, mordendo os punhos cerrados; mais outro ainda, indiferente pela cegueira, pestanejando moribundo à luz que o feria com seus raios...

Ao amanhecer, o comandante estava no seu posto, a equipagem começava a lide, e os cadáveres e os doentes mais graves eram lançados às ondas e aos tubarões vorazes.

E o navio, aproveitando a aragem, desfraldava as velas, fechava um pouco as escotilhas, seguindo o rumo da navegação.

Por todos os lados o contágio epidêmico achava abertas nos navios do tráfico.

Devido à sede, à fome, ao escorbuto, à nostalgia, às aglomerações, à alimentação e às decomposições, sobretudo, a febre amarela, a lepra, o tifo e a disenteria causavam grandes destroços ao comércio de carne humana, expondo-o completamente ao alcance das moléstias infecto-contagiosas.

Com freqüência a mortalidade abrangia as tripulações, não sendo limitados os casos de brigues abandonados a equipagens de cadáveres.

O alarma produzido pelos primeiros sintomas epidêmicos predispunha o crime para novos crimes, a tirania dos traficantes para maiores tiranias.

A crueldade dos oficiais e da maruja para com os miseráveis escravos não tinha nome, não encontrava medida: se havia qualquer sinal de levante, as mais horrorosas punições flagelavam os cativos, a cal virgem peneirava-se por horas inteiras no âmbito das prisões, os supostos chefes da insurreição acabavam na surra e nos dentes dos cães que

atroavam com latidos os navios, ou eram atirados às vagas que os abraçavam de morte.

Os canhões disparavam amedrontando os negros, trilos de apitos e gritos do capitão acordavam os ecos noturnos das enxovias, a correria dos marinheiros no convés e nas escadas íngremes enchiam de espanto os sediciosos, que buscavam no suicídio e no assassinato uma trégua à escravidão.

Não há dúvida que não se pode acorrentar sem se sentir o peso da corrente: era justamente o que acontecia quando a revolta insinuava-se torva nos porões, ou surgia furiosa daqueles antros – cidadelas flutuantes do cativo e do aniquilamento.

Esses fatos, porém, um tanto vulgares nos anais do tráfico, distantes ficavam do pânico que se apoderava das equipagens ao aparecimento de uma epidemia, e da ferocidade exercida nos brigues a fim de impedir-se a transmissão do contágio.

Qualquer que seja a condição ou a diferença do estado social, a sensibilidade do coração pode vingar a custo, pode encontrar um lugar onde medre como uma flor sobre uma corola de rochedos. No tráfico, entretanto, na navegação negreira essa lei era violada, essa regra imposta pela natureza sofria um golpe profundo.

A ambição, que dirigia a empresa, e o crime que se constituiu desde o primeiro instante a mola real do negócio, tornavam o homem de uma ferocidade tal, que em sua alma a comiseração e a caridade, a dor e os remorsos ficavam cá fora desalentados diante do impossível.

Uma vez, uma galera que trazia um carregamento de mais de quinhentos escravos para o Rio de Janeiro foi presa, no alto-mar, de uma epidemia implacável, cujas avarias ou prejuízo total da carga erguiam-se inevitáveis.

O contágio do mal inficionando alguns tripulantes, o egoísmo do traficante, superior ainda à salvação própria, planejou uma tragédia monstruosa, tendo como teatro os compartimentos obscuros e imundos dos cárceres e o tombadilho já salpicado de sangue como um assassino.

À calamidade de uma epidemia de conjuntivite purulenta que cegava os negros e propagava-se aos marinheiros,urgia um paradeiro de

bronze, a distensão de um cordão sanitário que pusesse a resguardo os não atacados.

O desespero causado pelo dano ao negócio e a desumanidade absoluta do capitão encontraram de pronto um recurso tirânico, supremo, inaudito...

E o que fazer?

O ar era ardente, o pus inundava a face de azeviche dos africanos sentados, gotejando em fios ao amplo do peito e do tronco.

A peste, viajando no navio, opunha-se a tentativas inúteis e afastava os outros que negariam hospitalidade à marinagem infectada.

E o marulho dos vagas, transportando para o além o eco de um tiro de canhão, formou uma abóbada sonora que envolveu a galera, que balançou entre o céu e as águas como um esquife descendo em um túmulo.

A este sinal de alarma os oficiais e a maruja subiram à tolda, tocou à forma, escancararam-se as escotilhas, e os cães de fila, acostumados a estrangular os negros, foram soltos, arriando os flancos junto às escadas de desembarque.

Ao mando do capitão, os marinheiros desceram rápido aos porões, e quando reapareceram os primeiros, uma fileira de cegos, nus e cambaleantes, escanifrados e tateando as trevas, crescia vagarosa do fundo da galera, conduzindo às mães os filhos ao colo e pelo braço magro de esqueletos.

Estendidos em linha, à direita e à esquerda, com o rosto voltado para o oceano, os olhos dos escravos, acostumados às torrentes de fogo do sol de seus desertos, permaneciam parados e cobertos de um véu opaco e ensangüentado.

E o capitão dirigia as manobras, aos gemidos das vítimas na ignorância de seu destino...

À semelhança de um punhado de pedras preciosas, os olhares dos negros cintilavam à luz do crepúsculo nos incêndios do ocidente...

E a oficialidade e os tripulantes, esperando a voz de “carga ao mar”, dispunham-se a assistir ao epílogo da tragédia negreira no apogeu de sua crueldade e seus horrores.

As correntes chocalhavam tiradas do pescoço e dos pés ulcerados dos escravos, imprecações bárbaras desfloravam os lábios da falange da morte, e os cães latiam mais forte apavorando os desgraçados nos seus últimos momentos.

A celeuma dos cativos, chicoteados sem interrupção, enchia o navio de alarido e povoava o espaço de lamentos sem fim.

Traíçoeiramente habituados à penosa marcha que os preparava para a derradeira investida, o capitão ordenou que formassem “dois a dois” e seguissem para a amurada aberta.

Nesse momento o tumulto cresceu, os que podiam ainda ver horrorizavam-se fugindo, e enquanto rolavam aqueles caminhando para as ondas, os marinheiros lutavam com estes, agarrando-os pela goela e afogando-os no mar.

Os cães, perseguindo as vítimas, latiam enfurecidos...

A imensidade retumbava do alarido dos cegos no balanço das vagas, dos gritos de misericórdia e de blasfêmia que escalavam o céu, do desespero da mãe escrava, que suspendia nadando o filhinho nos braços...

E para contrastar com esta cena aterradora e maldita, o navio negreiro, como um bandido, esgueirava-se silencioso, perdendo-se fúnebre no oceano e na noite.

TIPOS DA RUA

.....

Capoeiragem e Capoeiras Célebres

(RIO DE JANEIRO)

E

I

ntre as classes populares a dos capoeiras avultou sempre neste País, assinalando nos primeiros tempos costumes de uma torrente de imigração africana, e depois uma herança da mestiçagem no conflito das raças.

Como a febre amarela, que não sabemos por que espanta a tanta gente e quer-se a todo o transe debelar, a capoeiragem, que é uma luta nacional, degenerando em assassinatos, tem merecido perseguição sem descanso, guerra sem condições.

Entretanto na Europa o tifo, a difteria, o cólera e mais epidemias produzem anualmente grandes destroços e a ciência não cogitou nunca do seu extermínio, mas de preveni-las; os jogos de destreza e de força são regulados em seu exercício, disciplinados pela arte, não havendo quem se oponha senão aos abusos.

Na Inglaterra há famílias de remadores, de jogadores de soco; de indivíduos que se distinguem por atividades motoras, que desenvolvem, que exercitam desde a infância, e que os tornam notáveis pela força muscular.

Esses jogos, esses exercícios sobem da derradeira camada popular à mais antiga aristocracia, e são para o inglês o que os jogos olímpicos eram para os gregos, a luta para os romanos – um meio de aperfeiçoamento de formas, um recurso de combate.

Nas *Memórias de Lorde Byron*, conta Th. Moor que, no dia do falecimento da mãe do ilustre poeta, o cantor da *Parisina* jogara o soco com seu criado.

Lorde Palmerston, muitas vezes depois de calorosas discussões no Parlamento, vestia-se de marinheiro e remava no seu batel ao longo do Tâmisia.

Os portugueses têm o jogo do pau, os franceses a *savate*, etc.

Essas lutas, essas aptidões, que variam de povo para povo, mas com o fim que acima indicamos, concorrem para reunir mais um traço à fisionomia nacional, e têm merecido de espíritos eminentes sérias reflexões. Darwin e Ribot socorreram-se desses elementos no estudo da generalização das leis da hereditariedade.

No Brasil, e especialmente no Rio de Janeiro, há uma espécie de casta que reclama um lugar entre as suas congêneres e que tem todo o direito a uma nesga de tela no quadro da história dos nossos costumes – a dos capoeiras.

O capoeira não é nada mais, nem nada menos do que o homem que entre dez e doze anos começou a educar-se nesse jogo (a capoeiragem), que põe em contribuição a força muscular, a flexibilidade das articulações e a rapidez dos movimentos – uma ginástica degenerada em poderosos recursos de agressão e pasmosos auxílios de desafronta.

O capoeira, colocado em frente a seu contendor, investe, salta, esgueira-se, pinoteia, simula, deita-se, levanta-se e, em um só instante, serve-se dos pés, da cabeça, das mãos, da faca, da navalha, e não é raro que um apenas leve de vencida dez ou vinte homens.

A navalha e um cacete, que nunca excede de cinqüenta centímetros, preso ao pulso por uma fina corda de linha, são-lhe as armas prediletas, nunca fazendo uso das de fogo.

À semelhança dos *boxers* na Inglaterra, tivemos excelentes capoeiras nas eminências da política.

Os arsenais, o exército, a marinha, as classes menos abastadas fornecem contingentes avultados, e são na máxima parte mulatos e crioulos.

A polícia também os possui, porém desligados da comunhão, detestados, e nos conflitos com os tráfugas são estes quase sempre *cortados*, o que, segundo a gíria, quer dizer marcados.

Os capoeiras formam maltas, isto é, grupos de vinte a cem, que, à frente dos batalhões, dos préstitos carnavalescos, nos dias de festas nacionais, etc., fazem desordem, esbordoam, ferem...

Cada malta tem sua denominação: a *Cadeira da Senhora* é da freguesia de Santana; *Três Cachos*, freguesia de Santa Rita; *Franciscanos*, de S. Francisco de Paula; *Flor da Gente*, freguesia da Glória; *Espada*, do Largo da Lapa; *Guaianã*, da Cidade Nova; *Monturo*, da Praia de Santa Luzia, etc.

O capoeira gosta da ociosidade, e entretanto trabalha; a segunda-feira é para ele um prolongamento do domingo. Quando se dedica a alguém é incapaz de uma traição, de uma deslealdade... No seu ombro tisonado escorou-se até há pouco o Senado e a Câmara, para onde, à luz da navalha, muitos dos que nos governam subiram.

O seu trajar é característico: usa de calças largas, paletó-saco desabotoado, camisa de cor, gravata de manta e anel corrediço, colete sem gola, botinas de bico estreito e revirado e chapéu de feltro. Seu andar é oscilante, gingado; e na conversa com os companheiros ou estranhos, guarda distância, como em posição de defesa.

Esguio e ágil, o capoeira demonstra na compleição de aço uma atividade circulatória verdadeiramente tropical; e o seu olhar como que mergulha no ânimo do adversário, surpreendendo-lhe as emoções mais súbitas, as lembranças mais rápidas.

Se acontece ser acometido, quando desarmado, machuca o chapéu ao comprido, e nas evoluções costumadas desvia com ele golpes certos.

Este tipo, entretanto, não é o capoeira transpondo as barreiras coloniais, dessas falanges que elevaram a arte à altura de uma instituição.

O capoeira antigo tinha igualmente seus bairros, o ponto de reunião das maltas; suas escolas eram as praças, as ruas, os corredores. A malta de Santa Luzia chamava-se a dos *lusitanos*; a do Castelo, de *Santo Inácio*; a de S. Jorge, da *lança*; dos *ossos*, a do Senhor Bom Jesus do Calvário; *flor da uva*, a de Santa Rita, etc.

Qual o seu pessoal? Geralmente eram compostas de africanos, que tinham como distintivos as cores e o modo de botar a carapuça, ou de mestiços (alfaiates e charuteiros), que se davam a conhecer entre si pelos chapéus de palha ou de feltro, cujas abas reviravam, segundo convenção.

À categoria de chefe de malta só atingia aquele cuja valentia o tornava inexcusável, e de chefe dos chefes o mais afoito de entre estes, porém o mais refletido e prudente.

Os capoeiras, até há vinte anos passados, prestavam juramento solene, e o lugar escolhido para isso eram as torres das igrejas. As questões de freguesia ou de bairro não os desligavam, quando as circunstâncias exigiam desagravo comum; por exemplo: um senhor, por motivo de capoeiragem, vendia para as fazendas um escravo filiado a qualquer malta; eles reuniam-se e designavam o que havia de vingá-lo.

No tempo em que os enterramentos faziam-se nas igrejas e que as festas religiosas amiudavam-se, as torres enchiam-se de capoeiras, famosos sineiros, que montados na cabeça dos sinos acompanhavam toda a impulsão dos dobres, abençoando das alturas o povo que os admirava, apinhado na praça ou na rua.

A capoeiragem antiga e a moderna têm a sua gíria, a sua maneira de expressão, pela qual são compreendidos os lances do jogo. Deveras arriscados, difíceis, e dependendo da rapidez e hábito, não é sem longa prática que conseguem tais lutadores fazer-se notáveis.

Para darmos uma pálida idéia da gíria e do jogo, ajustemos por aquelas algumas evoluções deste.

Um dos preparativos mais rudimentares do capoeira é o *rabo-de-arraia*. Consiste ele na firmeza de um pé sobre o solo e na rotação instantânea da perna livre, varrendo a horizontal, de sorte que a parte dorsal do pé vá bater no flanco do contendor, seguindo-se, após a *cabeçada* ou a *rasteira*, infalíveis corolários da iniciação do combate.

Por *escorão* entendem eles amparar inesperadamente, com o pé de encontro ao ventre, o adversário, o que é um subterfúgio, que difere do *pé de panzina*, que é o mesmo no resultado, porém que o fazem não como um recurso do jogo, mas deixando à destreza tempo de *varrê-lo*.

O *passo a dois* (gíria moderna) é um sapateado rápido que antecede à cabeçada e à rasteira, do qual o acometido se livra armando o *clube X*, que quer dizer o afastamento completo das tíbias e união dos

joelhos, que, formando larga base, estabelecem equilíbrio, recebendo no embate o salto da botina, que ainda ofende o adversário.

O *tombo de ladeira* é tocar no ar, com o pé, indivíduo que pula; a *rasteira a caçador* é o meio ginástico de que servem-se para, deixando-se cair sobre as costas, ao mesmo tempo que firmam-se nas mãos, derrubarem o contrário, imprimindo-lhe com o pé violenta pancada na articulação tibio-tarsiana.

O *tronco, raiz e fedegosa*, talvez o lance mais feliz do jogo, visto depender de uma agilidade incrível e considerável solidez muscular, forma a síntese dos arriscados estudos da capoeiragem.

II

Figuremos uma arena: os contendores aproximam-se, os olhos cintilam, os lábios murmuram frases de desdém, de ameaça. Ondulando em movimento serpentiginoso, balançam os braços, conservando a cabeça e o pescoço na imobilidade.

Um deles, enlaçando imprevisto com o braço direito os membros superiores e o tórax do outro, com a velocidade do raio, com a presteza do relâmpago, une-o, flanco sobre flanco, e assim tolhido, escora-lhe na perna os membros inferiores, revira-o do alto, caindo-lhe por trás, frio como um cadáver, inerte como a morte.

Não é sempre fatal este lance, pois a arte oferece ainda neste caso expedientes admiráveis.

As escolas de capoeiragem multiplicavam-se nesta cidade, pertencendo cada turma de discípulos a esta ou àquela freguesia.

Desde a dos *caxinguelês*, meninos que iam à frente das maltas provocar bairros inimigos, até à dos mestres que serviam para exercícios preparatórios, esses cursos regulares funcionavam conhecidos, sendo os mais freqüentados o da praia do Flamengo, o do morro da Conceição, o da praia de Santa Luzia, não falando nas torres das igrejas – ninhos atreadores dos capoeiras de profissão.

Alistados nos batalhões da Guarda Nacional, os capoeiras exerciam poderosa influência nos pleitos eleitorais, decidiam das votações, porque ninguém melhor do que eles arregimentava *fósforos, emprehava* urnas, afugentava votantes.

Muitos dos comandantes de corpos e grande parte da oficialidade entendiam do jogo, ou eram habilíssimos na arte.

Os desafios entre as freguesias transmitiam-se por meio de pancadas de sino convencionais e em horas determinadas.

Os assaltos, os combates se davam nas praças, nas ruas, em sítios mais ou menos distantes e desertos.

Às vezes, interrompendo a marcha de uma procissão, o desfilar de um cortejo, ouvia-se, aos gritos das senhoras correndo espavoridas, das negras levando os senhores moços ao colo, dos pais de família pondo a abrigo a mulher e os filhos, o horroroso *Fecha! Fecha!*

Os *caxinguelês* voavam na frente, a capoeiragem disparava indômita, seguindo-se ao distúrbio cabeças quebradas, lampiões apedrejados, facadas, mortes...

A polícia, amedrontada e sem força, fazia constar que perseguia os desordeiros, acontecendo raríssimas vezes ser preso este ou aquele, que respondia a processo.

Pertencendo à segunda fase da capoeiragem no Rio de Janeiro, essas cenas tiveram lugar durante a administração policial de Eusébio de Queirós e de seus sucessores, desaparecendo totalmente com a Guerra do Paraguai, que não acabou somente com os capoeiras, porém assinalou o termo do patriotismo brasileiro.

É geralmente sabido pela tradição que no Senado, na Câmara dos Deputados, no Exército, na Marinha, no funcionalismo público, na cena dramática e mesmo nos claustros havia capoeiras de fama, cujos nomes nos são conhecidos.

Nas *garrafadas de março*, um dos nossos mais eloqüentes oradores sagrados fez prodígios nesse jogo, livrando-se de seus agressores; recordamo-nos ainda de um frade do Carmo, que, por ocasião de uma procissão do enterro, debandou a cabeçadas e a rasteiras um grupo de indivíduos imprudentes que o provocaram.

Pergunte-se por aí qual o ator cuja valentia ou destreza, como capoeira, eram respeitadas, e acreditai que a popularidade precisaria subir muito para atingir-lhe o pedestal.

Quando estudávamos no Colégio de Pedro II, foi nosso professor de francês o bacharel Gonçalves, bom professor e melhor capoeira.

O Dr. D. M., juriconsulto eminente e deslumbrante glória da tribuna criminal, cultivou em sua mocidade essa luta nacional, entusiasticamente levada a excessos pelo povo baixo, que a afogou nas desordens, em correrias reprovadas, em homicídios horrorosos.

Pode-se dizer que de 1870 para cá os capoeiras não existem: se um ou outro, verdadeiramente digno desse nome pela lealdade antiga, pela confiança própria e pelo conhecimento da arte que resta por aí, veio daquele tempo em que a capoeiragem tinha disciplina e dirigia-se a seus fins.

Navalhar à traição, deixar-se prender por dois ou três soldados e espancar a um pobre velho ou a uma criança, ser vagabundo e rato-neiro, nunca constituíram os espantosos feitos das maltas do passado, que brigavam freguesia com freguesia, disputavam eleições arriscadas, levavam à distância cavalaria e soldados de permanentes quando intervêm em conflitos de suscetibilidade comum.

O capoeira isolado, naqueles tempos, trabalhava, constituía família, a vadiagem lhe era proibida, não era gatuno, afrontava a força pública e só se entregava morto ou quase morto.

Como fizemos ver em princípio, as turmas militares condenavam as classes operárias e os escravos, expressão nítida de capoeiragem da rua.

Não sendo estranhos ao jogo, portugueses haviam de se aliar às maltas avulsas, distinguindo-se entre eles homens de inaudita coragem e espantosa agilidade.

Luzidas companhias de batalhões da Guarda Nacional, de que tinham orgulhos os briosos comandantes, reuniam magnífica rapaziada, de onde eram tiradas praças para diligências perigosas, servindo igualmente para as campanhas eleitorais.

A prova de que a capoeiragem entrava nos nossos costumes está em que não havia menino que não botasse boné de banda e soubesse gingar, nem escolas que se não desafiassem para brigar, sendo de data recente as lutas entre os famosos Colégios Sabino, Pardal e Vitória.

Hoje que tudo se acha mudado, que se dizem capoeiras gatunos e assassinos, em que a bobagem dos duelos arma a popularidade ao desfrute, o jogo nacional da capoeiragem é apenas visto pelo que tem de mau e bárbaro, como se fosse menos mau e menos bárbaro do que as lutas da mesma natureza usadas por outros povos.

De entre os chefes de malta, dos campeões que mais lustre deram à arte na capoeiragem pública, uns eram conhecidos por alcunhas, outros pelos nomes autênticos.

Sendo-nos difícil citar a extensa lista nominal desses valentes, registramos apenas os nomes daqueles que a tradição tem perpetuado na lembrança popular.

O Mamede, o Chico Carne-Seca, o Quebra-Coco, o Fradinho, o Natividade, o Maneta, o Bonaparte, o Leandro, o Aleixo Açougueiro, o Bem-te-vi, o Pedro Cobra, etc. – para não falarmos no Capitão Nabuco, um Hércules, o homem de mais força que tem tido o Rio de Janeiro –, estiveram nos galarins do prestígio, nas eminências da reputação justa e merecida.

Sobrenadando ao esquecimento que envolve os seus mais esforçados companheiros, o Manduca da Praia jamais foi condenado à mesma pena, pois o povo repete ainda as façanhas que motivaram-lhe a nomeada.



Capangaeleitoral

Conhecido por toda a população fluminense, considerado como homem de negócio, temido como capoeira célebre, eleitor crônico da freguesia de S. José, apenas respondeu a 27 processos por ferimentos leves e graves, ainda absolvido em todos eles pela sua influência pessoal e dos seus amigos.

O Manduca da Praia era um pardo claro, alto, reforçado, gibento, e quando o vimos usava barba crescida em ponta, grisalha e cor de cobre.

De chapéu de castor branco ou de palha ao alto da cabeça, de olhos injetados e grandes, de andar compassado e resoluto, a sua figura tinha alguma coisa que infundia temor e confiança.

Trajando com decência, nunca dispensava o casaco grosso e comprido, grande corrente de ouro que prendia o relógio, sapatos de bico revirado, gravata de cor com um anel corrediço, trazendo somente como arma uma bengala fina de cana-da-índia.

O Manduca tinha banca de peixe na Praça do Mercado, era liso em seus negócios, ganhava bastante e tratava-se com regalo.

Constante morador da Cidade Nova, não recebia influências da capoeiragem local nem de outras freguesias, fazendo vida à parte, sendo capoeira por sua conta e risco.

Destro como uma sombra, foi no curro da Rua do Lavradio, canto da do Senado, onde é hoje uma cocheira de andorinhas, que ele iniciou a sua carreira de rapaz destemido e valentão, agredindo touros bravios sobre os quais saltava, livrando-se.

Nas eleições de S. José dava cartas, pintava o diabo com as cédulas.

Nos esfaqueamentos e nos sarilhos próprios do momento, ninguém lhe disputava a competência.

Um dia, na festa da Penha, o Manduca da Praia bateu-se com tanta vantagem contra um grupo de romeiros armados de pau, que alguns ficaram estendidos e os mais inutilizados na luta.

O fato que mais o celebrizou nesta cidade remonta à chegada do Deputado português Santana, cavalheiro distintíssimo e invencível jogador de pau, dotado de uma força muscular prodigiosa.

Santana, que gostava de brigas, que não recuava diante de quem quer que fosse, tendo notícia do Manduca, procurou-o.

Encontrando-se os dois, houve desafio, acontecendo àquele saltar nos ares ao primeiro *canelo* do nosso capoeira, depois do que beberam champanhe ambos, e continuaram amigos.

A capoeiragem, como arte, como instrumento de defesa, é a luta própria do Brasil.

.....

O Capitão Nabuco

O

I

pedantismo raquítico de nossa sociedade atual não cessa de apregoar o trecho latino *mens sana in corpore sano*, ao mesmo tempo que em desproveito do próprio corpo entulha o cérebro de asneiras, de uma ciência indigesta, não se lembrando que a grande parte da atrofia de que se ressenete o povo da capital fluminense é devida a um trabalho incompleto de civilização.

À semelhança de abortos, de fetos que se desenvolveram fora da vida uterina, mais do terço desta população faz maldizer o sol que deixara de ser escultor para constituir-se fabricante de caricaturas, de indivíduos amarelos, de pernas finas, espingolados e míopes, verdadeiros símbolos da degeneração da mestiçagem brasileira, tão correta e distinta nos seus troncos primitivos.

Essas considerações que podem ser contrastadas a qualquer momento, que se verificam em presença de nossa mocidade, entre a qual se podem escolher livremente esqueletos ambulantes, cor de *lobisomem*, nos surpreenderam de improviso, ao recordarmos um *Hércules* de Puget, nas formas e na força – o Capitão Nabuco.

Descendente de uma família ilustre, filho de um desembargador e membro do Supremo Tribunal de Justiça, o Nabuco conviveu a princípio com a melhor gente do tempo e o seu nome e o seu pulso, bem como os dos heróis de Homero, são aclamados pela voz pública envolvidos em uma atmosfera de legenda.

Sem discrepância, conterrâneos seus, que ainda existem, conservam-se fiéis à tradição, não havendo a menor divergência sobre o prodígio de sua força e as histórias de seu valor.

Perguntai aos habitantes desta cidade, cuja idade exceda dos trinta anos, quem foi ele, e de noventa por cento ouvireis casos assombrosos de suas lutas atléticas, de sua dinâmica de bronze.

Esse homem, em cuja ossada inseriam-se músculos de ferro, era de estatura mediana, champrudo e tinha o braço e o antebraço fornecidos por musculatura de ciclope, burilando-lhe o torso um modelado de jogador de disco de estatuária grega.

Sentando praça no exército, o cadete Nabuco teve de seguir para Nápoles, fazendo parte da comitiva que foi buscar Sua Majestade a Imperatriz. Ali, ao que se diz, esteve para casar-se com uma princesa, porém a sorte foi-lhe adversa nesse ponto.

Desde que chegou ao Rio de Janeiro, o Capitão Nabuco atirou-se ao tumulto e aos desregramentos, acompanhado de rapazes destemidos e valentes.

Calmo quase sempre, entronizado na sua força descomunal, não consta que fosse uma única vez agressor, nem provocador de lutas e de desordens.

Se por acaso o empurrassem no caminho, ele não se abalava, mas seguia; se lhe atiravam com o chapéu por atropamento ou descuido, ele abaixava-se, apanhava-o e não tirava o mínimo desforço.

Lento nos movimentos, imperturbável diante do perigo, discreto em suas resoluções de forte, nascera antes para mover montanhas do que derrubar homens, para malhar cadeias do que aprisionar vencidos.

Como Tubal-Cã, tinha alguma coisa dos primogênitos da Terra, dos coetâneo do caos e das salamandras dos abismos.

Quando retraía o braço, qual mola fletida, o suor caía-lhe em gotas como os orvalhos primitivos, e o seu peito estalava da impulsão súbita.

Arrojado aos excessos, às imoderações báquicas alguns episódios de sua vida coloriam-se de reflexos característicos, o que não impedia que o rochedo ficasse firme e de pé, ao embate das vagas e aos rumores das tempestades.

Na carreira militar o Capitão Nabuco salientou-se bem pouco, mesmo porque tinha negação à atividade disciplinar do soldado, à obediência passiva a um labirinto de leis.

No meio de seus sonhos, de suas fantasias loucas, o seu gênio deixava-se arrastar na torrente dos caprichos que o tornavam delinqüente.

Daí, talvez, a sua retirada das fileiras, embora fosse estimado como cavalheiro e um exemplo como amigo.

Respeitado pelo povo, pois é do povo render verdadeiro culto ao que é forte, o Nabuco, sem ostentação, sem exterioridades, exercia oportunamente a ação de seu bíceps gigante, fazendo estremecer de assombro os espectadores que o admiravam.

Partir uma mesa com um soco, suspender nos ares um bilhar, arrancar uma sacada de ferro e varejá-la à rua, eram fatos tão presenciados por muitos, que toda a população jurava tê-los testemunhado, asseverando-os.

Companheiro do Manduca da Praia, do Ataliba e, depois, do Deputado português Santana, o nosso campeão homérico excedia-os de distância incomensurável na valentia do pulso e do braço.

Amigo dos primeiros, veio a conhecer a este último no café Troyon da Rua Direita, onde é hoje o hotel do Globo.

O exímio jogador de pau, o Hércules lusitano, almejava o instante que se apresentava de medir forças com o Capitão Nabuco, visto como a sua fama o tentava e a seu punho não encontrara rival.

Eram nove horas da noite quando Santana entrou no café, prevenido de que lá se achava a celebridade com que devia lutar.

Apenas encarou-o, arrastou uma cadeira para junto da mesa onde estava o capitão, sentou-se, dirigindo-lhe a palavra:

- Creio que falo com o Capitão Nabuco...
- Sou um seu criado.
- Aposto que não me conhece.
- Não aposto, porque em nada me interessa.
- Pois fique sabendo que sou o Santana.
- E o que me quer?
- Que escolha as armas para bater-se comigo.
- Ora, não me aborreça, para lhe dar pancada não preciso escolher armas, nem levantar-me.
- Perdão, replicou Santana, trata-se de medirmos forças e o cavalheiro não pode recusar.
- Pois seja.
- Aqui mesmo?
- Aqui mesmo.
- É em frente um do outro, braço contra braço que combateremos, até que o mais fraco se abata vencido.
- Pois olhe, continua frio e compassado o Hércules fluminense: eu para o senhor nem mudo de posição, nem me chego para a mesa... Vamos!

E aquele cotovelo monstruoso ecoou pesado na tábua, afluindo a vê-los todos os grupos do salão.

Santana, cruzando o punho com o do seu adversário, empregava o maior esforço apegado àquela barra de bronze que nem de leve se movia... o suor corria-lhe gota a gota da frente, e o ronco do tórax percebia-se distinto, os circunstantes admiravam os lutadores terríveis; porém Nabuco, imperturbável e logo que quis, arriou-lhe o braço sobre a mesa, colocou-se outra vez em posição, ordenando-lhe tranqüilo e sobranceiro:

– Agora bote dois: debruce-se sobre a mesa, recoste-se, deixe-se cair pendurado, como quiser!

Os assistentes prorrompiam em exclamações ao esforçado oficial, quando Santana, aceitando o alvitre oferecido, empenhou-se em novo pugilato.

Sendo ainda uma vez derrotado na queda do pulso, restava ao capitão provocá-lo para a última luta. Erguendo então o antebraço, ao longo do qual as veias desenhavam-se como cordas nodosas e os músculos

com a rijeza do bronze, levantou o dedo indicador e desafiou o campeão estrangeiro:

- Para você não preciso de mais.
- Aceito, respondeu-lhe o fidalgo, seu contendor, convencido do desastre que o aguardava, mas querendo assim elevar a quem o humilhava.

E com a presteza de um pestanejar, aquele malho de ferro caiu sobre a mesa e o punho alvo do forçoso deputado, à voz do Capitão Nabuco, que desdenhava sereno e de bom humor:

- Já vêz que não prestas para nada.
- Entretanto, conheci um homem!

Os dois abraçaram-se, beberam champagne, os aplausos couberam a ambos, restando do pugilato titânico amizade que só um pulso conseguiu separar – o da morte.

II

A fama deste acontecimento foi tão estrondosa que muita gente ainda repete o que vira ou ouvira, do mesmo modo, sem a menor discrepância.

Na vida desse homem extraordinário, uma série de fatos justapõe-se comprovando a sua energia muscular.

Interrogai a tradição, conversai com os velhos soldados e oficiais seus companheiros de armas, e vos convencereis, pela uniformidade das informações, que os boatos aqui passados pela letra de fôrma exprimem a verdade na sua pureza primitiva.

O Capitão Nabuco, na existência mais ou menos acidentada que sempre conduzia, avultava como um prodígio, como uma organização privilegiada e estupenda.

De uma agilidade pasmosa, saltava de um sobrado de dois andares, executava maravilhas de ginástica, sendo terrível se o acaso o colocava diante de um povo de adversários.

Admirador apaixonado de João Caetano, freqüentador assíduo do teatro lírico, filiava-se a partidos, e os episódios que se narram de suas lutas não destoam absolutamente de seus créditos espantosos.

Compendiando, embora fragmentadas, algumas notícias com relação à sua força, o Capitão Nabuco seria um personagem fantástico, se o testemunho de generais de terra e de mar, de mais de metade da população desta cidade, não estivessem aí para confirmar o que vamos expender.

Felizmente a arquibancada é vasta e não falamos a portas fechadas.

Em uma noite clara e estrelada, o Capitão Nabuco, acompanhado do Santana, do Manduca da Praia e do Ataliba, dirigira-se a passeio ao pitoresco bairro das Laranjeiras.

Naquele tempo, ainda pouco habitado, o calçamento começava a ser assentado, e na atual Rua do Guanabara, por onde transitavam os três valentões, existia no chão um frade de pedra que lhes embarçava o caminho.

A esse pequeno obstáculo sucedeu irritado murmúrio, ao que o nosso Hércules, suspendendo nos braços a coluna de granito, andou com ela de um lado para outro, pedindo aos companheiros que lhe indicassem onde a devia colocar.

Na noite seguinte, no quartel de cavalaria – contou-nos um dos nossos mais ilustres generais – arrebentou com um soco uma porta de madeira rija e chapeada de ferro.

Na majestade de seu vigor, no domínio pleno de suas energias, o jovem capitão sentia-se desfalecer.

Às vezes, dizia ele desalentado:

– Olhem, meus amigos, eu sou tão desgraçado que só posso apanhar; porque se eu der, mato.

Descuidoso de seu futuro, afogando-se no torvelinho da vida, os seus dias escoavam-se em noites veladas nos salões dos hotéis, nas casas de bilhar, nos atropelos de toda a casta, como que se antecipando à morte.

Alvo das vistas populares, orgulhoso do respeito das turbas que o festejavam por suas proezas, o esforçado fluminense exhibia-se nas praças públicas, segundo o seu capricho ou a oportunidade do momento.

Uma ocasião rodava pelo Largo de S. Francisco de Paula uma gôndola tirada por quatro bestas novas e ariscas.

O capitão fazendo sinal ao cocheiro para que parasse, este não o obedeceu, respondendo-lhe que a lotação estava completa, que não havia lugar.

Aborrecendo-se Nabuco com o que lhe dissera esse homem, deu alguns passos, ao que chicote estalara repetido da boléia, fustigando as bestas em disparada.

De repente as parelhas empinaram, a gôndola estacou, ouvindo-se uma voz que bradava:

– Se não me der lugar, não segue!

Era o nosso Hércules que, segurando com a mão direita o eixo da roda e com a esquerda um dos raios, a impedia de mover-se.

À vista dessa resolução, um dos passageiros subiu para as *imperiais* e o Capitão Nabuco, galgando o estribo, sentou-se.

No Largo do Rocio, estando ele na Petalógica, o desembargador seu pai passava de carro.

Ao avistar o filho, com quem tivera ligeira desavença, ordenou ao cocheiro que tocasse os cavalos, que tocasse sempre.

Nisso o forçoso oficial abandona os amigos, espera a carruagem, e apenas se lhe põe ao alcance, trava-a de súbito, pedindo a bênção a seu venerando pai e um suprimento de dinheiro.

Em tais casos, o que fazer?

Quando esta cidade era visitada anualmente por celebridades européias, quando escritores, sábios, ginastas, cantores, artistas dramáticos, músicos notáveis, *hércules* de teatro e de barracas, vinham entre nós conquistar mais louros à sua fama, aqui aportara um lutador de renome, chamado Mr. Charles.

Os anúncios de desafio choviam em cartazes, com retrato, pregados às portas dos teatros e nas paredes dos edificios; os jornais publicavam a notícia dos espetáculos e as condições da luta; e o povo e as famílias, prevenindo-se de bilhetes e *entradas*, ansiavam pela festiva noite verdadeiramente romana.

No maior segredo dizia-se aqui e ali que este ou aquele negociante, este ou aquele indivíduo altamente colocado tomaria parte no espetáculo, para o que mandava fazer luxuosa vestimenta de meia, e comprara nesta ou naquela loja a máscara para bater-se incógnito.

Os boatos espalhavam-se em todos os círculos, à proporção que o nome do lutador francês crescia na imaginação pública como ideal da força e da arte.

Na noite marcada o teatro de S. Pedro abriu mais cedo as suas portas, recebendo desde logo enchente real.

Nos camarotes as famílias colocavam sobre cadeiras belos ramos de flores com que juncariam a estrada do palco trilhada pelo vencedor.

A luz brilhava no grande lustre do centro, as arandelas jorravam fios de âmbar nos raios da luz, e a orquestra terminava a *ouverture*.

O contra-regra, tocando o apito, o pano subiu e algum tempo depois apareceu em cena Mr. Charles, o Hércules formidável, que vinha ajustar forças no Rio de Janeiro.

Na realidade estava-se em presença de um colosso: alto, robusto, atlético; o francês possante orgulhava-se da musculatura correta e titânica.

Adiantando-se na cena, as palmas foram estrepitosas e os aplausos sem fim.

Chegando-se mais, colocou-se no meio do tablado, escolheu a posição de luta, saindo-lhe o primeiro mascarado ao encontro.

Naquele corpo untuoso como o dos seus antecessores romanos, a mão do contendor, deixando de encontrar apoio firme, escorregava, o que equivalia pronta derrota ao esforço do primeiro.

Este e outro e ainda mais outro morderam a arena, quase sem luta, quando um novo máscara, transpondo os bastidores, chega-se para a boca da cena, inclina-se diante do público e, medindo o seu terrível competidor, aproxima-se majestoso.

– Era o Capitão Nabuco!

O encontro dos dois Hércules dir-se-ia o entrechoque de duas montanhas.

Por alguns minutos a luta correu segundo as regras, os preceitos estabelecidos.

Num momento, porém, como que preso entre duas tenazes de ferro, Mr. Charles arquejou opresso e caiu redondo como um corpo morto.

A platéia, os camarotes, as torrinhas aclamaram e atiraram flores sobre o triunfador, que não aparentava a mais leva fadiga.

O francês cuspi sangue...

*

O Capitão Nabuco faleceu em 1863 ou 1864, deixando um filho que lhe herdara a mesma energia muscular.

Quando essa criança tinha apenas seis anos – refere quem a conheceu – suspendia um peso de arrobas.

Que destino teve, se é vivo ou morto, não pudemos indagar.

A memória de seu pai, entretanto, está viva como outrora na lembrança do povo.

Neste país já é alguma coisa!

.....

O Estrada de Ferro

Não é um trãnsfuga dos hospícios de alienados o crioulo Emiliano, vulgarmente conhecido pelo *Estrada de Ferro*.

É um preto inteligente, fiel, deve ter perto de 45 anos, anda vestido de calça e jaqueta de brim de cor, chapéu baixo de pêlo de lebre, não havendo a seu respeito coisa que o desabone.

A sua fisionomia é franca, seus olhos são vivos; ostenta grande beíçola, é torto de uma perna, tornando-se singular pela ausência completa e natural de qualquer projeto de barba.

Filho da escrava Rosa, pertencente à distinta e antiga família França Leite, foi morar com seus senhores à Rua do Príncipe, nas vizinhanças da estação da estrada de ferro D. Pedro II, onde, por algum tempo fez sério estudo procurando imitar o sibilo da locomotiva, que a todo o instante soava aos ouvidos.

Antes, porém, de ali residir, Emiliano exhibia-se admiravelmente na execução de peças inteiras, sem discrepância de uma nota, batendo com os dedos nas bochechas, conservando a boca aberta.

Soprando no côncavo das mãos unidas, imitava um instrumento sonoro, reproduzindo com a maior expressão polcas e valsas.

Essas prendas entretanto, que o excluía das raías comuns, bem longe estavam de conferir-lhe a celebridade de que justamente goza nas ruas, depois que conquistou o apelido de Estrada de Ferro.

Parece incrível a habilidade imitativa de que é dotado esse negro; ao ouvi-lo à distância, afirma-se, jura-se que uma locomotiva vence o espaço, com tal propriedade desfere ele o grito estrídulo, o som das baforadas do vapor, o borbulho da máquina, o assobio agudo do trem de ferro à distância ou chegando à estação.

Passageiro constante dos *caras-duras*, o Estrada de Ferro lá vai guinchando a intervalos, chegando a convencer, com a verdade da imitação, a moradores de arrabaldes longínquos, que o que escutam, que são vozes do trem de ferro, trazidas pelos ecos da estação central.

Nessa dúvida estivemos nós, que moramos no Catete, quando por acaso o ouvíamos a certas horas da noite.

Dando conveniente emprego a tão rara aptidão, os empresários de teatros o convidam, quando põem em cena a *Viagem à roda do Mundo* e outros dramas, a fim de executar o seu papel de Estrada de Ferro, segundo as exigências da *rubricas*.

O Estrada de Ferro não sabe ler, mas conhece e escreve todos os números, por isso que a sua mania é com pranchetas de teatro.

Em 1887, tirando num vigésimo a sorte de dois contos e quinhentos mil-réis, levou-os a seu senhor, o Major França Leite, em troca de sua liberdade; e este não os aceitou, concedendo-a desde logo, espontânea e liberalmente.

E o Estrada de Ferro, na plataforma ou nos estribos dos *caras-duras* atravessa esta cidade, produzindo o curioso efeito das locomotivas em trânsito.

A ilusão não pode ser mais persuasiva, nem mais perfeita.

.....

O Filósofo do Cais

(Dr. Melo Morais, Pai)

“**E**

esse personagem conhecido no Rio de Janeiro pelo título de Filósofo do Cais ou do Largo do Paço, era João Adalberto Matias, Barão de Schindler, filho único do Barão Anselmo Schindler, da antiga nobreza da Alemanha, nascido em 1795, o qual, chegando aos 17 anos, assentou praça na milícia da Baviera, e foi com o seu batalhão reunir-se às forças de Napoleão Bonaparte, combater a Santa Aliança, após os desastres da campanha da Rússia. Sendo ferido gravemente na batalha de Leipzig, foi transportado para o castelo dos senhores de Mockwitz-Katzinellubogen, e nele pensado pela jovem e formosa Condessa Ermelinda, pertencente a uma antiga e nobilíssima família da Saxônia, e filha do Conde Mockwitz-Katzinellubogen. Os cuidados desta formosa jovem ao doente Barão Schindler e o contato freqüente, geraram neles simpatia e mais logo paixão veemente de um para o outro.

“Restabelecido o Barão Schindler, pediu ao velho Conde Mockwitz a mão da princesa Ermelinda para sua esposa, e o conde pai ‘lha’ negou, porque sendo riquíssimo a destinava para esposa de um

príncipe russo. Adalberto era estremecidamente amado de Ermelinda, e, já sendo tenente, fora elevado ao posto de capitão pelas bravuras que manifestou na sanguinolenta batalha de Waterloo, da qual milagrosamente tinha escapado com vida. Chegando a Paris, obteve licença e correu a Mockwitz, e, ali chegando, soube que o velho conde tinha partido com a Condessa Ermelinda para Dresde, com o fim de a casar com o príncipe russo, e que a cerimônia do casamento se faria no dia seguinte. Para ali correu e, sabendo que o conde e Ermelinda, bem como o príncipe russo tinham se encaminhado para a catedral, indo Ermelinda banhada em lágrimas, penetrou no templo gritando que nada fizessem porque o verdadeiro noivo era ele; e, se aproximando ao altar, viu que a cerimônia nupcial estava terminada. Adalberto caiu por terra sem sentidos, e foi levado louco para o hotel vizinho, e daí para o hospício dos alienados, onde foi curado pelo Dr. Schwarzer. No hospício entregou-se aos livros e pôde desvanecer seu malogrado amor. Saindo do hospício restabelecido, foi ao castelo de seus pais, e já eram mortos. Passando por Munique, encontrou-se com um estrangeiro misterioso, que se supõe ser um descendente de Teofrasto Paracelso.

“Em 1820 partiu para a Grécia, e em 1821 dando-se intimamente de amizade com o chefe grego Marcos Bozzaris, este lhe morreu nos braços em Missolonghi, e antes de expirar lhe pediu que tomasse por esposa sua linda e encantadora filha Penélope. Adalberto tinha o coração ainda cheio de seu primeiro amor; mas não desamparou a formosa filha de seu amigo, e a casou com o célebre Capitão Colocotroni. Deixou a Grécia e voltou para a Alemanha, e, como nesse tempo se estava engajando soldados para o Brasil, ofereceu-se também o Barão de Schindler e chegou ao Rio de Janeiro em 1824 com os primeiros alemães, e partiu com a tropa para o Rio Grande do Sul. A ferida do coração ainda não estava cicatrizada, e as intrigas de seus camaradas, e as suas recordações o fizeram cair em profunda melancolia, e se separou da tropa alemã, resolvendo-se ir acabar entre os selvagens, metendo-se pelos matos, caminhando sem descanso até que, sendo agarrado por um bando de selvagens, foi salvo pelo velho chefe indígena, que era francês, natural de Perpignan, chamado Preux, que o levou para sua cabana, e o mandou curar pela formosa filha de nome Alice.

“Preux lhe pediu que se casasse com sua filha, que embora nascida nas selvas, ele a havia educado à moda da Europa; mas Adalberto era insensível. Morrendo o chefe Preux, foi escolhido para o substituir Adalberto, Barão de Schindler, e como alguns índios aspiravam à posse de Alice, lhe desejavam a morte; mas Alice que o amava loucamente, sentindo-lhe a indiferença, pede a uma velha índia feiticeira para lhe preparar um filtro que inspire amor em Adalberto para ela: a velha o prepara e ele bebe, e caindo em sono, se lhe apresenta a figura de Ermelinda já viúva, e ralada de saudades por ele. Seguiu-se febre com delírio, e como Alice se conservasse sempre a seu lado, toma-a por Ermelinda, e a estreita nos braços absorvido na mais violenta paixão. De repente, levanta-se, e sai precipitadamente da cabana e embrenha-se pelas mata, onde andou vagando até que apareceu em um cafezal no Rio Grande do Sul, e se encontra com um seu compatriota, de nome Frederico, que lhe dá agasalho, e a notícia de existir no correio duas cartas para ele. Impaciente quer ir ao correio no mesmo traje em que estava; mas o seu compatriota o conteve, e fazendo-o vestir-se melhor, foi com ele ao correio, e recebidas as cartas uma era da princesa Ermelinda, já viúva do príncipe russo, que ansiosa o chamara, para casar-se com ela, e mesmo com a carta na mão dançava, cantava e soluçava. A segunda carta, era a notícia da morte de Ermelinda, anunciando-lhe que a princesa Ermelinda no seu testamento lhe deixava toda a sua grande fortuna. Logo às primeiras linhas, deixou cair a carta, deu um grito horrível, e saltando pela janela desapareceu; e anos depois chegou o Barão Schindler ao Rio de Janeiro, trajando um vestuário verde, tendo na cabeça um disforme bonetão de couro, e depois o substituiu por outro de veludo.

“Esmolava em certas casas, e jamais aceitava outro dinheiro que não fosse de cobre, que depois trocava por bilhetes do Tesouro, e os trazia dentro do lenço que continha a roupa.

“Vagava dia e noite, sempre marchando pelo Largo do Paço. No crescente da lua, ele se desconcertava, e era nesse período que escrevia os acontecimentos de sua vida, e fazia a conta dos juros da fabulosa riqueza que possuía na Alemanha, e narrava a correspondência que havia tido com as muitas pessoas de suas relações, em diversos países.

“Escrevia nos cadernos os diálogos esquisitos que tinha tido com os moleques, quitandeiras, guardas municipais e garotos. Deixou notas cômicas que teve com um homeopata, que o queria curar pelo magnetismo. A polícia o manda, sem razão de ser, meter na casa de correção, onde esteve alguns dias. Fazia a comida mesmo no cais. E dormia no arco do Teles ou nos adros da Capela Imperial e igreja de S. José. O que comia das quitandeiras não pagava.



O Filósofo do Cais

“Era alto, magro, e andava com os pés descalços.

“Em abril de 1855, sendo acometido de uma febre perniciosa, foi recolhido à Santa Casa da Misericórdia, onde, dentro de oito dias, faleceu, sendo sepultado na vala o Barão de Schindler, ou o Filósofo do Cais.

“As notas que aqui enumero as extraí de um livro que, em Porto Alegre, se imprimiu a respeito da vida desse fidalgo alemão.

“Muitas vezes paixões deprimentes ou um amor excessivo arrastam os indivíduos a excessos descomunais e à loucura, sendo esses mesmos indivíduos dignos de verdadeira compaixão; e creio que foi pelo pressentimento natural no povo, que o Filósofo do Cais não foi perseguido pelos moleques e garotos das ruas.”

.....

A Forte-Lida

A história desta mulher talvez fosse um desses dramas ignorados que conduzem o protagonista ao suplício da loucura. Por mais que tentássemos, nunca conseguimos descobrir o segredo daquela existência voltada aos assobios dos moleques, às apupadas dos meninos, às provocações da vadiagem, que anunciavam-lhe a entrada nas ruas.

Batedores turbulentos da alienada irascível, os bandos de ociosos tomavam-lhe a frente, atiravam-lhe pedras, em uma algazarra seguida e infernal.

A Forte-Lida residia em Mata-Cavalos. Era viúva e tinha alguma coisa de seu e andava sempre acompanhada de uma escrava.

De estatura acima de mediana, magra, trigueira, bexigosa, de cabelos grisalhos, parecia não ter mais de quarenta e poucos anos, quando a conhecemos.

O seu trajar, ainda mais que sua fisionomia, revelava um estado mental em desordem, ou antes a perda absoluta da razão.

Vestia saia de cores vivas, camisa entremeada de rendas, pendia-lhe da cinta uma enorme rosca e uma grande chave, jamais esquecendo a vara de marmelo com que se defendia dos moleques.



A Forte-Lida

A tiracolo, como as pretas baianas, desdobrava um xale encarnado, do qual lhe proveio o segundo apelido de *Manta de Fogo*.

Todos os meses, impreterivelmente ao meio-dia, a Forte-Lida apresentava-se no Tesouro, onde recebia uma pensão que lhe deixara o marido.

O mais do tempo gastava ela em percorrer os cartórios, a fim de saber de uma demanda na qual se achava envolvida.

Nessas ocasiões a molecada a precedia e seguia, correndo, saltando, gritando: – Ó Forte-Lida! Ó Manta de Fogo!...

E a pobre louca esbravejava, descompunha, tangia a vara, queixando-se repetidas vezes aos pedestres, aos inspetores de quarteirão e até aos ministros de Estado.

A Forte-Lida, ao que supomos, morreu muito depois da guerra do Paraguai.

.....

O Miguelista

Na Rua Larga de S. Joaquim, esquina da Rua do Regente, morava o *Miguelista*, um dos tipos prediletos da canzoada, que jamais o deixava seguir em paz seu caminho.

Este indivíduo era um ferreiro português, alto, musculoso, barbado, usava botas e calça curta, jaqueta, chapéu redondo encapelado, tendo o costume de embriagar-se muitíssimas vezes.

Sujeito danado, quando estava na *chuva* metia-se em casa, ia para o quintal, punha-se nu como para tomar banho, e, levantando os braços, arriando-os, batendo com as mãos nas nádegas, gritava a ensurdecer: – “Vizinhas! Estou na área!”

Os moleques, que sabiam da história, encontrando-o na rua, pregavam-lhe pedras, ouvindo-se daqui e dali: – “Ó Miguelista! Ó Miguelista!...”

E ele disparava atrás, corria em ziguezagues, desencadeava o vocabulário da pornografia, atirando-lhes às pernas um grande cacete de castão de ferro com que andava.

O Miguelista era um tipo de rua, completo e conhecidíssimo.

.....

O Policarpo

Muita gente existe que se lembra ainda do célebre *Policarpo*, estimado músico da capela imperial.

Quando nos contaram sua vesânia, achamos interesse no tipo, digno certamente de figurar nesta pequena galeria de monomaníacos, alguns dos quais retratam com a maior fidelidade certo lado especial da época em que viveram.

Não é precisamente este o caso do músico acima; porém o que é fora de dúvida é que o Policarpo dá a medida da importância que se ligava aos alienados, no tempo em que ele viveu livremente com a sua enfermidade, com a sua mania.

O Policarpo era um homem alegre, expansivo e jovial. Na capela os companheiros o tratavam com amenidade e o distinguiam com louvor.

De um momento para outro, notou-se-lhe diferença nos modos, no gesto, no semblante.

Da maneira por que esse fenômeno se havia operado, nunca pudemos evidenciar, embora o nosso empenho fosse seguido e pertinaz.

Procuramos diversas pessoas que o conheceram, que o viram cumprindo o seu fadário de louco, e nem por isso mais adiantados ficamos.



O Policarpo

E como se revelaram as perturbações mentais que o constituíam alvo das atenções populares, e lhe davam entrada no palácio aéreo dos tipos da rua?

Do modo mais simples e original; sob forma palpitantemente nova e característica.

O Policarpo não implicava com os vizinhos, não provocava o transe untes, não descompu nha a ninguém.

Até aí fora injustiça qualquer acusação, qualquer censura, a mínima desconfiança a respeito de sua integridade moral.

Das cinco horas da tarde, por diante, o negócio complicava-se: o Policarpo tomava um largo paletó de padrão escocês, enfiava a cabeça em uma carapuça de baeta vermelha, pegava na rabeca, metia-a debaixo do braço e saía...

Mas onde ia o Policarpo com o seu sonho insensato? Com tal assiduidade, a que castelo feudal se dirigia aquele menestrel de carapuça e chambrão?

À casa do meu amigo Paiva, empregado no correio e residente à Rua das Marrecas.

Apenas entrava, o Paiva agarrava o violão, concertava a prima, afinava-o, percorria a escala, e ambos vinham para a rua.

E da porta do Passeio Público ao chafariz das Marrecas, e do chafariz das Marrecas à porta do Passeio Público, o Policarpo e o Paiva andavam em amoladora serenata, desde o escurecer até à meia-noite, executando apenas duas peças de música, aborrecidas e desconchavadas.

Imagine-se um instante o suplício da vizinhança!...

.....

O Bolenga

Antônio Francisco de Paula, por antonomásia – o *Bolenga* – nasceu em Itaboraí, frequentou o seminário de S. José, nunca conseguindo passar do *Mundus a Domino constitutus est*, durante cerca de dez anos que cursou as aulas de latim.

O Bolenga era baixote, claro, de olhos verdes, semblante oval, trazia cabelo rente, andava quase sempre de chapéu na mão e limpando o suor com um lenço de rapé, grande e vermelho.

Trajado de preto, por baixo do colete e da sobrecasaca ensabada assentava o cabeção de padre, a volta guarnecida de uma renda estreita e suja, dificilmente conciliáveis com a atual teoria dos micróbios.

Formigão crônico, chegou a receber a primeira das ordens menores, interrompendo a sua *brilhante* carreira para entrar como donato no convento de Santo Antônio.

Não lhe convindo o emprego, porém persistindo na mania religiosa de ordenar-se, foi ser sacristão de S. Pedro, do Carmo, de diversas igrejas e finalmente da capela imperial.

Constantemente burlado em sua primitiva vocação, o amável e simplório Bolenga pretendeu ser nomeado bispo para a diocese que mais de pronto vagasse.

Os *capotes*, que não dormiam, tomaram o *padre* Paulo para seu divertimento e, já na capela, já nas secretarias, o desfrutável Bolenga girava numa roda-viva.

Mandavam-lhe presentes de mitras compradas nos belchiores, enviavam-lhe decretos de nomeação redigidos em latim macarrônico e autenticados com seles extravagantes, ao que o tonsurado idiota prestava fé, julgando-se feliz.

E choviam os ofícios relativos ao cargo que ia exercer, cartas de parabéns pela acertada escolha, partindo ele, pouco depois, a mostrar esses documentos aos monsenhores, cônegos e mais padres do coro da capela, que riam-se ou procuravam desiludi-lo.

– Ah!... dizia o Bolenga, levantando para um lado o rosto e arregaçando uma das extremidades do lábio superior – ah!... fui nomeado bispo de Maranhão, ah!... e os navios do estado estão preparados para me conduzirem à diocese, ah!

E mostrava os papéis.

Uma vez recebeu um ofício que o emprazava a comparecer no Tesouro, onde receberia um caixão de libras esterlinas, a ajuda de custo da viagem.

E o Bolenga não faltou.

Algumas vezes, desconfiando da gaita, isto é, supondo propósitos as delongas, vestia a batina, procurava os ministros em audiência e queixava-se amargamente dos empregados da secretaria do Império e da recebedoria da Corte, por não o despacharem com urgência.

– Ah! Senhor ministro, seus empregados são tão descansados, ah!... tenho perdido tanto tempo, ah!...

Os padres e os funcionários públicos, autores ou implicados no negócio, debicavam ou desculpavam o pobre velho, que, como último recurso, seguia para o paço de S. Cristóvão, levando a Sua Majestade o Imperador os seus motivos de agravo contra o expediente da repartição do Império.

– Ah!... Imperial Senhor, ah!... Que tanta demora nas secretarias, ah!... Venho agradecer a Vossa Majestade a minha nomeação de bispo, ah!... Estou cansado de tamanha lida, ah!...

O Imperador que sabia-lhe a maluquice e que o conhecia da capela, tratava-o com favor e bondade.

Faleceu este homem, que era honesto, leal e agradecido, em 1879, na avançada idade de 74 anos.

No seu caráter de tipo de rua, o Bolenga foi o único, talvez, que passou incólume das pedradas dos moleques, e das surriadas dos vadios.

.....

O Pica-Pau

Não há muitos anos, morava em uma casa nobre da Rua de Mata-Cavalos, um indivíduo magro, fanadinho, pálido, imberbe, de andar velocíssimo, conhecido geralmente pelo *Pica-pau*.

A razão da alcunha estava em ter ele enorme nariz, ridiculamente aquilino, cuja ponta ultrapassava o lábio inferior.

O Pica-pau trajava com decência, usava de carapuça e, quando fumava, o charuto saía-lhe do crescente formado pelo queixo e o lóbulo nasal, separando pelo meio a vistosa prenda.

Como produto teratológico, o pobre idiota poderia figurar em um museu de anatomia, não sendo de pequena importância o estudo do caso.

Em sua alma, porém, alguma coisa existia que contrastava-lhe com a fealdade do corpo, e com o desenvolvimento retardatário do cérebro: era um amor sincero, uma dedicação pertinaz a uma moça com que pretendia casar-se.

Estimadíssimo no seio da família que o abrigava, as manifestações do seu sentir não significavam mais do que um devaneio de idiota, uma preocupação imbecil.

Na rua, o ligeiro Pica-pau era seguido pelos moleques e os meninos de escola, que davam-lhe trotes, que puxavam-lhe o paletó, que gritavam, acompanhando-o: “Ó Pica-pau! Ó Pica-pau!”

E ele corria, saltava, voava...

– Vou me *casá cum sinhá*, dizia ele em casa e aos conhecidos: “Sinhá é tão boa! Eu quero tanto bem a sinhá!”

Um dia, o ideal de suas adorações, a piedade, talvez, para aquele deformado, foi pedida em casamento, e os escravos e criados o interpelavam, rindo e zombando:

– Então, Pica-pau? Sinhá vai casar?

– Não é possível! respondia, firme e convencido.

– Mas os papéis que levaste ontem à Conceição, são os do seu casamento com o Sr...

– Não é possível! não é possível! – e retirava-se zangado.

Uma tarde o salão estava cheio de flores, a madrinha esperava a noiva, os convidados compartilhavam da felicidade do novo par e da família.

Estanciadas ao longo da rua, as carruagens rodavam intermitentes, a intervalos...

E no portão, vestido como para o noivado, o monstrozinho esperava alguém ou alguma coisa. O seu semblante tornava-se lívido, a inquietação brilhava-lhe no olhar, uma agonia íntima e profunda gemia-lhe no coração, como a derradeira saudade à cabeceira dos suplícios.

Quando a noiva desceu, ele a fitou um instante e, apelando para a sua rudimentária razão, murmurou consigo ainda uma vez: “Não é possível!”

Abriu a portinhola do carro, deu-lhe passagem; tornou a seu posto.

Quando o préstito chegou da igreja, o Pica-pau havia perdido a última crença e a última esperança. Tentando um esforço sobre si mesmo, foi de encontro ao carro dos noivos, puxou nevoso a portinhola, encarou resignado o anjo que lhe sustentara com a luz do olhar a razão amortecida e exclamou pesaroso e fulminado: “Meus olhos viram! Agora eu creio, sinhá!”

E desapareceu...

A noite não podia ser mais alegre: harmonias, perfumes, sonhos que não findam, ilusões que não mentem.

As estrelas pareciam flores de ouro, e as flores as estrelas do vergel.

Tarde, bem tarde já, a quietação fez-se nas salas e no banquete.

As bênçãos do Céu e da Terra cantavam em torno dos cônjuges, e os alvos cortinados do leito nupcial, como as asas do anjo-da-guarda, protegiam, cerrando-se, o santuário misterioso da nascente família.

Uma janela que deitava para a chácara abria-se...

E amanhecia.

E a essa hora em que as preces e os pássaros voam para Deus, em que os escravos buscavam o trabalho, pendurado a uma corda presa à rama de um tamarineiro, um cadáver, vestido de preto e com a língua de fora, balançava aos tons indecisos da luz e do nevoeiro...

O Pica-pau se havia enforcado!

.....

O Padre Kelé

Ea um pardo já velho, magro, corcunda, cambaio, de rosto comprido; andava apressado, suspendia o passo como quem caminha na lama ou na areia.

Não chegando a receber as quatro ordens menores, ficou em prima tonsura, pelo que usava barba rapada e coroa de minorista.

Antes de sua extensa popularidade, o nosso aprendiz de padre chamava-se o Sr. Claudino.

Idiota de nascimento, excêntrico em seus hábitos e erótico às ocultas, essas três qualidades juntavam-se a tendências hipócritas, a religiosidades exageradas, a costumes bizarros, que tão maravilhosamente concorreram para a sua justa celebridade como tipo da rua.

Desde a sua iniciação no sacerdócio, o pardo Claudino manifestou-se publicamente maniaco. Andava sempre de batina, sapato de fivela e meia preta, barrete fechado na mão e capa magna traçada, objetos esses que filava de monsenhor Narciso.

De baixo do braço – costume que conservou até a morte – trazia inseparável um maço de jornais, que lia quando cansava de andar, sentado no último degrau da escada de algum corredor.

Aqui e ali, mas sem parar, roçava nos transeuntes, estendia sorrateiro a mão livre, e dizia também, rápido e baixinho: – “Camaradinha, me dá um vintenzinho?”

Imbecil e carola, no começo de sua vida de clérigo, era infalível às ladainhas dos sábados na igreja do Carmo; porém sendo tatibitate, acontecia que, em vez de pronunciar *kyrieleizon*, respondia, acompanhando a reza – *Kelé* –, ficando por isso conhecido pelo *Padre Kelé*.

Desde então os moleques formavam-lhe na rua um estado-maior saltitante, atroador e festivo.

– Ó Kelé! Ó Kelé!...

E o Kelé corria, descompunha, soltava palavradas, não deixando de pedinchar amedrontado, assombrado, a esta ou aquela pessoa, junto a quem resvalava:

– Me dá um vintém, camaradinha?

– Ó Kelé! Ó Camaradinha!... Ó padre Kelé!...

Condoído do pobre homem por ver a batina do sacerdote assim desacatada, o delegado de polícia Dr. Cunha determinou-lhe que não trouxesse mais as vestes que usava, ao que Kelé acedeu sem recalcitrância.

A reforma não podia ser mais radical: no dia seguinte o Kelé fez a sua entrada na cidade e nas ruas vestido de casaca, calça curta e muitíssimo larga, conservando unicamente sapatos baixos, meia de seda, coroa aberta e o maço de jornais sobraçado.

Sempre de chapéu na mão, jamais relaxando o rigor desse figurino, o Kelé ou o Camaradinha afrontava as vaias, as pedradas, as tempestades dos moleques pacholas e vadios:

– Ó Kelé! Ó Camaradinha!...

– Camaradinha, me dá um vintém?

O padre Kelé tocava violão e cantava lundus em casas conhecidas, gostava de falar mal da vida alheia, era avarento, e entretinha rela-

ções de amizade com um distinto médico residente no Largo do Rocio, a quem dava a guardar o que recebia de esmolas.



O Padre Kelé

Em várias ocasiões era surpreendido nos corredores e atrás das portas, aumentando-lhe a demora nesse lugares o enfraquecimento progressivo das faculdades cerebrais.

O Camaradinho faleceu em 1876.

Todos os jornais anunciaram-lhe a morte, inclusive o *Jornal do Comércio*, que lhe consagrou um esplêndido folhetim escrito por Ferreira de Meneses.

.....

A Maria Doida

Nesta imensa e populosa cidade muita gente existe que dá notícias exatas da *Maria Doida*, por tê-la conhecido de vista ou mesmo gozado de sua privança.

Esta mulher era uma parda viúva, regulava ter uns 50 anos, trajava de preto, usando constantemente de dois longos cachos de cabelos finos e grisalhos, que contrastavam sensivelmente com a sua cabeleira dura e incorrigível, de verdadeira mestiça.

Dizem que a pobre da velha perdera a razão em consequência de lhe haverem roubado algum dinheiro que lhe deixara o marido.

Seja como for, essa infeliz andava de casa em casa, visitando esta ou aquela família, passando dias aqui e ali, comendo, bebendo e dormindo onde a levava o acaso.

Andarilha e vesânica, a Maria Doida vestia três ou quatro saias, duas camisas e igual número de pares de meias, nunca dispensando uma trouxinha com mais roupa de uso, visto que o seu pouso era incerto.

Fechado na mão, trazia um embrulho de papel contendo rapé, e nas pitadas a sua liberalidade não conhecia limites.

Apenas chegava a uma casa conhecida, depois dos cumprimentos e maçadas do estilo, de almoçar ou jantar, a parda Maria encaminhava-se para o quintal, abria a trouxa, mudava a roupa suja, pedia sabão, e lavando o enxoval o estendia em cordas, nos corredores, nas áreas, nas janelas, sempre falando, sempre tomando rapé.

No meio dos desarrazoados, saía-se com pilhérias que faziam rir as pedras.

A meninada, já se sabe, cercava-a; as moças divertiam-se à sua custa, e as donas de casa ficavam de sobreaviso com as suas levadas.

Não obstante, a Maria Doida era estimada, acatada, zelada...

Quando as negras e as negrinhas apanhavam, ela intercedia, esbravejava, servia de madrinha.

Abstração feita de sua vida errante, de sua bagagem portátil, de albergar-se em casas alheias, o lado mais característico de sua alienação eram os repentes chistosos, as frases equívocas que lhe brotavam de improviso, desapontando o sexo frágil que a escutava.

Um dia, a Maria Doida, que passava a semana com a família F. L., investe pela escada do quintal, aproxima-se da Sr^a D... que se achava na varanda com suas filhas, e lhe diz arremediando-se toda:

– Sinhá dona, sabe de uma coisa?

– Ora, Senhora Dona Maria...

– O seu peru me galou!

– Pelo amor de Deus, deixe-se de inconveniências...

– Escute, retorquiu ela; eu estava agachada, lavando os meus paninhos...

– Cale a boca, senhora...

– E veio o seu peru... arrastou a asa... trepou no meu ombro... e batendo com o bico na minha cabeça, fez *toc!*

A mãe e as filhas não puderam conter as gargalhadas.

– Já vê, portanto, afirma ela, que seu peru me galou!

Como este são inúmeros os casos que se contam da Maria Doida, que não sabemos se já fez sua última visita – ao domicílio onde se entra com os olhos fechados para não se abrirem jamais!

.....

O Praia Grande

E

Em 1850, a qualquer hora do dia, quem passava pelo Largo do Paço via um indivíduo de 45 anos, alto, magro, acaboclado, de pouca barba, trajando constantemente sobrecasaca abotoada, cartola machucada e velha, e de gravata justa ao pescoço.

De olhar vivo e inquieto, errante sempre no largo e no cais, volteando o mercado e as quitandas das pretas, dormia ao relento no adro do Carmo ou debaixo do Arco do Teles.

A população e os moleques incorrigíveis o conheciam pelo *Praia Grande*, não o poupando estes das habituais provocâncias.

O Praia Grande, entretanto, não se exaltava, por isso que a sua mania limitava-se a um círculo restrito de idéias, sem manifestações ativas e violentas.

Excepcionalmente, porém, isto é, durante certas fases da lua, o seu sistema nervoso tornava-se mais irritável, e o Praia Grande andava em uma roda-viva, agredindo e sendo agredido.

No mais, imaginava-se um personagem ilustre, e repetia contente e em tom afirmativo: – “Sou chefe! Sou chefe!”

Em outros momentos, secundando a palavra com a expressão e o gesto, estremeia no meio de pertinaz preocupação, esfregava as

mãos, estalava o beijo, pronunciando a miúdo: – “Que belos, que belos, que belos!”

O Praia Grande vivia de esmolas e da caridade das quitandeiras, sempre figurou no Largo do Paço, e alguns episódios devidos à sua vesânia serviram de motivo a uma farsa representada no Teatro de S. Pedro, sob o título *O Filósofo do Cais e o Praia Grande*.

.....

Barreto Bastos

Inofensivo, bom e honestíssimo era o Barreto Bastos, estimado corretor da praça do Rio de Janeiro.

De estatura regular, cheio de corpo, fisionomia serena e modos tranqüilos, tinha o costume de andar com uma das mãos no bolso da calça e a outra empunhando um chapéu de sol, que adiantava um pouco para a frente, em forma de bordão.

Português de origem, usava barba cerrada e bigode rapado, trajava chapéu de couro de pêlo de lebre, de copa alta, paletó preto, de alpaca, calça e colete de brim branco.

Conservando a plena consciência de seus atos, a sua primeira mania revelava-se em todas as manhãs, antes das oito horas, apresentar-se na Rua Direita, tirar o relógio e acertá-lo pelo indicador do observatório do Castelo.

Mais tarde, relacionando-se com os jornalistas do *Mercantil*, entendeu que devia ser poeta, e ei-lo dominado por uma segunda vesânia que o celebrizou.

Os redatores da folha tomavam largo pagode à sua conta, e o Sr. Rafael J. da Costa, proprietário do referido jornal, franqueava-lhe as

colunas, onde Barreto Bastos publicava as suas poesias *políticas*, deveras apreciadas pelos assinantes e o povo.



O Barreto Bastos

Entre as inúmeras produções estapafúrdias de sua lavra, conquistaram renome as intituladas *Altas Congonhas na mão* e várias *Sátiras e Récitas*, bem como esta ao Ministério, que fielmente reproduzimos, do original impresso:

RÉCITA

São, mundo, carne, e diabo
To dos três têm mu i to rabo
É pre ci so po lhe os qui a bo
Ata do nos seus mui rabo.

Re mé dio na me di ci na é qui a bo
Sou ces de sete fa zem mu i to rabo
A peli camos al gum a pi assabo
A ver se lhe atra camos o rabo.

Lon gos e lar gos ar ti gos têm rabo
Mas to dos eles não de se jam o cabo
Por que lhe fa zem a con ta no fi a bo
Não de se jam que tudo fi que no cabo.

.....

O Chico Cambraia

N

ão é moderno este tipo: é bem antigo.

O *Chico Cambraia* era um pardo de 50 anos, alto, corpulento, cor de formiga; tocava violão e cantava modinhas e lundus.

A sua voz, um pouco aflautada, marchetava de certa graça os fadinhos que executava, especialmente em tons menores.

Propenso às ternuras, ninguém como ele modulava:

Ai, meu bem, se você visse
Meu coração como está
Veria que seu desprezo
Pra castigo basta já...

Por Deus, eu suplico
Socorro, perdão!
Pancadinhas assim
Não me dê mais, não...

O seu emprego consistia em pedir esmolas para as Almas, no que religiosamente gastava todas as segundas-feiras.

A sua opa e a sua bacia de prata reluziam espelhantes, bem como a vara de prata, com a imagem de S. Miguel e Almas, que dava a beijar aos devotos.

O Chico Cambraia residia em uma casa térrea na Rua do Hospício, onde por vezes reuniam-se irmãos das Almas e de outras confrarias, que vinham conferenciar sobre os proventos do ofício, ou ouvir tocar e cantar o amável colega.

Quando havia enforcado, o nosso Chico acompanhava o préstito, e pedia *para a missa do nosso irmão padecente*, com uma entoação sentida e grave.

No dia de Finados, desde o alvorecer, fazia plantão à porta das principais igrejas, e, a cada pessoa que entrava para os ofícios fúnebres, apresentava a salva, implorando solene:

– Pra missa das almas!...

Ordinariamente, seguindo o seu fado, pedia esmolas aos transeuntes, e possuía lista das boas casas onde costumava pedir.

Com o produto de sua clientela escolhida, o Chico recolhia-se aos seus penates, notando-se que nem sempre aceitava esmolas de frutas e de ovos, que os pobres negros deitavam-lhe na bandeja.

Chegando à porta, espiava pelo xadrez da rótula, batia três pancadas, ao que corriam a mulher e os filhos para recebê-lo.

Apenas entrava, a cara-metade despia-lhe a opa, e o Cambraia, deitando a salva sobre a mesa redonda, dizia, separando as moedas:

– Senhora, as bananas são para as meninas e os ovos para uma fritada.

Por volta do escurecer, o impagável tipo acendia a vela de carnaúba da manga de vidro, fechava as janelas da sala, colocava sobre o aparador o dinheiro das Almas e começava, jogando o pacau:

– Ora, vamos lá; é de maninha-maninha o nosso jogo... Tomem lá duas cartas, senhoras Almas, e eu fico com as que me couberam por sorte.

E o Chico Cambraia deitava o baralho partido à direita, e, em frente da salva e adiante de si, empilhava moedas de cobre e de prata, que tirava do repositório das esmolas, acrescentando:

– Não se assustem... o meu é emprestado.

De quando em quando, escutava-se uma reclamação, uma resinga, imitando o jogador duas vezes distintas, isto é, a sua e a das Almas.

- Cinco e três, oito... peço uma!
- Seis e três, nove, ganhei!

E o tinido do dinheiro arrecadado coroava ao final da partida, sendo distribuídas novas cartas do mesmo ou outro baralho.

- Quero uma...
- Quatro e cinco, nove! Ganhei de boca!... Não pode!
- Mostre o jogo!
- Não mostro!
- Nada! Desta vez vocês me enganaram, minhas Alminhas, exclamava ele, carregando com todo o dinheiro e o metendo na arca do quarto de dormir.

No ajuste de contas com a confraria, a qualquer observação do tesoureiro, à vista do resultado quase negativo da salva, o Chico Cambraia abanava com a cabeça, encolhia os ombros e retorquia paciente:

- Meu amigo, o negócio não pinga porque os tempos estão bicudos...

Voltando à casa, caía na boa peixada, no excelente vinho, no clandestino patau e nas modinhas, à espera da próxima segunda-feira, em que visitava os seus fregueses e percorria a cidade, de opa verde e bacia de prata, pedindo aqui e ali, sempre atencioso e correto:

- Pra missa das Almas!...

.....

O “*Não Há de Casar*”

Vindo de Moçambique, desembarcara nesta cidade o brigadeiro Montenegro, portador da mania de casar no Brasil com moça rica e bonita.

Esta idéia, perfeitamente fisiológica em outros, tornou-se-lhe mórbida; e para segui-la, o nosso brigadeiro envergava correto o seu uniforme militar, passeava garboso nas ruas e, quando descobria à janela de algum sobrado uma rapariga linda e faceira, parava, sorria meigo, e dizia-lhe: “Que bela moça para casar com um general!”

Se a moça achava graça, se não lhe fazia qualquer desfeita, ele aproximava-se, vergava para trás, abria a boca, e dizia: “Cuspa aqui!”

Os moleques, percebendo o negócio, enveredavam para o brigadeiro, nunca mais o largavam.

Em todas as ruas, em todos os lugares o atropelavam, assobiando e gritando: “*Não há de casar!...*”

O Montenegro enfurecia-se, desembainhava a espada, ia sobre eles, distribuindo pranchadas a torto e a direito.

Na Rua do Rosário, a caixeirada era implacável; tanto assim que, para evitar um crime, foi-lhe proibido andar armado.

Independente disso e da intervenção da polícia, os moleques e os caixeiros o desesperavam; e depois de muita corrida e de muita palavrada, do clássico acionado indecente, o “Não há de casar” saía-se com este estribilho que antecedia a novas e mais estrepitosas surriadas: “Cambada de colonos, isto há de ser de Portugal, e então agüentem-se.”



O “Não há de casar”

Na segunda fase de sua alienação, o brigadeiro Montenegro trajava sobrecasaca azul com a fita vermelha da Ordem de Cristo na abotoadura, chapéu de pêlo, calça e colete branco, trazendo uma bengala de cana-da-índia na mão direita, ao mesmo tempo que conservava a esquerda na algibeira.

Reza a tradição que o motivo de seu transtorno mental fora uma repreensão em ordem do dia.

.....

O Tomás Cachaço

E

Em 1844, época florescente do contrabando e do Valongo, existia nesta cidade um português de altura mediana, gordo, de olhos azuis esbugalhados, meio calvo, alourado, barbado e barrigudo, conhecido geralmente pelo *Tomás Cachaço*.

E o que fazia ele? Em que se ocupava esse cetáceo que, de palmatória no bolso, errava para as bandas da Prainha, Rua de S. Pedro, Rua da Saúde?

Ensinava doutrina cristã aos negros novos; freqüentava o Valongo e as casas particulares onde havia escravos, recebendo mil ou dois mil-réis mensais pelas lições de reza.

Apenas o Tomás Cachaço avolumava-se ao longe, os negros tornavam-se fulos de terror, a doutrina aprendida de cor apagava-se-lhes da memória, e o sinal-da-cruz começava a ser ensaiado de baixo para cima, do ombro para a testa, de trás para diante, tão perturbados ficavam os boçais discípulos.

De mais perto, o pançudo mestre de reza sacava da palmatória, tirava o chapéu, limpava com um lenço de Alcobaça o toutiço nédio, e fazia a sua entrada na escola dos negros *brabos*.

E a bolaria, de pé atrás, roncava por mais de uma hora, instrumentada de gritos, de súplicas, de choro, acompanhados de palavras bárbaras e semibárbaras.

– Hei de ganhar o Céu ensinando a esses pagãos! Dizia Tomás rachando bolos na negrada, que se torcia vergando o corpo, soprando as mãos, esfregando-as entre os joelhos.

Os caixeiros e os senhores assistiam habitualmente às lições, com o que mais o alentavam na faina, ouvindo-se aos berros, entre o alarido e o estrondo das palmatoadas, o seguinte tópico do encolerizado e terrível preceptor: – “Coragem não me falta! As forças me sobram! Se não fosse a miséria em que vivo, teria sido ministro do Sr. D. Pedro I!...”

Terminada a aula, o Tomás Cachaço puxava a caixa da *amostrinha*, tirava uma pitada e, entupindo as ventas, preparava-se para sair.

Nisso os negros aproximavam-se, dobavam rapidamente o joelho, estendia a mão pedindo a bênção, e retiravam-se.

Se algum, porém, adiantava-se, implorando atemorizado qualquer explicação, o ofegante e obeso mestre empunhava outra vez a palmatória, e a cada erro no Padre-Nosso ou na Ave-Maria, fazia-o repetir o termo com a frase, interrompendo a reza:

– Não! Esta não engulo eu!

O Tomás Cachaço faleceu em 1852, deixando um nome célebre como doutrinador e tipo, que era, do tempo e da rua.

Festas e Tradições Populares do Brasil, de Melo Moraes Filho, foi composto em Garamond, corpo 12, e impresso em papel Verge Areia 85g/m² nas oficinas da SEEP (Secretaria Especial de Editoração e Publicações), do Senado Federal, em Brasília. Acabou-se de imprimir em março de 2002, de acordo com o programa editorial e projeto gráfico do Conselho Editorial do Senado Federal.